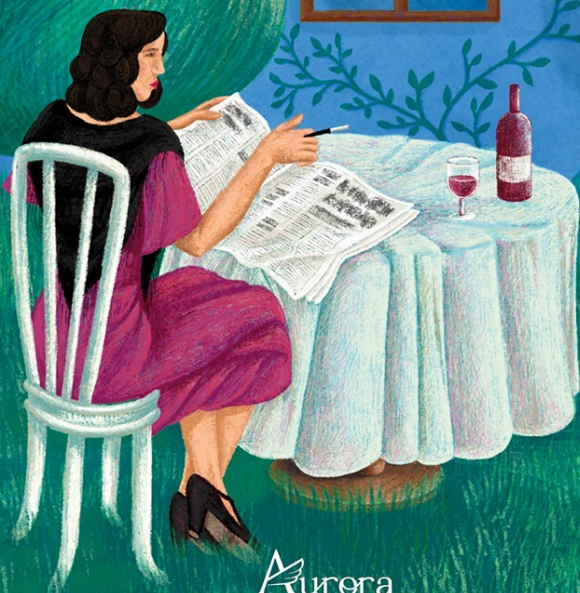


NO TEMPO DAS CEREJAS

Um romance de

CÉLIA CORREIA LOUREIRO



Aurora

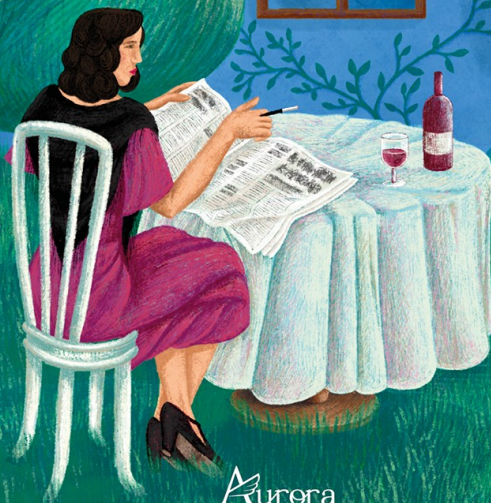
VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

NO TEMPO DAS CEREJAS

Um romance de

CÉLIA CORREIA LOUREIRO



Aurora

Uma vez mais, vi-me sentado perante uma
estranha. Não a conhecia de todo.

A mulher que ora me parecia arrependida
da vingança que acabava de me confessar,
ora me parecia exultante com o desfecho da
sua rival, fosse ele qual fosse,
era-me impossível de decifrar.

NO
TEMPO
DAS
CEREJAS

CÉLIA CORREIA LOUREIRO

NO
TEMPO
DAS
CEREJAS

Aurora



© Aurora Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título: *No Tempo das Cerejas*

Autoria: Célia Correia Loureiro

Edição: Helena Magalhães

Revisão: Paula Caetano

Paginação: Ana Gaspar Pinto

Capa: Helena Soares e Sara Costa

Ilustração: Sara Costa

ISBN: 978-989-577-051-9

1.ª edição em papel: fevereiro de 2024

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Aurora Editora é uma chancela



infinito particular

Criatividade à medida

info@particular.pt | www.particular.pt

*Para o D.,
Com imensa gratidão.*

*Para o avô,
Que conhecia e amava Lisboa como ninguém.*

*Para a minha tia-avó E.
Que nasceu numa «gruta» em Lisboa.*

*Para a minha mãe,
Que já partiu e que nunca soube em que dia nasceu.*

*Que importa a mesquinhez da criatura?
Se Deus formou tão grande a Natureza
Tão suave, tão lúcida e tão pura!*

Maria de Carvalho, Sonetos 1916

Prólogo

Estoril, 1956

Para o propósito destes escritos, nada do que a mim diga respeito tem qualquer relevância. Contudo, como nos últimos anos tenho continuado a tentar destacar-me como novelista, é por força do hábito que empresto à narrativa este caráter de novela. É na esplanada do Estoril Palácio Hotel que tenho tomado os meus chás e disposto os meus escritos sobre a mesa. Volvidos nove anos, estou a alinhar aquilo que espero que mais tarde denominem de a minha «obra-prima». É uma pena que não possa valer-me da piscina, porque ainda faz frio, e que as refeições já não me satisfaçam, porque me vejo forçado a abster-me de tudo o que, em suma, lhes confere sabor. Pesam-me as pernas e, ao refluxo gástrico, juntou-se a diabetes.

Bem sei que, se a Providência me tivesse concedido algum bom gosto, teria procurado um alojamento, ainda que modesto, no Mónaco, e agora estaria a conviver com intelectuais e com a saudosa realeza europeia, sempre com a esperança ténue de me cruzar com a princesa numa das curvas que levam à baía. O Estoril, como é sabido, há de cair em decadência. Isto é, está fora de moda para quem pode circular à vontade na Europa pós-Segunda Guerra. De resto, permanece um exílio para destituídos. Este tristonho paredão, onde homens e mulheres se submetem ao rigor da avaliação de bons costumes indumentários levada a cabo pelo guarda e pela sua inseparável régua, já não respira qualquer resquício dos tempos áureos em que os exilados do Velho Continente o procuravam para daqui sonhar a vitória. Também está longe de corresponder à ideia que teriam os criadores de *Casablanca* quando puseram Portugal no mapa cinematográfico e o anunciaram como a Terra Prometida,

para quem em Marrocos só sonhava em cá chegar.

Talvez deva admitir que, em parte, escolhi instalar-me no Estoril para evitar o frenesim de encontros e discussões para o qual me vi arrastado em 1947, quando a cidade parecia renascer das cinzas de uma guerra que nem a bafejou, e a encontrei em estado de sítio com tanta construção e demolição. Havia ainda alguns estrangeiros em Lisboa, e fui convidado para *soirées* com colegas de profissão, *matinées* em pastelarias que terão, decerto, contribuído para o meu diagnóstico assim que regressei a Inglaterra, e longos passeios pelas áreas ajardinadas. Fui também ao Teatro da Avenida rever um espetáculo de revista, que em criança tantas gargalhadas me arrancava. E fui, claro, ao Coliseu, onde me sentei na plateia com um ramo de lisiantos, a ouvir a atuação de Irene Silva Vaz, mas a isso regressaremos mais adiante.

O Estoril encerra ainda o meu fascínio pelo talento do meu colega de escrita que por aqui passou há nem duas décadas. Talvez me encha de coragem e enderece um postal a Ian Fleming com o Tamariz em destaque, a efabular que vi o seu James Bond por aqui, e de boa saúde. Ainda acalento a esperança de que me elucide quanto ao mito do seu espião, que teria açambarcado todas as apostas em mesa neste mesmo casino, numa noite de maio de 1941, se ter, ou não, valido das libras dos súbditos ingleses para o efeito. E há ainda os benefícios das águas carbogasosas destas termas, que, de tão exaltados, decerto podem vir a aliviar-me o peso das pernas.

Quando decidi vir passar esta minha última temporada a Portugal, fiz questão de emalar também o diário que escrevinhei durante o ano de 1947, nem que fosse para me recordar de alguma refeição excecional nalgum restaurante, a fim de lá poder regressar num momento de desaire. Basta-me seguir-lhe agora as páginas para aceder às minudências daquelas semanas na metrópole.

A Lisboa de 1947 já era em tudo diferente da que eu deixara seis anos antes, e o que dizer desta que agora encontro em 1956? Parece que guardo três cidades diferentes na memória, e em todas há roupa estendida nos varais e as vendedeiras de fruta andam por aí a desejar-nos muitos filhos com muita saúde.

Contudo, é na Irene Silva Vaz que devo focar-me, e na sua obstinação em partilhar comigo o cerne da sua mágoa.

I

Lisboa, julho de 1947

Conto-vos este episódio porque ela mo pediu. Na época, registei-o nos meus diários de 1947, e nada faria prever que seriam estes acontecimentos, e não outros, a levarem-me de volta àquelas páginas volvidos nove anos. Ainda não consigo deslindar os motivos que a fizeram confessar-se a mim, um simples repórter sem qualquer publicação de significância até então. Não era certo que a minha novela viesse a ser um sucesso e, no mundo das novelas, quando não são um sucesso imediato, é porque já não hão de o ser. Já fora procurado por desvalidos, enamorados e bem-sucedidos que desejavam que alinhavassem umas linhas a respeito das suas dores de amor, mas foi a primeira vez que uma mulher me abordou a propósito de algo que não um mal de amor. Ou talvez fosse um mal de amor, a verdade é que não a entendi então, como não a entendo ainda. Não era o género de mulher a quem se pudessem fazer perguntas diretas. Se me atrevesse a procurar um atalho nas suas divagações, parecia que o seu rosto se desvanecia nas volutas do fumo do cigarro, as pestanas esmoreciam e lhe ocultavam os olhos vítreos. Deixava de vê-la por uns instantes e, de seguida, ela punha-se de pé e ia até à janela, ou servia-me mais refresco, e retomávamos a conversa de um ponto que não lhe trouxesse ânsias de pôr fim ao capricho das confidências.

A morada que deixara na receção do Hotel Europa, no Largo de Camões, indicava uma moradia do lado ocidental do Parque Eduardo VII, e o arvoredo imberbe que polvilhava o passeio não era suficiente para proteger as fachadas da impiedade do Sol. No Rossio, ainda antes de entrar no carro elétrico, debrucei-me nas fontes de bronze parisienses para humedecer a nuca

sem, no entanto, me atrever a um espetáculo de imoderação tão impróprio como o das crianças que, descalças, se salpicavam umas às outras por entre gritos bárbaros. Suportei os solavancos do carro amarelo, valendo-me do chapéu para sacudir o rosto, do lenço para enxugar o suor, e depressa me recordei de que os Portugueses vivem numa estranha monocromia de preto-e-branco, e tudo o que a vista alcança sucumbe a essa preferência simplória. Era ver os automóveis, poucos e quase todos pretos, e os homens, todos de preto — dos chapéus aos sapatos, quando não andavam descalços —, e as mulheres, ora de branco, ora de preto. Parecia que o preto, mais do que simbolizar a viuvez, simbolizava um estatuto austero e tosco, a que se apegavam como ao saudosismo.

O carro elétrico freou diante da rotunda monumental onde reina o digníssimo Marquês de Pombal, e saltei para o passeio por entre a chuva de fagulhas, quase incapaz de suportar uma luminosidade tão invasiva. Era julho e o Sol varava as fachadas, refletia-se nos vidros e chegava a cegar. Entre mim e a moradia dos Vaz, havia que vencer uns íngremes trezentos metros e, pelo caminho, tive de me desviar dos passeios esburacados, nos quais os calceteiros, acorados, suavam em bica a cada golpe de picareta.

Se os Britânicos me tivessem influenciado um pouco menos, é possível que tivesse encontrado coragem para circular em mangas de camisa, e poderia também ter afrouxado a gravata e levado o chapéu na mão. Desse modo, não me teria apresentado na moradia de calcário, de um branco ofuscante àquela hora, no estado em que o fiz. Por sorte, a governanta foi amável o suficiente para me receber com água ainda no vestíbulo, e para depois me conduzir a um recanto da casa que só posso descrever como onírico.

Tratava-se de uma galeria semicircular que, com certeza, correspondia à janela saliente que vira de fora, quando dei por mim à sombra na modesta álea de rosas silvestres. Algo de que não me apercebera no exterior, porque apenas a pequena fonte com o tritão no centro e água musgosa no fundo me despertara verdadeiro interesse, era que a moldura metálica estava preenchida por um vitral.

Dei por mim a recuperar o fôlego no sofá de damasco, num ambiente de floresta tropical. Era uma divisão fresca, revestida de mármore, com trepadeiras ao longo dos veios rosados das paredes, vasos com fetos sintrensens ao canto, duas gaiolas de ferro forjado com canários esverdeados no interior, e uma ode à *Art Nouveau* que me detive a admirar, e que preenchia toda a janela. A luz era filtrada do exterior, já de si ensombrado pelas pereiras, através daquela figura feminina de traça greco-romana. Surgia em tamanho real, desnuda da cintura para cima e recostada numa varanda que só podia dar

para o Mar Egeu. Exibia uns seios pálidos e juvenis que em nada incitavam à luxúria masculina, e sobre a sua cabeça pendiam parreiras. Ao canto, um pavão vistoso permitira aos artistas uma aplicação assombrosa de azul-real e verde-esmeralda. Naquela frescura, reinava a cantiga dos canários, e, quando comecei a lamentar o facto de que apenas me fora servido um copo de água, a governanta regressou com uma bandeja e um jarro.

— Trago-lhe um refresco.

Agradei e estendi-lhe o copo vazio, para que me servisse de imediato. O calor sempre teve o condão de me desorientar. Pelo menos estava numa casa com um frigorífico doméstico, caso contrário seria insuportável, naquelas circunstâncias, tomar bebidas quentes.

— Senhor Almeida, não é?

— Sim, a sua senhora mandou chamar-me.

— A minha senhora pede que nos avise quando se sentir retemperado.

Por um lado, o aguaceiro de suor, a fronte húmida e a bebida de hortelã fresca, que estava convencido de conseguir sorver até à última gota do jarro e, por outro, a curiosidade em relação ao motivo pelo qual fora chamado à ilustre casa de Irene Silva Vaz. A indiscrição venceu, pelo que assim que vi o fundo do copo, e sem permitir que a governanta me deixasse de novo a sós com o trinado dos pássaros, anunciei que estava pronto para ser recebido. Para minha surpresa, foi ela que veio ao meu encontro.

Era uma mulher de estatura média, que se adivinhava tão sisuda quanto as restantes portuguesas do seu tempo. Tinha umas sobrancelhas arredondadas, densas, e uma fronte ampla, além de um ar de divertido escárnio que lhe emprestava vida ao olhar. O cabelo era escuro e desengraçado, e pareceu-me que o usava um pouco mais curto do que seria expetável. Deixava assim desprotegido o pescoço, possivelmente a sua única caraterística digna de exaltação, e, como não usava joias, exceção feita à aliança e a uma medalhinha de Santo António, só a reconheci porque lhe vira o rosto solene na Baixa, na fachada do Café Montanha. O cartaz onde surgia anunciava o espetáculo para daí a duas semanas, e eu tinha planeado começar por a felicitar pela honra de cantar no Coliseu.

Pus-me de pé, como convinha, e a mulher de vestido axadrezado, de um invariável preto e branco, estendeu-me a mão. Não me deixou começar, porque se antecipou na sua voz grave:

— Senhor Almeida, espero não lhe ter interrompido o veraneio.

— De modo algum — volvi, obrigando-me a vestir de novo o casaco sobre a camisa ainda humedecida de suor.

Ela esboçou um sorriso, e aquela não seria a única vez que a veria assimilar

os desconfortos dos outros, nem a última em que tentaria amenizá-los.

— Por favor, dispense o casaco. Está tanto calor lá fora. — Avançou para o centro daquela estufa interior e sentou-se numa bonita cadeira empalhada.

Enganchou um tornozelo no outro e assim, de joelhos resguardados na saia, deu mostras de alguma impaciência:

— Soube que é repórter.

— Sim.

— Mas também escreve novelas. — Assenti porque, na realidade, só escrevera uma por essa altura. — Por favor, sente-se.

Acabei por estender o casaco no assento, a meu lado. Estava desconfortável e, a somar a isso, continuava com sede e só havia um copo. Esperei que a governanta lhe trouxesse outro, para que pudesse acompanhar-me no refresco. Ao invés, quando surgiu, a mulherzinha de meia-idade trazia antes um xaile bordô, que a senhora passou pelos ombros e apertou no colo, disfarçando um arrepio.

— Veio no vapor ou voou para Lisboa? — De novo a sua voz grave, e eu cada vez mais convencido de que queria subornar-me para que a elogiasse nalgum artigo de opinião.

Os artistas são muito voláteis; quando se habituam à fama, esmorecem se não a cultivarem, e também definham se não a forem expandindo. Primeiro, Lisboa, e subiria degrau a degrau o caminho do reconhecimento, que é como quem diz que iria de teatro em teatro até ao Coliseu, e daí quem sabe um dia se visse no São Carlos, com uma plateia enamorada à espera de a ouvir em exclusivo. Estava bem convencido de que era isso que me pediria — que fosse ao seu espetáculo e que publicasse o meu artigo lisonjeiro em Inglaterra, e também que procurasse vendê-lo em Lisboa. Quem sabe ela não tivesse até apontado o nome dos jornais a que deveria dirigir-me quando saísse dos seus domínios?

— Voei para Lisboa. Deu-me muito gosto conhecer o aeroporto.

— Visitar o aeroporto é uma das atividades favoritas dos Lisboetas — concordou, e o sorriso não chegou a abrir-se. — Pode recordar-me em que ano saiu de Portugal, senhor Almeida?

— Foi em 1941, quando me deu para ir viver o *Blitz* em Inglaterra. — Sempre apreciei o meu próprio humor, mas ela não estava com disposição para se rir.

— O *Blitz* apanhou-o de surpresa ou foi o catalisador da sua debandada?

— Fui porque queria viver um pouco da guerra, escrever sobre ela. Londres, apesar de tudo, pareceu-me o lugar mais seguro para o fazer.

— Portanto, não se sujeitou às balas, como os repórteres americanos.

— Às balas, não, mas sujeitei-me às bombas da Luftwaffe. Garanto-lhe que acordar com as sirenes de bombardeio não é menos assustador do que conduzir uma ambulância por povoações em ruínas.

Pareceu concordar comigo, mas recaiu num silêncio reflexivo. Pedindo-lhe licença, servi-me de mais refresco de hortelã e vi-a desenrolar um maço de *Português Suave* da bainha do xaile, que me estendeu. Recusei porque as fumaças dos escombros, em Londres, me afastaram em definitivo de fumos evitáveis.

— Fomos abençoados, não concorda? — Segurava o cigarro com parcimónia, e pareceu-me pouco inclinada a sorrir.

Achei-a muito séria. Não pintava os lábios, que me pareceram pálidos, e o vestido revelava a sua figura magra e uma amargura no olhar que sugeria laivos de uma juventude não muito distante. Ocorreu-me a possibilidade de que sofresse do mal que as artistas em Paris e em Londres combatiam com recurso a benzedrinas: o de se verem sobreviventes no período de desolação do pós-guerra.

Um pouco por toda a França, iam-se criando os bastardos dos alemães, e Londres continuava pejada de entulho. Nos trabalhos de demolição dos destroços e no processo de reconstrução de ruas inteiras, não era raro surgir uma *SC1000* por detonar, encarcerada numa ruína, e o perímetro era vedado. Tínhamos de dar a volta ao quarteirão, enquanto as equipas de desmantelamento a cercavam, e fazíamo-lo com um ruído crescente nos ouvidos, como se nos preparássemos para ouvir de novo a sirene, e a entrada mais próxima do metro estivesse para lá do alcance das nossas pernas, e a qualquer instante viesse o atordoamento do rugido da explosão. Em manhãs de nevoeiro, o ar ainda me cheirava a enxofre e ao travo rarefeito da morte.

— Abençoados? — repeti, quando terminei de engolir mais uma dose do refresco.

— Sim, não tivemos sirenes, nem bombas.

— Verdade. — Sentia, por fim, que a temperatura do meu corpo começava a baixar. — Em vez disso, temos Nossa Senhora de Fátima.

Procurei rir-me de novo, mas ela não me acompanhou. Era insondável, e isso era desconcertante, uma vez que fora ela que se se dera ao trabalho de me chamar. Desviei o olhar para a jovem greco-romana de seios desnudos no vitral. O ar começava a ficar impregnado do odor acre do cigarro, e eu tinha imensas perguntas para lhe fazer. O que pretendia de um velho de 60 anos que não vinha a Portugal há seis? Porque me recebia sozinha e onde estava o marido, cujo contributo para a nova Lisboa me daria o maior prazer discutir?

II

— Gostaria que escrevesse um artigo a seu respeito? — acabei por perguntar.

— Por Deus, não. — Afastou o fumo e a sugestão com um gesto da mão esguia, e sou capaz de ter dado por mim boquiaberto.

— Então, em que posso ser-lhe útil?

Teria de me habituar àqueles silêncios. Mais tarde, ela haveria de me explicar que é mais importante o que se cala do que o que se diz, daí que refletisse tanto antes de formular um raciocínio. Não obstante, por várias vezes me deixou espantado pela aspereza com que proferia as suas verdades.

— Publicou uma novela.

— Sim. — Como demorava a explicar-se, adiantei-me: — Gostaria que lha autografasse?

Os seus ombros sofreram um espasmo, como se não conseguisse conter o riso. Tive a incômoda sensação de que troçava de mim.

— Não. Gostaria que me ouvisse e que, se o que tenho para contar lhe interessar, o publicasse numa novela.

— Uma novela?

— Sim. Os escritores são também caçadores de histórias, não é verdade?

Era cordata e transmitia uma segurança inquietante, ali tão imóvel, com o cigarro a extinguir-se nos dedos de unhas irrepreensíveis. Irene Silva Vaz era um espetáculo de autodomínio e elegância, e este velho sentiu-se uma criança na sua presença. Se for sincero, é essa a sensação que tive: a de estar perante o universo de mistério feminino que a minha mãe representou para mim, enquanto viva. Falo de uma beleza que ofusca sem que se possa nomear-lhe um traço do belo, porque também a minha mãe parecia por vezes macilenta e adoentada, de uma doçura que nunca chegou a ser, porque não lhe sobejava

tempo para carinhos, e de uma condição de tristeza, de nostalgia, que só poderia advir-lhe do facto de ser mulher e, portanto, de passar pela vida em constante servitude.

A verdade é que a sua presença me incomodava, para além de que a casa ficava fora de mão, porque o elétrico me obrigava ainda a um esforço hercúleo de caminhada sob um sol inclemente. O seu marido não estava presente, e era pela sua obra que eu me interessava genuinamente. O modo como se propunha a arborizar a capital, a eliminar os bairros sórdidos e imundos, parecia-me digno de aplauso. Por fim, considerava impróprio que um homem e uma mulher passassem as tardes juntos em amena cavaqueira, sobretudo sendo esta a respeito da intimidade que a mesma mulher, vinte e cinco anos mais nova do que o contador de histórias, se propunha a revelar.

Quando disse que queria falar-me de como saíra de uma gruta de bêbedos na Boa Hora para o Coliseu, e de como caíra nas graças das boas famílias da Almirante Reis, e de como mais tarde se sentira sozinha e incompreendida, não me neguei a escutá-la. Estava até espantado por a ouvir articular tantas palavras, e tão bem-falantes, de seguida e sem se interromper para ajuizar. O queixo subiu-me e desceu-me numa concordância, mas o peito disparou de contrariedade. Antecipava um possível mal-estar, quem sabe causado pelo calor. Por essa altura, já sofria de refluxo gástrico e, às vezes, o ar atrapalhava-se-me nos pulmões, e eu sabia que o que me faria bem era passar uma temporada na Parede, a inalar o iodo do mar e a ver passar o comboio elétrico cheio de banhistas ao fim de semana. Não queria voltar a subir aquela rua, porque me interessava mais ir até ao restaurante do aeroporto, A Esplanada, beber um *brandy* e procurar inspiração nos aviões que víamos aterrar por entre vibrações de calor que sugerem o deserto aqui tão próximo.

Na Lisboa de 1947, abundavam histórias de espões de guerra, de assassinios encobertos, de casos entre cónsules e membros de diferentes embaixadas, por vezes inimigas. Havia histórias de realeza caída, de marinheiros de maus fígados, e um sentido de Império e de grandiosidade perfumava o ar da metrópole. Por todo o lado, havia edifícios megalómanos, e havia rumores de que o mercado da Figueira seria demolido em breve, apesar do conflito de interesses, e que a sua área seria ajardinada. As gentes que ali se apinhavam ano após ano por ocasião dos Santos Populares, em bailaricos e bebedeiras, e os que ali se dirigiam a cada dia para se aviarem dos produtos de que necessitavam, bem como as varinas, seriam encaminhados para um dos muitos outros mercaditos que iam surgindo, assim o garantia Álvaro da Salvação Barreto, à época munícipe-mor de Lisboa. Por outro lado, a Ajuda era, de novo, um bairro respeitável, a partir do qual se podia admirar o

movimento no Tejo. Havia muito que ver e contar na velha Olissipo, e gostaria de ter tirado o maior partido possível dessas semanas que me propunha passar entre as suas sete colinas.

Demasiado velho para desperdiçar aquela mina de enredos, não podia dar-me ao luxo de empenhar o meu tempo em mexeriquices de senhoras. Ainda assim, e é por isto que friso que o calor incidiu sobre a minha cabeça durante a íngreme caminhada de trezentos metros, respondi a Irene Silva Vaz, uma fadista sem modos ou beleza excepcionais, e sem o bom gosto de ser ao menos da Mouraria, que seria um prazer ouvi-la.

III

Naquela tarde, regressei ao Largo de Camões para me refrescar, e o calor venceu-me de tal forma que, quando despertei e me dirigi à janela para espreitar o largo, completamente despido, oculto atrás das cortinas, as ruas já se tinham iluminado. Passava o elétrico e o ruído dos freios trouxe-me alguma melancolia. As pessoas dispersavam e despediam-se, e em algumas lojas em redor da praça começavam a fechar os toldos. Vi um jovem a escoltar duas cabras de volta aos casebres do Bairro Alto, onde era sabido que as gentes transportavam facas na liga, e, bem no centro do largo, um rapaz açoitou com uma vara uma vaca particularmente teimosa.

Vesti-me, desci ao restaurante do hotel e, enquanto aguardava que me trouxessem um aperitivo, fui folheando o *Diário de Lisboa* de abril, apenas para me perguntar se o país seria tão harmonioso quanto toda a sinalética deixava prever. Achei curiosa a referência ao *Grille*, o estimado iate de Hitler, que por essa altura se encontrava na posse do vice-cônsul inglês e navegava ao largo de Lisboa. A menção ao 43º aniversário do Benfica, o meu clube de eleição, recordou-me de que tinha o maior interesse em visitar o estádio no Campo Grande, que estava convencido de que ficaria imortalizado pela excelente goleada de 13 a 1 contra o Sanjoanense nessa *saison*.

Mal cheguei a refeição — borracho com ervilhas à francesa —, senti o meu humor melhorar substancialmente.

No início do ano, recebera um telefonema do meu primo Damásio (com certeza dispendioso) a convidar-me para o Torneio de Tiro ao Pombo a realizar-se no Porto. Não entendi muito bem o que o levava a lembrar-se da minha existência com tanta prontidão e, para mais, a propósito de um evento tão descabido. A minha arma sempre haviam sido as palavras, e eu não

saberia manusear uma de fogo nem que disso dependesse a minha vida, ainda que a mesma se limitasse a cuspir chumbo. Cerca de três semanas depois de lhe manifestar a minha recusa, recebi um outro telefonema, dessa vez a pedir-me um empréstimo de dois mil contos de réis. Foi como se o mundo pós-guerra voltasse a fazer sentido: os homens continuavam a mover-se por dinheiro e estratégias algo cambaleantes para obter o que desejavam. A minha recusa em prestar-lhe esse favor levou a que não pudesse recorrer à sua hospitalidade em Lisboa, de modo que me sentia um completo estrangeiro na cidade.

Ainda teria de descobrir qual dos convivas com quem ceara nos dias anteriores denunciara a minha presença à senhora do Parque Eduardo VII e motivara o seu interesse na minha pessoa. A mando dessa misteriosa artista, foi-me entregue um recado pelo *concierge*, quando me dirigi à receção para averiguar se tinha correspondência. Pedia que lhe fizesse o favor de ir almoçar a sua casa no dia seguinte, ocasião em que teria oportunidade de conhecer a sua família. Escrevinhei a resposta, e o *concierge*, ajeitando os óculos para vencer a minha grafia, deu início à ligação. Não me detive para comprovar se ela a recebia, mas, quando o elevador me deixou no corredor de acesso aos meus aposentos temporários, dei por mim a matutar sobre o tipo de família que iria encontrar à mesa no dia seguinte. Nada poderia ter-me preparado para o tipo de confissões que se avizinhavam.

Lisboa, julho de 1947

Tomei um carro de aluguer no dia seguinte, porque não suportava a ideia de voltar a empreender aquela marcha fúnebre por entre carretas de pedras calcárias, forçado a compadecer-me do infortúnio dos calceteiros, que havia de encontrar de costas voltadas para o sol do meio-dia. Com esse objetivo na ideia, desci até à Praça do Comércio, onde um dos *Peugeot 402* que ali se encontravam empreendeu a marcha comigo a bordo através da Baixa e do repicar dos sinos dominicais das muitas igrejas. Ficámos retidos, por um instante, na retaguarda de um elétrico que seguia ao alucinante ritmo de não mais que 12 quilómetros por hora. Subimos a Avenida, que continuava a parecer-me demasiado larga para o tráfego que por ali circulava, e senti-me apaziguado pela constatação de que estava menos calor do que na tarde anterior. Mesmo assim, o amplo descampado que constituía o *boulevard*, ladeado de acácias-do-japão, ulmeiros e plátanos, e povoado de quiosques, parecia impossível de vencer em caminhada. Palpitava-me que, de inverno, se

transformaria num extenso lamaçal, não obstante o pavimento de basalto e calcário que o acompanhava em toda a sua longitude, enquanto, de verão, se assemelhava a uma dura prova de resistência no Saara. De elétrico fazia-se muito melhor — e mesmo os miúdos que o navegavam à boleia o sabiam —, para além de que, sobre carris, não me afligia a circulação pela direita em Portugal.

Nessa segunda deslocação a casa da Irene Silva Vaz, atravessei a cidade aferrolhado a uma certa recordação. Quando eu tinha uns 20 anos, o governo, amuado com a Grã-Bretanha, decidiu que os automobilistas portugueses deveriam passar a circular pela direita. O meu pai tirou-me da cama antes da alvorada e, diante da Igreja do Socorro, fez-me entrar no *Serpollet* a vapor do irmão, para depois correremos a cidade, galgarmos todos os seus buracos, poças e cumes de excrementos. Foi como estar embriagado. A vertigem era impossível de explicar; valia-nos a circunstância de, nessa madrugada sombria, termos por companhia apenas meia dúzia de outros automóveis, e todos tão desorientados quanto nós. Nos largos e perante becos, guinávamos para a esquerda, sem fazer caso da aproximação de algum possível incauto pela direita, e o tio berrava que ainda iríamos contra alguma parede, ou atropelariamos alguma besta. A noite terminou sem que causássemos maior dano do que o abalroamento de uma bancada de trabalho improvisada no Rossio, e seguimos para casa sem apanhar as ferramentas, convencidos de que, quando à meia-noite desse dia a instrução de circular pela direita fosse imposta, o caos seria tremendo e a navegação pela esquerda seria prontamente restabelecida. Anos depois, experimentei o mesmo atordoamento quando cheguei a Inglaterra e voltei a circular pela esquerda.

Mas adiante, a moradia dos Vaz surgiu por entre as pereiras, para lá dos arbustos de rosas brancas silvestres, e o carro encostou à direita.

A governanta já deixara a bandeja com refresco no jardim de inverno — tomo a liberdade de assim o batizar. A Irene não tardou a apresentar-se à luz dos vitrais e, dessa vez, vestia-se de modo ainda mais recatado, mas pintara os lábios. Conduziu-me à biblioteca, onde fui apresentado a um homem pouco mais velho do que ela, sem casaco sobre a camisa imaculada. Tinha a gravata e os suspensórios algo frouxos, e havia uma menina encavalitada no seu joelho.

A Irene, que me precedeu, apontou para as duas figuras no sofá:

— Senhor Almeida, este é o meu marido, o engenheiro Vaz, e esta é a minha filha, a Júlia.

O engenheiro pôs-se de pé, tendo o cuidado de amparar a pequena pelo braço, e contornou o sofá. Era um autêntico Virgílio Teixeira, ou pelo menos

a forma do rosto fazia recordar de imediato o ator. Os passos eram inaudíveis sobre o tapete e, por muito que me estendesse a mão com formalidade, havia uma certa ligeireza no seu gesto. Fez questão de me olhar nos olhos, de me sorrir com uns dentes alvos e bem alinhados, e a minha veia de escrevinhador obrigou-me a descrevê-lo obsessivamente nessa noite, na mesinha do quarto de hotel. Não sabia que género de confidências iria ouvir da mulher de mãos juntas no regaço, de pé a meu lado naquele momento, mas suspeitava que seria importante para mim escutinar também a alma e o carácter do engenheiro.

— Foi à missa, senhor Serafim?

Era domingo e, durante o almoço, comentaram que costumavam ir à Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, onde o engenheiro podia maravilhar-se com o modernismo de Pardal Monteiro na traça do templo. Olhando para trás, entendo que nesse instante — em que avaliava a escassez de cabelos grisalhos na cabeleira daquele pai de família, e em que o meu olhar varria também a expressão da Irene, e não lhe via mais do que amor e devoção para com ele e para com a criança que avançou quando solicitada —, já me encontrava para lá do interesse suportável. Era a primeira vez que alguém me procurava para me escandalizar com a sua natureza falível, e eu estava atordoado pela antecipação da espécie de sordidez que poderia vir daquela ligação inesperada.

Almoçámos escalopes, acompanhados por um excelente vinho de Colares que o próprio engenheiro desrolhou. O ambiente era de bem-estar geral, e pude observar a Irene no seu *habitat* natural, sorridente e compreensiva, embora ríspida a cada deslize da pequena Júlia.

— Creio ter entendido que têm mais filhos. Pelo menos, é o que se recomenda pelas ruas de Lisboa a cada vez que compramos um jornal.

— Vá lá entender-se — voltou, pensativa. — É verdade que temos dois rapazes, mas estão de castigo na Mocidade.

Como o atirou para a mesa com uma frieza que incomodou os restantes adultos na sala, o engenheiro serviu-me mais vinho, aproveitando para enganchar com probidade os olhos nos meus:

— O que a Irene quis dizer é que gostaria de os ter mais tempo por casa. Aos sábados, vão pôr-se ao serviço da Pátria; estão os dois nos Infantes.

— E que vem isso a ser, se tem a amabilidade de me esclarecer?

— Bom, é um pouco como a organização do *Sir* Baden-Powell e dos seus escuteiros; as nossas crianças são organizadas por tribos, onde vão ganhando cada vez mais responsabilidade, e isso parece-me a todos os modos positivo.

Entendi que receava que eu sinalizasse a Irene como uma reaccionária.

Sentada tão direita, com o cabelo curto afastado da fronte por dois travessões, os lábios rubros selados numa expressão de contrariedade, fiquei certo de estar perante uma férrea opositora ao regime. Também me pareceu evidente que o marido tinha conhecimento dessa sua irascibilidade, e que a continha com a meiga firmeza da voz.

Em nota, resgato o detalhe de nunca na minha vida ter escutado voz mais terna do que a do engenheiro, em especial quando se dirigia à mulher ou à filha e, mais tarde, ao ler umas folhas que me entregou com recato, havia de descobrir que ela adorava cada inflexão da sua vocalidade — da rouquidão com que a amava à secura com que a repreendia. A nossa fadista chegou a este nível de confissões, e procuro ainda hoje não me chocar com o estranho laço que nos uniu nesse verão.

Depois da refeição, regressámos à biblioteca; uma divisão arejada com as vidraças abertas para o exterior, onde o engenheiro tinha dispostas algumas maquetes sobre a secretária de carvalho e duas mesas de apoio. A governanta serviu-nos *brandy*, o digestivo da minha eleição, e o engenheiro anunciou que ia visitar o local do antigo Arco do Marquês de Alegrete, onde nascia agora uma nova praça. Despediu-se paulatinamente, como se não estivesse certo de que a Irene fosse comportar-se na sua ausência, e entregou-lhe o balão vazio da sua bebida. Quis parecer-me que, a acompanhar esse gesto, houve um olhar de recomendação ao qual a Irene reagiu com um sorriso evasivo.

Assim que ele saiu e que a governanta veio buscar a menina de saia insuflada e joelhos roliços, que chorava a partida do pai, a Irene acendeu um cigarro e cruzou os braços à janela, quase oculta nas cortinas de renda.

— Senhor Almeida — começou, soprando o fumo por entre os lábios pintados —, o meu marido não gosta deste nosso *affair*.

Quase verti *brandy* pelo nariz, mas depressa entendi que lhe dava prazer cultivar aquela atitude de provocação. Proferiu aquelas palavras com tamanha seriedade, mal arqueando a sobrancelha, que desatei a rir-me com fanfarronice no sofá. Sabia que estava demasiado gordo e anafado para que uma mulher tão distinta e bem posicionada se interessasse por mim. O marido, com certeza, estaria ciente disso.

— Então, porque não me pôs ele na rua? — arrisquei, sorridente.

— Porque lhe importa a minha felicidade.

— E de que modo posso conceder-lha?

Ela rodou sobre os tacões dos sapatos e o fumo começou a vultear na minha direção. A minha imaginação fazia-me crer que me lançava um feitiço, de outro modo nada poderia explicar a minha permanência naquela casa quando me comunicavam que o senhor da mesma não me queria ali.

— Tirou a tarde, como lhe pedi?

— Sim. — E, mal o disse, arrependi-me.

— Gostou dos escalopes? — Aquilo apanhou-me de surpresa, nem cheguei a responder. — Dizem que os cozinhados saem melhores quando se cozinha a gás, notou diferença? Ou em Inglaterra já é hábito que se cozinhe a gás?

Não tinha notado coisa alguma, e ela também não parecia atenta ao meu veredito. Recáímos noutro dos seus silêncios imperturbáveis. Fumou o cigarro até ao fim, e eu já julgava que o melhor era pôr-me de pé, recuperar do bengaleiro o chapéu e o casaco, e descer até à paragem do eléctrico, porque não podia andar a subir e a descer a avenida em carros de aluguer. Não tinha ganhos que mo permitissem.

— Acho que a paciência é a sua maior virtude — ouvi-a dizer, ao fim de longos minutos.

IV

Esmagou o cigarro no cinzeiro e veio sentar-se a meu lado, na cadeira de espaldar, porque seria impróprio dividirmos um sofá tão acanhado. Quando se inclinou para mim, como se expusesse a alma ao meu escrutínio, percebi que estava muito assustada. Proferiu uma primeira inconfidência:

— Senhor Almeida, o meu psicanalista diz-me que devo abrir-me com um amigo, porque não é mais capaz de me ajudar.

— A Irene acredita nos benefícios dessas conversas de canapé?

— Eu acredito. O meu marido, não. Diz que esses que andam por aí com supostas curas para a psique não passam de charlatões.

Suspirei, um tanto impaciente:

— Teria todo o gosto em ser seu amigo, mas repare que estarei de volta a Londres em menos de um mês...

— Não, não... — Abanou a cabeça, e transpareceu-me que a sua angústia era incomportável. — Se nos tornarmos amigos, será uma consequência do acaso, não é para isso que o chamei. Tenho conhecidos no Hotel Europa, e há meses tinha pedido a um que, se desse entrada algum escritor ou repórter britânico ou francês para uma curta estadia, me informasse de imediato.

— Pois eu sou português. — A bebida soltava o meu lado brejeiro e não me importaria de continuar naquele bate-boca pela tarde toda. Pior solução seria sair para aquele julho abrasador. — E também não devo ser o primeiro repórter que por lá passou.

— É o primeiro que aprovo, porque li a sua novela.

Aquilo desarmou-me, porque o sucesso dessa novela fora tão modesto em Inglaterra quanto em Lisboa, e a casa editorial deixara claro que teria de me esforçar muito para que voltassem a apostar em mim. *As Últimas Vielas* fora aquilo que só se pode considerar um fiasco, e eu estava ébrio o suficiente para

o admitir.

— Espero que a tenha usado para avivar a lareira neste último inverno.

— Não seja modesto, sabe que foi uma boa novela.

Conseguiu acossar a minha curiosidade. Portanto, via-me naquela inusitada situação por via da novela que publicara dois anos antes, nunca discutida com um leitor luso, porque só agora punha o pé em Lisboa, e mesmo o meu primo só se interessava pelos bailes do Éden no Carnaval e os Torneios de Tiro ao Pombo.

— Deveras?

— O que mais me impressionou foi o modo como retratou as mulheres. — Os olhos mantinham-se fitos nos meus e tinham a profundidade de oceanos. Avaliava o meu caráter e a veracidade da minha autoria naquele momento. Foi perturbador: — Aliás, *a mulher*.

— Sim, só atribuí destaque a uma mulher, a minha mãe.

Não esperava dar por mim a falar dos meus assuntos nessa tarde e, por isso, fui apanhado pela melancolia que o álcool e as recordações tecem num sexagenário.

— Viu-a sofrer muito?

— Mais ou menos.

— Fez muitos sacrifícios por si?

— Isso, sim. — Não quis alongar-me e a Irene assentiu, porque entendia.

— Eu cresci sem pai.

A biblioteca ficou em silêncio e, do corredor, chegava-nos o trinado dos canários, porque o Sol batia nos vitrais e o coração dos pássaros inchava de contentamento. Após um longo suspiro, em que pareceu ganhar coragem, procurou de novo os meus olhos:

— Se um homem trair a confiança de outro, como n' *O Conde de Monte Cristo*, o ofendido vinga-se e a humanidade aplaude — começou. — Mas, se uma mulher trair a confiança de outra, que ainda para mais teve como a uma irmã, e a ofendida procurar alfinetá-la seja como for, para amenizar a própria dor, é hostilizada e acusada de ser mesquinha, tudo por causa da natureza vil das mulheres.

Assenti, porque não cessava de me espantar nessa tarde.

— Concorda que as mulheres têm uma natureza vil?

As sirenes do *Blitz* ter-me-iam valido naquela ocasião. Estava anestesiado pelo vinho e pelo *brandy*, e não pude mentir-lhe:

— Irene, se me permite... — Esperei que a familiaridade, em última instância, a demovesse da certeza de que eu era o confidente adequado para os seus assuntos. — Não acredito que uma *lady* na sua posição me tenha

chamado para me falar de contendas entre mulheres... Isso é mais velho do que o mundo, nada há a acrescentar.

— Mas há... — E dizia-o convicta. — Há, e ninguém se apieda da minha dor. Foi-me pedido que esquecesse e calasse, mas, volvidos tantos anos, e mesmo tendo eu encontrado a felicidade, não posso esquecer. — Procurou-me o olhar com insistência e entendi o quanto estava desesperada. — Terá a bondade de me ouvir?

— Porquê eu? — balbuciei, incrédulo. — Porque não uma outra senhora, a mulher de algum conhecido do seu marido, por exemplo...

— Isto é uma aldeia, seria acusada de sofrer da tal natureza vil que tanto desprezo. E gostaria que escrevesse a novela.

— E a sua família?

— Não tenho nenhuma.

— O seu marido?

— Pede-me que esqueça.

— E não há meio de retomar a amizade com essa senhora?

— Por Deus! — Exaltou-se e bateu com a palma da mão na coxa. — Acha que a minha angústia é porque gostaria de retomar ligações com essa mulher?

Encontrava-me siderado. As mulheres são criaturas fantásticas. A testa encrespou-se-lhe de tal modo que os olhos e a fronte reluziam de esforço. Ganhava luz e asas, na ânsia de derrotar quem se atrevera a ofendê-la.

— Pois então conte-me o que se passou, mas não estou a ver como poderei ajudá-la a... O que pretende mesmo? Esquecê-la? Perdoá-la? — Arrisquei uma nova explosão quando sugeri: — Que ela a perdoe?

— Apenas que me ouça — bufou, exausta. — Se me ouvir, já lhe agradeço.

— Pois bem, então comece.

Ela acendeu mais um cigarro e acomodou-se melhor na cadeira. A empregada veio trazer uma bandeja com uma excelente seleção de queijos, e ela pareceu voltar a retrair-se. Para a instigar, dei início à conversa do seguinte modo:

— Não é muito habitual que as mulheres continuem a trabalhar depois de casadas, pois não?

— Não. E também não devem sair muito à rua. — O sorriso que me dedicou era puro sardonismo. Ia recolhendo estas informações para melhor lhe ler as emoções, se viesse a desejar esconder-mas. — Quando fui convidada para ir a Paris cantar para o cônsul português, descobri algumas semanas antes que o meu marido devia assinar a autorização.

Nunca ouvira falar de tal restrição à circulação das mulheres, mas ela também não tinha interesse em desenvolver.

— Também me pareceu que toda a rua desaconselhava a minha vocação para as cantigas, mas ainda assim dei por mim rodeada de bêbedos e de mulheres de má fama, nas tascas mais sebentas desta cidade. E, uma vez lá, pareceu-me que sempre pertencera ali, que toda a vida olhara nos olhos daquelas gentes nostálgicas e miseráveis, e que a tristeza que cantava era a minha e a delas...

— Começou pelos bairros mais modestos, foi? — Ela encolheu os ombros.
— Quão famosa é, Irene? Queira desculpar-me por perguntar, mas sabe que tenho estado fora.

— Para alguns, sou demasiado conhecida. Para outros, poderia ter um pouco mais de reconhecimento. Em suma, é possível que saibam quem sou na Mouraria e na Boa Hora, mas dificilmente sabem quem sou no Capitólio.

Achei graça ao modo desprezioso que escolheu para me dizer que era famosa assim-assim, dependendo dos gostos do povo de cada bairro.

— Pelo menos, é famosa o suficiente para ter o seu cartaz no Café Montanha e para o cônsul português em Paris desejar escutá-la.

— Há casas que me têm em boa conta.

— Se me permite.... — Ajeitei melhor a perna cruzada sobre a outra, a tentar entender também, através dela e uma vez que a via tão conversadeira, qual era a realidade da minha pátria quanto às artes musicais. — O fado é a canção da hora, não é?

— Sim, e as cantadeiras saem à rua depois do recolher obrigatório. — Libertou o fumo em espirais e esboçou um sorriso pesaroso: — Que é como quem diz, depois de a lua nascer nos miradouros. Sabe que isso já são horas para uma mulher decente estar em casa, de barriga no fogão.

Assenti. À luz daquela Segunda República, não duvidava de que assim fosse. Ela absteve-se de admitir que nem todas as cantadeiras de fado eram mulheres de família. Muitas não o eram, com certeza.

— A pessoa que me causou desgosto chama-se Maria Helena Sousa.

Entrelacei os dedos no colo e assenti. Era todo ouvidos. Ela guardou silêncio de olhos fitos em mim, no copo vazio do *brandy* e na maquete daquilo que se esperava que viesse a ser, em breve, o topo grandioso do Parque Eduardo VII.

— Para o efeito, chamemos-lhe só Lena, que é como todos lhe chamavam quando a conheci.

— E quando se deu isso?

— Em 1918, quando entrei no ensino primário.

— Foram, portanto, colegas de escola?

— Com os anos, tornámo-nos muito mais do que isso. Mas, sim, a Lena

não foi a primeira menina de quem me aproximei, mas a primeira que me fez sentir bem pelos corredores frios da escola.

Explicou que, no mês de novembro em que iniciara a sua instrução primária, fazia muito frio. A Irene lembrava-se de ouvir o vento lá fora, a arrastar a folhagem no pátio e a ameaçar desfazer as amoreiras e, em algumas ocasiões, a sacudir os caixilhos das janelas. A *Cartilha Maternal*, obra de João de Deus, obrigava-os a entoar cânticos ao Senhor Deus, e meninas e meninos emprestavam as vozes em uníssono à cantiga que a professora orientava, fazendo uso da régua para dar ritmo ao canto ou para corrigir alguém que desafinasse. *A pobre ave, cantando o hino, terno e suave, do seu amor, ao Salvador.*

Valeu-se de um sorriso saudosos para mo recitar à luz dessa tarde. Repetiu-o duas vezes, apenas para garantir que não cometia uma gafe. Que bela era a sua voz.

— A primeira palavra que surgia com um «P» era «pai», e eu não tinha um pai — interrompeu-se. Pressenti que mais tarde voltaria a isso. — Quando algumas das crianças se deram conta disso, caíram-me em cima. Só mais tarde percebi que o faziam porque eu era a única que reagia com raiva a essa carência, e não por ser a única que era órfã de pai. Outros também tinham perdido os pais, inclusive nas mesmas circunstâncias em que perdi o meu, mas nenhum de nós tinha discernimento para o compreender.

— Nem sempre as crianças são os modelos de candura que os pais apregoam.

Ela não se deteve:

— A Lena era das alunas mais esprevidadas da sala, a sua voz acorria a todos os chamamentos da professora. Os rapazes andavam sempre à chinchada, e havia uma ou outra menina que tinha o mesmo estômago inchado de fome que eles, e que também se aventurava por muros e cercas para colher amoras no recreio. — De repente, a sombra de um sorriso: — Lembro-me de que, numa composição em que tínhamos de dizer porque gostávamos da escola, um menino disse que o que mais gostava era da fruta do casario ao lado. A nespereira tombava para dentro da escola, está a ver? Em abril, chegavam a jogar à bola com as nêspas e, ainda assim, comiam-nas no fim. — Permitiu-se uma pausa e apertou as mãos uma na outra. — Não me lembro do nome dele, nem sei o que foi feito dessa pobre criatura. Só me lembro porque estava muito consciente de que podia ser eu. Podia ser eu a chegar à escola, macilenta, faminta e mal agasalhada. Ao invés, levava sempre a minha merenda.

Acabou por se dar conta de que era perigoso levar merenda, porque por duas vezes umas meninas quase lhe rasgaram o vestido a partir dos bolsos

para lhe ficar com o pedaço de brioche, e a professora tratou-lhe os queixumes com reguadas na palma da mão. Nem lhe ocorreu lamentar-se em casa pelo sucedido; se a mãe repreendesse a professora, as reguadas seguintes seriam ainda mais vigorosas.

— Dei-me conta de que o mais provável era que nem a professora comesse brioches e, a partir dessa altura, comecei a ter vergonha de ser rica.

— Então, já nasceu bem posicionada — comentei, porque julguei que isso explicava o motivo pelo qual uma mulher se permitia a tantas liberdades numa sociedade tão rígida.

— Não imagina o quanto. — E os olhos baixos não acompanharam o sorriso.

V

Lisboa, 1918

Tentou dispensar a merenda, alegando não ter fome durante o tempo que passava na escola, mas a mãe insistiu para que continuasse a levar o brioche, caso sentisse vontade de matar o bicho, e a professora instigou-a a comê-lo ainda na sala de aula, antes de se precipitar na enxurrada de crianças que ia desaguar no pátio. Irene mastigava depressa, não só para tentar juntar-se à bilharda, antes que a chuva desfizesse os círculos na areia, mas sobretudo para sair do alcance da vista da professora, que condenava cada migalha desperdiçada como se ela tivesse acabasse de se apresentar sem fazer os deveres. Não demorou muito a entender que as suas meias sem buracos, a gola engomada do vestido, o laçarote nos cabelos crespos e a ama no largo, à saída, desmotivavam a amizade das outras crianças.

No ambiente eclético da República, a mistura de classes não parecia problemática, mas, a Irene, valeu-lhe cinco anos de penoso esforço para se enquadrar. Tudo era motivo para que a ostracizassem: os sapatos eram demasiado novos e engraxados, e faziam por pisá-los, caindo depois em risos cúmplices que a desconcertavam. Quando regressavam à sala de aula, os pés enlameados e cheios de calos, os outros fitavam os restos da sua refeição e bichanavam entre si. Havia também a circunstância de ter sempre cadernos novos, uma pena distinta, o rosto e as unhas lavados, irrepreensíveis, e uma medalha de Santo António ao peito, que nem as crianças se atreviam a cobiçar. Tudo aquilo a elevava da miséria franciscana que acometia quase a totalidade dos alunos, uma vez que trilhavam descalços a Baixa da cidade, fizesse chuva ou sol, expostos ao tétano e às frieiras.

— Nessa altura, havia um rapazito que só ia às aulas no inverno, porque não tinham como se aquecer em casa e, pelo menos, na sala de aula não chovia. Depois, também deixou de ir, porque a escola começava em novembro e, em novembro de 1918, Lisboa estava cheia de pneumónica.

— E a sua mãe não tentou impedi-la de ir?

— Qual quê. A doença estava em toda a parte, só me pedia que cobrisse os beijos com um lenço se me aproximasse muito de alguém. Mas, como acabei de lhe dizer, deixava-me estar no meu canto. Além disso, metade dos alunos desaparecia quando a primavera ameaçava florir. Eram chamados para outras tarefas mais urgentes.

Lisboa, 1918-1921

De entre os alunos que iam ficando semana após semana, em todas as estações e sempre de vestimenta adequada aos caprichos do tempo, estava essa Maria Helena. Contudo, Irene não se aproximou porque a outra menina também levava pão, ou fruta, para se poupar à prostração das manhãs em jejum, mas porque a olhava com aflição quando os outros levantavam a terra seca com os pés e lha atiravam para os sapatos cintilantes e para os olhos.

Um dia, a poucos meses do fim do ensino elementar, em que Irene se esquivou de um empurrão mal-intencionado, viu Lena a observá-la com o mesmo ar de dó que sempre lhe reservara. Ignorou os rapazes que faziam rolar os berlindes pelo terreno irregular, de bolsos a rebentarem daqueles vidrinhos, e atravessou-se no seu percurso até alcançar a outra sob a janela da sala de aula.

— Hoje, não jogas? — perguntou-lhe.

— Hoje, não me apetece.

— Porquê? — espantou-se Irene, que daria tudo para ser aceite na partida.

— Porque eles são maus.

— Para ti? — Não podia acreditar.

É que a filha da modista era muito bonita. Os caracóis dourados davam-lhe um ar de boneca, parecia mesmo saída das lojas do Chiado, com uns olhos gigantes e muito escuros, e a boca em forma de coração a animar-lhe as faces redondas.

— Não, tola. Para ti.

Durante o ensino geral, a sua rotina consistia em assistir às partidas de bilharda no recreio, dividir o brioche com Lena, que com ela compartia o que quer que a mãe lhe tivesse enviado, e depois, pela mão da nova amiga, foram-

se-lhe abrindo os círculos de areia do pátio e viu-se incluída nas brincadeiras e nos desafios, ao ponto de lhe parecer que já ninguém ligava a que a ama estivesse à espera quando chegava a hora de ir para casa. Em breve, pôde aventurar-se pelas portas da sociabilidade, e era a Lena que o devia.

Ela e Lena tinham algumas coisas em comum. Um dos mais notáveis, no contexto da pequena escola, era o facto de estarem entre as crianças mais novas. Havia crianças e jovens a tentarem completar o ensino obrigatório por vários anos, e continuavam a falhar ano após ano. Alguns já tinham barba, profissão e inscrição no serviço militar. Eram as principais vítimas da ira da professora, que, volta e meia, lhes aplicava reguadas e lhes dava puxões de orelhas, sem se coibir de lhes chamar burros. Também tinham um ar ridículo e miserável ao fundo da sala, as cabeças a erguerem-se acima das dos restantes, sentados nas carteiras minúsculas, a debaterem-se com a tabuada, de pernas encolhidas e joelhos encarcerados.

Irene e Lena eram duas crianças que, na prática, não trabalhavam quando tantos outros já o faziam. Na ficha de inscrição, Lena surgia como «aprendiz de modista», mas a mãe não lhe exigia nada. Não saía da escola aos tropeções como o António da Cruz, que era vendedor ambulante, ou como o José Gomes, que andava a aprender carpintaria com o pai, ou como a Lourença, que era criada de servir na casa de um médico.

Começaram a passar tempo debaixo do muro onde a nespereira dava fruta e, se tivessem sorte, ainda conseguiam colher algumas nêspersas antes que os rapazes lhes chegassem. Uma pequena chamada Luísa, cujo pai era correeiro, começou a vir juntar-se-lhes. Era conhecida de Lena, e talvez se sentisse atraída para as duas meninas bem vestidas e de ar distinto de pé, apoiadas no muro.

— O teu pai está melhor? — perguntou Lena, que de seguida explicou a Irene que o pai da outra criança andava muito adoentado.

— Continua com a mesma fraqueza — balbuciou a outra menina, cujas tranças estavam presas por tiras de pano axadrezadas.

— Será que a pneumónica voltou a Lisboa? — indagou Irene, que tanto ouvia falar na maldita doença.

— Não tem tosse, na botica não souberam ajudar —olveu Luísa, e depois pôs-se muito vermelha, porque a isso deveria acrescentar que não tinham dinheiro para procurar um outro tipo de ajuda.

— Com o teu pai doente, o que têm comido?

Luísa torceu uma trança entre as mãos sujas do carvão do lápis, as unhas encardidas por causa do auxílio que prestava à mãe na horta.

— O que se arranja.

Quando Luísa se afastou, a arrastar as solas gastas pela terra do pátio que a primavera enrijecera, Lena virou-se para Irene, resoluta:

— Tive uma ideia. — Apertou os lábios num sorriso, os olhos vivaços a estudarem o perímetro do recreio. De seguida, deu um pulo e pôs as mãos em concha em redor da boca: — Chega aqui.

Durante essa semana, Lena repetiu aquele mesmo gesto com muitas outras crianças no recreio, todas elas escolhidas a dedo. Não interpelava nenhuma cujo pai continuasse por chegar de França, ou nenhuma órfã de mãe, cujo pai regesse a casa ao ritmo das bebedeiras ou de ataques de ira. Para essas, já era uma sorte poderem frequentar a escola.

Depois de considerar que abordara todas as crianças cujas famílias dispunham de um mínimo de folga orçamental, Lena pediu a Irene para esperar ao fundo da sala e adiantou-se aos colegas depois do recreio. Foi a primeira a entrar na sala de aula, e a professora Maria do Carmo acabara de tomar o seu lugar à secretária. Estava precisamente a ajeitar o livro de registos, quando Irene viu Lena a interpelá-la.

— Professora, pensei em ajudar a Luisinha. O pai dela tem uma doença misteriosa. — «Misteriosa» era uma palavra que as fascinara às duas assim que nela tropeçaram. — E a mãe dela não está a dar conta do recado. Os outros também vão trazer o que puderem para a ajudar. Farinha, banha, o que for. A senhora professora também gostaria de ajudar?

Irene, de mãos unidas nas costas, a torcer os dedos de nervosismo, ficou lívida quando a professora desviou os olhos da sua amiga, muito hirta e solene, para si. Percebeu, pela irritação no olhar, que não fora boa ideia falar com a professora.

— Muito bem, Maria Helena. Quem são os outros?

O seu tom era astuto, mas Irene já levara reguadas suficientes para perceber que o que estava a aproximar-se do entusiasmo esvoaçante de Lena, que de repente começara a gesticular e a enumerar as outras crianças com os dedos, era um balde de água gelada.

— Ai sim? — concluiu a professora, esboçando um sorriso de lábios retorcidos. — Ora mostra-me lá o que tens aí na mão, é um cravo?

No instante em que Lena abriu a palma para analisar o possível surgimento de um cravo, o rugido da reguada na sua carne fez Irene estremecer.

— Au! — exclamou Lena, surpreendida.

— Au? Pois vocês em vez de estarem a pensar no exame para o segundo ciclo andam aí metidas em patetices? Ora estende lá a mão de novo, Maria Helena. — E, como esta hesitava: — Estende a mão, Maria Helena. — Outra reguada. — A tua amiga dos Anjos também quer fazer caridade? Vai

distribuir brioches pelo povo? Vai pagar os tratamentos ao José Alberto?

Irene estremecia a cada nova reguada que ecoava na palma da mão de Lena. Depois, com o coração alvoroçado, ouviu a professora chamar o seu nome.

— Ora chega aqui, Irene Silva — chamou, no mesmo tom que não admitia desobediências.

Não teve de a chamar segunda vez. Irene aproximou-se, hesitante, como se uma corda invisível a puxasse na direção da professora. Pelo canto do olho, sentiu movimento na janela alta, e virou a cabeça a tempo de ver uns quantos rapazes de nariz encostado ao vidro embaciado. No mesmo instante, e com certeza receosos de que a professora os visse, desapareceram.

— Ora deixa-me lá ver se também tens cravos na mão. Abre a mão — pediu a professora, a bater sugestivamente com a régua na palma da sua. — Ora o que é isto aqui? — O estalido ouviu-se por toda a sala, e os olhos de Irene encontraram os de Lena num momento de desespero.

O que viu neles distraiu-a das reguadas seguintes. Deixou-a imune à dor.

VI

Lisboa, julho de 1947

— **E** o que viu nos olhos dessa Maria Helena, Irene? — perguntou um Serafim já um tanto incomodado pela posição no assento.

— Vi que a professora tinha acabado de selar as coisas. — A voz tornou-se-lhe mais rouca, como se estivesse emocionada. — A Lena ia levar comida a casa da Luisinha, doesse a quem doesse.

Lisboa, 1918-1921

Foi por essa altura que conheceu Henrique Simões, cujo pai era jornalista, ou um *arauto da informação*, segundo ouvi algures. Henrique Simões, «aprendiz de tipógrafo», era só mais um dos rapazes que tinha visto galgar o muro do recreio, empoleirar-se no ramo da nespereira e atirar as cobiçadas nêspervas para o pátio da escola, onde outros rapazes intimidaram uma menina até que ela subiu a saia e, estendendo-a, a usou como rede para colher a fruta.

— Bem vos vi a levar reguadas — disse o rapaz, quando as alcançou à saída, a estudarem a mão uma da outra. — Então, e nem uma lágrima?

— Lérias — disse um outro, surgindo atrás dele. — Não devem é ter chorado pouco.

— Eu não as vi a chorar. Tu viste? — Virou-se para um terceiro rapaz, muito mais velho e robusto do que os restantes, mas estranhamente dócil, a quem chamavam «José Touro».

O outro abanou a cabeça, desinteressado do tema.

Irene manteve-se num silêncio indignado, confuso e amuado: nunca tinha

sido tão punida, em casa ninguém lhe arreava e, se não fosse a nova amiga, a escola seria um lugar a evitar a todo o custo. Lena, por sua vez, estendeu aos três rapazes a mão manchada de estrias inflamadas.

— Doe como tudo.

— Mas porque é que ela nos bateu, afinal? — acabou Irene por perguntar, a tentar atribuir alguma espécie de sentido ao que tinha acabado de acontecer.

— Não faço ideia. Acho que é tola — retrucou Henrique Simões, sorridente.

— Não me importava que ela me batesse sempre a mim — disse José Touro. — A mim, não me dói nada.

— Ela já te bateu tanto que até já se cansou — riu-se o outro rapaz, cujo nome Irene não logrou recordar-se. — Deve gostar de bater a meninas de bem.

— Meninas de bem? A minha mãe é modista — retrucou Lena, como que ofendida. — Não somos ricos.

— Pois, a riqueza é pecado — ironizou Simões, sem que Lena se desse conta.

— E a Luisinha? — lembrou Irene. — É melhor avisarmos toda a gente de que a professora é contra.

— A professora fora da escola não tem pio — voltou Lena, empertigando-se. — Vocês vêm connosco? — atirou, na direção dos rapazes.

— Fazer o quê? — perguntou José Touro, que começava a raspar a terra do recreio com os pés descalços.

— Levar ajuda à mãe da Luisinha?

— Ele não tem o que comer em casa — riu-se o rapaz sem nome, e depois zarpou dali a correr, como se receasse uma reprimenda de Henrique Simões, que o olhava de cenho franzido.

— O Zé vai dar imenso jeito — garantiu Henrique. — Para levar carga, não há como ele.

Lena sorriu-lhes, satisfeita com aquele triunfo sobre a professora malvada.

Irene, ainda que receosa, assentiu. Apesar da tenra idade, já sentia que devia alguma coisa ao destino. Tinha uma dívida para com os outros. Chamava-lhe fado.

Lisboa, julho de 1947

— Nunca me esqueço de um dia ter perguntado à Lena, porque me parecia

bom demais que tal criatura se importasse comigo, se não tinha tido outra amiga antes de mim — murmurou, e revestiu o gesto de grande significância ao olhar-me nos olhos. Que estranho que, no caso das mulheres, quanto mais baixo proferirem as suas verdades, mais verdadeiras elas nos pareçam. — Ela respondeu-me que, antes de mim, havia uma Teresa Villanova, mas que nunca mais lhe dirigiu a palavra desde que me conheceu.

— Ora... Por onde andaria essa Teresa?

— Estava logo ali, rodeada de outras crianças. Trabalhava na fábrica de tabacos. Mas a Lena, de facto, nunca voltou a falar com ela.

— Chatearam-se, coisas de crianças — tentei, e ela assentiu, mas não concordava, porque disse:

— Não, coisas da Lena. — Encolheu os ombros, depois prosseguiu, imperturbável: — Mas, enfim. Graças a ela, lá levamos à Luisinha peixe e outras coisas que tais. Às vezes, ainda me pergunto se a Lena não terá trocado aquelas reguadas pela lealdade cega da Luísa. — Refletiu sobre aquilo por um instante.

— A criança ficou assim tão agradecida?

— O pai tinha raquitismo. Passou dois anos no hospital. A família andava a pedir nas ruas, longe do bairro onde viviam, por vergonha.

— Como soube? — atrevi-me a perguntar.

— A Lena contou-me, anos depois. — Acariciou o queixo, como se estivesse distraída em reflexões. Depois, prosseguiu: — Pensando bem, a Lena pode ter-se dado conta de que a Luísa podia ser um excelente investimento.

— Não estou a compreender — admiti.

— Graças às reguadas por causa daquele gesto caridoso, toda a escola passou a reverenciar a Lena. Toda a gente tinha medo da professora Maria do Carmo. Até os alunos de 14 anos que batiam com os joelhos nas carteiras e que nunca chegaram a acabar o ensino elementar.

— E em que medida é que isso consiste num investimento?

Ela riu-se, trocista. Quando me elucidou, senti-me bastante estúpido.

— O seu gesto para com a Luísa tornou-a intocável. As outras mães encheram-na de beijos. A mãe da Luísa disse que ia acender-lhe uma vela todos os dias durante um ano. Os irmãos mais novos da Luísa devem ter aprendido a dizer «Lena» ainda antes de dizerem «mãe». A minha mãe foi à escola e fez uma doação generosa à família. Deixou-a aos cuidados da professora, com cumprimentos à menina Maria Helena pela ideia. Lembre-se de que, pouco antes, três crianças se tinham sacrificado em nome da fé. Aquelas reguadas que a Lena suportou tão estoicamente salvaram uma família da miséria franciscana, pelo menos por uns tempos, e fizeram dela uma santa.

— Mas a Irene também levou reguadas.

Ao que tudo indica, disse ninguém se recordava. A Irene afastou a minha pergunta com um gesto, e prosseguiu:

— A Lena convidou-me a ir a casa dela pela primeira vez no último ano do ensino elementar, pouco depois de as aulas começarem. Estava na hora de envolver as famílias na amizade. Além disso, já tínhamos idade para andar sozinhas por Lisboa, desde que não nos afastássemos muito do eixo entre a escola e as nossas casas.

Explicou-me os detalhes dessas idas à casa da amiga, cuja mãe era costureira, com descrições minuciosas do que lá encontrava: o modelo de uma família feliz. Parece que o senhor Sousa, que era maquinista na linha de Cascais e que, por isso, conhecia todos os pescadores e banhistas da língua de terra entre o Cais do Sodré e essa última estação, gostava bastante de vinhaça.

— Ele tinha sempre a cara muito vermelha, os olhos muito vivos, e faltavam-lhe os dois dentes da frente. Um dia, entre um copo e outro, contou-nos que foi por causa de uma travagem brusca, em que amparou com os dentes a cabeça contra a manivela.

— E a sua mãe, sendo tão rica, não via inconveniente em que se desse com gente trabalhadora?

— É possível que as minhas lembranças lhe cheguem como uma manta de retalhos — considerou. — Mas, é como lhe digo, parece-me mais eficaz do que ir avante a discuti-lo com o meu psicanalista.

Assenti, mas não era isso que eu perguntara. Insisti, e ela esclareceu-me:

— A minha mãe, que não era minha mãe, entendeu que eu tinha grande dificuldade em fazer amigos. Entre ver-me chegar da escola contrariada, ou ter-me no colo assim que chegava a casa, a pedir-lhe para ir a casa da Lena, ela preferia deixar-me ser feliz.

— Estou a ver. — Como é natural, a revelação de que «a sua mãe não era sua mãe» acicatou-me a vontade de lhe arrancar as informações de enxurrada, mas a minha perspicácia garantia-me que ela acabava de me responder a uma pergunta, não iria conceder-mo duas vezes num tão curto espaço de tempo. — E eram vizinhas?

— Sim, mais ou menos. Morávamos na Almirante Reis, no antigo palacete da família Silva, e eles um pouco mais abaixo, numas casas que o meu marido anda a demolir por causa do tal largo arborizado que querem construir ali. Está a ver o Arco do Marquês de Alegrete, que o meu marido lhe apontou naquela maquete além? — Assenti. — Pois bem, havia aí umas casas de dois pisos, também feitas da tal gaiola que o Marquês de Pombal tanto difundiu pela Baixa, mas ali a distribuição das ruas era quase medieval. O meu marido

está a arrasar aqueles largos e becos todos, até o Arco vai cair por terra e, com ele, as ruínas do palácio do tal marquês.

Por essa altura, já o carmim na sua boca desbotara quase por completo.

— Parece que, com estas demolições, o governo está a dizimar as memórias da República e da realeza decadente das últimas décadas.

— E se descobrissem uma Pompeia? Que seria da praça arborizada? — Permitti-me rir, porque a ideia me divertia.

Não duvido de que Lisboa tenha tido uma grandiosidade semelhante à de Roma, noutras eras.

— Isso, não digo, mas o meu marido diz que é habitual encontrarem valas comuns, o que não atrapalha muito os trabalhos. É-lhes pedido que vão calando. Acho que são postais do terramoto.

— Claro, tem toda a razão.

Ela queria dizer-me mais qualquer coisa a respeito daquele assunto, mas a língua demorou-se entre os lábios desbotados e decidiu deixá-lo para uma outra altura. Quantos parênteses poderia suportar aquele interlúdio?

VII

Lisboa, julho de 1947

Da primeira vez em que se viu diante da casa dos Sousa na companhia da mãe, sob o gotejar dos lençóis estendidos numa viela, dessas que o seu futuro marido andava então por ali a demolir, Deolinda Sousa, a mãe da sua venerável amiga, veio à porta. Trazia nos pés uns tamancos grosseiros, que tinham o condão de lhe realçar os tornozelos delgados.

— A mãe dela era linda, e era evidente que a Lena ia pelo mesmo caminho. Nunca vi mãe e filha tão iguais, e mais iguais foram ficando com a idade, ao ponto de que, quando a Lena comemorou os seus 21 anos, e a mãe, já com nome na praça no seu ofício, a fez estrear um vestido lindíssimo que as freguesas cobiçaram e tiveram de ter igual, já pareciam irmãs.

— A beleza é capaz de ser o maior abre-portas para as mulheres — titubeei, mas a Irene não se deixou impressionar pelo meu disparate.

— Pelo contrário, senhor Almeida — cortou. — Estou convencida de que a beleza é o maior dos estorvos, por vezes é até catastrófica para algumas mulheres.

— Não vejo como — admiti, e ela desarmou-me:

— Uma beleza excessiva é como um manto que atrai muita cobiça, muitos olhares. Se a mulher for fraca de ombros, deixa-se abater debaixo dele. Torna-se uma rainha de Carnaval, menos mulher, menos ativa, porque vai mirrando debaixo dessa admiração não solicitada.

Estudava-a enquanto mo dizia, por palavras mais ou menos semelhantes a estas. Não tive dúvidas de que, apesar de cativante a seu jeito, não poderia nunca dizer-se que a dose de beleza que a vida lhe atribuíra era um manto

difícil de sustentar. Pareceu-me improvável que a apelidassem de bela na *Eva* ou noutras revistas tais. Aquilo recordou-me de que ainda não vira nenhuma menção à sua pessoa na imprensa, nem sequer em artigos de música e cultura como os que folheara durante o desjejum. Num meio tão pequeno, imaginei que acabaria por dar com o seu rosto cismado mais cedo ou mais tarde.

— Refere-se a alguém em particular?

— Ora, à Lena, claro.

Como não, se era da Lena que haveríamos sempre de falar a cada encontro.

Lisboa, 1921

Foi durante essa primeira visita, em que a mãe entrou para a cozinha acanhada e mal iluminada dos Sousa, que Deolinda, com certo orgulho, passou a palma da mão calejada, de tanto lidar com agulhas e dedais, pelo dorso frio da sua máquina *Singer*. Revelou a sua origem, e Irene e a mãe trocaram um olhar e um sorriso quando a ouviram dizer que a mãe de Deolinda fora buscá-la numa charrua à Rua do Loreto, e a adquirira em várias prestações de dois mil réis. Mais tarde, nessa semana, o vendedor fora lá a casa ensiná-las a mudar o carrinho de linha e a trabalhar com os pedais. Desde aquele instante, a roda nunca mais parou de girar. Na altura, o pai de Deolinda opôs-se com afinco, considerou que andavam a desbaratar os poucos dinheiros que possuíam. Mas a cada camisa primorosa que a mulher e a filha terminavam, sentia-se mais convencido de que era mais do que uma compra, era um investimento. Anos depois, quando Deolinda lhe trouxe à porta de casa um prato com pão, manteiga e uma chávena de estanho com café fumegante, sem açúcar, o velho senhor ia dizendo a quem passasse que o ruído que vinha de dentro de casa era o de uma máquina de costura, e que ele mesmo tivera a ideia de ir buscá-la à Rua do Loreto quando ainda podia carregá-la para uma charrua.

Irene viu-se assim envolvida pelo calor até então por testemunhar de uma família comum. Deolinda polia com um pano o Santo António do seu altar, e Irene mostrou-lhe a sua medalhinha. De expressão ternurenta, a senhora Sousa acariciou-a e virou-se para Lena:

— Um dia, quando vender camisas suficientes, compro-te uma destas.

Lena apertou a mão de Irene, que lhe devolveu o gesto. Era como se nascesse ali um laço invisível, um pacto de entendimento entre todas aquelas pessoas, unidas pela educação das meninas e pela devoção a Santo António.

Na semana seguinte, vendo Deolinda quase desaparecida atrás da pilha de saíotes que costurava, Irene entregou-lhe o embrulhinho que a mãe enviara pelo motorista. Quando o abriu, a costureira encontrou uma pequena medalha, em tudo semelhante à que Irene trazia ao peito.

— A minha mãe pediu que me costure um vestido para a noite da Consoada, e envia a medalha como pagamento adiantado.

Deolinda, emocionada, estendeu o braço a Lena. Puxou-a para os joelhos e pôs-lhe a medalha ao pescoço. Depois, roçando o nariz por um instante no pescoço da filha, sorriu a Irene:

— Será o vestido mais bonito de sempre — prometeu.

Lisboa, julho de 1947

A Irene levantou-se e foi até à janela, onde cruzou os braços como haveria de fazer muitas vezes. Lá fora, ouvia-se o zumbido dos besouros em torno da fonte do tritão. Como a janela estava entreaberta, chegava-nos o perfume das rosas silvestres e de um verão encarniçado e longe de findar.

— A mãe dela era de uma beleza estonteante.

— E a sua, com tantos meios, não conseguia ser ainda mais bela?

— A minha mãe tinha mais de 60 anos, senhor Almeida. — Soou brusca, como se eu tivesse o dever de saber que a mulher que a acompanhara a casa dos Sousa já não tinha nada do viço da juventude. — As esmeraldas, os rubis, o bom corte dos vestidos, as chávenas de *Ovomaltine* e o creme *Simon* ajudavam, mas não faziam milagres. Ainda está por descobrir a fórmula da juventude eterna, embora me pareça que nunca a indústria cosmética se empenhou tanto em encontrá-la como nesses anos. Na verdade, só soube ao certo a sua idade quando tive em mãos a sua certidão de óbito. Aí entendi que fiz a minha primeira comunhão no ano em que ela completou 62 anos.

Recordava-me bem da época a que a Irene se referia porque, nos meus desvarios de rapaz, fui desembocar por várias vezes nas casas menos aconselháveis da Mouraria, e registei, com espanto, a profusão de bálsamos, elixires, loções e cremes, por entre nuvens de pó de arroz, que cobriam aqueles toucadores. Por toda a parte, havia espelhos, mesmo de latão, mesmo rachados. As mulheres tinham ido buscar às francesas — ou assim se dizia —, a obsessão por uma cútis perfeita. As menos poupadas chegavam a anunciar que, além dos serviços habituais, distribuíam beijos perfumados, o que soava mais ou menos à toada promocional da pomada dentífrica *Benamôr*. Lembrome de que tudo lhes chegava de França, nessa altura, e com essa panóplia de

instrumentos para combater a fealdade e as aparências desleixadas, surgiu também a consciência do que eram rugas e manchas de pele, dentes feios e pilosidades em geral. A verdade é que as mulheres acorriam em bando a essas drogarias, ricas e pobres, e chego a crer que ser revendedor de *Leite de Rosas* deveria estar, à época, para o trolha de 1947. Haveria sempre emprego, e remunerado com dignidade.

— Pois é, França entrou diretamente para o toucador das mulheres portuguesas, nessa altura.

— E agora, para se dar um nome estrangeiro a um estabelecimento, há que pagar um extra. Há que valorizar a pátria.

Mostrei que a escutava com um sorriso ameno. Não iria entrar em politiquices com ela, até porque o engenheiro dera a entender que, quando levada pelo entusiasmo, poderia proferir as maiores barbaridades contra o regime.

— Ora, então, a mãe da nossa Lena era imensamente bonita. E que mais me conta?

— Também era muito protetora — acrescentou, semicerrando os olhos. Moveu-se até à mesinha de apoio e acendeu o terceiro cigarro que a vi fumar nesse encontro. — Mais tarde, soube que tinha perdido outros dois filhos. Uma menina, que tinha morrido de icterícia, e um menino, de umas febres. É natural que uma mãe se preocupasse com a sua única filha, mas cheguei a sentir-me exasperada por isso.

— A sua mãe não se preocupava tanto consigo?

— Preocupava-se quanto bastasse. Mas não éramos unha e carne, como elas as duas. E, contudo... — O sorriso era irónico, crítico. —... ela nunca dizia as coisas que deveria dizer à mãe, só lhe fazia queixumes.

— Agora, confundiu-me.

O que disse de seguida fez-me entender que o tom da nossa narrativa seria da maior franqueza:

— É dado a melindres, senhor Almeida? — Como neguei com a cabeça, longe de imaginar o que aí vinha, continuou: — Quando sangrou pela primeira vez, por exemplo, e apesar de a mãe já a ter alertado para essas particularidades do universo feminino, a Lena escondeu-lho.

Pelo que me dizia, sugeria que, numa boa relação entre mãe e filha, essas coisas eram partilhadas. Eu sempre imaginara que assim fosse, porque havia uma liga invisível entre a minha mãe e as suas irmãs, da qual eu, como único homem da casa depois da morte do meu pai, estava irremediavelmente excluído.

— Esconder-lho foi uma parvoíce, porque o que aconteceu é que a mãe,

quando a foi acordar para a escola, deu com os lençóis sujos e assustou-se. Com os gritos, até acorreram o pai e o avô, que por essa hora já começava a arrastar o banco para a porta, para ficar a ver quem passasse durante o dia. Ela chorou de humilhação, mas contou-mo com naturalidade. Perguntei-lhe porque não tinha contado à mãe do mesmo modo, mas ela encolheu os ombros e olhou para os pés. Fazia isso muitas vezes quando nem ela encontrava uma explicação para o que fazia.

— Era tímida, talvez?

— Para com a mãe, apenas. Sentia a obrigação de ser perfeita a seus olhos.

A mãe acabou por lavar os lençóis e por lhe coser uns pantalões justos, que começou a usar por debaixo das saias nessa altura do mês. A Irene demorou a estar menstruada, ao ponto de julgar que não iria acontecer consigo. A mãe dizia-lhe que tivesse paciência, que acabaria por acontecer. Era algo a que as mulheres não podiam escapar, porque estava no cerne da sua natureza. Entretanto, a Lena tinha peito e ancas curvilíneas, e ela assemelhava-se cada vez mais a um rapazinho, um pequeno pajem.

— Com o ensino primário complementar quase a terminar, ouvimos a mãe da Lena dizer a uma vizinha que a Lena não iria continuar a estudar, porque não iria valer-lhe de nada. Iria começar a ensinar-lhe costura e, juntas, iriam duplicar as encomendas, substituir as telhas da casa e, depois, acrescentar um quarto mais amplo nas traseiras, para a Lena poder viver com eles quando se casasse e comesse a ter filhos.

— Ajude-me a entender onde estamos. Teriam uns 12 anos?

— Sim, tínhamos 12 anos quando terminámos o Ensino Primário Geral. Era hora de pensar nos estudos superiores, que iam até aos 15 anos. A mãe da Lena não se opôs a que ela estudasse para o exame. Penso que tinha esperança de que ela reprovasse e o assunto ficasse assim resolvido, sem ter de contrariar a filha. Ainda assim, passámos no exame, eu com menos dificuldades do que a Lena. Na altura, os outros pensavam que era porque eu tinha um tutor privado, mas é mentira. Não tinha nenhum tutor, em casa só brincava. Mesmo a mamã dizia que, em casa, era só para brincar. Com 12 anos, ainda brincava com as minhas bonecas.

— E sempre avançou para os estudos primários superiores?

— Sim, eurgia convencer os pais da Lena a deixarem-na vir comigo. Havia outros colegas que transitaram connosco. O Henrique Simões, claro, porque o pai queria passar-lhe a tipografia e o jornal que tinha acabado de fundar. A Luisinha, porque a mãe viu na escola um amparo para toda a família. A Rosa, de quem falaremos bastante, cuja mãe era criada do diretor e, por isso, foi incitada a continuar a sua instrução. A maioria, no entanto, já tinha

abandonado a escola há muito, e outros nem compareceram ao exame.

Foi por esse motivo que a Lena e os pais se viram recebidos por um criado de libré no palacete dos Silva. Ao empurrar o portão, tinham avançado com cuidado para não destruir a geometria dos arbustos e canteiros plantados e, quando tocaram à campainha e o criado veio abrir de luvas e botões de punho, ficaram muito impressionados.

— Eu própria quis impressioná-los. A mamã avisou-me de que poderiam ficar assustados com tanta formalidade, mas eu achava que era um gesto de desconsideração para com eles recebê-los como se fossem diferentes das outras visitas. Por isso, havia flores e champanhe nessa noite em que foram jantar lá a casa. — Ia ajeitando a bainha da saia com a mão livre, enquanto a outra se apoiava no braço da cadeira, de cigarro suspenso. — Tudo bem que a mãe, durante a minha infância, só recebia a nobreza caída de Lisboa. Era tudo gente cujo pai ou o avô tinha sido barão ou visconde, alguns diziam-se aparentados com o duque de Saldanha, outros com o visconde de Valmor, e por aí adiante. Mas, nessa altura, esses títulos valiam tanto como as moedas de reais que guardavam nas caixas vazias dos faqueiros que iam delapidando, peça a peça, ali no Campo de Santa Clara. As suas fortunas estavam espalhadas pelas casas de penhores.

— Porque não estudou num colégio privado, Irene? A sua mãe tinha, com certeza, meios para lho proporcionar.

— Estive quase a entrar para o Colégio Inglês, mas, quando a mamã me levou a conhecer o espaço, e vi a formalidade dos modos daquela gente... É que eu vim do nada, senhor Almeida. Aos quatro anos, ainda comia sentada no chão, e isto se houvesse o que comer. Por isso, aos sete, não estava ainda preparada para acompanhar os bons modos de meninas que tinham tido mestres e tutores de Francês desde o berço. Nem tão-pouco sabia uma palavra de uma outra língua, ou da minha. Era corrigida a cada vez que abria a boca.

VIII

Aos 12 anos, a Irene continuava a não estar preparada para um colégio particular. Mais tarde, se conseguisse poli-la o suficiente para poder sentá-la à mesa com a descendência dessa fidalguia arruinada, a mãe estaria sempre a tempo de lhe formalizar a matrícula num dos muitos colégios para meninas de posses que iam sendo inaugurados na capital.

— Mas por causa da Lena, claro, recusei-me sempre a sair da escola pública. Quando foi o episódio da merenda, a mamã fechou-se no quarto, a chorar. É que ela tinha jurado, na primeira noite que dormi lá em casa, enquanto esfregava o surro das minhas mãos e dos meus joelhos, que eu nunca mais voltaria a andar descalça, ou a passar fome. Nessa altura, ainda não sabia que mais tarde havia de fazer uma amiga, mas repare em como eu estava entre dois mundos. Os pobres desdenhavam de mim por ter o que comer a meio da manhã, e por não me prestar a saltar muros para ir à chinchada, e os ricos torciam o nariz quando o garfo me escorregava da mão. É claro que me aceitaram por causa da mamã, porque ela fazia saraus de janelas abertas, no verão, e por toda a rua se ouvia o cravo e os risos dos seus convidados. Quando os republicanos e anarquistas andavam por aí a incendiar a cidade, e a meter bombas até na Capela de Nossa Senhora de Fátima, em casa da mamã continuou-se a cantar e a dançar.

A expressão transbordava de saudade e de emoção. Foi-me evidente que tinha amado muito a senhora que a acolhera em sua casa, em circunstâncias que eu ainda estava por descobrir. O olhar animou-se quando me encontrou a expressão apática de ouvinte atento:

— Houve uma grande interrupção nas festas que ela costumava dar na época em que a menina da Cova da Iria adoeceu. Lembra-se de ouvir falar nisso? O velório foi a dois passos da nossa porta.

Eu sabia a que se referia, porque na altura escrevera pequenas peças para o *Diário de Notícias*, e o Alfredo da Cunha quis que um de nós falasse com o hospital e conseguisse notícias do estado da menina. Perdi a oportunidade para um colega mais velho e mais próximo do administrador.

— Quando o peditório chegou à nossa porta, para ajudar nas despesas da viagem desde o lugar minúsculo de Aljustrel até cá, a mamã deu-lhes a maquia que considerou justa e, no dia seguinte, soube-se que a menina já tinha dado entrada no hospital. Não consigo imaginar a D. Estefânia, do Além, a tomar conhecimento de que também para dar entrada no seu hospital das crianças aflitas era preciso ultrapassar miudezas económicas, mas assim foi. Todas as noites, rezávamos por ela, e a mamã tinha uma fé inabalável em como Nossa Senhora iria protegê-la da morte. Mas não protegeu, pois não? E também isso me mudou.

Começava a sentir-me desconfortável. Estávamos naqueles assentos há horas, eu sem me mover e ela a levantar-se, de vez em quando, para ir à janela expelir o fumo, ou para caminhar até à lareira e passar a vista pelos retratos na consola. Mesmo assim, não encontrava forças para me impacientar. Ouvi-la era um prazer esquivo, e parecia compensar todos os passeios que estava a perder e todos os conhecidos que gostaria de ter revisto e que, devido à sua monopolização do meu tempo, deixei morrer sem rever.

— Quando nos chegou a notícia de que a menina tinha morrido... Não imagina a devastação da minha mãe. Foi como se o Céu lhe tivesse virado as costas, e olhava-me como se eu pudesse finar-me a qualquer instante. A Lena disse-me que a mãe se tornou ainda mais protetora a partir daí, porque também ela tinha cosido saíotes e camisas noite dentro para poder contribuir para curar a pobre criança, e também ela estava convicta de que a Virgem só queria de nós um esforço conjunto para conceder o milagre. Quando se entendeu que nem as crianças a quem Nossa Senhora tinha ensinado a rezar estavam a salvo da desgraça, houve muitas mães que caíram em desespero. Ainda assim, respirava-se uma esperança, como se, tratando-se de coisas do Além, ainda pudesse haver um revés naqueles acontecimentos.

Os meus colegas protestantes tinham o maior interesse em compreender como é que, em pleno século XX, a Igreja Católica continuava a produzir santos e mártires, ou mesmo milagres com tamanho número de testemunhas. Entendi que nos tomavam a todos por tolos e, de tanto me desvincular dos acontecimentos, acabei por arrumá-los de vez na gaveta do inconcebível.

— Fomos também nós velar a Jacinta na Igreja dos Anjos. A igreja ficava a dois passos da nossa casa e ainda cheirava a nova, acredita? — Continuou: — A pedra ainda era de um branco imaculado, e talvez fosse fruto de uma

extraordinária sorte temporal. Lembro-me de que surgiu à tangente da República, e que já éramos todos democratas e ainda iam chegando painéis de talha dourada para a embonocar. A mamã fazia questão de lá ir à missa, porque quanto mais a República perseguia os padres, mais ela se lhes juntava, como que para deixar claro que teria preferido um Manuel II despreparado àquele bando de corvos que nunca tinham sequer gerido uma cozinha. — Revivia a paixão com que a mãe, com certeza, se opôs ao novo regime. — Durante o velório, lembro-me de que os rostos dos anjos que tocavam corneta em cima da nossa cabeça me pareciam muito corados, como se o fenómeno do calor que fazia lá dentro, com tanta gente, também os afligisse. É que a igreja é assim maneirinha, mal havia espaço para todos. Não me espantava que o bafo da nossa respiração conjunta derretesse a tinta nova.

Mais tarde, correu o boato de que o sacristão cortara uma madeixa do cabelo da menina, e que outros crentes, vendo-se em ocasiões a sós com o corpo exposto, aproveitaram para lhe sentir a gelidez da morte, para lhe acariciar o cabelo, para lhe aproximar espelhos do nariz e concluir que o milagre da Ressurreição ainda não se dera.

— Pensando bem, acho que estávamos ali sentadas, com os véus na cabeça e os xales nas costas — porque chuviscava quando para lá se dirigiram —, à espera de um pouco de Nossa Senhora. Estávamos a ver se ela faria um outro milagre só para nós, e, para isso, era imprescindível que acreditássemos. De olhos postos na defunta imóvel, acreditei durante alguns dias. Acreditei mesmo quando já nem as flores e as velas disfarçavam a circunstância de que o corpo se degradava diante dos nossos olhos. E depois, quando a levaram para a meterem num vagão e a devolverem a Ourém, deixei de acreditar. Desacreditei para sempre.

— Em Nossa Senhora?

— Não, nisso de as crianças terem tido qualquer contacto com o divino.

Não podia censurá-la. Eu próprio não me deixo convencer pela história do Milagre, apesar do grande número de colegas jornalistas que se exaltaram ao falar do momento em que garantiam ter visto o Sol bailar, depois de uma manhã de borrasca numa cova enlameada.

— Posso perguntar-lhe, nesse caso, porque frequentam a Igreja de Nossa Senhora de Fátima?

— O meu marido distrai-se com os vitrais e eu, pelo menos, sei que ali não tenho tentações de acreditar em coisa alguma.

— Mas...

Arqueou as sobrancelhas e encolheu os ombros, e eu, apesar de não ser grande espingarda com subtilezas, entendi.

Há que manter as aparências.

— Voltando à Lena — suspirou —, o jantar teve dois efeitos, um dos quais só soube anos mais tarde. Um foi o de convencer a mãe dela a deixá-la seguir comigo para o ensino primário superior, ainda que não lhe visse proveito. Podia sempre costurar quando voltasse das aulas, até porque só tinham uma *Singer*. O outro foi o de se terem sentido diminuídos e humilhados porque, também a meu pedido, a mamã tinha posto o colar de pérolas e servido uma refeição à francesa que os atordoou.

Até àquele momento, os Sousa apenas haviam visto duas crianças sentadas na beira do chafariz, com bonecas de trapos e cabelos entrançados de igual modo. A Lena também vestia bem, porque a mãe aproveitava qualquer sobra de fazendas para lhe costurar vestidos novos, que depois passava com o ferro a carvão e que também lavava com muito cuidado, sem desfazer as costuras nem prejudicar a cor dos padrões. Mas, desde essa noite estival — em que o senhor Sousa provou champanhe pela primeira vez e disse que sentia as bolhinhas no nariz, no bigode e por toda a cabeça, e em que a Deolinda Sousa lhe pediu que não se risse tão alto, sem que os restantes ouvissem, e em que a Lena viu o quarto da Irene, atafalhado de tarecos e com uma mesinha de apoio sobre a qual se erguia uma magnífica mansão de marfim, madeira e osso para bonecas, que o marido da senhora Silva trouxera de Macau numa das suas viagens —, as coisas mudaram.

— Quando a minha mãe estendeu uma taça de champanhe à mãe da Lena, e a ouvi dizer que uma senhora não deve beber, entendi que tínhamos chegado a um impasse. Os velhos costumes de austeridade e comedimento dos Sousa não se coadunavam com a vida de luxo e aparentes excessos da minha mãe, que ainda por cima era viúva. De modo que nem os vestidos pretos com que sempre vi a minha mãe, ou a minha inaptidão para tocar cravo, o que me destituía do título de menina exemplar, amenizaram essa percepção com que os Sousa nos deixaram nesse serão. A de que éramos de mundos diferentes, e de que a minha amizade com a Lena era quase uma inconveniência.

— Foram afastadas?

— Não, não. Conseguimos criar uma dinâmica em que continuámos a frequentar a casa de uma e de outra, e a minha mãe elogiou tanto o vestido da mãe da Lena, nessa *soirée*, que a contratou como sua modista. Ela era muito competente, e foi sempre, enquanto a vista lho permitiu.

— Mas diz que as coisas mudaram.

— Sim — reafirmou, e acendeu o quarto cigarro. — Como lhe disse, a minha mãe podia ter-se ofendido com a insinuação da mãe da Lena, ou com

o comportamento impróprio do senhor Sousa, que a dada altura se pôs a remexer na grafonola para entender como funcionava, de onde nascia o som. Coisas que só interessavam a bêbedos, porque o aparelho não era nenhuma novidade. — Soprou o fumo, com aparente à-vontade. Não eram recordações que lhe doessem, entendi. — A Lena esteve uns dias emburrada, e eu não sabia porquê. Um dia, começou a chorar à minha frente, e disse que tinha ficado triste por saber que eu tinha tantas bonecas e nunca tinha levado nenhuma para brincarmos.

Lisboa, 1921

Irene tentava separar ao máximo os seus dois mundos. Se o brioche causava tantas peripécias, o que dizer se surgisse na escola com uma boneca de chapéu e cabelo aos canudos? Por essa altura, começavam a deixar a infância para trás, e as conversas já não giravam apenas em torno da escola, da professora, da *Cartilha Maternal*, das costuras e das meias que iam rasgando no recreio. Falavam da menstruação, que continuava a tardar para Irene, de como Henrique Simões se transformava num jovem bem-apessoado, alto e de voz quebrada pela puberdade, e, no início do novo ano letivo, em que uma carta da senhora Silva lhes garantiu que seriam colegas, falavam também das suas atrizes favoritas do cinema mudo e de Rosa Santos, a nova colega cuja existência importa destacar.

Rosa era filha de uma criada que servia na casa do diretor da escola que acabavam de abandonar, e essa relação, que todos conheciam, sempre deixara a jovem em xeque no recreio. Mas Rosa não se vexava quando os garotos lhe insultavam a mãe trabalhadeira ou o rosto devastado pelas borbulhas daquela idade ingrata. Por outro lado, perdia as estribeiras se lhe perguntassem pela saúde da mãe, e logo de seguida pela do diretor. Apesar de jovem na altura, conseguia ler a malícia implícita naquelas insinuações. Também o pai de Rosa a embaraçava porque, numa ocasião, por azar, o pai de Rosa, que andava pelo Rossio com uma cabra atrelada ao pulso, a vender-lhe o leite a quem passasse, foi visto a beber da teta da caprina, com o líquido ainda morno a escorrer-lhe dos queixos, e também disso se riam os rapazes.

Lisboa, julho de 1947

Quando Teresa Villanova abriu a boca para defender Rosa, Lena atirou-lhe que não tinha de se meter. Encararam-se como duas estranhas.

— Nessas ocasiões, eu punha-me à parte. Não me apetecia rir-me nem estar por perto quando tomavam algum miúdo de ponta. A Teresa também continuou a estudar, porque o pai não sabia que mais fazer com a filha. Como não era precisa em casa, continuou sentada na sala de aula. Mas lembro-me de que me fez confusão que a Lena tivesse sido tão amiga da Teresa e a olhasse como se nem a conhecesse. Quando a Lena se apercebeu de que os sapatos da Teresa tinham as costuras a ceder, fez questão de que toda a gente soubesse, e eu olhava-a e perguntava-me onde estava a Lena que tinha pena de mim quando os outros eram maus. Ela respondeu que era diferente, porque a Teresa lhe tinha feito mal. Na altura, até me lembrei de que, muitos anos antes, quando a professora nos disse que uma menina, não estou agora a ver o nome, se tinha queimado ao virar um caldeirão de água a ferver, e ia ficar em casa durante algumas semanas, a Lena é que disse para irmos visitá-la. Nem sequer éramos muito amigas dela, mas fomos em bando. Agora, penso que, se calhar, foi por curiosidade, porque o espetáculo das bolhas, e depois da carne encarniçada, mais tarde em clara putrefação, nos concedeu uma folga da rotina. E a menina morreu, e eu preferia nunca a ter visto deitada na enxerga, a dois braços do lume com que se tinha queimado, porque não sobejava espaço naquele casebre. E, claro, a história do aviado para a família da Luisinha. — Esboçou um sorriso pesaroso. — Fiquei convencida de que a Lena era o tipo de pessoa cujo coração também bate pelos outros.

— E não era?

— Não, sempre foi muito egoísta.

— Mas estendeu-lhe o ramo de oliveira quando mais ninguém lhe fazia companhia na escola.

— Pois é, mas quando, anos depois, troquei três palavras com a Teresa Villanova, ela explicou-me que as duas estavam muito chateadas nessa altura, e que a Lena já a tinha avisado de que iria arranjar uma nova amiga.

— Soa-me tudo tão infantil... — admiti, sem querer melindrá-la.

Para minha surpresa, ela riu-se e apagou o cigarro.

— *Eureka!* O problema é que nunca deixou de ser infantil. É claro que, com a idade, fui entendendo que os dramas haveriam de se arrastar pelos nossos noivados e casamentos adentro. Só nunca pensei que seriam em doses tão altas.

IX

Lisboa, 1923

Não conseguia entender que espécie de mal pode uma criança de 12 anos fazer a outra, mas a verdade é que aquela era a versão que Lena defendia: Teresa ofendera-a e, em parte, Lena também continuava ofendida por causa da história das bonecas que Irene ocultara possuir. De modo que um dia em que Rosa se viu rodeada pelos gozões do costume no pátio, apontou para Lena a fim de desviar as atenções de si:

— E a Lena, que só é amiga da Irene porque ela vive num casarão?

Lena pôs-se rubra, encarnou o espírito bairrista que resolvia as quezílias à pancada por aquelas latitudes, e berrou a Rosa:

— E tu, que tens uma mãe que se deita com o diretor?

Foi a vez de Rosa ficar encarniçada, cerrou os punhos e pareceu incendiar-se de ira. Nunca ninguém fora tão direto quanto às acusações que pairavam sobre a respeitabilidade da sua mãe.

Irene, que nunca ouvira aquela expressão, sibilou a Lena:

— O que vem a ser isso?

— Sei lá — retrucou a outra. — É o que se diz.

Rosa atravessou o pátio em passadas de gigante, as mãos cerradas em punhos. As duas acabaram por se envolver numa luta que as fez rebolar pelo chão de terra seca, e Irene, horrorizada pela barbárie, separou-as por entre nuvens de poeira.

— Defendo-te e é assim que me pagas? — atirou-lhe Lena, quando se desemaranhou das investidas de Rosa. — Nunca mais tornes a dirigir-me a palavra.

Irene não soube o que responder. Não sabia como defender-se de uma acusação sem nexos

Juraram nunca mais falar uma à outra.

Quanto a mim, continuava sem perceber porque é que ela tinha tanta necessidade de partilhar aquelas desventuras habituais de menina, que à luz de outras que carregavam caldeirões de água fervente maiores do que o seu tamanho, ou de muitos outros que morriam queimados pelas lareiras quando deixados sozinhos em casa pelos parentes, me pareciam miudezas de menina favorecida.

Foi nessa primavera que Lena, enfurecida sem motivo pelo episódio com Rosa, se aproximou de Luísa, e, juntas, observavam Irene e Rosa com ressentimento.

De tanto passar tempo com Lena, Irene viu-se sozinha na sala de aula e pelos corredores da escola. Também Rosa andava sozinha, sempre pronta para se defender de quem procurava ofendê-la. Foi natural que, volvidos alguns dias de deambulações solitárias, Rosa viesse sentar-se ao lado de Irene no recreio.

— Não tenho vergonha de que a minha mãe trabalhe na casa do diretor — atirou, quando se sentaram à sombra, sem outro tema a debater. — Na semana passada, vi que ficaste a sangrar do nariz depois de nos separares. Fui eu que te acertei?

— Não sei — admitiu. — Mas isso também não interessa.

— Se queres a minha opinião, estás melhor sozinha do que na companhia dessa Lena.

— A Lena é a minha melhor amiga — garantiu Irene, que se recusava a ser desleal, embora nunca tivessem passado tanto tempo sem se falarem.

— Mesmo assim, vieste em meu auxílio.

— Nada disso. Só não gosto de cegadas.

— Seja como for, acabaste por me ajudar. Se tivesse rasgado o vestido, a minha mãe assentava-me o pau da vassoura.

Depois daquele episódio, Lena seguiu sem lhe falar durante alguns meses. Irene sentia a sua falta, pôs-se melancólica e escondeu da mãe o verdadeiro motivo da sua tristeza. Tinha saudades do tempo em que entrançavam o cabelo uma à outra, junto do chafariz onde as mulas iam beber. Também tinham cultivado o hábito de fazer os deveres juntas, tantas vezes sentadas à

porta de Lena, com o avô a alinhar rimas populares ao acaso, que depois nunca recordava porque via mal e não sabia escrever.

Pensou em enviar-lhe um bilhete. Acabou por conseguir que Henrique Simões, com quem simpatizava ligeiramente, agarrasse no papelinho onde escrevinhara «Dizes-me só porque é que não falas comigo?» e promettesse fazê-lo chegar a Lena. Não era o tipo de favor que pudesse pedir a Rosa, que se melindrava quando o assunto era a filha da costureira. Como o bilhete não resultasse, ocorreu-lhe mandar-lhe um moço de fretes com uma boneca de presente, mas receava ofendê-la. Lena já era uma mulher, ela ainda não. Se calhar, já não gostava de bonecas. Se calhar, no ano seguinte, iria deixar a escola, começar a costurar para fora, e nunca mais voltariam a ver-se nem a falar-se. Tudo isso lhe pesava no coração. Sentia que já perdera demasiadas pessoas importantes na vida — mesmo sem saber especificar quem, além do pai, mas havia um vazio dentro de si que, mais tarde, só soube preencher com o fado.

Guardava com especial carinho a memória de um sábado em que tinham chegado à conclusão de que queriam cortar o cabelo, parecer-se uma com a outra e com as mulheres de cabelo curto e ondulado que surgiam por toda a parte, em cartazes de produtos femininos. Deolinda pegou na tesoura de costura e, certificando-se de que Irene garantia que a senhora Silva não se opunha, cortou-lhes os cabelos com a graça de uma mulher habituada às modas. Por toda a casa, tinha recortes de revistas com ilustrações de vestidos de senhora, que caíam a direito até meio da canela. Em todas, era invariável o corte de cabelo à *la garçonne*. Quando se apresentou em casa, com a trança suspensa da mão fechada, Maria Ana Silva começou por ficar horrorizada, mas depois, experimentando-lhe as pontas do cabelo com os dedos de unhas cuidadas, chamou um *coiffeur* e exigiu o mesmo tratamento. O homem desfez-lhe o coque diante do espelho e deu-lhe uma tesourada ao cabelo que entranchava todas as manhãs. Mãe e filha — que não o eram de facto, como a nossa cantadeira já me adiantara —, riram-se e deram um passeio pelos Grandes Armazéns do Chiado, estouvadas pela constatação de estarem na vanguarda dos tempos.

Lisboa, julho de 1947

— Quando também eu me tornei uma senhora, contei à Rosa, e depois à Lena. Era demasiado importante para não lho dizer, mas sabia que não era assunto que devêssemos discutir. Senti-me muito transgressora, e a Rosa até

tinha corado e pedido que me calasse quando lhe falei daquilo. Depois, a custo, lá me contou de como tinha sido com ela. Apanhei a Lena no recreio, estendi-lhe o vestido de lã de uma das minhas bonecas de porcelana, para que pudesse vesti-lo às suas de trapos, caso ainda lhe interessassem, e contei-lhe que já éramos as duas senhoras. Nalgumas culturas, até já poderíamos casar-nos. «Gostava que fosses ao meu banquete de copo-d'água», disse-lhe, e olhe que estava a conter-me para não chorar. Vi-lhe a boquinha em forma de coração a tremelicar e, depois, os olhos encheram-se de lágrimas, e abraçámo-nos.

— Lá se foram a Rosa e a Luísa — graciei, e lá fora o Sol ameaçava pôr-se.

— Nada disso, aos poucos, conseguimos interceder umas pelas outras e lá nos juntámos. Chegámos a rir-nos das zangas.

Ela não pôde acrescentar mais nada, porque a porta se abriu e a pequena Júlia regressou do passeio na Avenida, e vinha de sapatos empoeirados e rosto tisonado.

— Tiraste o chapéu? — rallhou a Irene, quando ela lhe subiu para o colo e lhe passou os braços pelo pescoço. — Tens as faces a escaldarem.

A ama segurava o próprio chapelinho à porta, sem se atrever a entrar.

— Pedi-lhe que batesse primeiro, minha senhora.

A Irene dispensou-a com um gesto e um suspiro. Era evidente que conhecia bem a filha.

Despedimo-nos e ela tentou oferecer-me um copo de refresco, que recusei. Saí da sua casa e não cheguei a fechar o portão, porque o engenheiro acabara de encostar ao passeio o seu *Citroën* de sete cavalos, um modelo muito prestigiado no estrangeiro mas que, em Portugal, acabou conhecido por *arrastadeira*. Era de cor creme e estava coberto da fina poeira que nublava o ar estival, e também de salpicos inconfundíveis de cimento. Percebi que o seu proprietário costumava dar a volta à cidade ao seu volante, pelos bairros menos recomendáveis antes de os demolir e, depois, pelas novas estradas que ia abrindo. Levantou o chapéu para me cumprimentar, e ficámos diante do seu palacete, eu derreado dos ossos, ele sorridente como se viesse de uma tarde de tertúlia literária:

— Já vai, senhor Almeida?

— É quase hora de jantar e o restaurante do hotel fecha cedo.

— Não quer ficar para comer connosco? Os rapazes devem estar a chegar.

— Já dei trabalho que baste, mas agradeço-lhe a amabilidade.

Passei por ele e vi as pessoas ao fundo da rua, apinhadas no ponto onde o elétrico que me levaria ao Largo de Camões haveria de passar. Dei início a uma marcha em passo acelerado, que esperava que não me roubasse um grão de dignidade. Ainda assim, senti-me vexado quando lhe ouvi a voz meiga nas costas:

— Regressa amanhã?

— A sua senhora assim mo pediu!

E não olhei para trás, porque me pareceu que se ria.

X

Lisboa, julho de 1947

Na manhã seguinte, o jornal com o qual me entretive enquanto tomava o primeiro café do dia noticiava a visita de D. Eva Duarte Perón a Portugal, com especial destaque para um almoço que tivera lugar em Sintra dois dias antes. A esbelta senhora, vestida de branco, surgia no retrato a apertar a mão ao ministro dos Negócios Estrangeiros. Vinha também uma nota elogiosa ao serviço que a Pastelaria Bernard prestara ao país e à ilustre visita, ao fornecer os comes e bebes do encontro. Dei-me conta de que, apesar de me encontrar de férias, estava a perder assuntos interessantes que iam tendo lugar no país, e que me permitiriam elaborar alguns artigos de opinião quando regressasse à minha secretária no semanário inglês. Um jornalista nunca pode permitir-se ser surpreendido por aquele tipo de notícia, mas a verdade é que, desde que chegara, mal sabia a quantas andava. O meu único compromisso parecia ser o de comparecer ao concerto da Irene Silva Vaz.

Almocei com um jornalista castelhano que também estava lá hospedado. Alguma coisa no modo como folheávamos o jornal denunciou a ocupação de um e do outro como sendo a mesma, pelo que quando pedi um aperitivo e ele me abordou, acabei por convidá-lo a sentar-se. A conversa decorreu enquanto degustávamos a galinha tenra que o *garçon* nos sugerira. No final, ofereci-me para pagar a conta. Quando recebi o talão, considerei que não poderia permitir-me muitos mais desvarios daquela ordem. Afinal, dispunha apenas de um salário como jornalista e, entre o carro de aluguer e o dispendioso almoço para dois, quase desbaratara o orçamento para três dias. Como era possível que Lisboa estivesse a tornar-se tão cara?

A cidade era então num exílio confortável, de ventos fracos e clima ameno, e belos casarões nasciam ao longo de toda a linha férrea, do Estoril a Cascais. Não planeava partir sem empreender essa viagem, mas para essa tarde planeava acompanhar a Irene à Estufa Fria, onde me garantiu que estaríamos a salvo do calor.

Com o consolo de que, em breve, estaria por entre fetos e trepadeiras, apanhei o elétrico e saí junto ao Marquês, à semelhança do primeiro dia e de outros tais. A dada altura, o engenheiro chegou a perguntar-me se desejava que pusesse ao meu dispor um carro da família, posto que a mãe não tinha por hábito sair, e que o pai, fragilizado pelas cataratas, já não conduzia. Garanti-lhe que, se visse necessidade de lho pedir, não me coibiria de o fazer, mas ainda precisava de retribuir a hospitalidade com que me tinham recebido na sua casa, e perguntei-lhes como poderia fazê-lo. Parecia-me que tinham tudo. Como agradeceram com gestos vagos, soube que teria de me valer da imaginação para os agradecer antes da minha partida.

A Irene estava muito bonita nesse terceiro encontro. O cabelo apresentava-se encrespado como de costume, mas estava limpo e afastado da fronte ampla por travessões de pérolas. Pusera o batom vermelho e um vestido azul, que lhe cingia com elegância a cintura delgada. A pequena Júlia abraçou-se-lhe às pernas e pediu para nos acompanhar à Estufa Fria, mas a mãe explicou-lhe que precisava de falar com o senhor Almeida e afastou-a com firmeza da saia. Era evidente que lhe tinha um amor incomensurável, mas não era mulher de cedências sentimentais.

Avançámos para a saída pouco depois de eu chegar, e a governanta veio a correr devolver-me o chapéu. A Irene plantou no cabelo o seu chapéu claro e de abas largas, valendo-se de ganchos e do espelho do átrio para melhor adequar o ângulo como lhe caía no rosto. Voltou-se para mim e sorriu, parecendo-me quase juvenil:

— Que tal estou?

— Melhor que a D. Eva Perón!

Ela soltou uma gargalhada que ecoou no átrio, do chão marmoreado ao teto em caixotões.

Quando atravessámos a porta, e a governanta a fechou nas nossas costas, julguei ouvir a Irene dizer que somos um povo subserviente. Não me embrenhei mais naquele assunto, porque tinha pouco a acrescentar. Podia apenas concordar que Eva, conforme os jornais a retratavam, era de uma beleza avassaladora. A languidez dos olhos de menina, o sorriso generoso e a postura ativa de mulher de poder, que, no entanto, conhecera a miséria... Na altura, sou capaz de ter suspirado um pouco por ela.

Caminhámos sem pressa, mesmo porque eu fizera questão de chegar depois das quatro, hora em que se esperava que o Sol deixasse de queimar com tanto afínco, mas continuava a estar impossivelmente quente. Os calceteiros iam quase no fim da rua, a Irene esclareceu-me a respeito dos seus horários. Começavam antes do nascer do sol, por causa do calor. Faziam uma longa pausa para almoço — por causa dos desmaios que alguns deles tinham sofrido ao meio-dia —, monitorizada pelo chefe da obra, e regressavam por aquela hora. Estava quase terminado o passeio.

Quando nos vimos à sombra de uns plátanos, e ouvimos o chilrear dos pássaros, a Irene explicou que estávamos a chegar.

— Isto foi uma pedreira, não sei se sabia.

— Não domino os segredos da capital — admiti, demasiado ofegante para dizer muito mais.

— E eu muito menos, o Rafael é que sabe onde é que havia pedreiras, ribeiras, por aí fora. Adora paisagismo, aquele homem. Ele disse que vão tentar fazer uma galeria aqui por baixo, uma espécie de átrio, e que será fresco. Interessa-se por plantas, senhor Almeida?

— Tive de me interessar, fui obrigado a cobrir uns quantos eventos de jardinagem.

Ela parecia bem-disposta e caminhava bem. Era uma mulher franzina, mas que aparentava grande vitalidade. Era uma sorte que não tivesse ficado com a cintura deformada e as coxas expandidas pela circunstância da maternidade. Se a apanhássemos distraída — como quando se pôs a apontar umas folhas grossas que pareciam nenúfares fora de água, e me disse que aquilo eram as famosas begónias, com as quais eu me teria decerto cruzado nalguma peça literária —, era fácil acreditar que acabava de sair do liceu. Julguei estar ali com a Irene da história que me ia confiando a seu ritmo, e acabei por dizer-lho quando encontrei fôlego para falar:

— Estarei errado, se considerar que não mudou muito desde os tempos de liceu?

— Nunca fui para o liceu. Aí, sim, já não via utilidade nos estudos.

— Muito bem, mas parece muito jovem. Não entendo porque exalta tanto a beleza da sua amiga se com certeza não lhe fica atrás.

— Agradeço o elogio, senhor Almeida. — Juntou as mãos no colo, não por acanhamento, mas porque entendi que ponderava sentar-se na beira de uma pequena fonte. — Soa um bocadinho desajeitado, mas agradeço. Vou admitir que acho que estou a ficar mais bonita com a idade. Se calhar, o creme *Simon* sempre faz milagres.

Não me surpreendia que, para uma mulher como ela, o tempo avançasse às

arrechuas, e dei por mim a suspirar:

— Ora, se a memória não me falha, ontem dizia-me que a sua amiga Lena lá a desculpou e voltaram a falar-se.

— Por favor, não repita isso — pediu, muito séria. — Eu não a ofendi de modo algum, exceto, talvez, com a sumptuosidade do jantar na minha casa. Mas era uma criança, não teria sabido fazer de outro modo. Queria honrá-los, e não os insultar. — Pôs os olhos na água que corria da fonte, em respingos dourados pelo Sol que as copas das palmeiras filtravam. — O pobre ofende-se mais do que o rico, não acha? O maior defeito do pobre é o orgulho. Julga sempre que há uma vileza oculta naquele que possui riqueza material. Eu cheguei a odiar os ricos, quando era miserável, e depois quase me vi a odiar os miseráveis, quando fiquei rica.

— Não quer explicar-me como ascendeu da sua condição de criança desfavorecida para protegida da senhora Silva?

Ela soltou um suspiro que me fez perceber que a subida também a cansara. Os sapatos eram de salto baixo, mas pareciam-me desconfortáveis. Pôs-se de pé e fomos caminhando por entre carreiros de terra, escalavrados entre vegetação rasteira. A sua voz chegava-me baixa, porque os pássaros estavam entretidos num chilrear ensurdecedor.

— A Lena voltou a falar-me, mas não era a mesma coisa. De vez em quando, dizia qualquer coisa que tinha o claro intento de me magoar. Só me magoava por isso. Insinuar que a minha mãe era um bocadinho velha, por exemplo. Com a maturidade, dei-me conta de que a Lena não era muito inteligente, que é como quem diz, cometia graves erros de juízo. Como o de não contar as coisas certas à mãe, quando deveria fazê-lo, ou como o de abrir a boca sobre coisas que não compreendia em contextos em que não deveria fazê-lo. Lembro-me de pensar como aquilo poderia ser perigoso, sobretudo para a nossa frágil amizade. A qualquer instante, poderia dizer qualquer coisa que fizesse a minha mãe recolher-se para o sigilo da nossa vida íntima, e exigir que eu lhe virasse as costas. Ou, por outro lado, ora dizia que eu devia ter uma vida muito aborrecida, por não me faltar nada, ora dizia que achava que eu só tinha servido champanhe naquele jantar para a família dela ficar a saber, sem sombra de dúvida, que éramos ricas, e eu tinha medo de que um dia os pais dela pudessem acreditar naqueles disparates. Eram boas pessoas, divertidos, o avô então era de morrer a rir, e estava sempre com ditos populares. Como é que ele dizia? Que até os cães agradecem a côdea que se lhes atira?

— Irene, o que me diz não me parece coisa de grande amizade. Alguém terá dito, nalgum tempo, que um verdadeiro amigo nunca se perde.

— Alguém terá dito isso, não duvido. Mas era toda a amizade que eu conhecia, e olhe que fomos amigas de verdade. Esses primeiros anos foram algo conturbados, porque eu não sabia o que podia dizer-lhe, visto que às vezes ela distorcia o que eu tinha dito. Também chocávamos um bocadinho, porque eu tinha muitos ciúmes dela com a Luísa, por exemplo. Não sei se está a ver, mas as duas pertenciam ao mesmo mundo, eu é que era de fora. O pai da Luísa era carpinteiro e a mãe, dona de casa e, de vez em quando, lavava roupa para fora. Os pais delas acabaram por se conhecer também, e às vezes via a mãe da Luísa assomar à porta, descalça, e a mãe da Lena parava de dar à manivela, calçava os tamancos e ia à porta levar-lhe a chávena de azeite que sabia que ela vinha buscar.

Silenciou-se e arrisquei sugerir:

— Vejo que está a precisar de uma bebida fresca, vamos até ao restaurante.

Percorremos os caminhos que ela conhecia bem, e sentámo-nos numa mesa à beira do lago, onde havia amas com crianças de suspensórios, e um grande grupo de homens em alegre cavaqueira. A Irene pediu uma *Pedras Salgadas*, e eu contentei-me com água mineral, porque a água portuguesa é o que mais me causa saudosismos lusitanos quando estou em Inglaterra.

— Isto é um oásis de frescura em Lisboa — observei, e ela assentiu.

— Devia vê-lo em tempo de aulas, cheio de estudantes com as capas e as guitarras.

Acendeu o primeiro cigarro da tarde e recostou-se no assento de ferro forjado. Passava uma brisa por entre a folhagem, e ela inclinou-se para trás, expondo o pescoço. Não, não podia dizer-se que fosse bonita, mas causava uma inquietação de alma a quem quer que nela pousasse a vista. Eu já não era jovem, mas há muito que não passava tanto tempo na companhia exclusiva de uma mulher, e dei por mim a pensar nas que tinham cruzado a minha vida.

— O avô da Lena gostava muito de mim — suspirou. — Anos depois, quando me dei ao trabalho de ir lá a casa tentar esclarecer as querelas, já ele mal se mexia no banco. Já não atirava os seus ditos a quem passava, nem assobiava às moças novas. Costumava pedir-lhes que lhe engomassem as calças, e dizia-o com uma malícia saudável, que punha até as mães a rirem-se. Nessa ocasião, ele agarrou-me quando saí de casa deles.

Lisboa, 1923

Apenas quando sentiu a aragem da rua é que Irene se permitiu soltar as

lágrimas que contivera enquanto discutia com Lena, que se recusava a sair do quarto. Por esse motivo, teve de expor os assuntos íntimos das duas, numa tentativa de evitar que Deolinda, que aplicava berloques num casaco de senhora que estava a terminar, entendesse a que se referiam. Quando sentiu a mão do velho senhor a detê-la, esperou que lhe pedisse que lhe engomasse as calças. Chegou a ensaiar o sorriso, mas já ele lhe dizia, sisudo:

— Olha que a minha neta parece que é parva, não lighes aos disparates que ela faz.

Lisboa, julho de 1947

A Irene, que se banhava no sol de julho, de maçãs do rosto alçadas para o astro-mor, indiferente às sardas e a outros males de pele, asseverou:

— Para mim, aquilo foi a prova de que o avô dela estava maluco, e de que os homens não entendem nada das mulheres, em nenhuma idade.

— Tendo em conta que há três dias que me fala desta Lena, parece-me que havia alguma verdade nas palavras do senhor.

Então, ela abriu os olhos na minha direção, e eram esplêndidos. Não eram castanhos, como tinha apontado na margem de uma página, se viesse a precisar de descrevê-la, mas âmbar. Atravessados de sol, eram claros e enormes, e transbordavam de ânsia:

— Não duvida de nada do que lhe conto, e nem do meu caráter por o fazer?

— Claro que não. — Não precisei de perscrutar o meu coração para encontrar a resposta.

— Eu podia ser uma mulher muito vil, e isto ser apenas um grande mexicano.

— Mas não é.

— Pois não sou, e o avô dela estava bastante lúcido. Teria poupado uns anos de vida se me tivesse dado ao trabalho de ouvi-lo.

Sorriu-me, satisfeita. Terminou de beber a água gasosa e de fumar o cigarro. Era uma combinação improvável, mas absteve-me de o comentar. Palpitava-me que ela cumpria a mais basilar convenção a custo, o que era de aplaudir.

— O único modo de recuperar a confiança da Lena, de que precisava para comer e dormir, era contar-lhe tudo a meu respeito.

Estávamos a chegar ao ponto fulcral que lhe cinzelou o caráter. Mantive-me sentado, muito quieto, de mãos nas pernas e sem me atrever sequer a dar

um golo na água. Tinha a nítida convicção de que, se uma pomba esvoaçasse, também o pensamento dela iria para outras paragens.

— Sobre a minha mãe não ser minha mãe, e eu não ser rica. Quer dizer, não ter nascido rica. Estive por um triz de andar por aí a pedir meio tostãozinho para o Santo António. Pensei que se a Lena e os pais soubessem que eu era ainda mais miserável do que eles, de nascimento, me sentissem menos distante. Me aceitassem melhor.

— Perdoe-me pela observação, mas parece-me que a Irene tinha tudo para ser feliz. Tinha o amor da sua mãe, o conforto de uma vida desafogada, possíveis amigos e pretendentes, quando a altura chegasse, entre as suas relações, dentro do seu estatuto social. Porquê apoquentar-se com essa Lena, que já lhe dava tantas dores de cabeça?

— Não sei. — E não sabia, porque no olhar só lhe vi o desalento da dúvida. — Mais tarde, tive pessoas a olharem para mim como, naquela altura, todos olhavam para a Lena. Era um sentimento de posse inexplicável, penso que por ela ser tão bonita, tão doce, tão recatada. Quando não estava a pelar-se com a Rosa por causa das atrizes favoritas do cinematógrafo, ou quando não lhe vinha à ideia a Teresa Villanova, era boa rapariga.

Mais tarde, ela admitiu que aquele mesmo raciocínio lhe cruzara várias vezes a mente: se tinha todas as ferramentas da sociedade à disposição, e se era evidente que uma tinha escamas e a outra penas, porque não se acomodar no seu meio e procurar satisfação nas atividades que poderiam tê-la contentado sem necessidade da aprovação nem da amizade de terceiros?

Olhou-me com grande seriedade, e entendi que, sem a distração do cigarro e das bebidas por beber, se prestava a dizer-me aquilo que tanta curiosidade me causava a seu respeito. Quem era, afinal, a menina que a senhora Silva levava para casa e criara como sua? A resposta que lhe bailava nos olhos e que a tornava algo vulnerável, sugeria que receava que eu mudasse de opinião a seu respeito.

— Senhor Almeida, eu disse à Lena que nasci na Boa Hora, filha de uma cantadeira e de um soldado, e que a cantadeira me tinha abandonado. — Imaginara algo do género, pelo que nem pestanejei. — O meu pai, que mais tarde havia de partir para França e de morrer na lama das trincheiras, deixou-me entregue a um antro de homens. A avó já tinha morrido, e o avô era o rei das farras na Boa Hora.

Pareceu distante enquanto discorria a propósito de como o pai, órfão de mãe, tinha apenas 17 anos quando se enamorou da cantadeira, e de como a mãe era vários anos mais velha do que esse rapaz. Entendi que estava emocionada, porque a voz ameaçou falhar quando disse:

— Durante esses primeiros anos, tudo o que soube do meu pai é que se chamava Afonso, e que vivia num antro de imundície e de percevejos, onde havia muita pinga e pouco pão. — A expressão adoçou-se quando me encarou. — Durante os meus primeiros três anos, só sabia pintar paredes com os meus próprios excrementos. Já ouviu falar naqueles meninos indianos que surgem da selva, e que caminham e rugem como lobos? Duvido que eu fosse muito diferente. A mãe dizia que eu mal articulava duas palavras, mas não tive pruridos em chamar filho da puta ao padre quando ele me batizou. Mais um bocado e tinham-me posto em Rilhafoles¹.

Ao fundo da casinha desarticulada do avô, havia uma porta que dava para uma gruta escalavrada na rocha. Apesar de húmida e tenebrosa, era ali que os homens se metiam em jogatinas até ao cantar do galo, e a Irene dormia ao canto, tapada pelo casaco de um deles, embalada pelos fumos do ópio e dos charutos.

— E é por isso que gosto de dizer que fumo desde a enxerga que me serviu de berço. Acho que a rouquidão do cigarro também contribui para fazer de mim fadista, que lhe parece?

Os companheiros de cartas do avô levavam para lá mulheres e, uma vez, uma das perdidas perguntou-lhe se ela ainda mamava e tentou dar-lhe o seio. Tinha o recém-nascido ao cuidado de uma vizinha, para poder ir ali ganhar uns tostões, e a Irene pareceu-lhe esfaimada. Uma outra vez, uma mulher de boca pintada sentou-a no colo e entrançou-lhe o cabelo, sempre numa lamúria a respeito do anjinho que lhe morrera de peste bubónica quinze anos antes.

— Quando descobri mais detalhes sobre o meu pai, de quem mal me lembro, decidi que um dia chamaria Afonso a um filho que viesse a ter. — De novo, o sorriso que sugeria que acreditava que tudo acontece por um motivo. — Isso ficou fora de questão quando soube que o filho do Rafael já se chamava Afonso.

Recaímos os dois num silêncio reflexivo, durante o qual ela aproveitou para pedir a repetição da primeira rodada de bebidas. Depois de um primeiro gole na minha água, interpelei-a:

— Irene, o seu pai está sepultado em Lisboa?

— Pode estar em Lisboa, como pode estar numa cidade qualquer francesa, num campo de prisioneiros, ou até numa das muitas terriolas por esse país que construíram memoriais a esses mortos. Sabemos lá como morreu, se estava inteiro... Até pode ser o soldado da Flandres sepultado na Batalha, ou os braços podem ser dele e as pernas de outro. É tudo tão confuso, tão sujo.

Parecia à beira das lágrimas, e perguntei-me como poderia ter tanta afeição

a um pai que dizia mal ter conhecido, e que se envolvia com cantadeiras nos bairros pouco recomendados de Lisboa. Não quis destruir a sua ilusão de que a amara, ou de que a sua vida teria sido diferente se ele lhe tivesse prestado outros cuidados, ou se a tivesse deixado com outros parentes em vez de com um pai dado a farras.

— Gosto muito de ir ao Cemitério do Alto de São João e de ver as campas dos soldados anónimos. Sinto-me mais próxima dele, em alturas de maior melancolia.

Hesitou apenas um instante antes de me perguntar se gostaria de acompanhá-la até lá, e dei por mim a aceder. Que espécie de desabafos poderiam ocorrer-lhe por entre as ruelas de jazigos?

— Por falar em sujidade, nessa época o cheiro pelas ruas era pestilento. Deve recordar-se dessa altura, desses primeiros anos da República, não preciso de lho explicar. Quase todas as mulheres eram órfãs de filhos, inventei eu esta expressão, porque se esqueceram de inventá-la na altura. Lembro-me disso, porque quando a mãe veio e me levou, a primeira coisa que notei foi que na rua dela se respirava um outro ar, e creio que o meu olfato só começou a desenvolver-se nessa altura. Sou muito sensível a cheiros, porque foi uma surpresa tão grande que durante meses, talvez anos, cheirava tudo, dos pés das mesas aos tapetes e ao vidro das janelas.

Os eventos a que se referia tinham tido lugar ainda antes da Grande Guerra. Pelo que pude entender, o pai cuidou dela nos primeiros anos de vida e, depois, juntou-se ao Corpo Expedicionário Português e partiu para a Flandres. Mal ele sabia que era a La Lys que se dirigia, e a uma possível morte por pneumónica, gangrena ou tuberculose, na insalubridade dos hospitais de campanha. A sua primeira infância avançava então pelos primórdios da guerra, altura em que talvez o pai sofresse com a fome e os piolhos nas trincheiras, e em Portugal havia epidemias e carência em geral.

Nessa altura, eu andava pelos trinta e já ia compondo os tais artigos para o *Diário de Notícias*. Lembro-me de que havia muitos inconvenientes com os vapores que forneciam a Portugal víveres e outros bens, e um dos produtos afetados era o papel. Como consequência, volta e meia, os jornais eram impressos numas folhas de porcaria, que ameaçavam desfazer-se por entre os dedos da população (escassa) de letrados, e que manchavam as mãos porque a tinta deslizava sobre as folhas, como se nunca chegasse a fixar-se. Até para nos protegermos da chuva eram um fraco substituto do usual, porque não resistiam a uns respingos se corrêssemos de uma sacada a outra. O elétrico já circulava, mas havia poucos automóveis. As mulas e os cavalos cobriam de dejetos toda a cidade, e por toda a parte havia matilhas de cães vadios, de

boca a espumar de raiva. Até houve um rapazola que morreu desse mal e que teve direito a um artigo, porque os jornalistas procuravam alertar a República para o estado calamitoso do país. Em suma, a nação já estava metida num pântano onde pululavam mosquitos, varíola, tifo, cólera — porque o lixo era despejado sem cerimónias no rio e nas ribeiras —, e por aí afora. Eram mais os raquíticos do que os saudáveis, e insurgia-se uma rebelião contra a Igreja que até contribuiu para o triunfo das mentes científicas, mas que culminava em quezílias desnecessárias. Mas não era só nas ruas que se discutia; era costume que houvesse confrontos no parlamento, por vezes travados com os punhos, a despeito da dignidade de burgueses dos governantes, e sem esquecer as bombas e os arrufos dos anarquistas, socialistas, comunistas, e de toda a bateria de *istas*, dia sim, dia não.

Mas nada disto é sobre o estado de Portugal durante a infância desta cantadeira, pois não? Mesmo porque, em 1947, o país dava-se ares de evoluído, de próspero. Em relação aos anos da Segunda Guerra, em que a inflação fazia de um par de sapatos um luxo, só podia estar-se melhor. O palacete dos Vaz, na Rua Castilho, em nada destoava dessa fantasia de Império.

A Irene nasceu no Portugal dos desvalidos, que eu, por via da profissão e da distância, retratei em diversas peças jornalísticas, que agora daria tudo para reunir. Nesse Portugal, havia crianças pelas ruas das poucas urbes, e das aldeias não falo porque não o testemunhei, mas duvido de que por lá soprasse uma fortuna melhor. Cheguei a ver mães com os filhos alinhados contra uma parede caiada, a distribuírem um cacho de uvas entre eles e a pedirem a quem passasse que as auxiliasse levando um deles, ou todos, como lhes aprouvesse. Habituei-me a virar a cara, mesmo porque a minha profissão mo exigia.

— Entendo perfeitamente que tenha preferido ocultar à sua amiga que tinha passado por tudo isso.

— Também me pareceu acertado. Até porque, quando a mãe me levou para casa, e me cortou os cabelos cheios de piolhos, que o avô tinha tentado dizimar com petróleo, disse-me que nunca mais voltávamos àquele casebre, nem àquela gruta. E que devíamos agradecer muito a Santo António, e que nunca, nunca mais, falássemos naquele assunto.

Percebi que tinha os olhos marejados de lágrimas, e os ombros sacudiram-se num arrepio. Continuava a fazer muito calor, pelo que eu sabia que eram as recordações que a perturbavam. Também cresci na pobreza, mas nunca conheci miséria tal.

— A Lena tinha inveja de uma menina que cresceu num antro a tresandar a mijo de bêbedos, filha de uma cantadeira, e que estava a espalhar a própria

caca na parede quando a Maria Ana Silva foi buscá-la.

— E como é que a sua mãe atravessou a cidade e foi buscá-la? Porquê a Irene, e não outra menina qualquer?

— Oh — fez, como que desiludida. — Estava demasiado grata para lhe fazer essa pergunta. Demorei uns dez anos a perguntar-lho, que foi mais ou menos o tempo que precisei para deixar de sonhar que a minha vida era uma ilusão, e que ainda estava lá, metida naquele buraco escuro, e que os homens se punham de pé a meio do jogo e iam urinar ao canto, sem se darem ao trabalho de me pedir que virasse a cara. Sonhava muitas vezes que ainda estava lá dentro, naquele nicho debaixo do Cemitério da Ajuda, e que os mortos me vinham buscar — e eu tinha visto levantarem os ossos do filho de uma vizinha, porque ela quis levar-me pela mão nesse dia. Acho que ela tinha medo, estava sozinha.

Percebeu que divagava de novo e, depois, enganchou o olhar no meu, e confirmei que havia lágrimas a escorrerem-lhe dos olhos ambarinos:

— Sonhei muitas vezes que o filho dela vinha buscar-me. Tiraram-no da cova e meteram-no numa vala comum, mas puseram a roupa esfarrapada nas mãos da mãe, e ainda havia cabelo agarrado ao crânio, e os dentes dele eram do tamanho dos meus, que ainda não tinham começado a cair. E ele dizia-me que eu devia ter dito à mãe dele que queria ir com ela e que, como tinha ficado calada, vinha buscar-me para eu lhe fazer companhia.

Também me disse que às vezes acordava com as narinas impregnadas daquele odor a urina, o mesmo que fora uma constante na gruta, porque todas as noites havia jogos e fumaradas, e também não era raro que aparecessem mulheres, e só uma delas costumava trazer enxofre e atirá-lo aos punhados para aquele canto. Sonhava que um dos homens entornara o vinho nas suas pernas, e acordava numa poça da própria urina.

— Nessa altura, atenção, é possível que eu tivesse uns quatro anos. Se bem que nunca se sabe ao certo a idade das pessoas. Não podemos confiar nos registos. É possível que tudo isto tenham sido sonhos, alucinações. Que seja tudo mentira ou imaginação. — Deixou-me refletir sobre aquilo, embora a nitidez da narrativa me levasse a crer que se tratava, de facto, de material da lembrança. — A mãe teve muita paciência comigo, principalmente porque me recusei a abrir a boca durante muitos meses. Muitos meses mesmo, ela já dizia às criadas que eu era muda e que, se calhar, era melhor assim. Ficava garantido que o segredo estava bem guardado. Mais tarde, percebi que ela não o tinha feito por caridade, mas por culpa.

E, antes que eu pudesse mostrar interesse naquela assunção, pôs-se de pé e tive de secundá-la:

— Se ontem lhe doíam os ossos dos meus estofos, que dizer hoje desta cadeira de ferro?

Percebi que se ria para afastar os fantasmas, e ri-me também, como se o que acabava de dizer fosse de menor importância. Portugal mudou muito nos últimos quarenta anos, mas a realidade da qual a Irene me falava não era novidade para mim. Eu também tive vizinhos que nunca regressaram à escola, porque os pais os empregaram em recados, ou de repente eram ardinhas, ou engraxavam botins, e por aí fora. Eu sabia o que era ter em casa o armário dos víveres vazio, e também houve baixas de crianças na minha família. A uma irmã da minha mãe, morreram três filhos de peste, todos na mesma semana.

Entendi que precisava de continuar a abrir-se, porque essa é a natureza dos dramas: são coisas árduas, cujo fardo urge aligeirar. Se a pessoa for robusta e se permitir esquecer, então, a vida torna-se um chorrilho de bênçãos, e alguém como a Irene estaria apenas grata pela posição que ocupava num Portugal em construção. Mas, se a pessoa for sentimental, ou tiver veia de artista, os azares tornam-se uma bagagem pesada e, se não a aligeirarmos de vez em quando, acabamos vergados sob o seu peso.

Caminhámos de regresso ao palacete, mas fizemo-lo devagar, mesmo porque o céu se tingia de púrpura com laivos de salmão, e ela gostava muito de ir desvendando o nome das plantas. Chegou a recolher uma ou duas folhinhas para procurar o nome da erva no seu dicionário ilustrado de botânica, que mantinha na mesa de cabeceira, conforme me afiançou. A dada altura, apontou-me uma erva-da-fortuna, e entendi que carregava para ela significados ocultos. Voltámos a falar quando saímos das sombras da estufa e nos vimos a descer a rua até sua casa.

— Quando a mãe foi buscar-me, eu nem estava registada. Tinha tido um nome, pelo qual o avô e os bêbedos me tratavam. Esse nome não vem agora ao caso, ficou para trás — admitiu, encolhendo os ombros.

— É admirável que tenha alcançado tudo isto, minha querida — volvi, sem esconder a ternura que começava a sentir por ela.

Continuou a falar até chegarmos à porta da sua casa, onde me convidou a entrar, mas recusei. Por muito bem-intencionado que fosse, havia apenas um limite de horas que conseguia dedicar a outra causa, sem serem os meus passeios, as minhas leituras e as minhas escrevinhaduras.

¹ Hospital de alienados, mais tarde rebatizado de Miguel Bombarda (*N. da A.*)

XI

Estoril, 1956

Ontem, houve um baile no Tamariz, ao qual compareci a pedido do meu chefe. Telefonou-me há dias a perguntar se eu estava por dentro da questão espanhola. Aborrece-me um pouco colocá-lo assim. Penso que a questão espanhola é, em certa medida, a questão portuguesa. Ao jantar, sentei-me com alguns *periodistas* e com um membro da embaixada que estará de regresso a Madrid na próxima semana. Apesar de não dominar o castelhano, não tive dificuldade em acompanhar os meandros das suas preocupações. Falam sobretudo na questão da idade do general, que, creem, em breve há de precisar de um sucessor. Parece que os governos autoritários se apoiam de tal modo numa figura de Estado, num homem-forte, que quando os anos ameaçam corroê-lo há que treinar um outro para o seu lugar, tão sólido quanto o primeiro.

Quanto a Portugal, não creio que haja nenhuma figura adequada à sucessão, e o nosso chefe de Estado é apenas alguns anos mais jovem do que o general Franco. No ano passado, Charles Harrison, meu colega de redação, deixou na minha secretária um artigo do cônsul britânico em Washington a propósito de Portugal. Não entendi se para me recordar de que sou português em solo britânico, ou se por mero interesse político no nosso peculiar contexto governamental. Recordo-me do teor das palavras e, em resumo, sugeria que as criações do Estado Novo não teriam estofo para sobreviver à morte da sua figura-mor.

Gostaria de vir a conhecer o desfecho deste jogo de xadrez que se joga na Europa, e sobretudo de entender se os Estados Unidos ou a União Soviética

vão atrever-se a confrontar-se e a quebrar o gelo desta guerra de ameaças vãs, mas começo a duvidar de que a diabetes mo permita. O exagero de ontem valeu-me uma crise, e tive de chamar um médico ao meu quarto esta manhã. Além da injeção extra de insulina, recebi ainda os conselhos não solicitados da outra camareira, a algarvia, que veio trocar os lençóis quando me sentei por um instante à varanda, a ver os audazes mergulharem na piscina enregelada. Aconselhou-me a beber a água de demolhar tremoços, e garantiu que foi isso que lhe manteve a mãe sã, porque padecia do mesmo mal. A mãe ainda está viva, mas está cega. De tudo o que me assusta nesta doença — mesmo a possibilidade de amputar um membro que gangrene —, o pior é a ideia de perder a visão. Que faria eu, sem os meus olhos para ler e escrever?

Entre o frio abrilino e os tremoços, estou a dispersar-me. Regressemos a 1947 e à Irene Silva Vaz.

Lisboa, julho de 1947

No dia seguinte pela manhã, para evitar a hora de maior calor, vi-me de novo a bordo do elétrico que me levaria ao Marquês e ao seu majestoso leão. Começava a sentir-me como um lusitano na sua rotina de trabalho, porque já conhecia o guarda-freio, já conseguia nomear uma a uma as paragens do carro e já acenava ao homem de camisa de flanela que me cumprimentava, e também ao velhote com um cesto de alhos que dizia ter de vendê-los para alimentar os quinze filhos. Achei aquilo um pouco exagerado, mas a Irene estava melancólica quando cheguei e nem pude trocar essa ideia com ela. Queria saber se ela conhecia famílias com quinze filhos, mas ela estava sentada no sofá do escritório, com as estantes plenas de livros ao fundo, muito quieta. Como não me sorriu, acabei por não fazer nenhuma graça sobre a prole do vendedor de alhos.

— Peço desculpa, senhor Almeida. Passei um bocado mal a noite, não consegui dormir por causa do calor. O seu hotel é fresco?

Expliquei-lhe que corria sempre uma brisa depois da meia-noite no Largo de Camões, e que eu deixava a janela aberta para a receber. Coibi-me de lhe dizer que não chegara a tirar o meu pijama da mala, porque me parecia intolerável cobrir-me com algo mais do que os lençóis frescos e perfumados do Hotel Europa.

— Se quiser ir noutro dia ao Alto de São João... — comecei, porque eu próprio me via de novo a enxugar a fronte com o lenço de cambraia, de copo de refresco na mão.

— Não, é pouco provável que o calor melhore nos próximos dias, por isso bendigo o meu rico *Mac Gray*, vale cada escudo que custou. — Percebi que se referia ao frigorífico doméstico. — Gostaria de lhe falar mais do meu pai...

Como me parecia apática, sem vontade de conversar, apesar de garantir o contrário, bebi o refresco e comuniquei-lhe que estava pronto para partir. Ela pôs-se de pé, alisou a saia e pediu-me licença.

— Vou só passar um bocadinho de cor nos lábios, devo estar terrivelmente pálida.

Já me perguntara como pretendia deslocar-se até àquela área da cidade, que ademais não era o mais reputado dos cemitérios de Lisboa, por servir de repouso a tantas figuras associadas à Primeira República, e pela sua embaraçosa escassez de sangue azul. A Irene, contudo, já tomara providências para que a família do marido nos emprestasse o automóvel, visto que o próprio Rafael não podia apartar-se da *arrastadeira*. Quando nos dirigimos à viatura, esperei que o engenheiro lhe tivesse conseguido também um motorista, e não me senti muito tranquilo quando percebi que seria a Irene a conduzir-nos ao longo dos carris dos elétricos, por entre as escavações dos trolhas e as pilhas de pedras dos calceteiros. Escondi o nervosismo, e a verdade é que ela se mostrou bem habilitada para a tarefa.

De lenço a proteger-lhe os cabelos da ventania da marcha, posto que nos foi vital correr os vidros da janela, chegou a dar-me informações preciosas sobre a Lisboa que se expandia e nascia a olhos vistos. Revelava-se uma substituta competente do engenheiro, no que a urbanismo dizia respeito. Na Praça do Chile, por exemplo, fez-me reparar nas graciosas proporções da estátua de Neptuno², e para mim não constituiu novidade descobrir que é apreciadora de Pintura e Escultura, além de Música. A própria casa adquire, em determinados recantos, ares de museu. Na Alameda D. Afonso Henriques, garantiu-me que, no regresso, se fizesse menos calor, poderíamos espreitar o topo da fonte monumental, isto é, o miradouro a partir do qual se pode contemplar o carácter megalómano da Lisboa em construção. Causou-me assombro admirá-lo, nesse julho abrasador, mas apenas porque Lisboa tem uma dimensão diferente de Londres, onde tudo é amplo, e um colosso daqueles parecia-me deslocado, pretensioso.

O único momento em que ela hesitou, ao volante, foi no último troço do caminho. Por sorte, enquanto forçava o motor ao máximo na derradeira ladeira de acesso ao cemitério, não nos cruzámos com nenhum obstáculo. Duvido de que tivesse sido capaz de retomar a marcha depois de uma paragem naquela colina íngreme.

Imobilizou o veículo diante do muro do cemitério e recorreu ao espelho

que trazia na carteira, para espreitar o estado do cabelo. Removeu o lenço e voltou a colocá-lo, usando os dedos para afastar as farripas para trás das orelhas. Devo confessar que tinha curiosidade em visitar aquele cemitério, e o meu interesse foi reavivado pela grandiosidade com que o jazigo dos Viscondes de Valmor nos recebeu. Contornei-o por todos os lados, tentando identificar as figuras alegóricas que lhe povoavam as arestas. A Irene deixou-se ficar junto do portão, a trocar uma ideia com o vigilante, que entendi que já conhecia de uma das suas visitas.

— Sabia que este cemitério foi construído por causa da cólera, há cem anos? — questionou a Irene, quando nos reencontrámos e demos início à lenta caminhada.

— Não sabia que foi por causa da cólera, mas a maioria dos cemitérios europeus foram criados depois de uma grande epidemia, pelo que não me surpreende.

Calei a familiaridade que senti naquele cenário de calcário e ciprestes, porque de imediato me dei conta de que o sítio onde me trazia tinha bastante em comum com o Père-Lachaise, que visitei numa das minhas incursões a Paris para olhar a sepultura de Chopin.

— Costuma vir aqui? — Caminhávamos junto ao muro, que ficou à nossa esquerda, e corria uma brisa misericordiosa, que nos afagava o rosto a cada cruzamento.

— Venho sempre que me apetece passar um bocado sozinha.

— Parece-me o sítio certo para pensar.

Senti-me envolvido pela paz dos cemitérios. As gavetas e os ossários estendiam-se ao longo do muro, e havia por toda a parte flores ressequidas e velas. À nossa direita, multiplicavam-se jazigos de desconhecidos, em forma de capela, o que me dava um invulgar sentido de privilégio, como se o estar arrumado numa daquelas prateleiras e coberto por sudários de renda fosse um mal que ainda não me atingira. A cada novo corredor que se abria, vinha-nos a aragem fresca com o perfume das flores velhas, e a Irene ia falando sempre que julgava que algum pormenor o justificava:

— As flores são cefalárias.

— Eu sei, significam saudade.

— Sim — concordou. — E há muitos túmulos de *maçons*. Sempre que vir triângulos e compassos, está perante o túmulo de um *maçon*.

— Eu sei, minha querida — volvi, e souu a ternura paternal.

Talvez isso a tenha levado de volta para essas recordações, porque, quando retomou o discurso, entendi que se referia ao pai.

— Lembro-me mal dele, mas sei que ele era muito bom. — A voz chegou-

me exausta. — Era bom. Deve ter-se sentido muito sozinho quando a minha mãe o deixou, pior ainda por se ver debaixo do mesmo teto que o pai, aquele bebedolas repugnante.

— Tem alguma ideia de como era a relação dos dois?

— Só me recordo de o avô adormecer uma vez, enquanto deveria estar a cuidar de mim, e de o pai gritar com ele quando regressou, chegou a oferecer-lhe os punhos. Ele tinha muito medo de me deixar com ele, mas não havia mais ninguém.

Percebi que nos dirigíamos às campas dos combatentes. Portugal foi humilhado em simultâneo em Moçambique e na Flandres, e quando, ao fim de um bom quarto de hora a caminhar e a antever os descampados da cidade à direita, para lá dos jazigos e da colina por onde nos movíamos, tivemos um vislumbre das primeiras campas alvas, a Irene soltou um longo suspiro de exaustão.

— Sinto sempre a mesma coisa quando chego aqui — confessou. — Um surto de tristeza, pela sensação de que tudo isto foi um enorme desperdício. Estas almas morreram em vão. É terrível. — Procurou-me o olhar para se certificar de que eu entendia. — As vidas deles não fizeram diferença nenhuma. As pensões para as viúvas são de rir, os filhos destes pobres homens passam fome. Ficou só um enorme vazio de saudade.

— Lamento. — Não havia mais nada que pudesse dizer para a reconfortar. E, para tentar aligeirar-lhe a mágoa: — Mas já passou muito tempo, com certeza que os filhos deles já podem valer-se a si mesmos.

— É, como eu, claro. Mas muitos não terão tido a sorte de crescer.

De súbito, por entre as cefalárias e os símbolos *maçons*, os obeliscos e os portões de ferro, os ciprestes e os jazigos e as velas apagadas, lembrei-me da minha avó e do seu túmulo de embaraçosa simplicidade em Sintra, e de como, apesar de apenas ter provado do seu colo e da sua comida durante seis anos, ela me marcara para sempre. Há quem acredite que os idos se tornam estrelas-guias dos entes queridos na Terra, mas não me permito ser tão romântico que concorde. Por outro lado, algo do género poderia explicar o porquê de me sentar, durante quinze anos, no cubículo ao lado do do Charles Harrison, e de almoçarmos juntos um outro quinhão de vezes, e de ele nada significar para mim. A cada período de férias, regresssei sem saudades. A cada vez que o vi enviado para situações de possível perigo, como quando o puseram a caminho de Dunquerque num vapor de pesca, nunca sofri um sobressalto pela sua vida. A minha consciência retém apenas um punhado de recordações com a minha avó, e qualquer um desses momentos me parece mais nítido e mais intenso do que esses quinze anos de camaradagem com o

Harrison. Creio que era assim que a Irene se sentia em relação ao pai.

Tínhamos chegado a uma pequena elevação e, diante dos nossos olhos, surgiu o terreno aberto onde se multiplicavam as sepulturas dos soldados, com uma fileira arborizada ao fundo. À esquerda, havia um outro talhão, e ainda um outro à direita. Eram sepulturas de calcário alvo, engrandecidas por cruzes de bronze. Feria a vista enfrentar tal brancura, tal desalento de branco.

— O Sol bate sempre mais forte aqui — explicou a Irene, que se debatia com a mesma luz. Depois, apontou para cada socalco à vez: — O meu marido está convencido de que as campas não foram amontoadas num único canto, para que os nossos olhos não alcancem, de uma só vez, a dimensão do estrago.

Pareceu-me o género de comentário que o engenheiro se abstinha de fazer na presença dos seus amigos influentes. O que me levou a crer que o mais provável era que compartilhasse da aversão que a mulher nutria pelo governo.

— Quantas campas temos aqui?

— Demasiadas — volveu, e depois chamou-me à atenção para um muro sob uma oliveira, e entendi que era ali que costumava sentar-se.

Alisou a saia nos joelhos e passou a mão pelo rosto, para garantir que o cabelo não se soltara do lenço durante a caminhada.

— Está muito calor, nem consigo fumar aqui, só quando está fresco — observou. — Alguns são sargentos e capitães. Outros não são ninguém. É para essas campas que olho, à procura do meu pai. Mas não têm nome e, se for à secretaria, entregam-me uma lista com alguns nomes, e datas, mas não me parece que o dele esteja lá. — Recaiu num silêncio reflexivo, que interrompeu para acrescentar: — Eram incrivelmente jovens. Há rapazes de 14 anos. Bastava mentir na idade, alguns podiam até ser mais novos. Eu não sei o apelido do meu pai, não fui registada com o nome dele. Até posso ter passado por ele várias vezes, naquela lista, sem o saber.

— Ou seja, tal como a Irene, muitas mães e viúvas vêm aqui chorar os seus homens.

— Gosto de pensar que o meu pai voltou a Lisboa e, se o Universo for misericordioso, ele voltou mesmo e está aqui, a repousar numa destas campas.

A seu ritmo, falou-me do pai. Contou-me que o que a Lena não podia saber, quando começou a cobiçar-lhe a sorte, era que nascera sem nenhuma. O avô gostava de atirar para o ar as circunstâncias do seu nascimento, e, quando o fazia, dedicava grandes doses de risota à ocasião em que o filho conhecera a cantadeira que havia de emprenhar. Dizia que, se Afonso tivesse conhecido uma mulher antes daquela, não teria dado por si a pagar-lhe carros de aluguer e refeições em tascas. Desbaratou o pouco que conseguira juntar

do seu ofício como marceneiro, e, no final, ela ainda lhe trouxera uma putinha para criar. Que outro futuro teria a Irene?

Ao ouvir aquilo, entendi o que já sabia: que a vida desta mulher descrevera piruetas impossíveis até chegar aqui, e que havia oceanos de distância financeira e emocional entre essa menina cujo futuro se adivinhava desgraçado, e a respeitável mulher de um engenheiro do Estado Novo.

— Uma das coisas que mais ouvi o avô dizer, e disso recordo-me bem, porque me feria, era que o meu pai não tinha como saber se eu era filha dele. Dizia-o imensas vezes. Não sei se o dizia antes de o meu pai desaparecer, mas depois era a toda a hora. Eu não queria saber, senhor Almeida. — Sorriu-me, tranquila. — Não queria saber, porque o pai, antes de se ir embora, agarrou-me e fez-me olhar para ele. Sacudiu-me muito.

Sacudiu-a e exigiu-lhe a atenção, sacudiu-a até ela choramingar e, depois, voltou a sacudi-la e olhou-a nos olhos, com uma expressão grave. Nesse contexto de choque e de brusquidão às mãos de um pai que sempre conhecera meigo, a Irene emprestou-lhe todos os sentidos. O Afonso olhou na imensidão âmbar dos seus olhos infantis, apavorados, e disse-lhe que era sua filha. Não importava o que o avô ou os vizinhos dissessem. *Era sua filha*, e ninguém podia desmenti-lo. Tinha os seus olhos e os seus modos ternos, e ainda as mãos. Ele pegou-lhe na mão e comparou-a à sua, e disse que eram a mesma mão, em tamanhos diferentes. E a Irene sorriu, o medo a desfazer-se na carícia do pai.

— E eu acreditei.

— Era muito pequena, como pode lembrar-se do que lhe disse o seu pai? — interpus, porque me parecia fantástico que se recordasse sequer dele.

— Sim, ainda não tinha quatro anos. A governanta da casa da minha mãe costumava dizer que as crianças só se lembram das coisas tristes, das pessoas que lhes batem e da fome que passam. Dizia que as crianças felizes mal se lembram da infância. Acho que tinha razão.

Ela não sabia dizer se o pai se alistara ou se fugia a algum encargo, o certo é que um dia o viu fardar-se, e depois sacudi-la, e depois partir. E nunca mais o viu. O pai ainda escreveu a uma vizinha, talvez por ser a única que sabia ler e que não era muito mesquinha. Na correspondência, absteve-se de mencionar a fome, o fedor a pólvora, a gangrena e o frio que com certeza o massacravam, perguntava apenas se a pobre viúva tinha como lhe enviar uma resposta, se tinha como lhe garantir que a menina estava bem. Comprometia-se a pagar o envelope e o selo, caso ela lhe escrevesse de volta. A vizinha respondeu, e também a história dessa resposta punha a Irene melancólica.

Prossigui a narrativa, mas soou algo exasperada:

— Eu gostava que o meu pai nunca tivesse ido para a Flandres. Quando

venho sentar-me aqui, debaixo da oliveira, às vezes até enjoada do cheiro a flores nas campas, é nisso que penso. Como a minha vida teria sido diferente se o pai tivesse continuado a meu lado, e se o avô se tivesse redimido dos copos. Teria ido para uma outra escola e feito amizade com crianças da minha classe, e depois tinha-me tornado costureira ou lavadeira, ou, na melhor das hipóteses, governanta ou datilógrafa, e se calhar nunca me dava para abrir a boca e cantar, porque só me pus a cantar porque sentia saudades. Essas saudades que alimentam os fados, sabe? A dos homens distantes, a desbravarem os mares e a perderem a vida lá longe. Seria uma outra pessoa.

Soltei um longo suspiro:

— Isso não é uma circunstância exclusivamente sua. Todos nós seríamos diferentes se os grandes eventos da nossa vida se tivessem passado de outro modo.

Ela sorriu entredentes. Percebi a ténue diferença entre estar-se deprimido ou ser-se triste. Ela era feliz, e não estava doente, mas os assuntos que íamos discutindo apelavam ao seu lado mais nostálgico.

Sorri também, ajeitando as calças de sarja nos joelhos e, depois, o chapéu na cabeça. Dei-me conta de que tinha a nuca empapada em suor e vali-me do lenço para o enxugar. A qualquer instante, o assunto desfazia-se e passávamos a ser só dois quase estranhos à sombra de uma oliveira, num cemitério de incontornável valor artístico. A Irene, contudo, queria falar-me mais um pouco do pai. Dispus-me a ouvi-la, mas senti que o meu corpo clamava por água e frescor.

— O pai nunca respondeu à carta da vizinha, e nunca recebemos outra. Ela deu-me a primeira, e houve uma época em que saberia recitar-lha frase por frase. — Fez questão de procurar os meus olhos, para me provar que falava verdade. — Mas dois meses depois de a vizinha lhe responder, deu-se a Batalha de La Lys, e o senhor Almeida sabe com certeza o que isso significou para os portugueses.

— Sei. — Foi um massacre generalizado, com muitos mortos e muitos mais prisioneiros de guerra. Dei-me ao trabalho de ler a obra do general Gomes da Costa sobre a batalha, para melhor poder fundamentar o meu artigo sobre o falhanço da República. Nunca fui monárquico, mas lamentei nessa altura que a solução republicana fosse ainda mais desastrosa. Por outro lado, e mesmo compreendendo o senso de absurdo que a Irene atribuía à profusão de mortes em vão naquele cemitério, o que poderíamos ter feito?

A Irene voltou a falar, e a voz soou distante:

— Li a publicação do general Gomes da Costa sobre os nossos soldados. Sabe a que me refiro?

— Sim, ao seu *A Batalha do Lys*.

— Também leu?

— Sim, baseei-me nele para um artigo de opinião, há muitos anos, quando ainda se culpava a República pela nossa participação na guerra.

— Bem, e que mais havemos de culpar? — contrapôs. — Mas não é isso que importa. Ele defendeu os soldados contra toda a opinião pública, contra a inaptidão da República para perceber os seus próprios erros de cálculo. Ele garantiu que os nossos homens foram corajosos...

— Por outro lado, sabemos que as altas patentes agarravam o primeiro bilhete para fora do conflito.

— Claro. Aquilo que o general narra são condições sub-humanas, senhor Almeida. — O pesar e a angústia moldavam-lhe a expressão. — Houve muitos suicídios e deserções, claro. Quem poderia suportar a verdade? Quem poderia ser tão insensato para se deixar ficar, mesmo sabendo que estava tudo perdido, e que a nossa posição, tática, tudo, *tudo*, nos conduzia à morte? Ou que as baterias inglesas retiravam à vista dos obuses dos boches, e abriam os flancos, e nos deixavam expostos, porque as nossas vidas nada significavam para eles?

Pareceu-me muito revoltada; tentei apaziguá-la:

— Só homens de grande bravura ficariam, querida Irene.

— É, só os mais valentes.

E, depois de um instante de silêncio, ouvi-a principiar a rir-se:

— Gosto de pensar que o meu pai não queria saber da honra para nada, e que desertou. Casou-se com uma francesa, ou assim. Sei lá... Pode estar agora mesmo a beber vinho e a passear-se nas margens do Sena. — Inclinou-se para mim, num tom muito confidencial. — Quando fui a Paris, procurei-o por toda a parte. Olhei para todos os quarentões, procurei algo que denunciasse um traço de portugalidade, um sotaque enviesado, qualquer coisa, nos homens encasacados ao meu redor. Não me lembro muito bem das feições do meu pai, mas, ainda assim, nenhum me despertou dúvida. Soube sempre que não era ele.

Procurei-lhe a mão e apertei-a, dando rédea solta ao sentido paternal que me levou a chamá-la «querida».

— Podemos acreditar nisso. Podemos acreditar que o seu pai foi mais esperto e que debandou antes de ser tarde demais. Salvou-se da pneumónica e da gangrena, e dos morteiros, claro. Escapou-se aos canhões e aos obuses, está agora feliz com uma francesa num apartamento em Montmartre, a beber champanhe.

Percebi que chorava quando voltou a falar, mas não desviou os olhos

quando lhos procurei. Torcia a boca num esgar de dor, e a sua voz quebrada atirou-me para o limbo da comoção:

— Ele não desertou, senhor Almeida. Se o paizinho desertasse, ele voltava para mim.

— Não podia, querida. Um desertor seria com toda a certeza fuzilado. Ou podia não conseguir sequer regressar a Portugal. O continente era hostil.

— O pai arriscava o fuzilamento para vir buscar-me, eu sei.

Envolvi-a com o braço, posicionando-me de modo que pudesse pousar a cabeça no meu ombro.

— Parece que nenhum desfecho nos é favorável, não é? — murmurei, respeitosamente, passado algum tempo.

— Não. — Endireitou-se e limpou os olhos, e a voz já soava um pouco mais como a da senhora composta com quem convivia há alguns dias. — Não, nenhum cenário é favorável. Mas, a menos que o meu pai tenha perdido a memória e esquecido o caminho de volta à Boa Hora, está morto.

² Atualmente, esta estátua encontra-se na fonte do Largo de D. Estefânia. (*N. da A.*)

XII

No caminho de regresso, a Irene pareceu-me empenhada em aligeirar os nossos corações. As suas palavras tinham-me atirado para o mesmo estado de melancolia que a tolhia, pelo que foi revigorante pararmos diante da fonte monumental na Alameda D. Afonso Henriques. Vi como recebia os respingos da água no rosto e nos braços nus e ligeiramente avermelhados pela caminhada ao sol, e vi-a sorrir. Pretendia regenerar-se para poder beijar as crianças quando se visse em casa, e para que ninguém notasse nela uma sombra de desalinho.

— Como foi a reação da Lena a essa história?

Conduziu com morosidade, e a temperatura desceu um pouco, pelo que a aragem que entrava pelos vidros corridos nos soube a vida. Ela arriscou tirar o lenço, mesmo porque molhara o rosto e os cabelos na fonte, e os mesmos ondulavam em torno das suas feições sorridentes. Era notável o seu esforço para arrumar a nossa conversa no Alto de São João.

— Começou por mostrar-se muito curiosa a respeito da minha mãe. Como é que eu tinha acabado numa casa tão notável, sob a proteção de uma senhora tão distinta.

Na altura, não lhe doeu que a Lena não se importasse com o sofrimento que ela experienciara, mas mais tarde esse pormenor tornou-se central na sua percepção da amiga. A cada vez que a Lena lhe cobiçava a sorte, perguntava-se como é que não via que lhe faltava o pai tão amado, e como não entendia que ser abandonada pela mãe, ainda que se tratasse de uma perdida, lhe emprestava um incontornável sentido de rejeição.

Nesse ponto, voltei a perguntar-lhe porque continuara tão ligada à Lena, e ela esclareceu-me com algo que me deixou consternado: sentia-se em dívida para com a Lena, e daí nasceu um instinto de proteção que não conseguia

ignorar.

— Acho que tínhamos uns 14 anos nessa altura. A nossa amizade prosseguiu sem sobressaltos durante algum tempo. Aliás, a mãe dela até começou a tratar-me com mais doçura. Acho que se apiedou de mim, pelo que calculei que a Lena lhe tinha contado tudo a meu respeito.

Com aquilo, terá talvez respondido à questão de a sua mãe ser tão mais velha do que seria esperado. Faltava entender o porquê de a senhora Silva ter escolhido a Irene de entre os muitos órfãos de Lisboa, mas isso nem a Irene sabia na altura, de modo que não poderia ter-lho confiado.

Lisboa, 1924

Deolinda passou a olhá-la com uma condescendência quase maternal. Em simultâneo, Lena passava pela sua primeira paixoneta e apoiava-se em Irene como sua confidente. Depressa o ponto de encontro passou a ser a casa de Irene, porque as famílias já não viam obstáculo a que circulassem pela cidade, desde que na companhia uma da outra. Com 14 anos, andavam calçadas e limpas, com os cabelos curtos e casaquinhos pelo ombro. Lena vestia tão bem quanto Irene, uma vez que as costuras de Deolinda iam atraindo mais e mais freguesas. As revistas francesas e a *Eva*, que o marido tentara proibir lá em casa, por as considerar um gasto desnecessário, permitiam-lhe tirar preciosas ideias de novos modelos e, depois, sugeri-los e confecioná-los para as suas clientes. Eram, na realidade, um investimento modesto com grande retorno, e apenas a teimosia de Deolinda, que contava sempre com o apoio incondicional da filha, permitiram vergar o senhor Sousa e progredir no negócio. Quando Deolinda contratou uma costureira ajudante — isto é, um par de braços além dos da filha —, comemoraram com uma garrafa de ginjinha. O senhor Sousa também acabava de receber um aumento nos caminhos de ferro, pela admirável capacidade de formar novos maquinistas, motivo pelo qual a Sociedade Estoril o considerava um empregado modelo. Tudo parecia correr bem, e a mãe de Irene, apesar de em ocasiões sentir o impulso de pôr um término àquela amizade descabida, ia permitindo a ligação entre uma menina que deveria ir avante com o estudo do Francês e do cravo, bem como da gestão do lar, e uma filha de costureira, que por sorte se apresentava asseada e bem-vestida.

Lisboa, julho de 1947

— Lembro-me de que a Lena andava numa choradeira infernal por causa de um Pedro Franco, quando foi o golpe militar. Acho que se chamava assim, o seu amado.

— De novo, o nosso general Gomes da Costa — interpus, tentando acompanhar-lhe os modos leves. — Faz todo o sentido, depois do disparate da guerra, ele ter decidido que queria ter uma palavra a dizer sobre o rumo do país.

Ela sorriu, mas entendi que ainda estava distante, possivelmente sob os cabos do telégrafo de La Lys, enterrada no lodaçal até aos joelhos e à sombra de algum Cristo de madeira.

Quando regressámos ao palacete da Castilho, convidou-me para beber um refresco no jardim das traseiras, um espaço que até então desconhecia. Atravessámos a casa fresca, mesmo porque as venezianas estavam corridas até abaixo, emprestando-lhe uma penumbra que, no inverno, seria com certeza glacial. A governanta antecipou-se e informou-nos de que o engenheiro chegara há pouco para almoçar, e que tinha curiosidade em saber se o passeio corra bem. Entendi que temia pelas habilidades da Irene ao volante. De facto, quando se juntou a nós na mesa de ferro do jardim, beijou-a no rosto e perguntou-lhe se o carro da família estava intacto. A Irene mostrou-se ofendida, mas encheu-lhe o copo da bebida de hortelã a que já me habituara.

— Por quem me tomas? — Entendi que brincava. — Claro que o automóvel está bem.

— Só perguntei porque um outro incauto poderia ter-lhe causado dano. Tenho plena confiança em ti. — E piscou-me o olho.

Só então me dei conta dos guinchos que nos chegavam, vindos de um pequeno pavilhão para lá da fonte e dos arbustos de hortênsias. Era o choro inconfundível de cães recém-nascidos. A Irene entusiasmou-se ao explicar que adorava a meiguice dos *cavalier king charles*, e que por isso tinha uma cadelinha que acabava de dar à luz a sua segunda ninhada. Levou-me até lá, com o engenheiro a seguir-nos de perto, os sapatos de pelica a esmagarem o saibro com vagar.

— O meu marido não achou muito boa ideia, mas acabou por concordar — admitiu, ao ajoelhar-se diante do caixote onde a progenitora dos cachorrinhos, uma cadela de olhos lânguidos e pelagem *blenheim* (portanto, ruiva e branca), estava enroscada com minúsculos bichinhos de pelúcia.

Relanceei o engenheiro, que se apoiara com o ombro à entrada do espaço, e que resgatou uma cigarrilha da caixinha de prata que guardava na casaca. Revirou os olhos, por instantes iluminados de divertimento, mas a boca não resistiu a um sorriso.

A Irene pegou num dos animais, que gemeu no seu colo, e acariciou-lhe as orelhas. Depois, com o bichinho preso numa mão, demorou-se na cadelinha-mãe, *Atena*, elogiando-a pela coragem e pelo instinto maternal. Pareceu perdida nesse prazer por um instante, e foi a voz do marido que nos despertou do enlevo:

— É mais difícil tirá-la daqui do que impedir a Júlia de os estrafegar.

— Nada disso, mal tenho parado em casa.

— Ontem e hoje. — O marido riu-se, mas era óbvio que sabia que de nada adiantava contradizê-la. — E ontem, ficou aqui até à meia-noite, tive de convencer as crianças a irem para a cama, porque queriam ficar aqui com ela.

— Quem consegue resistir-lhes? — questionou a Irene, elevando o cachorro até ao rosto e esfregando-o no nariz.

— Senhor Almeida, almoça connosco? A Júlia foi passar a tarde com os avós, mas podemos apresentar-lhe os rapazes.

Decidi juntar-me a eles por curiosidade, pretendia observar o modo como a Irene se comportava diante dos filhos homens. Foi uma visão curiosa, a de uma mulher alegre — onde foi buscar tamanha alegria, quando ainda nessa manhã chorara? —, ladeada por dois rapazes mais altos do que ela, magricelas e brincalhões. Tinham muito pouco da solenidade categórica do pai, e muito da leveza de espírito que pulsava sob a superfície da Irene, e que só agora tinha oportunidade de testemunhar. Era como se a tivesse visto sempre enublada, e por fim a visse exposta a raios de sol.

Depois de pegar em todos os cachorrinhos à vez, fui apresentado aos dois rapazes de camisa e calções que vieram chutar uma bola no pátio, com a mãe a pedir-lhes que evitassem a sebe, as paredes do pavilhão e a mesa onde terminávamos as bebidas. O mais velho parecia um jovem ariano, era muito loiro, alto e de olhos claros, e quando sorria abriam-se duas covas no rosto juvenil. O mais novo era mais baixo, de cabelo castanho-claro — a mesma tonalidade do cabelo do engenheiro —, e era ainda mais sorridente do que o mais velho. Estiveram o tempo todo a espezinhar a relva e a massacrar as canelas um do outro com a bola de couro, enquanto tagarelavam sobre o Sporting do pai. Eram os dois rapazes mais comunicativos de sempre, mas ignoraram-me como a um intruso que não lhes cabia entreter.

Durante o almoço, falámos sobre a Lisboa em construção e, em particular, sobre a Exposição do Mundo Português, que era a minha última lembrança nítida do rumo do país antes de me mudar para a Grã-Bretanha. Discutimos a possibilidade de se vir a construir um metropolitano em Lisboa, e o engenheiro tinha conhecimento de alguns planos que já existiam nesse sentido, mas que lhe pareciam inviáveis devido à enormidade do investimento

envolvido. Por essa altura, havia já a certeza de que os Estados Unidos tinham preparado um plano de concessão de fundos ao nosso Velho Mundo, para que pudéssemos reconstruir-nos financeiramente após a infame guerra que terminara dois anos antes, mas ainda não sabíamos ao certo que maquia caberia a Portugal. Era pôr os olhos nos caminhos de ferro, que tinham evoluído também graças a investimento externo, e esperar que uma qualquer outra nação se interessasse pelos nossos projetos.

Escutava-o com interesse, de olhos postos na retidão dos seus ombros e no modo como, de vez em quando, todos o olhavam em simultâneo como se pusessem a vista num messias. A Irene distendia o canto dos lábios, como se o orgulho lhe desse para sorrir, ao Afonso só faltava fazer continência, e o jovem Rafael ria-se abertamente. O engenheiro era o modelo máximo da casa, constante, confiável e, acima de tudo, benevolente.

O homem de fato e gravata, sem bigodes, cujo relógio de pulso o atraía de volta ao trabalho sob o punho imaculado da camisa, era um Cristo para a família. Todos gravitavam em seu redor, e a pequena Júlia, ainda que ausente no almoço, era a que, sem segredo, mais o venerava. Dei-me conta, com o guisado no garfo e a meio caminho da boca, de que estava perante uma família feliz. Com Lena ou sem Lena, com guerras ou sem guerras. Estava perante uma família feliz, à revelia do chavão de Tolstoi a propósito de todas as famílias felizes o serem à mesma maneira. Palpitava-me que, de algum jeito distorcido, a tal Lena até acabara por contribuir para estas risadas, e isso nem a genialidade dos russos poderia ter previsto.

XIII

Nessa tarde, não conseguia despedir-me. Via-a melhor, mas ainda envolta na névoa mística das confissões. Planeara ir até Cascais e, depois, caminhar ao longo do paredão até ao Estoril e, quem sabe, mais além. Gostaria de percorrer aqueles quilómetros de comboio e de ver o Forte de Oeiras e os casarões que iam nascendo ao longo da ferrovia, bem como de respirar o tão alardeado iodo que nos chegava das águas frias e espumosas que se derramam naquelas praias. Em suma, desejava expor-me um pouco à brisa marítima, desligar-me daquela família que estava a apropriar-se, aos poucos, do meu tempo em terras lusas. Não obstante, fomos sentar-nos no pavilhão, e os cães iam sugando, sôfregos, o leite da mãe num caixote forrado a farrapos, indiferentes ao verão escaldante lá fora, e às flores que murchavam apesar de o jardineiro as regar e podar com brio. Para quê expor-me ao sol de estio a vinte e cinco quilómetros do meu hotel? Mais valia sentar-me no banco de pau que a governanta nos trouxe ao pavilhão, enquanto a Irene se sentava no chão e puxava indiscriminadamente cachorros para a saia.

— Ora bem, onde íamos? — atirei.

— Hum... no *coup-d'état* de maio?

— Espero que não tenha nenhum informador atrás dos lençóis do estendal, Irene — trauteei, e ela riu-se sem me olhar.

Pareceu-me uma temerária, à revelia do zelo afetuoso do marido.

— Não falemos de política, então. Esqueçamos o golpe...

Lisboa, 1926

O que importava é que uma falsa ordem chegou para todos os Portugueses após o 28 de maio de 1926, e que se instaurou um governo da moral e dos

bons costumes, no qual se era multado por se ser demasiado pobre para usar sapatos. Irene e Lena, de casaco pelos ombros, andavam por uma Lisboa guardadas por um homem de farda e cassetete a cada rua, com os saltos dos sapatos a enterrarem-se no lodo das chuvas fortes. Em breve, viram-se no Odéon, diante de *A Viúva Alegre* e de outras películas, a inventar falas para os filmes mudos e a rir-se da orquestra que os acompanhava e que se sentava abaixo do palco, sob a chuva de cascas de pevides e tremoços. Também Henrique e os outros rapazes se lhes juntavam nessas saídas, a manusear os chapéus como jovens dândis, de sapatos sempre envernizados e pomada nos cabelos. Ao falar com as jovens, usavam os polegares para repuxar os suspensórios e exibiam os dentes claros, divertidos:

— Depois do filme, vamos comer um rajá? — convidaram, e Lena trocou um olhar cúmplice com Irene.

Seguiram todos juntos à sombra dos candeeiros públicos, junto aos quais vinham morrer as mariposas, e fugiam das varandas a cada aviso de «água vai».

Foi nessa altura que se tornaram mesmo amigas de Henrique e dos rapazes do seu bando. Irene gostava especialmente de José Touro, o Zé das Touradas, porque o pai o arrastava para todos os espetáculos da cidade. Acreditava que nascer-se com aquele nome era uma missão. Por isso, a cada tourada ou largada, metia o filho diante dos forcados, se conseguisse, e batia palmas a incitá-lo. Estava convencido de que lhe nascera um prodígio.

José Touro tinha horror a violências, ainda que tauromáquicas, e morria de pavor dos animais. Quando se deixava arrastar até ao Campo Pequeno, era apenas para ver a Dulcineia dos seus olhos, uma jovem franzina e tuberculosa que passava o dia no parque por entre as tílias, a bordar lenços para os apaixonados. Os outros ruminavam uns tremoços e entregavam os peitos às peripécias de João Branco Núncio na arena, com rondas de aplausos. Irene recordava-se de uma tarde em que, apressando-se mais cedo para as imediações da praça, ali deixadas pelo motorista da sua mãe, ela e Lena deram de imediato pela ausência da bordadeira sob as tílias. Olharam uma para a outra, tomadas de um pressentimento irreprimível e, depois, confrontaram-se com o desalento de José Touro, quando este desceu do carro de aluguer, seguido por Henrique Simões, e se apercebeu do pequeno banco vazio.

— Pode estar em casa, não? Está uma aragem gelada — refletiu José Touro, ao ir encostar-se ao tronco de uma das tílias, cruzando os braços. — Vão andando para o espetáculo, lá vos encontro.

Irene passou o braço no de Lena e chamou-a para mais perto. Soltaram um

longo suspiro e, passados alguns minutos, Lena não se resolvia a acompanhá-la ao interior da praça. Atendendo ao chamamento de Henrique, e vendo Lena de lágrimas nos olhos pela angústia que tolhia José Touro, Irene deixou a amiga a consolar o rapaz, e viu-se sentada lado a lado na plateia com Henrique Simões. Os dois ficaram em silêncio enquanto cavaleiros e forcados, vestidos segundo a moda do século XVIII, iam arreliando os touros e escapando às suas investidas. Quase no fim, quando a audiência começou a levantar-se e os rapazes invadiram o recinto poeirento, ameaçando em vão um touro moribundo, Henrique olhou-a:

— Era evidente que ela estava à beira da morte.

— As pessoas podem viver muitos anos com aquela doença. Quem sabe ela ainda venha a curar-se?

No exterior, além da noite cerrada, encontraram Lena e José Touro sentados lado a lado, e o jovem estava abraçado ao próprio tronco. Recusou-se a erguer o rosto para os recém-chegados até Lena, que lhe ia acariciando o antebraço em postura solene, se dispôr a explicar:

— Passou aqui uma aguadeira que a conhece. Disse que ela se finou ontem e que, por via da doença que tinha, foi hoje a enterrar no Alto de São João.

Lisboa, julho de 1947

Nesse ponto, não resisti a perguntar à Irene se nessa altura já costumava frequentar o cemitério, a fim de se sentir mais próxima do pai combatente.

— Não, senhor Almeida — admitiu, e com isso alisou a saia e pôs-se de pé, vindo sentar-se comigo na mesinha do pátio. Acendeu um cigarro e soprou o fumo a favor do vento. — Nessa altura, devo confessar que era raro entregar-me a grandes reflexões. E também não era costume pensar muito na minha infância, sabe? Acho que só queria esquecer, o que nos deixava, a mim e à minha mãe, muito descansadas.

Ainda assim, acrescentou, e sobretudo por ter crescido sem um vulto masculino que personificasse, de algum modo, a figura de pai, de chefe de família, costumava recordar-se do jovem de barba macia que a levava para adormecer na concavidade que se formava entre o seu queixo e os seus joelhos. Ela aninhava-se ali, a salvo da rezinga do avô e do tom boçal e ébrio das conversas dos seus camaradas. Quando se via assustada ou perdida, voltava a esse abraço sob o cobertor puído de inverno e via de novo a própria mão a afagar o rosto do seu jovem pai. Não lhe recordava as feições, mas bastou dizer-me que, mesmo em pensamentos, lhe recuperava o canto

sorridente dos lábios, sob a sua mão perscrutadora e sonolenta, para os olhos lhe brilharem de ternura.

— Teve um bom pai — garanti-lhe, só para travar o avanço das lágrimas.

— Sim, mas por pouco tempo.

— Ele fez o que podia.

— Eu sei.

— Portanto... — Dei uma palmada sonora nos joelhos para a despertar do saudosismo. — Acompanhou o seu amigo ao Alto de São João?

— Olhe que acompanhei. — Conseguiu sorrir, como que surpreendida por eu ter adivinhado o desenrolar da história. — E até cantei.

Lisboa, 1926

No dia seguinte, acompanharam José Touro ao cemitério e à campa rasa de terra revolteada e húmida que pertencia à bordadeira do Campo Pequeno. Henrique Simões tirou do bolso um dos lenços primorosos que a rapariga bordara, e que ele levava em certa ocasião para oferecer à irmã. Devolveu-lho nessa tarde, dando um nó com o bonito tecido rendado em torno da cruz de madeira que algum familiar improvisara para a menina.

— Que idade teria ela? — perguntou Lena, ao pousar os cravos amarelos sobre a terra solta, enquanto Irene se afastava um pouco para ler os nomes dos jazigos em redor.

— Uns catorze — concluiu Henrique, sem que José Touro o corrigisse quanto a esse pormenor.

— Não seria mais velha? Era tão magra que podia ser mais velha — voltou Lena, tentando manter os bonitos sapatos engraxados no empedrado, a salvo da poeira das sepulturas.

— É uma santa — disse José, por fim. — Uma santa. — Depois, esmagando os lábios com o punho, acrescentou: — Quando eu conseguisse um bom ofício, ia pedi-la em casamento. Nunca lhe falei em nada disto. Se calhar, ela nem me tinha aceitado. Daqui a uns anos, claro. Convenci-me disso, apesar da sentença que lhe víamos na pele...

— E na tosse — lembrou Lena, afagando-lhe o braço como na noite anterior, de olhos postos na cruz de pau e no nó do lenço de Henrique. — Onde anda a Irene?

Irene afastara-se. Caminharam por entre os jazigos, o rosto corado pelo vento que lhe chegava da cidade que via à distância e, pela primeira vez, deu por si diante do jardim onde abundavam as cruzes dos combatentes, e, num

golpe inexplicável da memória, recordou o pai de cócoras, a prometer-lhe que voltaria, a pedir-lhe que fosse uma boa menina, a assegurar-lhe que, não obstante o que viesse a ouvir de outras bocas, ele era *seu pai*. Na altura, nada daquilo fizera muito sentido e por isso, quando Lena apareceu para a resgatar do choque da recordação que a levava dali, com ela a dizer-lhe que estava convencida de que o nome do pai estava inscrito numa daquelas campas inominadas, não soube como explicá-lo aos amigos.

Quando regressou, Henrique Simões dizia a José Touro que ela tinha boa voz, que a ouvira em certa ocasião cantar num arraial de Santo António, para Rosa, e apenas por graça. José Touro fitou-a com esperança no olhar:

— Achas que podes cantar-lhe qualquer coisa? Nem sei se teve enterro cristão...

— Claro que teve! — garantiu Lena, sem que disso tivesse qualquer certeza.

Irene não se opôs a fazê-lo, porque se sentia à vontade com aquelas pessoas. Com a rotina do cinematógrafo e dos passeios de comboio até ao Estoril, além de outros eventos e arraias por Lisboa, aquelas pessoas começavam a ser importantes para ela. Uma segunda família. À parte deles, apenas podia contar com o afeto incondicional da mãe e a rezinguice afetuosa de Julieta, a governanta.

— Não sei se é certo vir com cantorias para o cemitério. — Olhou em redor, para garantir que não havia nenhum coveiro nem nenhuma viúva por perto.

— Também acho que não é boa ideia — contrapôs Lena, conscienciosa.

— Mas visto que estamos sozinhos...

*De ilusões desvanecidas
Filme de esperanças perdidas
Minha canção é saudade
Ai, que de tranças caídas
Via tudo em cores garridas
E em todos via bondade
Ai, que de tranças caídas
Via tudo em cores garridas
E em todos via bondade
E nesta sinceridade
De amor e sensualidade*

*Ponho a alma ao coração
Numa angústia, uma ansiedade
Minha canção é saudade
Do amor sonhado em vão
Numa angústia, uma ansiedade
Minha canção é saudade
Do amor sonhado em vão
Nesta saudade...*

Quando terminou, José Touro apertou-lhe a mão e usou os punhos para limpar as lágrimas que lhe turvavam a vista. Lena manteve-se muito silenciosa, como que tocada pela mesma nostalgia, e Henrique Simões foi dar um passeio pelos jazigos de estranhos enquanto a cantiga durou, porque em nenhuma ocasião permitiria que lhe vissem uma comoção.

— Fico-te mesmo grato, Irene. Já pensaste em cantar?

Irene riu-se, para sacudir a emoção e o estranho torpor que a tomara ao entregar-se aos declives da cantiga. Apertou-lhe a mão de volta:

— A minha mãezinha matava-me!

— Matava-te lá agora!

— Vamos, Henrique — chamou Lena, e ele juntou-se-lhes vindo de uma ruela de capelas-jazigo.

— Ela canta bem — notou, quando estavam quase no portão.

— Pois canta, a minha santinha deve ter-se emocionado lá do Céu — concordou José Touro, um pouco mais animado.

— E a Severa, a Severa também adorou. — Com aquilo, puxou Irene pelo braço e virou-a para o espaço caiado de branco que abandonavam: — Queres ir cumprimentá-la?

— Podemos ir-nos embora, que eu não gosto nada destes sítios? — pediu Lena, com um tom de voz ansioso.

— A Severa foi enterrada aqui, foi, mas numa vala comum — esclareceu José Touro, quando retomaram a marcha. — Touros e fados é com o meu pai.

E continuaram para a saída, com Irene mortificada pela consciência de que tremia, e que era o ter cantado um fado que a fazia tremer. Em contrapartida, José Touro caminhava com maior leveza, e os seus lábios iam ameaçando um sorriso a cada anedota de Henrique para o fazer rir. Já Lena, seguia num silêncio contrariado, amuado. Irene é que, nessa época, ainda não se apercebia da semente do ciúme que lhe crescia no peito e que, mais cedo ou mais tarde, havia de germinar.

Regressaram então à Almirante Reis, com José Touro a conduzir a carroça do tio, Lena ao lado a tentar reconfortá-lo e a escutar-lhe o triste conto da irmã que perdera para a pólio, e Irene na caixa aberta, sentada num fardo de feno, com os olhos fixos no próprio regaço, onde a mão de Henrique se enganchara com firmeza na sua. Ele pareceu-lhe tão combalido pela desdita da pobre bordadeira, tão apostado em apoiá-la ao cingir-lhe a mão, sem que nenhum dos outros ocupantes se apercebesse, que Irene considerou que podia confiar-lhe o conteúdo da sua alma.

Lisboa, julho de 1947

— Depois, não sei o que me deu, senhor Almeida. — Ouvi-a dizer, a voz a elevar-se do restolhar das árvores de fruto e das hortênsias.

A cadela viera estender-se aos nossos pés, à sombra da mesa, e em breve os cachorrinhos se puseram a choramingar no interior do pavilhão. Gostei de ver como, de vez em quando, a bichinha levantava o focinho na direção dos seus chamamentos, analisava o teor dos seus queixumes e voltava a permitir-se adormecer. Considerei que estava a conceder-se a si própria uma pausa na dura tarefa de alimentar aqueles cachorrinhos inquietos.

— Como assim, Irene?

— O Henrique era uma pessoa muito desligada do mundo, ou assim eu julgava. O pai era jornalista, a mãe, filha de um visconde falido. Mesmo na escola pública, havia um quê de distinto nele. Viemos a saber que a família tinha muito dinheiro, mas que o pai tinha destruído tudo com o sonho do jornal. A partir daí, desculpei-o sempre com a falta de amor que os pais lhe dedicavam. Achava que tínhamos isso em comum.

XIV

Soprava o fumo, mantendo as pestanas baixadas e o pé, de repente apenas protegido pela meia de vidro, acariciava, com distração, o dorso da cadela.

— Achei que tínhamos sofrido os dois a mesma falta dos nossos progenitores. Os dele estavam lá, claro, mas era como se não estivessem, e a brusquidão que se foi revelando nele vinha daí, da ausência de afeto. Mas, quando regressámos à Almirante Reis e a Lena ficou na Igreja dos Anjos com o José Touro, que queria mandar rezar uma missa por alma da bordadeira, o Henrique e eu caminhamos até à minha casa e contei-lhe tudo enquanto a mãe não chegava.

Recusei o convite para jantar, mesmo porque entendi que o fazia por cortesia. Nessa tarde, a pequena Júlia regressara da casa dos avós com muito mimo, e choramingara quando lhe comunicaram que o pai só viria beijá-la ao fim do dia. Quando as crianças empreendem essa espécie de birra incontrolável, só resta a um pobre escritor retirar-se e explorar por si um pouco a cidade. A Irene compreendeu que eu precisava de ficar sozinho, e foi à minha própria companhia que me entreguei até ao pôr do sol, altura em que regresssei ao Hotel Europa.

Ao sair da casa da Irene, fechei o portão de ferro nas minhas costas e decidi não tomar o elétrico, mas descer a pé até ao Rossio, de onde enveredei pela Rua do Carmo, rumo ao meu quarto. Pelo caminho, as acácias-do-japão e os ulmeiros ao longo do *boulevard* granjearam-me alguma sombra. Alcancei o memorial aos combatentes da Primeira Guerra, no flanco ocidental da Avenida e próximo à desembocadura da Rua do Salitre, com a camisa colada às costas e o cabelo empapado. Vira-o bastantes vezes antes da minha aventura em terras britânicas, mas nunca dedicara um pensamento ao significado daquele conflito para a minha nação. Sabia que a minha tia

Lucinda fora enfermeira, e que várias famílias tinham perdido um membro, mas e para o país? O que foi a guerra para o país? É possível que a Irene visse no rosto daquele soldado, nos seus apetrechos bélicos, bem como na sua determinação em auxiliar a nação, os traços da juventude e da força do seu pai. Enxugando a fronte com o lenço, percebi que eu mesmo via no soldado português o seu pai.

Prossigui aquela caminhada estival com os pensamento longe, na Flandres. Tentei recordar-me do motivo que nos levara a participar na guerra, e de como esse fracasso inevitável da República afetou a minha família. Lembrei-me da tia Lucinda, que, ao regressar, nunca mais conseguiu dedicar um sorriso a ninguém que a cumprimentasse. Uma vez, acompanhei a minha mãe ao Hospital de São José, no início do novo século, quando a tia se fez enfermeira, e recordo-me de ouvir a minha mãe tagarelar no regresso, a respeito de como também ela poderia ter sido enfermeira e cumprido a sua formação no à época ainda Hospital Real de São José, se não fosse a filha mais velha de doze, enquanto a tia Lucinda era quase duas décadas mais nova que ela.

A minha tia era, inclusive, apenas dois anos mais velha do que eu. Brincámos juntos nas amuradas do Convento das Trinas, com a mãe a gritar tanto para mim quanto para a irmã para que nos mantivéssemos afastados do poço. A tia, alegre e risonha, que encolhia os ombros quando a família perguntava se não seria melhor investimento casar do que formar-se, voltou da Grande Guerra e nunca mais engomou a farda com o mesmo sorriso de orgulho. Parecia antes *embaraçada*. Também se recusou a apaziguar a minha curiosidade e a dos primos rapazes que, nos primeiros tempos, lhe perguntávamos com certa alarvidade se cortara pernas, se era verdade que se podia ficar sem cara e continuar a respirar, e se havia assim tantos ratos nas trincheiras. A tia ignorou-nos durante vários serões, sempre com a avó a sacudir-nos para fora da mesa, ou a anunciar com berros que se sobrepunham às nossas perguntas inconvenientes que o parlamento se dissolvera uma vez mais. Numa ocasião em que a avó não chegou a tempo de interromper o silêncio expectante depois da nossa enxurrada de questões, a tia pousou a colher da açorda de pão e alho, e olhou para nós sem denunciar qualquer comoção. Disse algo como:

— Se continuarem a passar descalços pela ferragem do Azevedo, experimentem pisar um prego. Quando o tétano vos puser os músculos do corpo todo tensos que nem varas, e a ferida infectar, eu corto a perna a um de vocês sem morfina, com a machada que a avó usa para as galinhas, e os outros podem assistir.

Olhámos uns para os outros e perguntámo-nos o que era a tal morfina, mas não pudemos prosseguir o interrogatório, porque a avó chegou com um tamanco na mão, em plena posse da deixa para nos obrigar a usar os sapatos que nos tinham sido oferecidos no Natal e que nos magoavam os pés habituados às irregularidades do chão.

Não precisei de nenhum cálculo de matemática avançada para me dar conta de que a tia Lucinda teria uns 62 anos, e que provavelmente ainda trabalhava como enfermeira no Hospital de São José. A Irene teria de me permitir uma pausa na sua narração para que eu pudesse ir ao encontro da única parente que me ocorria ter em Lisboa. O êxodo da minha família começara comigo para Londres, e continuara com os meus pais e tios a caminho da sepultura. O Damásio e os irmãos debandaram para o Porto, onde trabalhavam em Leixões e na Foz, como estivadores, mas sempre foram família afastada.

Parei diante do Cinetatro Eden e reconheci-lhe, na solidez grandiosa da fachada, a mesma dureza do expressionismo alemão que registei durante a minha estadia em Berlim, para cobrir os Jogos Olímpicos de 1936, ainda ao serviço da imprensa portuguesa. Nessa ocasião, lembrei-me de descrever o aspeto esmagadoramente bélico que me inspiravam as ruas da capital germânica, um país que se dava ares de império³, e de como a suástica, sobre fundo carmin, me surgia no canto do olho a cada ângulo que espreitasse. O fotógrafo que me acompanhou, e com quem não voltei a colaborar, garantiu-me que as fotos iriam causar grande impressão em Lisboa, e tudo me pareceu tão megalómano, grandioso, que o meu artigo acabou por debruçar-se menos sobre a medalha de bronze que obtivemos na prova equestre, do que na harmonia perfeita com que os arianos saudavam o seu *Führer*.

Tudo muda, é essa a minha conclusão. Até a Tabacaria Costa, onde o pai comprava as cautelas da lotaria, deu lugar à Tabacaria Rossio. O que o pai se queixou, quando o letreiro familiar e austero foi retirado e, no seu lugar, surgiram as letras luminosas! Costumava dizer-me que comprara lá uma boquilha de âmbar, numa ocasião em que apanhou uma grande bebedeira com um dos cunhados, e depois tivemos de comer mais açorda durante toda a semana, até ao salário seguinte. A mãe ficou furiosa, mas, nessa época, quando o nome da tabacaria mudou, já estava capaz de se rir do episódio.

Parei diante dessa esquina do Rossio com a Rua do Ouro e obriguei-me a entrar. Não sabia ao que ia, nem tinha necessidade de coisa alguma. Acabei por comprar uma caixa de *Habanos* e, à falta de outras celebrações, jurei fumá-los quando publicasse uma novela de sucesso. Também adquiri uma caneta *Dupont*, que me pareceu um artigo de grande utilidade para qualquer escritor

que se preze. Com essas duas extravagâncias no bolso, avancei até ao meu alojamento e dediquei o resto da tarde ao registo de como preencheria as minhas horas, com especial destaque para estas reflexões e para as palavras da Irene.

Antes de me deitar, nessa noite, decidi que no dia seguinte faria um desvio até ao São José, onde haveria de indagar de gabinete em gabinete pela minha tia Lucinda. Sei que, em alternativa, poderia ter-me dirigido à nossa antiga travessa, na Calçada da Ajuda, e perguntado por ela. Sucede que, quando saí do país, já ela não morava por ali. Parecia-me pouco provável que tivesse regressado às origens volvidos seis anos, embora me fosse também evidente que, caso o plano de a procurar no hospital falhasse, era certo que os vizinhos saberiam dar indicações de onde encontrá-la numa Lisboa que, para quem vive em Londres, se afigura como uma aldeia.

Com isto, não deixo de compreender que estou a cometer um erro crasso para um novelista, que é o de me desviar do cerne da minha narração. Por esse motivo, e porque, uma vez consciente deste hábito imperdoável de vaguear, não posso perpetuá-lo, regressemos à Irene e à sua família, cuja génese, por essa altura, me parecia feliz de uma forma muito peculiar.

³ *Reich*, em alemão.

XV

Lisboa, julho de 1947

Quando voltei a ver a Irene, após um dia de interregno, pareceu-me sorridente. Acendeu um cigarro no seu jardim de inverno, soprou-o para o exterior e alisou a saia sobre os joelhos. Por sorte, o verão deu-nos uma trégua inesperada: nesse dia, ventava e o céu apresentava-se nublado, como se anunciasse um ciclone.

— Acha que chove, senhor Almeida? — perguntou-me, risonha. — Posso tratá-lo por Serafim?

Dei por mim a rir-me, porque achava graça que o meu nome estivesse silenciado há tantos anos e que, de repente, a Irene o pronunciasse.

— Pode, pois.

— Estive a folhear o seu livro, já o li há algum tempo. Está ali em cima. — Usou o polegar da mão que segurava o cigarro, para apontar a maquete da nova Lisboa e, pousado naquilo que, à distância, me pareceu o Terreiro de Paço, estava o meu livro. — Gostaria de autografá-lo?

— Geralmente, são os leitores que gostariam que o escritor autografasse um livro.

Ela ripostou também com um riso, e foi claro que a ausência do Sol e do seu calor incapacitante nos deixava de excelente humor.

— Ontem, não veio visitar-me. Por onde andou?

Sabia que não era obrigado a responder-lhe, mas não havia como não embarcar naquela singela troca de palavras, pontuada de leveza e de risos suaves:

— Fui procurar uma tia que não via há muitos anos.

— Desde que se foi embora?
— Antes disso, já não a via há bastante tempo.
— Hum — fez a Irene, e depois os dentes voltaram a surgir, alvos, por entre os lábios carmim. — Estou muito feliz hoje, senhor Almeida.
— Então, qual vem a ser o motivo de festejo?
— Telefonaram do Coliseu a avisar que os bilhetes para o meu espetáculo estão quase esgotados. — O olhar cintilou de entusiasmo. — Nunca cantei para tanta gente.

Dei por mim a bater-lhe palmas. Era, sem dúvida, motivo de celebração. O ruído do meu aplauso ecoou nas paredes de mármore, e ela aquiesceu ao meu gesto com um sorriso gracioso. Sei que me consagro um escritor de cordel se disser que o seu contentamento, as faces rosadas de prazer, foram um digno substituto do Sol nessa tarde, mas foi o que senti nessa ocasião. A sua figura em luzência resgatou-me à nostalgia que o dia anterior me imprimira no peito, e varreu a nuvem de tristeza que o assolava. Recordei-me do porquê de estarmos juntos naquela sala, na qual os canários se aquietavam nas gaiolas devido à ausência de luminescência solar, e procurei instigá-la:

— Acha que a Lena estará presente? Quem sabe a roer-se de inveja?

Uma sombra recaiu-lhe no olhar. Assisti à súbita morte do seu sorriso, já arrependido do meu comentário.

— Não, estou certa de que ela não vai ao espetáculo.

— Gostaria que fosse? — arrisquei, porque tive dificuldade em ler-lhe os sentimentos.

— Não, creio que não —olveu, mas apertava já as mãos uma na outra. — Senhor Almeida, lembra-se de lhe perguntar se achava justo que uma mulher retribua as alfinetadas de outra? Sobretudo quando a sociedade a apelida de falsa e de viperina só pela simples circunstância de ser mulher? — Assenti, e ela concluiu: — Pois é. Eu acabei por alfinetá-la de volta, e é por isso que sei que ela não vai ao espetáculo, e também que não vou cruzar-me com ela na rua.

— Então, o que aconteceu foi sério... — articulei, tentando ler-lhe a expressão.

— Muito sério.

Colocou-o de modo tão sombrio, apesar de me parecer ao mesmo tempo constrangida e aliviada, que tirei uma nota a propósito dessa conversa, e inclusive sublinhei-a. *De que modo se vingou a nossa Condessa de Monte Cristo da amiga traçoieira?* Passaram-me pela cabeça as hipóteses mais sombrias — assassinato, por exemplo —, mas parecia-me pouco plausível que fosse confessá-lo a um estranho. É famoso o talento que as mulheres cultivam para

a intriga e a vingança. Mas parece-me haver uma diferença entre as mulheres que — neste ponto, devem perdoar-me pela vulgar comparação aos répteis —, mordem por morder, e as que injetam o seu veneno apenas em quem as provocou. A nossa Irene, quis acreditar, pertencia ao tipo de cobra que só riposta quando cutucada. Porque pode. Porque todas as mulheres têm ardis suficientes na sua natureza para retaliar quando ofendidas, ou quando agredidas. Seja veneno contra maridos violentos, seja a mentira contra amigas desleais.

Uma vez mais, vi-me sentado perante uma estranha. Não a conhecia de todo. A mulher que ora me parecia arrependida da vingança que acabava de me confessar, ora me parecia exultante com o desfecho da sua rival, fosse ele qual fosse, era-me impossível de decifrar. Não se assemelhava, por completo, à jovem frágil que se sentara comigo no cemitério, e que chorara em memória de um pai com quem convivera pouquíssimo tempo. Seria a Irene uma daquelas pessoas que mostram maior benevolência para com desconhecidos, ou para com animais, do que para com aqueles que convivem consigo de modo rotineiro e que, por isso, acabam por nos confrontar e nos chamar à razão? Seria o orgulho, que lhe antevia por detrás dos olhos deambulantes, o catalisador que a faria hostilizar alguém como a Lena?

Começava a perguntar-me se a Lena a teria mesmo agredido, ou se se limitara a ofendê-la. Quem sabe a tivesse ferido em algo que ela considerasse sagrado e, por isso, a Irene não encontrasse em si modo de perdoá-la.

— Onde íamos?

— Disse-me que retaliou.

— Não, não. Antes disso... — Sacudiu as minhas palavras com um gesto impaciente. — A santinha do Touro tinha morrido, não é?

— Isso. — Não escondi a decepção, porque, tal como eu, também ela vagueava de assunto em assunto.

— Não lhe parece que seja importante, mas é. Porque foi o modo como a Lena criou um padrão de afeições para com homens fracos, ou num momento frágil. A Lena viu o José destroçado pela morte da menina que tanta afeição lhe despertava, e empenhou-se em consolá-lo.

— Sendo que as mulheres não podem andar por aí na companhia de homens casadoiros se não quiserem ser faladas.

A Irene olhou para o chão e riu-se. Aquela expressão de divertimento durou enquanto esmagava o cigarro no cinzeiro, e fiquei certo de que se recordava das suas próprias transgressões. Por muito que a visse recatada, e que nada na sua atitude levasse a crer que pudesse incorrer em comportamentos levianos, a verdade é que era uma artista. E as artistas, cedo

ou tarde, acabam faladas, o que me leva a crer que há algum fundamento que sustenta o falatório.

— Os pais da Lena tinham nela uma fé cega, especialmente a mãe.

Ela deve ter-se apercebido do meu constrangimento. Estávamos a entrar na parte dos assuntos femininos que eu não queria desvendar.

Estoril, 1956

Na minha juventude, cheguei a sair com meninas de má fama. Antes das imposições deste governo conservador, pagava-lhes pelo seu tempo, às vezes sobrava orçamento para irmos a um espetáculo distante, onde soubesse que não seríamos reconhecidos, e passávamos por uma casa de pasto para comer qualquer coisa, um rajá que fosse. Na penumbra da sala, mastigávamos amendoins e dávamos uns beijinhos, que iam preparando terreno para o resto do serão. Gostava de ver a cara de inveja dos outros rapazes quando escolhia um lugar na companhia de uma jovem, ainda que, fosse pela boca tingida, pelo cabelo curto ou pelo vestido revelador, ficasse subentendido que estava a pagar-lhe. À saída, já depois de anoitecer, acompanhava-as até ao ponto de transporte mais próximo quando andava curto de fundos para táxis. Antes de me ir embora, já essas casas tinham fechado e as raparigas haviam sido postas na rua ou encontrado novas moradas, mais discretas. Quando, por acaso, me cruzava com alguma que já conhecesse, via-me obrigado a aceitar a sua sugestão de alugar um quarto num prédio discreto que ela frequentasse e, com essa despesa extra, acabaram-se os espetáculos e as comidas rápidas nos tascos da cidade. Sabia-me bem ter companhia por um bocado; dava-me a ilusão de não estar sozinho. Era como uma preparação para quando um dia surgisse uma jovem que despertasse o meu interesse, ou que fizesse bater o meu coração como os romancistas alardeavam. Nunca senti tal coisa. Nunca me apaixonei, essa é a verdade. Achava pouco provável que estivesse condenado a passar pela vida sem sentir os ímpetos da paixão, uma condição tão humana que desde o Antigo Egito causa estragos, mas facto é que nunca me vi sem ar por mulher alguma.

Quando cheguei aos cinquenta, convenci-me de que já não iria acontecer comigo e, entretanto, essa teoria tem-se provado certa. Também me pareceu claro que sou um romântico. Rejeitei todo o amor que me pareceu pouco. Rejeitei a Olinda quando deu a entender que gostaria que a desposasse, lá na Travessa da Ajuda, e a Fernandinha, quando terminei os exames e deixei o liceu, e ela, filha do reitor, veio dizer-me que bastava agora a universidade

para podermos casar-nos, porque o pai desejava um genro com futuro. Também fingi não entender o que me dizia a Maria, quando veio despedir-se de mim à porta da minha mãezinha e disse que ia juntar-se às Carmelitas, porque o homem a quem jurara amor eterno não a via como futura mãe dos seus filhos. Tal como a Maria não concebeu casar-se com um outro pretendente, e tinha-os vários por ser de uma beleza etérea, quase celestial, também eu não concebi desposar uma mulher só porque sim, porque precisava de quem me engomasse as calças e me puxasse o lustro aos sapatos. Enquanto estive em Portugal, a mãezinha cuidou da minha roupa e das minhas refeições. Quando morreu, uma das suas irmãs ocupou-se com naturalidade das minhas necessidades, e nunca me permitiu sequer que pegasse numa vassoura.

Quando me vi sozinho em Londres, o primeiro desafio, além de encontrar um apartamento com uma renda sustentável, e de me habituar aos entrecruzamentos do metropolitano, foi o de descobrir que não sabia fazer coisa alguma por mim mesmo, no que à gestão do lar diz respeito. Não sabia fazer nada. A primeira refeição que preparei foram batatas cozidas, com casca e insensas, que ingeri com uns ovos cozidos. Comecei por sair todos os dias para comer fora, mas a meio do primeiro mês já o dinheiro me acabava. Ponderei contratar uma empregada que me desse um jeito à casa — e como uma casa se enche de pó e de teias se não cuidarmos dela, e o difícil que é desgordurar um fogão e manter limpo um vaso sanitário! —, e que me preparasse qualquer coisa de comer, mas também para isso os meus fundos eram escassos. Acabei por comprar livros e folhetos que via as mulheres a consumirem com sofreguidão. Alguns iam-nos chegando da América, bem como revistas subscritas, regra geral, por donas de casa que buscavam a perfeição. Sempre que estendia ao vendedor uma dessas revistas, fazia um sorriso satisfeito e dizia que a minha mulher tirava grande satisfação de ser educada nessas matérias. Não havia mulher, claro. Quando essa atitude começou a parecer-me decadente, dei por mim a comentar a utilidade de alguns artigos sobre remoção de nódos e como preservar a goma nos colarinhos das camisas com a pessoa que me aceitasse o pagamento, e acabei por ver alguma ironia nisso. O facto é que as mães e as esposas inglesas não são tão submissas quanto as portuguesas, e estive quase a apaixonar-me pela datilógrafa do meu patrão, *Miss* Susan Davidson, porque a via de unhas cuidadas e de rosto bem repousado, sem falar no modo como as roupas lhe assentavam, de cores e tecidos bem conservados e garridos. Ela fazia questão de deixar claro que eu não lhe tinha qualquer valia, e que ganhava o seu salário e pagava a tempo e horas a renda do apartamento. Achava essa

independência algo erótica, mas por sorte ela abraçou um posto mais bem remunerado, e acabou por se ir embora antes que eu perdesse o juízo por ela. Perto dela, a Olinda e a Fernandinha pareciam duas andrajosas, enquanto a Maria era uma santinha de aldeia de manto desbotado.

Enquanto não refleti sobre o assunto, julguei que o motivo evidente era a pobreza que nas décadas de 20 e 30 era regra em Portugal, mas, depois de muito repensar o tema, entendi que há na Lusitânia um estranho hábito de canalizar os recursos para os homens. A servitude desprende-se da mulher para com o homem, pula inquestionável de geração em geração, e quantas vezes a mãezinha não deixava de comer a sua sardinha para que o pai comesse duas, e ela ficava-se pelo pão e pelo alho. Quando cheguei a estas conclusões, achei-as alheias à minha noção de culto mariano, porque, por todo o Sul da Europa, vejo a mulher exaltada pela sua virtude e pela sua abnegação, mas em parte alguma a vi privilegiada face aos homens no que a alimento ou descanso diga respeito. Isto é, o homem cede as suas forças ao país, mas a mulher entrega-as do mesmo modo resignado ao homem, e também à casa. O homem acaba-se perante a pátria, e a mulher anula-se diante da casa e do homem. Primeiro, a ordem do lar e, depois, o descanso e o xaile. Acabei por concluir que a Virgem é adorada pelo seu sacrificio e sofrimento, e não pela sua condição de mulher que tudo suportou. O fulcro do sentimento dos fiéis é o seu engrandecimento por via da dor e, se pudessem reescrever a história, poupá-la, voltariam a escrevê-la do mesmo modo, porque só assim lhe veem valor. O fiel limita-se a testemunhar as suas provações uma e outra vez, a cada altar da cristandade sulista, e a acender-lhe uma vela pela resiliência.

É possível que esteja a alongar-me em disparates, e por isso é hora de jantar e de tomar a minha água de tremoços que, segundo a camareira algarvia, ajuda a diminuir no meu organismo os estragos da glicémia. O médico corroborou, e eu limitei-me a obedecer-lhes. Tem-me guardado a água num frigorífico, e por isso faço sinal ao *garçon* para que ma traga. O Palácio iluminou-se para a *soirée* e sei que, se subir ao meu quarto, consigo ver da janela o comboio a passar e a alumiar o troço ferroviário que nos liga a Lisboa, e também o casino se terá, entretanto, acendido de vida. Esta noite, como nas outras, muitos hão de lá ir tomar a ceia, enquanto nos bolsos dos fatos se agitam as fichas numa ânsia de praticar o vício por mais uma noite.

Quando regressar dessa refeição de peixe magro e legumes, vou sentar-me à secretária do meu quarto com as janelas abertas por sobre o frontispício do hotel, e pode ser que cheguem novos hóspedes nalgum voo noturno, e que lá de cima consiga ouvi-los a suspirarem a sua admiração pelo ambiente.

Escreverei então sobre a primeira paixão da Lena. A que se desenvolveu ao mesmo tempo que a própria Irene se apaixonava pela primeira vez, e que terá lançado as sementes para a inimizade das duas mulheres.

XVI

Lisboa, julho de 1947

— Conhece a Ercília Costa, senhor Almeida? — Era a voz da Irene, sorridente.

Via-a de novo com os seus lábios carmin, a ostentar um sorriso que lhe trazia covinhas ao rosto arredondado.

— Já ouvi falar, sim. Tem viajado por toda a parte.

— A santa do fado — ripostou a Irene, e apagou o cigarro no cinzeiro da mesinha de apoio.

— Sabia que ainda tentei ir dar uns concertos no Brasil? Até conheço bem os guitarristas, mas o meu marido não achou boa ideia.

Perguntei-me porque estava tão risonha, se comentava que o marido não lhe permitia progredir na carreira e tornar-se, quem sabe, uma vedeta internacional como a própria Ercília. Não me pareceu apropriado fazer qualquer tipo de comentário àquela informação. Ela continuou no mesmo registo divertido:

— Também fui convidada para fazer um filme, desses sobre cantadeiras.

— O seu marido também não a deixou andar aí pelas salas de cinema?

— Não, nesse caso fui recusada por um dos financiadores. Consegue adivinhar porquê? — Fitou-me com um olhar penetrante e desafiador, mas parecia tão dada à brincadeira que lhe respondi com sinceridade:

— Porque é demasiado franca?

Soltou uma gargalhada, que ecoou pelo revestimento de mármore da divisão, e acompanhou-a com duas enérgicas e sonoras palmadas na perna. Percebi que era àquele género de espontaneidade que se referia quando dizia

que se via obrigada a refrear os seus impulsos de caráter, por considerá-los impróprios.

— Nada disso! É que a Ercília é muito bonita. Já eu e a Amália, não sei se a conhece, mas é uma rapariga que tem dado muito nas vistas ultimamente, não somos tão bonitas como ela. Há até quem nos chame *feias*.

— Deveras? — A minha surpresa era genuína.

— Palavra de honra. — Não pareceu embaraçada de todo por estarmos a discutir a sua formosura. — Não sou bonita o suficiente para ter a cara nesses cartazes.

Recordei-a de que a vira no cartaz do Café Montanha, e de que não ficava nada mal a preto-e-branco. Foi um comentário cavalheiresco que lhe prolongou o sorriso, algo que não lhe era assim tão comum. Talvez fosse a circunstância de quase terem esgotado os bilhetes para o Coliseu o que a deixava naquele bom humor extraordinário.

— Sabe que perguntei à minha tia se ela conhece a Irene Silva Vaz, fadista.

Foi de novo tomada por um acesso de riso, como se adivinhasse a resposta.

— E ela?

— Disse que não fazia ideia de quem era. Mas que gostava muito da menina Amália.

— É, toda a gente gosta muito da menina Amália. — Soltou um longo suspiro. — Por graça, também toda a gente gostava imenso da Lena. Íamos na sua paixão pelo José Touro, não é?

— Creio que sim.

— Ora, então vamos lá, não percamos o fio à meada.

Lisboa, 1927

José Touro sofreu um duro golpe com a morte da bordadeira. Irene julgou entender que se tratava de um primeiro desgosto de amor, e Lena, com os olhos cheios de água, desenganou-a com fervor apaixonado:

— Não é verdade, ele amava-a.

— Ela era uma menina saída dos cueiros — contrapunha Henrique, consternado.

— Mas ainda assim, amor é amor. Não tem explicação.

Muitas vezes, numa discussão, Lena haveria de se bater com chavões, ou de declarar o óbvio. Nessa altura, nada disso aborrecia Irene. Era bastante paciente para com a amiga. Havia, no entanto, algo que começava a incomodá-la em relação ao caráter de Lena: era comum vê-la valer-se da

imaginação para se livrar de possíveis responsabilidades, e a descartar culpas que lhe pertencessem. Irene deu-se conta disso pela primeira vez quando, tendo acompanhado Lena a uma chapelaria reputada na Rua Augusta, regressaram à sua casa perto do Arco do Marquês do Alegrete, e já as ruas estavam iluminadas quando Deolinda lhes abriu a porta, de mão na anca.

— Por onde andaram? — Fitou diretamente Irene, porque a filha passou por ela com o embrulho do chapéu nos braços, e foi pousá-lo com discrição debaixo da mesinha de costura. — Irene, não me leves a mal... Sei que a tua mãe não se importa que andes por aí a estas horas, mas não gosto que a Lena chegue tão tarde. O que andaram a fazer?

— A Irene quis ir ver de uns chapéus e acabei por comprar este — antecipou-se Lena, com naturalidade.

A mãe não deu atenção à caixa, e o avô de Lena, por uma vez sentado no interior, com os pés metidos em meias de lã grossa, balbuciou algo sobre a perdição das mulheres serem os chapéus com penachos. Já no seu tempo, era assim.

Irene calou-se porque, de facto, a mãe era um pouco mais permissiva do que Deolinda. Não quis meter a amiga em apuros, mas ocorreu-lhe que, se Lena comesse a usá-la para justificar as suas andanças, em breve Deolinda haveria de a considerar uma má companhia.

Pouco depois, numa ocasião em que a paixão de Lena por José Touro já era do conhecimento do grupo de conhecidos da antiga escola, Lena adquiriu um potinho de carmim numa das perfumarias do Chiado e, quando Deolinda lho surpreendeu, e insistiu que as meninas de bem não se pintavam com aquelas exuberâncias, quando muito usavam um bocadinho de pó de arroz e beliscavam as bochechas, Lena disse que o potinho de carmim pertencia a Irene, e que apenas concordara em guardar-lho porque a senhora Silva ainda não lhe permitia essas vaidades. Na sua visita seguinte, Irene ouviu o sermão de Deolinda com fingida serenidade, como se fosse uma coisa sem importância.

— Mas, enfim... — concluiu Deolinda, dando ao pedal da máquina porque, nessa altura em que as raparigas chegavam à maioridade, recebia mais encomendas do que nunca. — Se compraste só para te ver com os lábios vermelhos, por curiosidade, não faz mal. Só nunca saias à rua nesses preparos, não fica bem.

Durante todo o tempo, Lena penteou-se ao espelho a dois passos do fogão, e nem se voltou para defender a amiga que incriminara. Era como se não estivesse ali.

Durante a primeira semana, foi esse tipo de histórias que a Irene foi ilustrando a respeito de Lena. Pareceram-me intrigas de mulheres, coisas de meninas rabinas, e julguei que não passaria disso. Sempre tive a impressão de que qualquer amigo responsabiliza o outro para se livrar da justiça implacável do tamanco da mãe. Nada do que me contou nessa circunstância me surpreendeu, mas o tom da narrativa dava a entender que haveria mais relatos do género, e de maior gravidade.

— A Lena casou-se com o José Touro? — perguntei, porque ela tinha um manancial de «parvoíces da Lena» que ia desfiando, e não vi grande interesse em descobrir que outras petas a moça ia pregando à família para esconder uma vaidade que também me parece natural no sexo feminino.

— Não, não. — Pareceu-me séria por um instante, como se avaliasse se deveria enveredar por aquela ramificação da história — Não se casou com o José Touro, mas deitou-se com ele.

A governanta chegou nessa altura para trazer uma bandeja com café, por me ouvir dizer que dormira mal. Quis saber quantos seriam para o almoço. A Irene deitou-me um olhar cúmplice, porque aquilo não eram assuntos para se discutir numa casa de família:

— Senhor Almeida, gostaria de convidá-lo para ir almoçar à Benard, que me diz?

Concordei, em parte porque, sendo ela a convidar-me, a conta haveria de ficar do seu lado. Não me orgulho de ter tido esse raciocínio, e também não o registei, mas recordo-me de pensar que andava a desbaratar os meus parcos fundos em deslocações à Castilho, e que o fazia como um favor a uma senhora que se dizia afligida por más recordações. Comunicou então à Celeste que seriam apenas o engenheiro e os rapazes para o almoço, e mandou-a telefonar para um motorista que conhecia, a saber se tinha o carro de aluguer disponível para nos levar à Rua Garrett.

Chegámos quando as mesas começavam a compor-se, e dei-me conta de algum movimento numa ou noutra mesa dirigido à Irene. Inclusive, uma senhora pôs-se de pé e estendeu-lhe a mão. Ouvi-a dizer à Irene que gostava muito de a ouvir cantar, e a nossa fadista baixou o rosto em modesta aceitação do elogio.

Fomos então escoltados pelo *garçon* até à nossa mesa, e em breve tínhamos o menu nas mãos. A Irene pediu linguado e, num tom confidencial, quis que lhe garantissem um pudim de gabinete para a sobremesa. O *garçon* garantiu que tentaria honrar esse seu ímpeto de gula, e foi até à cozinha com o nosso

pedido, que consistia — isso sim, registei com diligência — numa garrafa de *Pommery* para aperitivo e croquetes de aves com cogumelos para irmos exercitando as maxilas enquanto não chegava o seu linguado e o meu *ballotine* de pombo com pistácios. Para rematar a refeição, ela deliciou-se com o seu pudim de frutos diversos, e eu contive os meus impulsos e fiquei-me pelas cerejas mais suculentas que jamais experimentei. No fim da refeição, a Irene sorria no doce consolo dos desejos satisfeitos, e eu encerrei aquele manjar dos deuses com um café de qualidade louvável.

Durante o repasto, foi abrindo o livro dos problemas sérios que enfrentou ao lado da Lena, e por causa da Lena. Não me pareceu particularmente embaraçada ao confessar que a amiga se deitara com o José Touro. Quando o disse, ainda estávamos nos croquetes, e fez questão de me olhar nos olhos:

— Por essa altura, para a mãe dela, eu já era uma má influência. Senti-me incomodada, mas não podia permitir que a minha obsessão pela verdade interferisse na nossa amizade, ainda por cima quando a minha amiga precisava tanto do meu apoio. — Repensou o que acabara de dizer, e corrigiu-o: — Bom, mais vale ser franca. A Lena não me contou nada das suas aventuras com o José enquanto as coisas correram bem, até gostava de se dar um ar de mistério. Acho que o facto de guardar segredos a fazia acreditar que era mais madura e que a sua vida era muito interessante. Claro que reparei que gostava dele, sabíamos-lo eu, o Henrique, o próprio José, a Luísa, que nessa altura deixou um emprego na fábrica de faianças e ficou de novo livre para sair connosco, porque a mãe recebeu uma pequena herança e abriu uma pequena loja de fazendas que também fornecia a mãe da Lena, e a Rosa, que foi trabalhar para lá enquanto estudava. Se formos bem a ver... — Riu-se. — Juntámo-nos mais em torno das costuras da senhora Deolinda do que das minhas cantigas. A Deolinda estava a transformar-se numa vedeta da costura, entende? Copiou uns modelos de umas revistas, os pais da Luísa abriram a loja e puseram-nos na montra, para chamar clientela, e vieram as senhoras todas da Parada de Cascais encomendar-lhe a *toilette*. Compraram a prestações uma outra máquina, e a Lena e a mãe davam ao pedal noite e dia. A Lena fazia bons pontos — admitiu, e foi por essa altura que deixou que o resto do *Pommery* lhe deslizesse pela garganta, como se precisasse desse incentivo para elogiar a sua Némesis. — Mas maltratava sempre as outras costureiras. Um dia, eram melhores amigas e, no outro, não podia vê-las à frente. Mas já lá vamos...

— Nunca pensei que haveria tanto a dizer sobre uma pobre costureirinha.

— Pobre costureirinha... — Pareceu troçar da minha escolha de palavras.

— Por essa altura, já não tinham nada de pobres. Mudaram-se para um

andar na Travessa do Carmo, e o avô punha-se o dia todo à porta, com saudades dos outros vizinhos, claro, mas lá fez amizade com os moços de recados que por ali andavam, e depressa os pôs a fazer-lhe todo o tipo de fretes.

— Mas, Irene, julguei ter entendido que a senhora Deolinda gostava muito de si e, de certo modo, a tinha acolhido como mais uma filha?

— Também eu julgava, mas fui entendendo que a mãe, tal como a filha, eram muito voláteis nos seus sentimentos. E a Lena, para parecer bem a cada passo, denegria-me nas minhas costas. A mãe, por sua vez, não podia conceber que a sua menina fosse qualquer coisa menos que perfeita, e era-lhe mais natural achar que qualquer coisa que fizesse de errado, qualquer tropeção na calçada, era culpa minha. Era eu que andava de uma maneira esquisita e ela imitava-me, porque era muito influenciável. Ora dizia que eu era dada a muitas paixonetas, ou que não ia bem nos estudos privados que a minha mãe exigiu que aprofundasse em casa, em torno do Francês e do cravo, e duns assuntos domésticos que nunca me serviram para nada...

Ou seja, a Lena, através de subtilezas, foi convencendo a mãe de que a Irene era uma ingrata que desdenhava dos privilégios da sua condição, e que tinha comportamentos errantes e era dada a amores passageiros. Com isso, conseguiu apenas que a Deolinda a considerasse superior à Irene, ao que à moralidade diz respeito. Porque é que uma filha necessita desse tipo de reconhecimento perante a mãe, nem eu nem a Irene tínhamos explicação. Mas ela garantia que era isso:

— Ela só precisava de olhar para a mãe e de lhe ver sempre aquele ar de reprovação em relação a mim, como se a Lena fosse demasiado boa para se dar comigo. Mesmo que isso só se desse por via dessas manipulações.

— E a Luísa e a Rosa não viam essas coisas?

— Entre os amigos, pelo menos de início, era diferente. O Henrique Simões começou a trabalhar com o pai no jornal, o José Touro foi trabalhar para uma fábrica de azulejos, onde o pai também trabalhava, ali no Rato, a Rosa continuou a estudar, para espanto de todos. Mais tarde, soubemos que o diretor da escola foi dando uma mão no seu rumo. — Por essa altura chegou o *ballotine* e o linguado, envoltos em aromas irresistíveis. Serviram-nos vinho, e a Irene deu um gole no seu antes de prosseguir: — Não havia qualquer tipo de competição entre nós, e nada faria crer que o meu futuro viesse a ser diferente do de qualquer outra mulher de classe média alta. Era suposto casar-me e ter filhos, herdar o palacete da minha mãe e obedecer ao meu marido. Fim da história.

XVII

Lisboa, 1929

Porém, nada se passou desse modo. No que ao núcleo de amigos diz respeito, Luísa ficou noiva muito jovem, e Lena, de olhos postos no namoro e na atenção com que as amigas iam escutando os primeiros passos românticos na vida de um deles, suspirava de contrariedade.

Quando estavam prestes a completar 18 anos, Lena insurgiu-se:

— O José Touro nunca mais me pede em casamento.

Por essa altura, era evidente para todos, em especial para Henrique Simões e para o primo, Bernardo Simões, que, entretanto, também trabalhava no jornal e começou a frequentar os teatros e a ir aos cinematógrafos com os outros jovens, que José Touro não tinha qualquer intenção de desposar Lena. Quando, à porta do Olympia, Lena se afastou para ir comprar pevides para todos, de braço dado com Luísa, Irene perguntou-lho sem rodeios:

— Sabes que ela morre de amores por ti. Quando é que a pedes em casamento?

José Touro tossicou, apanhado desprevenido pela franqueza da amiga. Depois, coçando o couro cabeludo, desviou os olhos dos de Henrique, a quem por essa altura já confessara que, num momento de insensatez, se deitara com Lena.

O diálogo deu-se mais ou menos nestes termos:

— Ela arranja melhor — retrucou, e Irene julgou entender que fugia à responsabilidade:

— Isso é sério? Não vais pedi-la em casamento?

— Nem a mãe dela me aceitava para genro.

— Mas tentaste?
— A mãe recusava-ma.
— Se soubesse da verdade, com certeza que não ta recusava!
— A Lena não quer que ela saiba. — E pareceu aliviado por isso.
— Mas ela quer casar contigo. Se for preciso contar a verdade, seja!
— Ela não quer dar um desgosto à mãe.
— Maior desgosto seria um outro homem vir a descobrir que não é o primeiro, e depois do altar.

Mas a troca de palavras apenas serviu para que ficasse claro para todos que José Touro não iria pedir Lena em casamento, e Lena ia chorando pelos cantos. Numa ocasião em que abusou da ginjinha depois de assistirem a *José do Telhado*, ajoelhou-se a seus pés no Largo do Carmo, quando a levavam a casa, e José perdeu de vez a paciência:

— Se continuas assim, deixo de sair com *voces*! — E Lena, de rosto lavado em lágrimas, ainda tentou:

— Mas não sabes o que me fizeste?

Henrique puxou o amigo pelo braço, e Irene ergueu Lena do chão, que se debateu com ela por um instante. Era mais alta e robusta, pelo que Irene teve de se valer de muito fôlego para a impedir de seguir os dois rapazes, que se afastavam a discutir, entredentes, em direção ao Bairro Alto.

— Aonde vais?! Não me deixes, José! — gritava Lena, e Irene ia-lhe sussurrando «chiu» ao ouvido, porque não lhe ocorria escândalo maior do que ter Lena a debater-se e a gritar, para que toda a Olisipo soubesse, que já não ia pura para o casamento. — És a minha vergonha!

— Não, tu é que és a minha! — gritou-lhe José de volta, detendo-se. — Vou beber para esquecer as vergonhas que me fazes passar.

As duas sentaram-se então nas escadas do convento, a recuperar o fôlego, envoltas no perfume dos jacarandás.

— Deixa-me ir atrás dele — pediu Lena, enterrando a cara nas mãos e, desse modo, arrancando os ganchos ao apanhado do cabelo louro.

Irene acariciava-lhe as costas. Sentia verdadeiro pesar pela desgraça da amiga, mas também se recordava de lhe ter dito, quando ainda iam a tempo de evitar o cataclismo, que José Touro só lhe prestava atenção porque era bonita, e porque estava abalado pela partida prematura da sua santinha bordadeira.

— Deixa-te mas é ficar aqui, quietinha — aconselhou Irene, entendendo que as flores dos jacarandás haviam de tingir-lhes os vestidos e afastando-as com a mão livre.

— Eu era esse género de amiga, senhor Almeida — disse a Irene, solene, quando terminámos a refeição, ela pagou a conta (para meu alívio) e subimos até ao largo onde essa situação teve lugar. — Eu afastava as folhas dos jacarandás para evitar que estragasse o vestido, mesmo sabendo que havia de dizer à mãe que só nos tínhamos sentado naquele sítio porque me recusei a sentar-me noutro, ou algo dessa natureza.

Não sabia o que lhe dizer, e acho que ela entendia que não havia resposta que pudesse dar-lhe. Eram intrigas que me ultrapassavam. Porque haveria a Lena de mentir nas coisas mais insignificantes, se era apenas para evitar assumir a sua própria vontade e o seu próprio ser? Começava a crer que a Lena vivia para a aprovação dos outros, hostilizando-os como fizera com a Teresa Villanova, em tenra infância, se lhe oferecessem resistência ou se se recusassem a acreditar nas suas verdades enviesadas. E porque foi a nossa Irene, uma mulher tão iluminada e de tão acesa inteligência, permitir que a vilipendiasse em pequenas patranhas como as que me ia enunciando? Solidão, talvez?

Limitei-me a acompanhá-la até aos degraus do Convento do Carmo, que o Condestável D. Nuno Álvares Pereira fundara no século XIV, e que nunca fora reconstruído após o terramoto de 1755. Apraz-me pensar que os seus arcos quebrados permanecem abertos para a abóbada celeste como uma lembrança de que, a qualquer instante, tudo pode desfazer-se.

— Importa-se que nos sentemos por um bocado?

Cedi a sentar-me a seu lado, diante do portal principal do nobre monumento. Nessa ocasião em que ali estive com a Lena, devia ser maio, de modo a justificar a profusão de folhinhas de jacarandá a ameaçar os trajes das jovens, enquanto agora é julho, e as árvores se limitam a regalar-nos com a sua sombra.

— Prometo-lhe que não ficamos aqui demasiado tempo, sei como sofre com o calor. — Abraçou as próprias pernas com as mãos, e, por um instante, pareceu que revivia de facto aquele momento. Quem sabe tenha escolhido o mesmo degrau. O certo é que depressa se deu conta de como a sua posição não era apropriada a uma senhora, e recolheu as pernas sob os quadris, olhando-me com entusiasmo. — Ela estava aí, onde está sentado agora. E eu inclinei-me assim e varri as folhas para longe, para os degraus.

— Estou a ver.

— Eu era uma boa amiga, senhor Almeida. Escutava-a, está a ver? E olhe que, a dada altura, a conversa dela era sempre a mesma. O José Touro não

queria saber dela, tinha-a arruinado, aí dela se o pai soubesse, pior ainda se a mãe descobrisse. Mas eu nem pude avisá-la do perigo... A minha mãe já me tinha dito que os homens querem sempre «o tesouro» das jovens, mas estava longe de entender a que se referia.

Mesmo porque, observando a Lena na presença do José Touro, a Irene entendeu, como os restantes, que a costureira procurava consolá-lo do seu desgosto, enquanto o José, por sua vez, aceitava o consolo deixando claro que uma outra mulher o destroçara. Quando se sentiu melhor, o papel da Lena na sua vida deixou de fazer sentido.

Angustiado pela nitidez das recordações, prosseguiu: a Lena não queria ouvi-la. Escondera da amiga o *affair*, por reacear a sua censura. Também não o confidenciara à Luísa, porque podia dar-se que interferissem no assunto e danificassem a sua ténue felicidade.

Lisboa, 1929

— Se me tivesses dito que andavam a encontrar-se por aí... — suspirou Irene, para as costas de Lena, que se sacudiam a cada soluço.

— Até para a oficina do tio, na Mouraria, deixei que ele me levasse...

Irene queria insurgir-se contra José Touro, a quem costumava ver como um jovem responsável e honrado. Porém, diante daquelas confissões, tornava-se difícil atribuir-lhe todas as culpas. Era o primeiro e trágico amor da sua melhor amiga, e José geria a situação para com ela como se se tratasse de uma rapariga qualquer de má vida.

— Temos de contar aos teus pais. Eles obrigam-no a casar.

— Estás louca?

Olhou-a desfigurada pelo inchaço e a vermelhidão dos olhos, descabelada e de blusa amarrotada pelas mãos de José Touro, que a tinham afastado com firmeza.

Lisboa, julho de 1947

— Parecia que ela é que estava louca — acrescentou a Irene, com ênfase. — Não quis contar aos pais, porque não ia destruir a imagem de perfeição que a mãe tinha dela. Então, ficou calada, contrariada e amargurada pela rejeição. É nisto que a Lena era complexa... Ela procurava chegar ao que queria com recurso a muitos artifícios, mas quando só lhe faltava a machadada final para que o senhor Sousa obrigasse o Zé a casar-se, vieram-lhe os melindres quanto

ao que a mãe iria pensar dela. Pior, ela usava todas as armas, menos a verdade, para conseguir o que queria.

— Parece-me que não é muito boa para si mesma. — Depois, ouvindo ecoar as palavras dela na ideia, indaguei: — Referiu-se-lhe no passado. A Lena já não é viva?

— Já não é a mesma — ripostou.

— Hum... — Percebi que não viria mais nenhum esclarecimento a esse respeito.

Lisboa, 1929

Ficaram por ali muito tempo, com Irene a afagar-lhe as costas e Lena a soltar vagidos guturais nas palmas das mãos. De repente, Lena disse-lhe:

— Ele gosta de mim, eu sei que gosta. Está a fazer-se difícil, não sei porquê. Se calhar, precisa de uma outra prova de amor para entender.

— Deves deixá-lo de vez, faltou-te ao respeito. Daqui a nada, estás falada...

— Achas que ele contou a alguém? — Irene não entendeu o seu ar esperançoso.

— Pareceu-me evidente que o Henrique não estava surpreendido com o rumo da conversa. Mas tu própria deixaste bem claro o que se passou...

— Pois — proferiu Lena, afastando o cabelo do rosto e pondo o desespero de lado. — Mas ele não ia contar ao Henrique que temos uma história, se não tivesse intenção de oficializá-la.

— Lena... — gemeu Irene, porque não via lógica naquele argumento. — Ele acabou de se ir embora e de te pedir que o deixes sossegado...

— Os homens dizem muita coisa que não querem dizer.

— Onde é que andaste a aprender tanto sobre os homens?

— A Luísa tem um namorado, esqueceste-te?

— E então? Lá porque o rapaz andou indeciso, não significa que seja o caso do Zé. Lena, ele pediu-te com todas as letras para o deixares em paz. Vais humilhar-te e insistir?

Lena humilhou-se e insistiu. Quando voltaram a assistir à *Revista à Portuguesa* no Variedades, juntos, fez questão de se sentar ao lado de José Touro e, ainda o espetáculo não ia a meio, já ele se punha de pé e deixava a sala, desculpando-se para com os amigos pelo compromisso que o chamava a outra parte. Na luz que que o palco projetava na face carrancuda de Lena, Irene percebeu que a amiga tentara passar-lhe alguma mensagem que ele rejeitara com a veemência da partida. Depois desse episódio, o rapaz começou a alegar

que tinham umas encomendas extraordinárias de azulejos na fábrica e que, por isso, não conseguia acompanhá-los nas saídas noturnas por Lisboa. Henrique Simões passou a apresentar-se na companhia do primo, os dois de mãos nos bolsos e sapatos reluzentes, a caminharem atrás das jovens. O noivo de Luísa, Faustino Bentes, também começou a acompanhá-los nas *matinéés* e nas *soirées*. Irene, que nessa altura estremecia a cada vez que ouvia a voz áspera de Henrique, e cujos lábios fugiam para sorrisos sempre que ele se expressava com sardonismo e dava provas do seu intelecto subversivo, deu-se conta de que Lena quase dismantelara o grupo de amigos. Aquele caso de amor desvairado fez com que José os deixasse e que ela, a cada encontro, interrogasse Henrique sobre a sua ausência.

— Eu sei que sabes o que aconteceu entre nós. Só não entendo porque é que ele me fez isto.

Os laços que uniam aqueles jovens eram sobretudo de amistosa camaradagem, confortável e apropriada, que nalgumas circunstâncias, como quando a santinha dos bordados morrera, ou quando o avô de Lena também partira, ou quando Luísa ficara noiva e lhes apresentara Faustino, os estreitavam numa análise coletiva de emoções. Cresciam juntos, cada um no seu percurso e sem desvendar demasiado da sua intimidade aos restantes. Mesmo porque não era bem-visto que os rapazes se vangloriassem dos seus namoricos a meninas de bem, e nem as raparigas costumavam confessar com tamanha leviandade quem eram os alvos da sua admiração. Ainda hoje não o fazem, arrisco dizer. Mas Lena, caminhando diante de Luísa e de Faustino, de Bernardo e de Irene, entabulou conversa com Henrique Simões mais ou menos nestes termos:

— Tens sabido do Zé?

— Ele está bem — retrucou Henrique, que não tinha a mínima vontade de se ver inserido numa intriga de cordel.

— Nunca pergunta por mim? — insistiu, e a voz saiu-lhe embargada.

— Ele sabe que também estás bem, isso basta-lhe.

De lágrimas nos olhos, Lena contraiu os lábios e assentiu. Compreendia, ou começava a compreender por fim, que nem sempre a atenção de um homem é sinónimo de afeto genuíno.

— Como posso estar bem? — atirou, já menos composta.

— Ele nunca recuperou da morte da outra menina... — tentou Henrique, vendo-a tão desolada.

— Mais valia ter morrido eu — cortou Lena, e contornou o grupo, apressando-se na direção de casa.

Irene ainda lhe gritou se queria que a acompanhasse, mas Bernardo Simões

antecipou-se e foi no encalço de Lena, alcançando-a em passadas largas. Chegou a tempo de lhe ver as lágrimas e de a consolar, e Lena, destroçada, permitiu que ele lhe emprestasse o lenço para se recompor.

XVIII

Lisboa, julho de 1947

Descemos até ao Terreiro do Paço, e mal lhe via o rosto sob a aba do chapéu. Era a primeira vez que a via sujeita a uma incidência de luz tão avassaladora, e pareceu-me muito pálida.

— Julgo entender que, nessa época, estava enamorada do seu amigo Henrique Simões?

Ao hesitar, considerei que organizava o discurso antes de me esclarecer.

— Sim, mas não pude fazer grande coisa com isso na altura. Estava tão absorvida nas desventuras da Lena que nunca parava para analisar os meus próprios sentimentos.

— Quando é que se apercebeu de que gostava do Henrique?

— No cemitério, quando ele me tocou para me falar da Maria Severa, estremeci. — Pareceu ter dificuldade em encontrar os vocábulos certos para se exprimir. — Atribuí a sensação ao nervosismo de ter cantado pela primeira vez para outros. Depois disso, fui percebendo que me preocupava muito com ele, sobretudo com o facto de que ele bebia muito.

— Tornou-se sua protetora.

— Sim — ripostou, e encolheu os ombros com naturalidade. — De certo modo, porque ele era muito independente. Até costumava dizer que não queria casar-se, que havia de aprender a engomar as calças sozinho.

— Não é uma postura habitual. Eu, por exemplo, não me casei, porque nunca me vi enamorado ao jeito camiliano. Acho que não vale a pena casarmo-nos se não sentirmos esse frenesim.

— É um romântico, senhor Almeida — riu-se entredentes.

- Pensei que tínhamos concordado que iria tratar-me por Serafim?
- Tem toda a razão.
- Grato.
- Pois bem, Serafim. Essa resolução do Henrique tinha fundamento no casamento dos pais, na mãe que morreu nova e que era descendente de viscondes, e no pai que a substituiu com desembaraço.
- A madrasta tinha-lhe aversão?
- Não, mas não era a mãe dele. Acho que como que a santificou, entende?
- As pessoas tendem a ser canonizadas depois de mortas, é verdade. Pelo menos, por estas bandas — comentei, e ela concordou.

Segundo a Irene, o tal Henrique sentia que a madrasta cavara um fosso entre os dois Simões. O Simões Pai era um homem da velha guarda, incapaz de se valer a si mesmo. Quando a primeira mulher morreu, contratou uma ama para o pequeno Henrique, que à época ainda nem estudava. O Simões Filho reagiu mal quando foi apresentado à segunda esposa do pai, porque a via como um sinal de que o Simões Pai estava a esquecer depressa a existência da senhora Simões. A nova mulher limpou-lhe os armários e mandou acrescentar bainhas de renda às suas camisas de noite de seda, e em breve foram todas lavadas e perderam o perfume a madressilva da falecida senhora. Estes pormenores haveria a Irene de compilar, ao longo dos anos, nas entrelinhas das bebedeiras do Henrique. Fora a pouca resistência ao álcool, o amigo era espirituoso, inteligente e o seu futuro prometia ser auspicioso.

A senhora Silva via com bons olhos aquela amizade da filha, e, quando a ideia de casar com ele lhe cruzou a mente pela primeira vez, a Irene soube que a mãe não haveria de se opor. Só faltava entender se o Henrique nutria algum tipo de afeição pela sua pessoa, coisa que às vezes lhe parecia que sim, e outras que não.

Lisboa, 1929

Lena, por força de ter chorado no colarinho do primo Simões, começou a ter conhecimento de pormenores sobre Henrique para partilhar com Irene. Assim se expandiu o amor da jovem Irene pelo pequeno órfão, que de repente recordava um tanto turbulento nos tempos da instrução primária. Pareceu-lhe ter lembrança de o ver atirar um punhado de amoras a um outro menino que, por despeito, lhe ofendera a mãe, que ademais estava sempre doente, antes de lhe oferecer os punhos para um combate corpo a corpo. Sendo filho único, tinha no primo Bernardo um irmão e um confidente. Bernardo também era

da opinião de que, quando a noite caía, Henrique se excedia um pouco no vinho, mas atribuía esse facto à reserva com que o primo conduzia a sua vida pessoal, raramente mostrando emoções ou recaindo em sentimentalismos. Ao escutar aqueles segredos de um homem tão introspectivo quanto Henrique, Irene deu por si a estabelecer um paralelismo entre si e o amigo, porque até aí nunca pudera permitir-se analisar a sua infância na Boa Hora, a partida do seu pai, o desconhecimento sobre quem teria sido a sua mãe, além de uma mulher de má vida e muito jovem, e o porquê de Maria Ana Silva a escolher a si para perflhar, numa cidade pejada de órfãos e desvalidos, onde a cada esquina vinha uma criança descalça pedir meio tostão para o santo da miudagem.

Da vez seguinte que Henrique se sentou num banco, silencioso, depois de assistirem a uma peça de teatro, Irene ocupou o lugar a seu lado. Bernardo contou a Lena, com quem por essa altura partilhava um outro banco alguns metros abaixo, que Henrique tinha uma grande paixão por uma moça simples da sua terra. Os avós tinham um casario em Santarém, e era lá que vivia a formosíssima filha do caseiro, por quem ele perdera o tino em tão prematura idade. Irene não quis acreditar na seriedade dessa afeição; não porque virasse as costas à realidade, ou porque fabricasse a sua própria verdade, como tantas vezes parecia suceder com Lena, mas porque era uma mulher pragmática. Segundo Bernardo, os dois não se viam há três anos. Quando se tem 20 anos, estar-se apartado de um grande amor desde os dezassete arrefece bastante os impulsos. Era a isso que se agarrava.

Nessa noite, ouviam-se as risadas de Lena ali perto. Bernardo tinha imensa pena dela por tudo o que passara, mas, uns meses depois, quando foi evidente que o seu ato irrefletido não trouxera consequências — sob a forma de uma criança ilegítima —, pareceu que ela tirava o maior prazer da sua companhia, e foi claro para todos que estavam apaixonados.

Lena e Henrique tinham sido convidados por Luísa para serem os padrinhos de casamento, e Luísa prometeu que Irene seria a madrinha do seu primeiro rebento, e que poderia, inclusive, escolher-lhe o nome. Semanas depois daquela boda, Irene ainda estava tolhida pela intensidade do sentimento que a assolara quando, sentada na Igreja dos Anjos, fixou os olhos na figura serena de Henrique no altar, de mãos unidas e rosto barbeado com brio, cabelo penteado com pomada, ombros direitos. O fato caía-lhe bem e, apesar de não ser um homem muito vistoso (era, talvez, um pouco baixo), tinha uma figura limpa e distinta. Irene julgou-o um príncipe ou um aristocrata, sério e constante. Nunca sorriu durante todo o serviço, porque ninguém assumia uma postura mais solene do que ele em situações de

formalidade. Irene gostava dessa sua postura perante a vida e as cerimónias que a coloriam. Nessa ocasião, pela primeira vez, ouviu-se a si mesma dizer que o amava. Parecia-lhe impossível que Lena, a seu lado, de chapéu florido e vestido confeccionado pela senhora Deolinda, não o visse como ela o via. Jovem, promissor, bem-parecido. Sério — era essa a característica que mais lhe admirava, por lhe parecer rara e algo misteriosa, como se ele não espelhasse, de modo algum, os seus pensamentos e, pelo contrário, os dissimulasse. Seria uma fraqueza permitir que outros o descobrissem. Não fazia ideia do que fazer com esse sentimento inesperado, pelo que lhe pareceu que era boa ideia construir um amor a partir dos alicerces, buscando-lhe a companhia e dando-se a conhecer, confessando-se a ele até que, talvez, o homem reservado se sentisse confiante para compartilhar com ela as suas angústias. E nunca, mas nunca, cair nas humilhações que Lena infligia a si mesma, esquecendo-se do comedimento que era esperado de meninas de respeito.

Nessa *soirée*, e ainda antes que os rapazes escoltassem as jovens a casa e fossem juntar-se a uma das salas em que abundava o jogo e a cocaína na cidade — isto é, alguns meses antes de o governo determinar que, até para nos divertirmos, havia que fazê-lo a preceito e de modo ordeiro —, Irene falou-lhe do seu nascimento nada refinado, e de como tinha ânsias de cantar, mas desconfiava que a mãe não iria nessa cantiga.

Riu-se da analogia que encontrou para lho explicar, mas Henrique, após ouvir em silêncio, disse-lhe que na vida não podemos acomodar-nos ao lugar que escolhem para nós.

— A tua voz é um dom, Irene. Não podes despir-te disso.

— No outro dia, estava a cantar em casa, enquanto penteava o cabelo antes de dormir, e a mãe entrou no quarto com uma cara de assombração e pediu que me calasse.

Na verdade, Maria Ana Silva rogou-lhe que, pela sua saúde, nunca mais abrisse a boca para cantar fados. Exigiu saber onde é que ela tomara conhecimento daquele tipo de cantiga indecente, e Irene admitiu que não era difícil ouvi-las pelas ruas quando passavam perto do Bairro Alto. E também havia a Rádio Chiado, na qual costumava sintonizar a telefonia.

Desde esse dia, Lena julgou entender o afeto que a amiga nutria por Henrique, e, perto do Natal, quando foram buscar caixas de fruta cristalizada à Benard, quis contar-lhe que Bernardo a pedira em namoro. Era um namoro inocente — apressou-se a esclarecer, e nessa mesma semana iria apresentá-lo aos pais e servir-lhe as lendárias filhoses de Deolinda. Bastara um erro tremendo para com José Touro para perder o seu respeito, via-o então. Além do mais, José fora o seu primeiro amor. Ela não entendia nada de relações,

uma pessoa tem o direito a errar ao menos da primeira vez, não é assim?

Irene gostou de a ouvir dizer que Touro não era assim tão bom partido, e que chegaria a casa empoeirado do trabalho na fábrica. Bernardo, por sua vez, usava água-de-colónia, penteava o cabelo com brio e cultivava um bigodinho que ela achava irresistível. Era cronista, pelo que teria, com toda a certeza, um futuro mais próspero do que um simples operário. Irene concordou, satisfeita por saber que a amiga estava recuperada do seu primeiro desgosto de amor, mas, por outro lado, não gostou de a ouvir considerar que, casando-se com Bernardo, que ainda para mais sabia do seu segredo e por isso evitaria um escândalo, seria conveniente que também Irene desposasse Henrique. Seriam como cunhadas, posto que já eram como irmãs.

Lisboa, julho de 1947

— Refreei-lhe o entusiasmo — explicou-me a Irene. — Nada da ligeireza do que ela sentia pelo Bernardo se comparava à densidade do meu sentimento pelo Henrique. Além do mais, nem eu nem ele éramos pessoas de fazer anedotas a partir de coisas sérias como namoricos ou o amor. Sofri, e ele também sofreu, quando a Lena, pendurada no braço do Bernardo, começou a sugerir a cada saída que seríamos todos família. Senti-me impedida de sequer desejar uma boa noite ao Henrique, porque lhe escutava o riso nas costas. A Luísa, mesmo casada, juntou-se-lhe depressa. Tínhamos 18 anos e toda a gente esperava que nos casássemos. As duas pareciam resolvidas nesse sentido.

Acrescentou, em defesa da própria mãe, que não fora vítima de qualquer tipo de pressão da sua parte. Sabia que Maria Ana esperava vê-la casada, mas não costumava ser inconveniente a esse respeito.

— Ela gostava muito da minha companhia, tanto é que morreu sem me ver casada e não creio que tenha sido nenhum desgosto. Isso, não, cantar o fado, sim.

— Então, a Lena casou-se com o Bernardo.

— Qual quê — ripostou, quando chegámos ao Terreiro do Paço e entrámos num carro de aluguer para regressar à Castilho. — Ela fartou-se depressa.

— A Lena rejeitou o pretendente?

— Sim, disse que ele a «abafava».

— E era assim?

A Irene pousou o chapéu no colo e resgatou um leque à carteira de senhora, que utilizou para agitar o ar em torno do rosto coberto de uma fina

camada de suor.

— Era lá agora. — Fez questão de me procurar os olhos, e fitei-a por cima dos aros dos óculos. — A Lena nunca gostou de ninguém que se importasse com ela. Ela gostava era de se rebolar na miséria, de ser vítima de qualquer cabala. Ah, o que ela adorava dizer-se vítima! Quando a novidade de passear de braço dado passou, e quando tomou conhecimento de que também o José Touro lhe desejava felicidades, chorou. Disse que o Bernardo não gostava que ela trabalhasse, que dizia que a costura lhe fazia calos nas mãos e que queria levá-la para longe da mãe, de volta a Santarém, onde podia fundar o seu próprio jornal sem ter de continuar a depender do auxílio do tio.

— Parece-me que poderia ter tido uma vida confortável. Qual foi o desfecho do infeliz caso de amor?

— O Bernardo voltou para Santarém, humilhado.

— Não sei que lhe diga.

— Basta que escute. — Não soou surpreendida. — Se eu mesma não sabia o que pensar. Só me recordo de ficar com a impressão de que o Henrique iria desaparecer de vez da minha vida, por conta dessa humilhação que ela causou ao primo. E também achava que, ou a Lena crescia, ou aquela insatisfação crónica haveria de trazer-lhe muitas amarguras.

XIX

O caso ainda durou longos meses, tantos que, na primeira atuação de Irene, Lena pediu a Bernardo que a levasse mais cedo para casa, porque estava aborrecida de morte. Pelo caminho, beijaram-se. Irene deixou de lhe falar durante algumas semanas, porque lhe pareceu descabido que a sua pretensa melhor amiga desertasse na sua noite de glória, e não tivesse ficado para os aplausos. Henrique, ao menos, ofereceu-lhe um ramo de lírios-do-vale e, mais tarde, Bernardo disse-lhe que o pusera em trabalhos, porque Lena reparara que ele nunca lhe dava flores nem outros agradados.

Lisboa, julho de 1947

— Era conversa dela; quando começava a querer livrar-se de alguém, via-lhe todos os defeitos possíveis e imaginários. Mas também não queria que a achassem velhaca e, por isso, a mim nunca fez uma queixa a respeito do Bernardo. Tinha demasiado medo de que fosse contar tudo ao primo dele, e que o Henrique a desmentisse.

— Era mentira que o Bernardo não lhe dava flores? — Ensaiei um sorriso.

— Não, mas quando entendeu que devia recorrer de novo às lágrimas para ter todos ao seu redor, a consolá-la pelo fim da relação, disse que as intenções dele não eram sérias.

— E isso era mentira.

— Era, porque o Henrique contou-me que o primo a tinha pedido em casamento no instante em que ela disse estar farta de esperar.

Só Deus sabe como me esforço por seguir estes enredos femininos. Portanto, a Lena inventou perante o namorado a desculpa de que estava

cansada de esperar pelo pedido de casamento para pôr um ponto final no namoro, mesmo quando ele tentou redimir-se desse erro que lhe apontava, e perante os amigos dizia que terminara a relação porque o Bernardo não tencionava desposá-la?

— Isso — concordou a Irene, quando lho expus.

— Parece-me uma idiotice.

— A Lena não era muito boa em cálculo. E é por isso que ninguém a achava responsável pelas intrigas que inventava. Achavam-na demasiado tola para tecer aquela complexidade de esquemas.

«Era». «Achavam-na».

— Sabe o que lhe digo? Para mentir, é preciso ter memória. Quem diz a verdade nunca é apanhado em falso. Alguma inteligência ela devia ter...

— Tinha a inteligência de uma Dalila — cortou, com azedume.

Senti-me compelido a perguntar-lhe se era por a Lena ter, de modo imaturo, atrapalhado a sua relação com o Henrique Simões que a Irene lhe tinha tanta aversão.

— Não só, mas também. É pela soma de tudo o que lhe vou contando. Primeiro, levou-me um bom amigo, um homem simples com quem aprendia sobre as coisas singelas da vida. O Zé parecia um reles calceteiro, mas tinha a filosofia dos românticos à flor da pele. Se eu soubesse escrever, teria escrito a história dele. «A Santinha dos Bordados», que acha?

— Ele não chegou a casar-se?

— Casou-se, pois. Mas, nessa altura, já a Lena falava dele como se fosse o pior homem à face da Terra. Referia-se-lhe como «o Judas que me enganou». Nós não lhe passávamos cartão a esse respeito... De algum modo, achávamos que ela tinha alguma responsabilidade no que lhe tinha permitido fazer-lhe. Nem a Luísa, enquanto noivava, tinha sido tão leviana, por muito que estivesse sempre a defendê-la.

— Mas a Rosa não ia nessas petas, pois não?

— A Rosa era um outro caso. Porque a Rosa, a partir de certa altura, fez-lhe uma oposição tão aberta, que bastava a Lena chegar e dar-nos os bons-dias que ela já começava a revirar os olhos e a dizer que ela era falsa.

Tudo por causa do episódio que tivera lugar na escola, quando as duas crianças se incompatibilizaram no recreio. A mulher é um bicho curioso (aqui evito dizer «rancoroso»). Nem a maternidade foi capaz de obliterar todos estes pormenores sumarentos da memória da Irene. Ela falava deles como se tivessem tido lugar no início do mês, tão recentes quanto o Cortejo Histórico que atravessara Lisboa nesse ano, enaltecendo o momento da tomada de Lisboa aos mouros por D. Afonso Henriques, oito séculos atrás.

— Por esse motivo, não a levavam a sério, nem eu a escutava sempre. Limitava-me a acenar, porque gostava dela e entendia que não o fazia por mal. Nem sequer guardava esses comentários para quando a Lena estava ausente. A sua inimizade era do domínio de todos.

— Mas, ainda assim, conviviam.

— Sim, convivíamos todos. Não era muito claro o que nos unia. Continuo a dar-me muito bem com a Rosa. Com a Luísa não, porque ela deixou de me falar.

— Por causa da Lena, presumo.

— Sim, por causa da minha alfinetada à Lena.

— Sempre houve vingança — notei, espicaçado de curiosidade. — O que fez? As mentiras da Lena parecem-me subtis, mas, como qualquer mentira, deviam ter perna curta.

— Havia sempre dois entraves a evitarem que ela fosse desmascarada. Primeiro, ninguém a achava esperta o suficiente para tecer tais enredos. E, depois, sempre que estava perto de ser apanhada, punha-se tão infeliz e usava com tanta mestria do ardil das lágrimas, que as pessoas acabam por desculpá-la ainda antes de a confrontar, e davam-lhe conselhos para que se curasse da sua tristeza e se tornasse mais sensata.

— Falamos de mentiras?

— Não necessariamente. Às vezes, dava interpretações diferentes às situações, sempre a favor do seu argumento, claro. A teoria de que criava problemas sem querer caiu por terra, pelo menos para mim, quando me dei conta de como os problemas que criava nunca a prejudicavam a ela, mas sempre a terceiros. Isto é, nunca se embrulhava tanto que saísse feia do retrato.

Quando descemos na Castilho, à porta do palacete, a Irene insistiu em pagar a corrida. Não estava, de modo algum, habituado a que uma mulher assumisse parte das minhas despesas, mas a verdade é que me sentia à sua disposição, e ela limitava-se a pagar os encargos de me ter ao seu serviço. Depressa nos vimos de novo perto dos cachorrinhos, que me pareceram muito mais ativos e que se aventuravam em quezílias uns com os outros, enquanto a *king charles* mãe gozava a tarde à sombra de um limoeiro. Sentámo-nos na mesa de ferro no quintal, e a pequena Júlia estava em casa. Veio espreitar os câezinhos, antes de ser instruída a regressar ao quarto e às suas brincadeiras. Não se retirou sem antes informar que o pai lhe oferecera um novo louceiro para a sua casinha de bonecas, e que o trouxera à hora de almoço.

Já imaginava que não fosse contar-me com brevidade como acabou por se libertar da influência da Lena e das suas velhacarias, mas quis acrescentar um

outro episódio que ilustrava, a seu ver, o caráter ignóbil da costureira.

Numa ocasião, já depois de a Irene começar a cantar e pouco depois de a sua mãe adotiva falecer, saíram com os músicos. Eram tocadores de bandolim, de guitarra portuguesa e de viola, e eram pessoas divertidas e benévolas, que viviam de espetáculos sem ganhar grandes somas de dinheiro, as quais utilizavam para manter os instrumentos afinados, pagar as rendas das suas águas-furtadas e beber um ou outro copo de absinto nas tabernas, depois das atuações.

— Como eu me via sozinha no palacete, convidei-os para lá depois de darmos um concerto n’O Ferro de Engomar. — Repensou tanto as palavras, que percebi que o que me contava poderia ser digno de alguma censura. — A cocaína e o ópio já não eram tão fáceis de arranjar, mas eles traziam algum consigo. Tinham os seus contactos.

Recordo que, ainda antes do fim dos anos 20, quando o governo abriu oposição aos clubes de jogo e aos *fumoirs*⁴, se chegou a afixar na porta de alguns clubes famosos a lista de viciados nessas substâncias. Os listados estavam naturalmente proibidos de entrar, sob pena de multa para a casa que os acolhesse. No caso do jogo era diferente, porque se procurava iludir as autoridades. As roletas e os dados desapareciam, se por acaso entrasse a Polícia, e não veriam mais do que uma nuvem de charutos inocentes e dançarinos hábeis em alegre convívio.

Lisboa, 1930

Sentaram-se então na sala de Irene, sozinhos no palacete. Irene de um lado dos sofás de damasco da falecida senhora Silva, com Rosa e Lena, que nessa ocasião andava deprimida porque a mãe a mantinha bastante ocupada com as costuras, e porque José Touro acabara de se casar. Do outro, um tocador de viola, Ernesto, e um de guitarra portuguesa, chamado Vasco Coelho. Este ia dedilhando a guitarra, que deve às suas doze cordas a nostalgia de sons que lhe abandonam a caixa. Estavam cansados, melancólicos, e o ópio prometia um bem-estar imediato, onírico. Vasco valeu-se da vela que Irene lhe trouxera para queimar as sementes de papoila e, depois, deu uma baforada no longo cachimbo que levava no estojo da guitarra, e que pareceu a Irene um objeto exótico e misterioso. Lena ainda murmurou que não era boa ideia, mas depressa a curiosidade venceu qualquer resistência.

Ao aceitar o cachimbo da mão de um dos músicos, Rosa lamentou a circunstância de precisar da tal autorização especial para casar, se viesse a

desejá-lo, e também a recente degradação da saúde da mãe. Embora isso não a demovesse do seu desejo de ensinar, era mais um obstáculo numa vida já de si suada. Passou o cachimbo a Irene, que lhe seguiu o exemplo, começando por se engasgar quando o fumo lhe chegou ao nariz. Lena também não o recusou, até disse que *um dia não são dias*, e recostaram-se as três, as cabeças nos ombros umas das outras. A dada altura, embaladas pela melodia sonhadora e envoltas naqueles fumos tranquilizantes, Rosa disse a Lena que, apesar de todas as discussões, esperava vê-la feliz um dia. E Lena, estendendo os braços para lhe pousar a cabeça no peito, disse que amava José Touro, que nenhum homem seria como José Touro, e que se deixara levar pelas atenções de Bernardo para que o seu desgosto de amor lhe doesse menos. Irene apreciou aquele momento de aberta sinceridade, e, terminada a ronda do cachimbo pelos músicos, voltou a estender os braços para o objeto e a servir-se de mais uma dose de ilusões.

— E eu amo o Henrique, parece-me que ele já entendeu.

— Foi tão bonito quando ele te levou as flores, lembrás-te? — recordou Rosa, falando pausadamente e fitando o lustre de cristal da Boémia, que reluzia mesmo na obscuridade.

— Quando fui cantar o fado pela primeira vez ao Augusto?

— Isso! — assentiu Rosa, passando uma vez mais o cachimbo a Lena, que o aceitou nas duas mãos e deu duas baforadas, sacudindo de seguida a fumarada densa que lhe toldou a visão. — Pensei que iria declarar-se, nessa noite.

— Já perdi a conta a quantas vezes me trouxe a casa e julguei que iria declarar-se.

E a voz de Lena, do canto, a sobrepor-se ao choro da guitarra:

— Ó Irene, achas que ele ia casar-se contigo?

Quando foi capaz de registar as palavras da amiga, que lhe chegavam na bruma do fumo branco, e tomada pela estranha impressão de que o seu corpo não tinha peso e de que lhe exigia imobilidade, inclinou-se a custo para ouvir melhor:

— Hã?

— Sim, o Bernardo disse-me que ele nunca vai casar-se contigo.

Irene riu-se. Noutra situação, teria chorado. Rosa também manteve o rosto numa serenidade inabalável, apesar de ainda instantes antes parecer tão agastada.

A noite prosseguiu entre fumos e a sonoridade cada vez mais espaçada da guitarra, até que todos recaíram num sono redentor, acomodados como puderam nas almofadas, nos tapetes e cadeiras acolchoadas existentes.

Irene despertou antes de qualquer outra pessoa, porque ouviu Julieta a mexer nas panelas na cozinha e a queixar-se, entredentes, da criada. Quem sabe o susto de ser apanhada adormecida no braço do sofá, com as pernas atravessadas sobre Lena, a tenha despertado com brusquidão. Sentiu-se torpe, lenta e dorida e, mais do que ao ópio, associou o caso mais à postura em que passara a noite. Sacudiu os corpos que dormiam por ali, no sofá, no tapete, nas cadeiras da mesinha onde a mãe costumava tomar o chá.

Vasco deixou a guitarra escorregar com estrondo para o chão, e o rugido das cordas ecoou pela sala adormecida.

— Ai, que se perco a guitarra perco a vida!

Desperto, acariciou o sinuoso instrumento da base à voluta, os olhos enevoados da ressaca, testou-lhe as cordas e apurou o ouvido para auscultar o seu desempenho — só aí se levantou e incitou o amigo a pegar na viola e a segui-lo. Saíram sem proferir uma palavra, valendo-se da porta dianteira, porque Julieta guardava o corredor da cozinha e da despensa, a partir do qual poderiam escapulir-se pelas traseiras. Os dois homens saíram depois de ajeitar as calças, de olhos pesados de sono e de vício, com os instrumentos ao ombro e o cachimbo de ponta de jade acomodado na caixa da viola. Caminharam na alvorada sem dizer uma palavra, lado a lado, cada um até às suas águas-furtadas.

Irene e as amigas subiram para o quarto principal da casa, o que pertencera a Maria Ana Silva e no qual Irene fizera poucas alterações. A cama era principesca, pelo que puderam acomodar-se as três sobre as cobertas e passar o resto do dia a dormir, até que Julieta, tremente de nervos por as ver em jejum, irrompeu pelo quarto a bramir que aquela vida de fadistas iria acabar com Irene e com as amigas, e que, se eram moças de bem, não viviam em casas com reposteiros corridos até às vésperas.

Lisboa, julho de 1947

— Tudo isto é secundário — interrompeu a Irene, soprando o fumo por cima do ombro para evitar que me alcançasse —, embora ajude a explicar-lhe que não cometemos nenhum pecado mortal, entende? Divertimo-nos, foi o que foi. Tínhamos 19 anos e eu estava numa posição muito confortável. Tinha muito dinheiro e uma casa demasiado grande para mim, uma governanta, uma criada de quarto e copa, um jardineiro, dava concertos todos os fins de semana no Augusto, depois n'O Ferro de Engomar e no Solar da Alegria. Começavam a dizer-me que teria jeito para a revista, e andava a ponderar se

me via nesses teatros além do da cantiga.

— Mas a Irene, com 19 anos, não era sequer maior de idade. Como pôde dispor dos seus bens?

— Um dos irmãos da minha mãe adotiva tornou-se meu tutor legal. De início, pensei que iria procurar imiscuir-se na minha vida, levar da minha casa alguns tesouros de família, por aí fora. Depois, descobri que ele não tinha sequer intenções de passar tempo comigo nem de vir visitar a casa. Limitou-se a ir ao notário assinar os documentos e a reunir com o advogado e executante testamentário da minha mãe. Não quis saber de coisa alguma. Tinha negócios no Brasil, era imensamente rico. Perguntou-me quanto dinheiro queria que autorizasse por mês, estabelecemos uma soma confortável, e eu nunca o incomodei a pedir mais. Tudo se passou com muita tranquilidade. O facto de ter sido nomeado meu tutor era um incómodo na sua vida de homem de negócios ocupado. Quando fiz 21 anos, ficou mais satisfeito do que eu por abandonar essas funções. Nunca mais ouvi falar nele.

Só agora, conforme falava em tom ponderado, se dava conta de como era fácil que alguém próximo a hostilizasse devido a todos esses luxos e privilégios; amigos ou mesmo família.

— Em simultâneo, estava a passar por uma fase terrível. A minha mãe... Bom, já lhe disse que não era minha mãe, mas é como se fosse. Tinha morrido há pouco tempo, e tudo o que me contou antes de morrer abalou-me muito. Precisava muito de amigos e de apoio, e, ao invés, saiu-me a Lena.

— Desculpe, Irene — interrompi, estendendo a mão para acariciar o dorso de *Atena*, que pousou as patinhas nas minhas calças, a exigir carícias —, mas não entendi porque partilhou comigo essa vossa noite de desvario. É habitual que os jovens sejam dados a excessos, embora confesse que seja a primeira vez que imagino uma mulher em tais circunstâncias. O ópio é altamente viciante, poderia ter acabado escrava do seu efeito.

— Partilhei esse desvario, que ademais nunca se repetiu, porque foi esse o momento decisivo em que entendi que não podia confiar na Lena, e que o que ela dizia não era tão inocente assim, talvez servisse um propósito.

— Refere-se a ter-lhe dito que o Henrique nunca se casaria consigo? Se me permite opinar, não conheço esse Henrique, mas ficou muito mais bem servida com o engenheiro.

— Refiro-me a isso e a muito mais.

Apagou o cigarro no cinzeiro de cristal e dedicou-me um sorriso promissor.

XX

Estoril, 1956

Tenho-me aborrecido um pouco aqui pelo Estoril, porque não me sinto em forma para participar nessas *matinées* e *soirées*. Também não aprecio jogos de azar, embora o Casino concentre todos os viciados em jogo do país e dândis sem ideia de outro entretenimento. Como único local autorizado num grande raio de distância para se apostar o património nos dados e na roleta, convergem para estes jardins e estas fontes os homens de negócios, da política e de bem. Neste Portugal do Plano de Fomento, em que cai bem investir vinte mil escudos num vestido para que não haja dúvidas de que a família prospera, a nata da sociedade vive de festas. É raro o dia em que, na receção do Palácio, não se discutam as atividades de lazer lá para os lados de Cascais. Sucodem-se as regatas, as visitas de estadistas internacionais, os bailes privados, exposições de equitação, inaugurações de memoriais em estátua e placas de rua com fartura a consagrarem as grandes figuras da nacionalidade.

Lisboa, julho de 1947

Em 1947, o país saía dos anos difíceis do racionamento da guerra que, embora não tenha deixado explosivos *SC1000* por aí, nem minado os areais, deixou fome e a pegada psicológica da austeridade. O presidente do Conselho contribuía para isso, exigindo aos Portugueses sacrifícios heroicos. As obras públicas, que trouxeram para a ribalta nomes como o do engenheiro Duarte Pacheco, que se pôs a reformular os estatutos da profissão de arquiteto, e que formou homens como o engenheiro Vaz, eram um dos caminhos rentáveis. A

moda, nos fins dos anos 40 e sobretudo nesta década de 50, era um outro ofício rentável. Em Londres, já favorecíamos o *prêt-à-porter*, mas a Lusitânia continuava dependente de alfaiates e modistas, bem como dos seus ateliês onde tiravam medidas e garantiam que os casacos assentavam ao milímetro nos ombros nacionais. Penso que emergiu daí a influência que as Sousa foram ganhando em Lisboa, primeiro no seu bairro e, depois, sendo procuradas por toda a parte, do Chiado a Cascais, passando por todas as quintas e herdades de Sintra, onde estrangeiros e nacionais davam bailes. Toda a gente queria um vestido da senhora, afiançou-me a Irene. E aquela prosperidade de que ela mesma gozava, tal como dela beneficiavam os seus amigos mais próximos, poderia ter sido vantajosa para todos. Mas não o foi e, segundo a nossa cantadeira, por culpa da Lena.

Em breve, percebi que o nosso tempo para interlúdios começava a escassear, e ansiava por que me revelasse os pormenores sumarentos da história: aqueles pelos quais aguardava desde que me servira o primeiro refresco no seu jardim de inverno. Procurei apressá-la, mas ela deitava muito tempo a perder com considerações fora de contexto, intercaladas com longos silêncios. Nessa ocasião, vestida de preto e com um travessão em forma de folhas de oliveira a manter-lhe o cabelo bem afastado do rosto, recusou o maço de *Português Suave* que Celeste lhe levou, e olhou-me com naturalidade:

— Serafim, sabia que se quisesse abrir uma fábrica de solas de sapatos, tem de submeter aos outros fabricantes de sapatos a sua intenção de se juntar a eles no setor?

— Ouvi dizer qualquer coisa — admiti.

— Que fabricante de solas de sapatos está disposto a facilitar o acesso da concorrência ao seu ganha-pão?

— Pois é.

Estacionámos o carro, que ela conduzia sem sobressaltos até Algés, apesar de lhe ter dito que nos afastávamos bastante de Lisboa, e caminhávamos para a entrada do bonito edifício de fins do século anterior. Prometeu-me, para me apaziguar, que no regresso me deixaria no Hotel Europa, pelo que acabei por aceder à sua vontade. Tinha dito que gostaria de passar o dia num local fresco e que não lhe ocorria nada mais adequado para isso do que o Aquário da Marinha, o Vasco da Gama. Entrámos no edifício lado a lado, com os seus tacões a anunciarem a nossa chegada ao moço da bilheteira. A Irene, de lábios carmin e sorriso largo, insistiu em quitar o valor dos dois bilhetes. Demos então início ao passeio, com ela a deter-se diante de cada pequeno tanque de tartarugas ou carpas, e a passar a ponta dos dedos por toda a água que conseguisse alcançar.

— Em relação àquilo que lhe contei... — Aproximou-se para bichanar. — Sobre o cachimbo... — Retomou a sua marcha discreta, balançada, de quem não se decidiu muito bem sobre para onde dirigir a sua atenção. — Serviu para eu ficar a conhecer a verdadeira Lena.

Lisboa, 1930

Dois dias depois de terem privado com os músicos na sala de Irene, as três jovens tomaram o elétrico para a Estrada de Benfica, onde Irene iria cantar juntamente com outros amadores nesse serão. A meio da viagem, Rosa pôs-se muito direita e, solene, virou-se para Lena:

— Antes que cheguemos e os rapazes se juntem a nós, acho que é melhor dizeres à Irene o que fizeste.

Lena empalidecera. Malgrado algumas borbulhas típicas de uma pele demasiado sensível, a sua extrema brancura era parte do seu encanto. Nessa ocasião, porém, com o pôr do sol da cidade a infiltrar-se por entre as janelas do veículo e o rosto de Rosa colado ao seu, a mão na sua para que não escapasse, a palidez de Lena parecia doença.

— O que foi? — indagou Irene, curiosa. Julgava que aquelas duas tinham começado a dar-se melhor, mas a verdade era que as via tensas, numa medição de forças insuperável. — Digam logo!

— É a Lena que vai contar, mas, se não tiver coragem, conto eu — garantiu Rosa, de sobranceiras arqueadas para uma Lena que comprimia os lábios, como se jurasse que deles não sairia qualquer som.

Irene ficou intrigada e, a cada instante que o silêncio de Lena se prolongava, ia-lhe subindo uma agonia sem nexo. A consciência queria arrastá-la de volta à noite em que as levara a fumar ópio. Sentia-se responsável por esse desvario, ainda para mais quando, nessa manhã, ao saber que Vasco seria o guitarrista nessa noite n'O Ferro de Engomar, lhe sugerira que repetissem o serão da outra noite, e ele alertara para a existência de homens que eram autênticos escravos do ópio, como ele próprio, e que elas não queriam essa desgraça para as suas vidas. Sentiu-se confusa e, com o passar das horas, culpada. Quando viu as amigas no ponto do elétrico, a primeira coisa que lhes perguntou foi se estavam bem, se tinham vontade de fumar ópio de novo, ao que Lena se limitou a encolher os ombros, tensa, e Rosa disse que uma vez bastara, nunca mais.

— Bem, se ela não diz, digo eu — anunciou Rosa, virando-se para Irene com determinação. — Esta menina foi dizer ao...

— Guarda-freio, pare o carro, vou sair! — interrompeu Lena, pondo-se de pé e ajeitando a carteira no antebraço. — Vocês estão sempre contra mim! Por favor, pare o carro!

O guarda-freio manteve-se quieto na sua cabina, fingindo que não ouvia a urgência da jovem, e Lena deve ter entendido que só poderia sair no apeadeiro seguinte, pelo que se deixou ficar de pé, de mão firme nas costas de um assento e pronta a saltar para o passeio assim que o veículo se imobilizasse.

— ... Henrique e aos outros que levaste uns vadios viciados em ópio para a tua casa e que nos fizeste fumar com eles.

Irene não entendeu bem a que se referiam. Não tinham acordado, ao sair do concerto e ao percorrer aquela mesma estrada, vindas daquele mesmo restaurante, que seria um segredo para guardarem a sete chaves, porque as autoridades poderiam pedir contas a todos?

— Como assim, fiz-vos fumar? Eu parei de fumar e a Lena ainda continuou por mais duas ou três rondas... Disso, lembro-me bem!

— É melhor falarmos mais baixo — notou Rosa, porque um homem de fato e chapéu elegante seguia os seus movimentos pelo canto do olho.

Lena, talvez se dando conta de que o tom de voz de Irene ia aumentando conforme a indignação tomava o lugar da incompreensão, voltou para junto das amigas e tornou a sentar-se, contraindo muito os lábios e mantendo a carteira junto ao ventre.

— Mas estás a chorar porquê? — indagou Rosa, olhando Lena com rispidez. — Para que é que foste dizer ao Henrique e à Luísa o que fizemos na casa da Irene? Não tínhamos combinado que era segredo?

— Mas como é que tu soubeste, Rosa? — Irene estava cada vez mais confusa e, apesar de bichanarem, as lágrimas de Lena estavam a chamar atenções para o trio.

— Porque o Henrique veio falar comigo hoje de manhã, preocupado. Disse que ela lhe tinha contado que se sentiu muito insegura, que receou o pior. Que nos assaltassem ou que fizessem pouco de nós...

— O quê? Quem é que temeu que eles fizessem pouco de nós?

— Segundo ele, aqui a menina Helena.

— Não posso acreditar — retrucou Irene, com os olhos a faiscarem e a fronte tingida de vermelho. — Foste dizer por aí que o Vasco e o Ernesto podiam ter feito pouco de nós? Aqueles dois infelizes que na vida só têm as guitarras?

— Tive medo — gemeu Lena, numa tentativa vã de se defender das acusações concertadas de Rosa e Lena.

— Medo? — Irene parecia prestes a esbofeteá-la. — O que fizeste foi muito sério. Se cáisse nos ouvidos errados, estávamos todas em maus lençóis. Não pensas no que fazes? E disseste ao Henrique que o teu medo foi mero achaque, visto que ninguém fez pouco de ninguém, e que fumaste porque te deu na gana fumar?

— Já disse que só falei porque tive medo! — gritou e, nesse instante, o homem de fato e bigode encerado voltou-se para elas e deixou de esconder o seu interesse na conversa.

— E ao Henrique, logo ao Henrique?

— Queres que minta? Que diga que não tive medo? — atirou, como se a injuriassem.

— Tiveste medo, mas continuaste a fumar, minha bandida! — acusou Irene, com Rosa a segurá-la pelo braço para que não desse com a carteira nas fuças lacrimosas de Lena.

— Pronto, não devia ter falado nisso aqui. Olhem aquele homem ali, aquele de pé, não para de olhar para nós...

— Vou descer — anunciou Lena, porque o elétrico se lançava na chinfrineira de frear.

— Ai, não vais, não — impediu Irene, segurando-a pelo braço. — E vais explicar-me porque é que o Henrique disse que nunca ia casar comigo. Acabo de me lembrar que mo disseste com convicção lá no meu sofá, enquanto eu te metia o fumo pelas goelas...

— Porque é que achas que ele nunca vai casar-se contigo? — enfrentou-a Lena, olhos nos olhos, e Irene viu-lhe uma raiva que nunca se apercebera de que existia.

— O que se passa, meninas? — interrompeu o homem de fato, franzindo o sobrolho quando lhe pareceu evidente que Lena queria pôr-se de pé e abandonar o elétrico, mas as companheiras não lho permitiam. — A menina precisa de ajuda?

Lena, chorosa, falou antes que as outras se saíssem com alguma desculpa:

— Queria descer, senhor — fungou. — Mas elas não deixam...

Irene largou-lhe de imediato o braço, e Rosa segurou-a para que não seguisse a outra para fora do elétrico. Lena pôs-se então de pé e ajeitou a casaca, e depois o cabelo, enquanto esperava que o veículo se imobilizasse por completo. O desconhecido fazia-lhe uma vigília solene, apostado em evitar que voltasse a ser agredida pelas amigas malvadas. Quando o elétrico estacou, com um grande sacão, Lena virou-se para Irene e disse-lhe, com azedume:

— O Henrique nunca vai casar-se contigo porque é um homem de princípios. Nenhum homem decente vai desposar uma cantadeira, que anda

por aí metida em cantorias em casebres mal iluminados, e que deixa que a cada noite um homem diferente a acompanhe a casa.

— Ó minha desgraçada! — explodiu Irene, e Rosa esforçou-se para a manter sentada seu lado. — Mas quem te obrigou a vir hoje connosco para esse casebre mal iluminado?

Irene ainda tentou alcançá-la antes que descesse para a calçada, mas o homem de fato barrou-lhe a saída, permitindo que a outra se escapasse em lágrimas, e de um salto. O desconhecido sibilou-lhe, então, para que nenhum outro passageiro escutasse:

— As meninas estão com sorte por eu não estar de serviço. Ouvi aqui coisas que, pelo menos, haviam de render um interrogatório. — Irene pôs-se lívida, e Rosa, sem se levantar do seu lugar, entendeu que a amiga estava a ser repreendida por um polícia de defesa social. — Se souber que voltam a incomodar aquela jovem, hão de se haver comigo. Olhem que eu nunca me esqueço de uma cara.

Rematou o discurso com um olhar que abrangeu Rosa, muito quieta no seu lugar, e ajeitou o chapéu como se se despedisse delas com cordialidade. Desceu atrás de Lena, alcançando-a em poucas passadas, e Irene, a tremer da cabeça aos pés, juntou-se a Rosa.

— Meu Deus... — Foi tudo o que conseguiu articular.

— Nem chames Deus para isto — ripostou Rosa, o nervosismo a transparecer-lhe na voz. — Eu avisei-te de que ela não é flor que se cheire, mas tu parece que ainda lhe deves aquele convite para o jogo de bilharda de há quinze anos.

E Irene seguiu atordoadas, os olhos secos de pasmo, sem se aperceber de que esmagava na sua a mão de Rosa.

Lisboa, julho de 1947

— Durante semanas, olhávamos por cima do ombro onde quer que fôssemos — contou-me a Irene, de volta aos seus cigarros, às carícias a *Atena* e aos pedidos para que os rapazes atentassem nos vidros de casa a cada chuto na bola de *foot-ball*.

— Percebo perfeitamente.

XXI

Estoril, 1956

A PIDE ainda estava por nascer nessa altura, mas outros organismos das autoridades iam preparando o terreno para a sua existência. Entendi o receio que as duas jovens experimentaram, porque também eu, ao escrever estas singelas linhas no recato do meu quarto de hotel, receio que o camareiro dê uma vista de olhos pelos meus papéis e encontre algo *denunciável*. Ouvi dizer que pagam quinhentos escudos a quem quer que tenha informações de interesse para o Estado, e quinhentos escudos não é algo que se recuse, em especial quando já se nasceu com um carácter vingativo ou rancoroso. Dá para várias refeições na esplanada do aeroporto, ou pelo menos para duas doses de caviar. Pode ser uma maneira hábil de os degenerados ganharem dinheiro vingando-se de quem os tem ofendido.

Lisboa, julho de 1947

— De que falam? — Era o engenheiro, sorridente e perfumado com água-de-colónia, de cotovelos nas costas da cadeira de jardim da Irene.

— Então, já por casa? — cumprimentou ela, e ele beijou-lhe o cocuruto.

— Espero não ter interrompido a vossa entrevista, mas ouvi a bola e percebi que os rapazes estavam cá fora. — Olhou-os com seriedade, como se ponderasse se deveria repreendê-los ou deixá-los gozar o ar livre e a energia própria da idade. — Está um dia maravilhoso, não concordam?

— A tua colónia está muito forte — reparou a Irene, e sacudiu o ar ao seu redor com a mão aberta.

O engenheiro endireitou-se e puxou a própria gola para cima, cheirando-a e acabando por concordar que exagerara.

— A Júlia? — perguntou à Irene.

— Está a dormir, voltou muito suada e afogueada da manhã nos meus pais.

— Temos de vigiar se não se põe doente. — E ouvi-lhe preocupação nas entrelinhas do pragmatismo.

— Ela é forte, sai à mãe. — Mais um beijo no cocuruto, um aperto de mão na minha direção, e o engenheiro desapareceu pelas escadas de acesso ao palacete, quem sabe se para verificar a temperatura corporal da sua menina adorada.

Tínhamos passado a manhã no Aquário, por entre animais empalhados, tartarugas que se reviravam com morosidade no tanque, e um olhar atento à coleção pessoal do rei D. Carlos, no último andar, que guardava o gosto particular do monarca pelo mar. O vigilante da sala quis meter conversa connosco, e depressa deu a entender que já conhecia a Irene de a ouvir cantar na Renascença, nos intervalos das radionovelas que a mulher adorava ouvir enquanto passava a ferro. Ao que parece, havia por Lisboa mais cartazes com o seu rosto amplo e as suas sobranceiras fartas. Falou-nos das várias expedições oceanográficas empreendidas por D. Carlos, e justificou assim a origem daqueles objetos bem conservados que encontrámos em exposição. A Irene prestou especial atenção ao aspeto aterrador do peixe-de-farol, batendo várias vezes com a unha pintada no vidro, como que para ressuscitá-lo da sua morte museológica, enquanto eu bebia cada detalhe que o vigilante nos dispensou a respeito de D. Carlos e da sua paixão pelo fundo dos mares.

— Querida Irene... — disse-lhe, quando a vi recair em silêncio e fitar Afonso, que estava de cócoras junto a um arbusto, tentando destringar a bola dos seus ramais. — Já passou uma semana e...

— Eu sei. — A voz soou suave. — Gosto muito do Afonso, sabe? Mas, de início, não foi nada fácil. Ele fazia questão de me lembrar, a cada repicar dos sinos, que não era sua mãe.

Remeti-me a um silêncio reflexivo. Não entendera ainda se ela haveria de me contar também a história de como se tornara na senhora Silva Vaz, cantadeira e esposa de um respeitável engenheiro do regime. Quem sabe preferisse proteger essa parte da sua intimidade; não podia exigir-lhe que abrisse todas as gavetas do seu coração.

— É uma maravilha que os rapazes se deem tão bem — suspirou, e fechou os olhos por um instante, oferecendo de novo o rosto ao sol do fim de tarde.

— De qualquer modo, é natural. São muito próximos em idade, cresceram juntos.

— Notei que, desta vez, o seu marido não lhe perguntou pelo estado do automóvel — comentei, daí a largos segundos, em tom de riso.

— Deve ter perguntado à Celeste se lhe viu alguma moça quando chegámos.

De novo, o silêncio. Fiquei sem assunto e preparava-me, inclusive, para me despedir dela, quando proferiu, sem abrir os olhos, as seguintes palavras:

— Serafim... — Esperou que denunciasses a minha permanência na cadeira de ferro forjado a seu lado com um leve tossicar. — Disse-lhe que a minha mãe não era minha mãe, não foi?

— Sim, disse. — E o segredo para que desenvolvesse o assunto era fingir-me desinteressado, conseguir que a voz me saísse neutra, desprendida.

Como resultado, ela abriu os olhos, que àquela luz luziam em âmbar. Fitou-me durante um longo momento, e desbobinou a parte da sua vida que eu nunca poderia ter imaginado, e que, quem sabe, tivesse estado sempre nas entrelinhas de tudo o que me contara até então sem que eu, um escrevinhador de fraca perceção, o tivesse desemaranhado.

— Quando disse à minha mãe que me tinham ouvido cantar na rua, numa altura em que a cada travessa onde parássemos eu cruzava o xaile e me punha a ensaiar umas rimas, e que queria aceitar o convite para ir ao Augusto...

Lisboa, 1928

Maria Ana Silva levou as mãos à boca e perdeu toda a cor do rosto. Estava a chegar aos 60 anos, Irene tinha dezoito e transformara-se numa rapariga formosa, bem proporcionada, embora não necessariamente bonita (segundo a própria, ninguém se detinha na sua figura ao primeiro olhar). O que mais detestava em si mesma eram as sobrancelhas, tão espessas que diziam que lhe ensombravam o olhar, mas que acabavam por atribuir uma maior profundidade às palavras que proferia quando cantava, acompanhadas do gemido de alguma guitarra moribunda. Não era de bom tom que as mulheres, sobretudo tão jovens, andassem metidas em tabernas e em casas de pasto noturnas, mas ela ia na companhia dos amigos, juntavam-se para ouvir os fadistas, profissionais e amadores, e para se cruzarem com as vedetas que povoavam os filmes a que costumavam assistir.

Ganhou coragem para juntar a sua voz à de outros no fado vadio, e a querida Ercília levantou-se da sua cadeira e as duas ensaiaram uma espécie de dueto à desgarrada que encantou a audiência. Choveram aplausos no final, e a jovem de Alcântara aconselhou-a a tentar juntar-se a uma revista. A revista

era a profissionalização do fado, mas Irene sentia que não compartilhava da graça e da alegria que caracterizava esse tipo de espetáculo. Pessoas como o Alfredo Marceneiro poderiam ajudá-la a conseguir um papel — bastava um de aguadeira, de varina ou de lavadeira —, e fazer por sobressair nele. Para isso, devido à menoridade e ao facto de ser mulher, era necessário que a mãe autorizasse e negociasse os contratos por si. Os fadistas saíam por fim das sombras, abandonavam a canalha e conquistavam as elites da cidade, cantavam para boas famílias e animavam as festas da antiga aristocracia, bem como as da burguesia emergente. Tinham espaços exclusivos onde podiam reunir e improvisar até ao nascer do sol no Tejo. Não tinham qualquer desejo de se ver metidos em encenras de moral. O tempo em que ser fadista equivalia a andar-se sempre à navalhada terminara: o governo assim o norteava.

Irene observou o modo como Maria Ana reagia à notícia de que pretendia fazer da sua voz o seu sustento, posto que a tinha talhada para o fado. A mãe cobriu o rosto, verteu copiosas lágrimas, abriu a boca num esgar de dor sem que dela lhe saísse qualquer som, e deixou-se cair sobre a cama de dossel, torcida de agonia.

— Não me faças uma coisa dessas, Irene. Faz-me tudo menos isso — pediu Maria Ana, e Irene, angustiada, desceu as escadas aos tropeções para pedir a Julieta um chá de tília, que a senhora estava a passar muito mal.

Depois de pelo menos uma hora fechada com a patroa, Julieta emergiu dos seus aposentos com o tabuleiro do chá, parecendo tão abalada quanto a própria senhora Silva. Nos suspiros que foi soltando nos dias seguintes, Irene discerniu a frase: «Não posso acreditar que se volta a falar de fado nesta casa.»

— Ó Julieta, chega aqui — chamou, atravessando-se no seu caminho no corredor. — Como está a mãe?

— Vá vê-la, mas não a apoquente, por tudo o que é mais sagrado. Já sabe que ela tem o coração fraco.

— E que conversa é essa de já se ter falado de fado nesta casa? — questionou, a fronte enrugada de suspeita.

— Ai, não me cabe a mim falar disso. Deus Nosso Senhor me livre sequer de falar desses tempos. Arre, cruces credo! — E foi-se pelas escadas, a proferir esconjuras até a voz se ver abafada pelo manusear dos tachos, na cozinha.

Cada vez mais intrigada, Irene foi remoendo o assunto, sem ousar mencionar cantigas ou fado à mãe, que se agarrava ao peito sempre que lhe discernia no semblante o ensejo de enveredar por esse assunto. Se havia um sítio naquele palacete que podia encerrar segredos, era a divisão sombria de traves de madeira esconsas sob o telhado centenário da casa. Adentrou na

divisão que sempre lhe estivera vedada, e que nunca lhe despertara nenhuma curiosidade por se localizar ao cimo das escadas de serviço. Irene assumira que ali dormiam as criadas e se armazenava mobiliário em desuso, faqueiros e serviços de loiça ultrapassados, mas de valor sentimental, vestidos de casamento amarelados pelos anos, daguerreótipos dos defuntos da família Silva, flores secas e tamancos empoeirados, borboletas alfinetadas, sombrinhas roídas pela traça e baús de enxovais das mulheres Silva, bem como de resquícios dos seus dotes, livros em francês e até em russo, bem como outros tarecos envelhecidos e obsoletos. Tudo isso descobriu no sótão, a divisão ampla que acompanhava grande parte do piso principal da casa, servido por duas janelas emperradas e muita poeira, paredes-meias com o aposento que as criadas dividiam. Nada lhe despertou grande interesse, para além do fascínio de ver alguns rostos pela primeira vez, como os que surgiam, solenes, num quadro assinado por Domingos Sequeira e que entendeu tratar-se dos avós de Maria Ana, imortalizados a óleo sobre madeira. Via algumas semelhanças entre si e alguns daqueles semblantes, o que a levou a considerar, ajoelhada perante uma caixa cuja fechadura tentou forçar, que não seria difícil convencer-se de que pertencia pelo sangue àquela família. Havia qualquer coisa nas sobranceiras densas, nos narizes retos e nos olhos âmbar que era também sua.

Lisboa, julho de 1947

— Irene, não me diga que era filha natural da senhora Silva? Sabe que, se assim é, era muito comum que as mulheres entregassem as crianças à roda ou aos conventos para as criarem, e às vezes arrependiam-se...

Começava a imaginá-la filha de um caso fortuito entre a senhora Silva e um homem muito mais jovem, que terminara no lamaçal do Somme. Quem sabe o senhor Silva soubesse e Maria Ana tivesse passado anos a convencê-lo a perdoá-la e a aceitar que resgatasse a criança, a nossa cantadeira?

XXII

Lisboa, 1928

Irene, de lenço apertado contra a boca e o nariz para evitar respirar o pó de todas aquelas décadas ali acumuladas, nem sequer considerava a possibilidade de pertencer àquela família e, talvez por isso, se tivesse sempre sentido desligada dessas raízes genéticas que amordaçam as pessoas às casas e às propriedades. Eram todos tão banais, em tudo lhe parecia ver normalidade, como nas mãos esguias que eram suas e de Maria Ana, mas que considerava mãos comuns por nunca a isso ter dedicado um segundo pensamento. Se bem se recordava, também costumava achar as suas mãos iguais às do pai. Não vinha daquela linhagem, estava convencida, era uma órfã, como os que a Marinha educava a bordo da fragata *Fernando II e Glória*, para se juntarem à profissão de marinheiro e assim darem um rumo à sua vida de enjeitados.

Quando a caixa com as iniciais A. M. S. se abriu, Irene deu por si a fitar um emaranhado de objetos estranhos, ali encerrados como que se, desse modo, se procurasse encerrar também a pessoa a quem tinham pertencido. O mais notável é que se encontravam embrulhados num xaile negro de franjas, semelhante aos que a Severa usava em cada reprodução que os teatros dela faziam. Um xaile, um bandolim e uns tamancos, o livro do Dantas, amarelecido e muito manuseado, e ainda a rosa nos cabelos negros, em alusão à sua ciganice, e eis uma fadista. Irene passou os dedos no xaile de seda de boa qualidade, bem como nas franjas vermelhas e nas florinhas verdes bordadas a toda a sua extensão. Era um bonito xaile, e a traça ainda não tivera tempo de o desfazer. Desenrolando-o, descobriu um retrato a sépia de uma mulher jovem sentada numa cadeira *Chippendale*, atrás da qual posava um belo

cavaleiro vestido de toureiro, com a casaca e o tricórnio de pena esvoaçante, e uma criança de cabelos escuros e ondulados, de ar desgostoso, acomodada nos joelhos da mulher. O retrato deteve-a por vários motivos, e daí em diante haveria uma Irene antes de o decifrar, e uma outra depois de o decifrar.

Lisboa, julho de 1947

A Irene levou-me para dentro e fez-me esperá-la no jardim de inverno, na companhia por uma vez circunspecta dos canários, enquanto foi procurar o referido retrato nos seus haveres. A Celeste surgiu para me oferecer café, que aceitei apesar de se aproximar a hora de jantar. À luz elétrica, o mármore do seu jardim de inverno era ainda mais magnífico.

Durante a espera, cruzei as pernas e dediquei-me a escutar atentamente os ruídos do seu lar. Ouvia-se a *Atena* a latir, no exterior, e o jovem Rafael soltava gargalhadas enquanto punha o irmão a par da trapalhice de um dos cachorros. Pouco depois, elevou-se a voz da Júlia, a repreendê-los com rispidez.

— Porque não lhe pegaram logo, seus tontos? Pode estar magoado. Papá, achas que se magoou?

Não resisti a caminhar até à porta por onde tínhamos entrado, para observar o modo descontraído como o engenheiro, em mangas de camisa, se apoiava sob o limoeiro com a cigarrilha acesa e o olhar atento na sua cria mais nova, que para ele caminhava com o cachorrinho nos braços, como se de um ferido de guerra se tratasse. Os jovens Vaz já tinham recomeçado os assaltos um ao outro com a bola, da qual eram inseparáveis, e o engenheiro garantiu à filha que o animal estava ótimo, só precisava que ela o pousasse no chão para poder retomar a sua marcha. Foi o que a menina fez e, quando o cachorro cor de canela se sacudiu, a *Atena* aproximou-se para lambê-lo enquanto a Júlia se abraçava às pernas do pai e comemorava o facto de o bichinho estar bem.

— Tu é que me saíste uma bela tontinha — comentou o engenheiro, na voz mais rouca de ternura que julgo que um homem seja capaz de articular.

A cena desconcertou-me: dei-me conta de que nunca hei de figurar naquela espécie de sacralidade, e que essa minha inaptidão para a família era pecado mortal num país que vive de instituições e que se apoia, sobretudo, nesses primordiais laços afetivos.

Quando ouvi a voz da Irene nas minhas costas, ainda sentia o nó na garganta. Um sentimento violento de perda que, até aí, nunca me permitira

sentir e que, admito, não voltei a sentir desde esse anoitecer.

— Está bem? — perguntou-me a Irene e, como assenti, prosseguiu, observadora: — Acho que o vejo cansado. Tenho-o fatigado muito, Serafim?

— De modo algum — garanti, mas a voz não transmitiu qualquer energia e ela não desistiu:

— Peço-lhe infinito perdão se não tenho conseguido abreviar as coisas, é que... — Os olhos turvaram-se de emoção e, franzindo os lábios, concluiu: — Ainda me dói muito.

— Entendo.

— Vou-lhe falando conforme me sinto capaz de tocar nos assuntos, mas estou a maçá-lo, não é? A minha tristeza está a passar para si?

— Não se preocupe comigo, Irene. Se ficar alguma coisa por dizer, podemos sempre escrever-nos. Fale ao seu ritmo, que nada me prende aqui. Vou-me deixando ficar porque assim entendo.

Nem eu sei porque me ia deixando ficar.

Pareceu-me um pouco mais aliviada. Estendeu-me, então, com muito vagar, a fotografia a sépia que fora resgatar ao seu guarda-vestidos. Depois, pegando-me com delicadeza na mão livre, despediu-se:

— Não vou convidá-lo para jantar. Não porque não queira a sua companhia, ou porque não tenha mais nada para lhe dizer, mas porque tenho sido muito egoísta. Precisa de passar algum tempo sozinho. Dizem que os escritores são criaturas solitárias. — Sorriu-me, pesarosa. — Tenho-o afastado da sua natureza, não é? Nunca andamos bem quando andamos fora de nós.

Só consegui concordar com um aceno de cabeça, porque me via atordoado. Ninguém jamais colocara as coisas naqueles termos. É isso: ser solitário é a minha natureza. Ser solitário equivale a ser livre para me deslocar, para procurar a companhia de quem bem entender, para viajar pelos carris de Inglaterra de olhos postos nos campos, nas ovelhas e nas sebes, e para, se assim o desejar, amar ocasionalmente. Não que tenha amado, mas poderia tê-lo feito no embalo da minha suprema liberdade.

A Irene insistiu em chamar um táxi e, quando este chegou, acompanhou-me à porta. Levei sempre a fotografia na mão e dirigi-lhe o olhar algumas vezes. No ato de despedida, ela inclinou-se para ela e apontou o homem trajado à século XVIII, na tradição dos homens de lide:

— Este era o senhor Silva. — Deslizou o dedo para a mulher de expressão benévola e rosto quase juvenil. — Esta era a senhora Silva, a Maria Ana de que lhe tenho falado. — O dedo deslocou-se por fim até à menina tristonha, de rosto categórico e sobranceiras espessas que, por um desencontro temporal nos meus miolos, julguei tratar-se da Irene pelas evidentes semelhanças físicas.

— E esta era a minha mãe, Ana Maria Silva.

Olhei-a, sem compreender. A Irene, muito ao seu estilo, sorriu e desejou-me uma boa noite.

No dia seguinte, a nossa fadista enviou o carro da família para me apanhar no Largo de Camões, logo após o desjejum. Não pude recusar a oferta quando o *garçon* foi informar-me pelas nove, estava eu diante de uma chávena de café e embrenhado na leitura do *Diário de Lisboa*, em particular na informação de que estreava no Tivoli um filme com Ingrid Bergman. Na mesma página, as letras garrafais «Calor, muito calor em toda a cidade», como se ainda não tivéssemos notado. Fui interpelado quando lia notícias do meu Benfica e dos seus juniores, que tinham vencido o campeonato de hóquei. Ponderava ir visitar a minha tia, almoçar com ela, mas a Irene arrebatou-me aos meus planos uma vez mais.

O automóvel em que vieram buscar-me era o *Citroën* que tinha visto o engenheiro parquear diante do palacete, mas trazia um motorista desconhecido. Fui conduzido pelo caminho habitual — o mais curto — até ao palacete da Castilho, onde ela me esperava no interior, com um leque quase do tamanho do seu tronco a trabalhar sem cessar, e a Celeste muito ciosa do seu bem-estar, a surgir à porta a cada dez minutos para oferecer água e refrescos.

— Espero que tenha dado uso ao leque que lhe deixei no banco do automóvel — começou por dizer, e o marido juntou-se-nos por um bocado.

Discutimos as notícias do dia: a data que se aproximava no Coliseu, a visita de Eva Perón ao bairro da Encarnação cerca de uma semana antes, e o facto de, nos Estados Unidos, se terem construído mais de 50 mil casas desmontáveis. Perguntei ao engenheiro se seria uma solução para Portugal, mas ele afiançou-me que, embora de olhos nos americanos e no que de bom se pudesse tirar dos seus modelos, bem como do seu prometido apoio financeiro, ainda fazíamos as coisas à portuguesa. E, à portuguesa, construía-se para durar.

— Já agora, e sem pretender alarmá-lo, leu a propósito do acidente com um *Constellation* na Irlanda?

— Não, o que aconteceu?

— Parece que a aeronave bateu numa sebe e se incendiou, mas a ação imediata do piloto impediu o pior. Não houve feridos.

— Que alívio, sobretudo para um homem que em breve vai voar para casa a bordo de um! — Arrisquei um olhar na direção da Irene, apenas para verificar se estava ciente de que o nosso tempo se esgotava com rapidez.

A bem dizer, não usufruía da minha estadia em Portugal senão para aqueles passeios na sua companhia, e para procurar a minha tia no São José, coisa que não me tomou mais do que um dia, entre buscas e reflexão.

— Onde dizem que faz fresco é no Luna-Parque. Quer acompanhar-nos até lá esta noite, Serafim? — convidou a Irene, aproximando-se da janela para empurrar os caixilhos e permitir um maior acesso da brisa, quase inexistente, ao interior.

— Irene... — interrompeu o engenheiro, sacudindo a cinza da cigarrilha no cinzeiro da mesinha de pé de galo, ao lado da poltrona que ocupava. — A Júlia está doente. Não acho boa ideia deixá-la sozinha com a Celeste.

A Irene pensou por um instante e depois, parecendo morder o interior da bochecha, sugeriu:

— Então, talvez possas ficar com ela, e o Serafim acompanha-me ao Luna-Parque.

Um silêncio acutilante instalou-se entre eles, e o engenheiro pousou lentamente a cigarrilha sem denunciar qualquer emoção.

XXIII

Não entendi se aquela familiaridade caiu mal ao engenheiro, mas a verdade é que, pouco depois, se ausentou da sala. A Irene seguiu-o sem demoras, e pareceu-me que obedecia a um qualquer sinal seu. Ouvi-os bichanar no andar superior, talvez à porta do quarto da Júlia. O revestimento em caixotões da casa parecia fazer revibrar-lhes as vozes, em especial a da Irene, que devia a clareza aos anos de fado. Confesso que caminhei até à porta, com o cuidado de manter as solas sobre o tapete, e escutei alguns sussurros que me chegavam lá de cima. Julguei discernir as seguintes frases, que registei nessa noite no meu diário: «O médico disse que ela está bem», seguida de «mas tu és a mãe e...», e rematada com um «Preciso disto, tu sabes que sim», e ainda um «Volta para casa cedo, estou farto de falatório».

Não me pareceu que o engenheiro tivesse particular oposição ao facto de ser eu a acompanhá-la, mas ao saber que a pequena Júlia estava enferma e que a mãe, ainda assim, favorecia os próprios intentos. Não poderia dizer-se que merecesse a medalha de mãe mais extremosa. Porém, ao longo do dia, conforme conversávamos, e sobretudo à noite, quando seguimos no *Citröen* do engenheiro até ao recinto do Luna-Parque, entendi que o que estava a viver era uma exceção ao seu quotidiano e que, no dia a dia, era uma mulher recatada e uma mãe atenta e presente.

Deixou-me sozinho com o engenheiro enquanto ia preparar-se para o nosso passeio noturno, logo depois dos licores e, durante uns dez minutos, fui deixado num silêncio desconfortável, suspenso das fumaças de cigarrilha que o Rafael Vaz lançava para o ar. Esperava que me pedisse para pôr fim àquela ligação indecorosa, que me viesse com o vocabulário que encontrávamos nessa Lisboa, pelas ruas, nos periódicos e em toda a espécie de troca de palavras e publicações: *não fica bem*. Esperava que me dissesse que não ficava

bem. Senti os nervos acumularem-se diante da sua imobilidade e, depois, ele apagou a cigarrilha e virou-se para mim. Coçou o queixo, e ouvi o roçar da barba sob as unhas curtas. Anoitecera e, quem sabe por ser sábado, não barbeara o rosto. Também não usava gravata nem casaco, e o cabelo parecia não ter visto nenhuma espécie de pomada, pelo que lhe caía, liso, sobre a testa.

— A Irene precisa disto — disse, e enfiou as mãos nas algibeiras. — Não pense que não se rala com a família. Ela tem é guardado para ela estas coisas todas, para não nos aborrecer. Sente-se muito culpada.

Por instinto, soube que não podia perguntar porquê, mas não resisti. Entendia que lealdade era algo que transbordava na postura do engenheiro. No entanto, sentia-me curioso para saber se cultivava aquela espécie de devoção para com o regime. Não conseguia entender se era um verdadeiro homem do Estado Novo, ou se a sua evidente inteligência o levava a cooperar e a tirar o melhor partido da sua posição e dos seus estudos.

— Porque é que a senhora Vaz se sente culpada?

— Acho que pode tratá-la por Irene, visto que andam para cima e para baixo por toda a Lisboa e arrabaldes. — Quis acreditar que o sorriso que lhe escapou dos lábios não trazia nenhum tipo de cinismo. — Quando à culpa, se ela ainda não lhe contou, não me cabe a mim fazê-lo. É provável que acabe por lho contar. Afinal, foi por isso que quis falar consigo. Para expiar a culpa.

— Estou a ver — ripostei, porque já me ocorrera isso mesmo por várias vezes.

— Não gosta que faça companhia à sua mulher, senhor engenheiro? — atirei, para aliviar o desconforto, mas acabando por aprofundá-lo. — Queria deixar claro que tem sido a convivência mais decorosa que possa imaginar, tenho-vos o maior respeito e...

— Não precisa de me dizer isso — cortou, tranquilo. — Conheço a minha mulher.

Não soube o que devia concluir daquilo, exceto que o engenheiro confiava na mulher com quem casara, e que eu acabava de me ridicularizar a seus olhos. Os rapazes estavam recolhidos no quarto, metidos em leituras segundo tinham anunciado ao retirar-se, e a Júlia não deu caras, porque continuava com febre. Quando a Irene desceu, eu e o engenheiro não tínhamos mais assunto e, por isso, fiquei aliviado por vê-la tão elegante, de carteira a condizer com os sapatos de tacão, e com uma bonita pregadeira em forma de folha de palma a segurar-lhe o casaco que trazia pelos ombros.

— O meu marido insiste que o motorista nos leve.

— É para isso que lhe pago — retrucou o engenheiro, e pareceu-me pouco

animado por nos ver partir.

Era-me inédito sair para uma *soirée* numa noite de estio com uma mulher casada, tendo a aprovação do marido, sobretudo quando este ficava para trás no papel de ama-seca da menina da família. Havia algo de muito particular naquele casamento, ou naquelas duas pessoas com quem vinha a privar por mero acaso, e que não cessavam de me surpreender.

O modo como o engenheiro me pareceu rígido, ao ver-nos sair, não passou despercebido à Irene, que caminhou para ele à luz elétrica e que, pondo-se em bicos de pés, fez questão de lhe beijar o rosto áspero. Beijou-o uma segunda vez na face, enquanto lhe nascia um sorriso. Ouvi, no seu murmúrio entre beijos, a palavra «ciúmes», e apressei-me para a saída, mas ainda fui a tempo de o ver tomar-lhe os lábios no reflexo envidraçado da porta, com tamanha posse e paixão que senti uma vertigem no estômago. Soltaram-se de imediato, como se nada fosse, mas a respiração da Irene permaneceu inquieta enquanto o motorista dava a volta com o carro no jardim para o posicionar para o portão, e ainda a vi elevar os olhos para o andar de cima, iluminado e povoado de silhuetas — quem sabe se dos rapazes, quem sabe se do pai. E foi desejo, cru e visceral desejo feminino, o que discerni na sua expressão de rosto afogueado, olhar vidrado e respiração algo ofegante. Não podia atestar que amasse o marido, mas não tinha qualquer dúvida de que o desejava com desespero, mesmo estando casada há tanto tempo.

— Irene, talvez não seja a noite ideal para irmos até...

— Vamos — disse, abrindo-me um sorriso determinado. — Vamos, porque temos pouco tempo.

E os tacões abriram caminho no saibro do carreiro mal iluminado. Sentou-se no banco traseiro do veículo, agradecendo ao motorista a gentileza de abrir a porta e esperando que fosse juntar-me a ela.

O *chauffeur*, formal e competente a manusear o *Citroën*, pôs-nos em Palhavã em meia hora e ficou à nossa espera para lá dos muros, numa postura formal que só deve ter-se permitido desfazer quando entrámos no recinto. A Irene aconselhou-o a gozar a feira por duas horas, altura em que garantiu que estaríamos de volta ao automóvel. Deu-lhe uma gorjeta suficiente para que adquirisse um ingresso, e fomo-nos dali em passo apressado, à mercê do entusiasmo da nossa cantadeira.

Nunca visitara o Luna-Parque, por ter sido inaugurado após a minha partida: um borrão de luz, música e animação na paleta monocromática da Lisboa que se ia expandindo, com grandes letras iluminadas a associá-lo ao *Século*. Sabia que pertencia à fundação, e que era destinado a angariar fundos

para as crianças sem posses nas colónias de férias. A Irene, ao enveredar por aquela desolação de terra batida, a arrumar na bolsa o troco da compra dos ingressos, passou sob o arco de volta perfeita ladeado por duas torres e caminhou por bancadas de loiças e rifas, parecendo rejuvenescida. Havia imenso povo por ali, visto tratar-se de um sábado, e aquela marcha de gente levantava imensa poeira, que revolteava ao nosso redor como se caminhássemos numa nuvem. Os narizes secaram-nos devido à temperatura alta e à poeira, aos fritos nas barraquinhas e aos fumos que nos chegavam dos carros de choque e da Casa dos Terrores, quando diante deles passámos. As luzes, pontilhadas de muitas cores vivas, criavam uma atmosfera de sonho, que me fez recordar os cenários e a melancolia que experimentei ao assistir a *Dumbo*, uma longa-metragem de animação que estreara alguns anos atrás sobre um elefante no circo. Os altifalantes, em que a Irene reparou de imediato, ecoavam a voz da jovem Maria de Lurdes, a estrela da Emissora Nacional, em floreados que punham em evidência o carácter lusitano, e que falavam de cabecitas tontas, aventais, passarinhos e moleirinhas.

— Sabia que a família da Maria de Lurdes também não queria que ela cantasse? — esclareceu a Irene, quando nos vimos num carreiro abrigado da vereda de luzes principal, com restaurantes de um lado e de outro a anunciarem os melhores petiscos da feira. — As famílias nunca querem que se cante. Um longo suspiro, e uma outra observação supérflua: — Sabia que hoje fizeram 27 graus? Um despautério.

— De facto... — Instantes depois, dei mais corda à conversa de circunstância. — Acho que, em tempos, houve aqui um Zoo...

— Sim, falaram nisso na inauguração — comentou, num tom suave. — O meu marido veio acompanhar o engenheiro Duarte Pacheco, por mera formalidade. Mal ele sabia que era a última vez que o via com vida...

— Deve ter sido uma honra.

— Foi, sim, estar assim lado a lado com o ministro das Obras Públicas.

— É a primeira vez que aqui venho... — admiti.

Deteve-se e rodou sobre os calcanhares, obrigando-me a olhá-la naquele lusco-fusco da exuberância elétrica e colorida dos caminhos ao nosso redor:

— O meu marido disse-lhe alguma coisa sobre o que lhe tenho contado?

— Não, respeita-a muito — apressei-me a assegurar.

— Não duvido disso, mas vejo-o apreensivo.

Retomou a marcha, pensativa. Levava a carteira diante do ventre, e a mesma balançava a cada passo. Como marchava à minha frente, fiquei de olhos postos nas penas de pato azul-petróleo do seu chapéu, e recordei-me de que não dissera mais nada a respeito do retrato da mãe e dessa descoberta

desconcertante. Durante a viagem, contudo, falou da Rosa e da Lena, porque entendi que não queria falar da mãe na presença do *chauffeur*.

— Comemos uma sardinha assada? — convidou. — Sei que acabámos de jantar, mas está mesmo a apetecer-me.

Podíamos fazer o que desejasse; ir ao circo, assistir a um filme, beber um refresco ou praticar tiro ao alvo, contanto que me deixasse pagar a animação. Ela concordou e, quando nos chegou o perfume de sardinhas na grelha, pedimos duas sobre fatias de pão. A Irene comeu com elegância, soltando gemidos de prazer ao depositar na língua os lombos gordos do peixe de eleição dos Lisboetas. Perguntou-me se fazia ideia de quantas vezes fora cantar às festas da cidade, e depois se empanturrara daqueles peixinhos deliciosos. Deixámo-nos ficar perto da grelha, junto a uma bancada de manjericos, envoltos na sua fragrância, e a Irene retomou a conversa, de lábios reluzentes de gordura.

XXIV

Durante a viagem de carro, contou-me que estivera uns nove meses sem falar com a Lena depois do episódio no elétrico. Segundo ela, nunca mais deveriam ter voltado a falar de todo. A imagem do polícia de bigode a seguir a Lena pela calçada, e a sua incerteza quanto ao tipo de informação deturpada que a jovem costureira poderia passar-lhe, sobre si mesma e a Rosa, causaram-lhe uma vertigem de agonia. Descobriu que tinha *medo* da imprudência da Lena, e não era uma boa sensação. A somar a isso, havia a questão de estar de luto pela sua mãe de criação, e a necessidade absoluta de se justificar perante o Henrique, e de o ouvir dizer que nada do que a Lena dissesse abalava o modo como ele a via. Precisava de saber se o Henrique ainda acreditava na sua virtude.

Lisboa, 1930

— A maneira como ela disse que vou para casa escoltada por um homem diferente a cada noite, ouviste bem? — repetia a Rosa, e Rosa revirava os olhos. — Ela sabe que é mentira, mas disse-o como se acreditasse mesmo nisso. — E continuava, com a indignação a subir-lhe às faces claras e a tingilas de encarnado. — Rosa, como é que tu olhas nos olhos de uma pessoa e te saís com uma mentira dessas? Qual o objetivo disso? É a mesma coisa que eu olhar agora para ti e dizer que a tua mãe é angolana. Que absurdo, teria de ser mesmo uma cabecita tonta. Ela acredita mesmo no que disse.

— Acredita e não vai guardá-lo para ela, vai espalhar por aí. Se to disse na cara, imagina nas costas.

— Porquê? Se a minha mãe fosse viva, ela não se atrevia — bufou.

— Ah, pois não. Quanto ao porquê, é inveja.

— Inveja de quê? — Esbugalhou os olhos de pasmo. — Da minha mãe que morreu? Ou de eu ter nascido na Boa Hora, numa gruta cheia de bêbedos e de mulheres da vida?

— Chiu — sibilou Rosa, a quem Irene contara as circunstâncias do seu nascimento quando começaram a aproximar-se.

Entravam na casa de Irene, mas Julieta não lhe deu oportunidade de empurrar a porta que, regra geral, deixava destrancada porque ficava abrigada da rua pelo jardim de ulmeiros e rosas-bravas. Julieta recebeu-as, desgostosa por ver o seu respeitável ofício de governanta destituído de reconhecimento pela jovem Silva. Desde que Maria Ana falecera que não havia receções, mesa posta com os melhores faqueiros de prata, os cristais da Boémia e as caixas de charutos se mantinham encerrados nos armários, o pó se acumulava no salão de jantar, o lustre não era aceso há meses. Nunca mais vira nenhum dos rostos conhecidos dos Silva, porque Irene não tinha por hábito convidá-los, e, como consequência, depressa se viu excluída das suas celebrações. Além do mais, Irene era uma cantadeira e, nessa ocupação, não era sequer uma Ercília Costa. A rádio não via grande interesse na sua figura nem na sua voz, nem lhe via nada de castigo que servisse para fazer dela a nova «menina da rádio».

— São as sobranceiras — dizia. — São demasiado grossas.

— Queres que tas arranje? — oferecia-se Rosa, que trazia as suas impecáveis.

— Não. — E não sabia porque se recusava a deixar que lhas arranjassem.

Vinha-lhe a ideia de uns dedos meigos a contornarem-lhe as sobranceiras e a pedirem-lhe que nunca lhes tocasse. Quase de certeza que havia sonhado.

— Bem, quanto à inveja da Lena, é bem evidente — adiantou Rosa, deixando-se cair, exausta, no sofá de damasco. — Ela farta-se de trabalhar, contrariada. Tu fazes o que queres, o teu dinheiro permite-te andar pelas ruas a cantar ou a vadiar, com quem bem entenderes. Se te esforçasses, até os antigos viscondes te convidavam para os seus serões, e até podias casar-te com um desses dândis e ter uma prole de engomadinhos. Tens bons vestidos e calças bem, tens uma governanta e um espólio de milhares de escudos em objetos preciosos só neste palacete. Aquele cravo deve valer uma fortuna, não?

— Quais viscondes, quais quê! Quanto ao recheio da casa, bem sabes que não o exhibo.

— A sociedade lembra-se de quem veio de cima, achas que isso desaparece assim? Não sejas tonta. Se calhar, é isso que deverias ter feito, dado um grande jantar e fazer dela a convidada de honra. Aposto que disso ela gostava.

— Então, a Lena tem inveja das relações da minha falecida mãe?

— E do teu palacete. Mas, acima de tudo, tem inveja do modo como toda a gente que te conhece olha para ti. Com respeito e admiração. — Encolheu os ombros. — Não sei explicar, mas as pessoas ouvem-te, por muito que falem de cantares à noite e de te dares com fadistas. Basta abrires a boca para entenderem que não és uma cabeça tonta.

— Eu até costumo ser bastante calada!

— Quem sabe se por isso mesmo. Já da Lena, aproximam-se pelo fascínio dos seus bonitos olhos, do seu sorrisinho de menina de bem. E, depois, fogem a sete pés quando ela se lhes cola que nem uma lapa.

— Isso só acontece com os homens...

— E a Luísa? A Luísa diz que ela lhe fez uma cena porque agora só pensa no marido e mal tem tempo para ela. Chorou e tudo, porque a amiga casada passa mais tempo a engomar as ceroulas do marido do que com ela no Parque Mayer, a fazer vida de solteira. — Soltou um suspiro sentido. — É mesmo parva, aquela rapariga. Deve ser desta que a Luísa se farta. Já me deu a entender, pelo menos duas vezes, que está cansada de lhe atender as choradeiras e que gostava que ela se fizesse uma mulherzinha.

— Bem... — suspirou Irene. — Como vai a escola?

— Vai indo, com sacrifício. — Sorriu, sem esconder o orgulho na sua conquista. — A minha mãe não cabe em si de contente. Só lamenta ser eu filha única e, tornando-me professora, não poder casar nem lhe dar netos. Mas seja!

— Os tempos mudam, pode ser que um dia as regras sejam menos rígidas — voltou Irene, servindo-se de um copo de xerez do aparador. — Queres beber alguma coisa? — Rosa recusou com um gesto. — A Luísa disse mais alguma coisa da Lena?

— Anda com novo namoro — interpôs Rosa. — Mas já nem deverias importar-te com o que faz a Lena.

Irene atirou a cabeça para trás e riu-se:

— Não me digas que é o polícia.

— Não, não. É um cliente.

— Melhor — voltou Irene. — Começava a acreditar que cada homem que lhe diga bom dia é um potencial *amour de la vie*.

Rosa riu-se, com contenção. O que Irene apreciava na amiga era a mente ativa, a garra de perseguir o seu sonho de ensinar e o lado racional, que parecia impor-se sempre ao emotivo. Irene não conseguia imaginá-la apaixonada.

Por falar em paixão:

— E do Henrique, sabes alguma coisa?

— Não tens saído com ele?

— Não, sabes que agora vou cantar, e eles nem sempre vão à minha taberna ouvir.

— Agora tens uma taberna? — Riu-se. — Segundo disse a Luísa, ele tem saído para o Palácio da Foz com o Faustino e o Bernardo, que veio cá passar uma temporada. Agora, são sócios do Maxime.

— Ah, sim? — Não era uma boa notícia, para uma mulher apaixonada, que o alvo da sua afeição se tivesse feito sócio de um afamado clube de *cabaret*, onde era sabido que, por volta da meia-noite, as meninas circulavam em trajes menores, ou sem trajes de todo.

— Sim, anda lá nos folclores e nos tangos. — E, com aquilo, encerraram a conversa sobre Henrique Simões.

Lisboa, julho de 1947

De volta à feira, passei o meu lenço à Irene para que limpasse os dedos e os lábios. Pareceu-me distraída, e até um pouco cansada: a alegria com que ali se dirigira deixara-a. Lançou-me um olhar desconcertado, como se acabasse de se dar conta de que não estava sozinha, e sugeriu:

— Vamos agarrar uma gasosa e sentar-nos num banco?

— Claro. Sabe onde as há?

— É por aqui.

Caminhámos por entre as veredas do enorme terreno pelo qual se estendia o parque, até um banquinho recolhido que a Irene me indicou e para o qual nos dirigimos com as nossas garrafinhas; a dela de gasosa, a minha de cerveja *Jansen*. Ela bebeu em pequenos golos, e eu guardava um silêncio expectante, porque embora a curiosidade dos homens não tenha par na das mulheres, estava bem mordido por esse mal.

Dei o pontapé de saída:

— A senhora Silva era sua avó?

— Exatamente. — Assim, sem rodeios.

Calei-me, desarmado pela sua franqueza, e deixei que se decidisse a esclarecer-me. Fê-lo ininterruptamente, durante a hora que se seguiu e até nos doerem os quadris do banco de cimento e nos açoitar o assédio inesperado do frio noturno.

— E sabe que mais? Antes de morrer, ela confessou-me que esteve lá no Augusto, a ouvir-me cantar nessa primeira vez. Enrolada em xailes e com um lenço na cabeça, ao fundo da sala.

- Então, a Irene nunca a viu lá? — respondi, francamente comovido.
- Não, mas, depois disso, ela nunca mais me pediu para não cantar.

XXV

Lisboa, 1928

Maria Ana Vaz retomou a vida social com um jantar de gala no Monumental Club, entretanto sede da Associação Regionalista do Alentejo⁶. Usava um vestido de seda magnífico, verde-pavão, que lhe acentuava a forma esguia. Nesse ano de 1928, estava prestes a completar 65 anos, mas mantinha uma cintura de donzela. O cabelo grisalho, muito denso e lustroso, a pele viçosa, apesar das rugas naturais da idade, amaciada com *Benamôr*, o travessão de ouro e safiras no cabelo e uma estola nos ombros magros: Maria Ana era uma visão no átrio, quando regressou a casa e pousou os anéis e os brincos na tacinha de cristal do corredor, e analisou o rosto no espelho, esticando a pele e soltando um longo suspiro. O vestíbulo encheu-se da fragrância de jasmim e sândalo que usava nos pulsos e na clavícula, desde que vira um reclame muito feminino e opulento de um novo perfume da *Maison Chanel*, e Irene soube que mesmo no escuro a reconheceria por aquele travo exótico.

A nossa cantadeira estava sentada nas escadas, como às vezes fazia quando a mãe regressava de algum evento social. Tinha esperado que a sua protetora se regenerasse para lhe perguntar sobre o retrato que apertava nos dedos, e para lhe pedir que mitigasse a sua suspeita. Poderia ter interrogado Julieta, mas sabia que a velha governanta preferiria morrer a ir contra os desejos da patroa. Um segredo era um segredo.

Demorou a fazer-se anunciar, porque receava a reação da mãe. Tossicou, e Maria Ana sorriu-lhe, abandonando o próprio reflexo no espelho.

— Estás acordada?

— Sim.

Devia exhibir o retrato, perguntar quem era aquela criança de sobranceiras espessas, como as suas, com aparente desinteresse? Talvez fingir que não lhe vinha qualquer suspeita dessas semelhanças?

— Bem, querida, devias ter visto o fausto daquele salão! A luz daqueles castiçais e dos candelabros. — Estava exaurida de entusiasmo. — Tudo ao nosso redor parecia ouro e diamante, lindíssimo. Pena que vieram os inspetores de jogo, são capazes de tentar fechar aquilo. Vamos ver. — Pendurou a estola e encaminhou-se para as escadas.

— Queria perguntar-lhe...

— Vamos dormir, é muito tarde.

— Queria perguntar-lhe uma coisa — anunciou, e estendeu o retrato para Maria Ana, que nesse instante subia as escadas na sua direção e se detinha para beijá-la. — Este retrato, é a mamã e...

Maria Ana desviou o olhar do retrato como se tivesse sido queimada por um ferro em brasa. O sorriso renasceu-lhe no rosto, mas enviesado, e prosseguiu a marcha sobre os tacões, sustentando nas mãos tensas a bainha do vestido:

— Devias ter visto, havia uma fonte e uma decoração muito particular em azulejinhos, estavam todos a falar de um palácio em Sevilha. Ali nunca tinha ido. Da próxima vez, deverias vir comigo.

Irene recusava-se, preferia ir às tabernas ouvir os fados com os amigos. Era algo que os animava, que os punha sentimentais na desgraça e a bater o pé nas rimas alegres e brejeiras. Naquela noite, por exemplo, tinham ido ao Salão Artístico de Fados, ouvir Berta Cardoso, acompanhada pelo Armandinho na guitarra, e regressaram a pé do Parque Mayer, com Henrique silencioso, Lena a tagarelar com José Touro e Luísa por noivar. Berta era pouco mais velha que Irene, pelo que esta última observara o modo como a audiência se deixava perder nas inflexões da voz da outra jovem, emocionada até às lágrimas a cada vez que uma chuva de aplausos corria o salão. Henrique, de cigarro suspenso entre os lábios, inclinara-se para ela e dissera:

— Canta bem, mas cantas melhor do que ela, Irene.

E isso fê-la corar de prazer. Tinha decidido enfrentar a mãe naquele assunto, descobrir porque lhe era proibido cantar e fazê-lo, ainda que sob ameaça de ser deserdada, como Maria Ana insinuara algumas semanas antes.

Irene não conseguia conceber que aquela mulher tão doce, tão sofisticada, que descalçava os sapatinhos de tiras douradas sentada na beira da cama de dossel, e a aconselhava a ir deitar-se por ser tarde, pudesse ter proferido aquelas palavras. Mas a verdade é que dera a entender que a deixaria sem

nada se insistisse em ser cantadeira.

— Esta menina é sua filha, não é? — insistiu Irene, de pé, vendo Maria Ana a debater-se com o fecho do vestido.

— Podes ir chamar a Julieta, por favor? Não consigo abrir o vestido.

— Eu ajudo-a com o vestido — ofereceu-se, sem largar o retrato, que voltou a erguer ao nível dos olhos da mãe quando se aproximou. — É sua filha, pois. E as sobrancelhas são do pai, são iguais ao retrato a óleo da biblioteca.

Irene viu Maria Ana estender a mão para a campainha que retinia nos aposentos das criadas, para os quais Julieta se retirara há quase três horas, e segurou-lhe o pulso para a impedir:

— A Julieta está a dormir, eu ajudo-a com o vestido.

Maria Ana virou-se, devagar. Irene nunca a desafiara de modo algum, e viu-a comprimir os lábios pelo reflexo de um dos muitos espelhos ao longo das paredes de seda adameada do seu quarto.

— Não é apropriado que me vejas despida — tentou Maria Ana, mas a voz soou trémula. — Preferia mesmo a Julieta...

— Deixo-a em combinação — prometeu Irene, solícita, vendo o vestido deslizar para o chão em pregas de seda, deixando a descoberto a combinação acetinada de Maria Ana.

Com o pé, a senhora Silva afastou das pernas o sumptuoso vestido, e Irene pegou na peça e pousou-a no banco de apoio.

— Ela é minha mãe, não é? Esta criança é a minha mãe? — atirou Irene, farta das divagações de Maria Ana. — E o meu pai era o rapaz da Boa Hora, o que me deixou para ir para a guerra.

Maria Ana, movida por um impulso de fuga sem precedentes, atirou-se à campainha e chamou Julieta, já com as lágrimas a rolar-lhe pelas faces. Continuou, no entanto, a desconversar:

— Preciso mesmo que me tragam o *Urodonal*. As comidas e o *foxtrot* deram-me cabo dos rins. Já não vou para jovem, sabes, preciso de muita tranquilidade e...

— Chega! — berrou Irene, perdendo por fim a paciência. — Sei que estás velha e doente, ainda que de repente insista em meter o pé em todas as festas da cidade, mas não pode deixar-me na ignorância para sempre!

Também Irene vertia as lágrimas que contivera durante todos aqueles anos, por conta da gratidão que dedicava à sua salvadora. Jamais se permitira transparecer qualquer tipo de vontade contrária à da mulher que a resgatara de um antro de perdição como o da Boa Hora. No momento em que Maria Ana lhe pedia que abdicasse do seu sonho, daquilo que sentia que nascera

para fazer, sentia por fim que precisava ao menos de uma explicação que lhe permitisse compreender. Sabia que não era de bom-tom, que ficava mal, que as meninas deviam cultivar o recato e os bons hábitos, mas a própria Maria Ana tinha uma vida social ativa. Era uma viúva que, mais de uma década depois da morte do marido, voltava a usar cores garridas e a divertir-se, coisa que era quase pecado mortal nalguns círculos.

— Não há nada para contar, nada — garantiu Maria Ana, sem a olhar, depois de passar em movimentos trémulos, pelos ombros, o *robe-de-chambre*.

— A criança é sua filha.

— Sim, era, mas não tem nada que ver contigo — garantiu, embora o queixo lhe tremesse e os olhos parecessem distantes, comprometidos. — E morreu, de qualquer maneira. Está morta.

Irene não acreditou. Maria Ana dizia que não era aparentada com a menina de expressão sisuda do retrato, mas Irene, recuando para o canto, cobria a boca com as mãos e encolhia-se, a observar o trio Silva por entre as lágrimas. Quanto mais olhava para Ana Maria, mais segura estava de que viera das suas entranhas. Quando falou, a voz soou gutural e coincidiu com a pancada leve de Julieta na porta:

— Nunca entendi porque me foi buscar a mim, e não a outra criança qualquer, quem sabe de algum orfanato ou de alguma obra social. — Como ninguém lhe respondia, Julieta entrou e observou a cena, com espanto. — Mas foi buscar-me porque sou sua neta, não é?

— Está tudo bem, minha senhora? — perguntou com assombro Julieta a Maria Ana, numa voz que Irene nunca lhe escutara.

Maria Ana anuiu e pediu-lhe que saísse. Por uma vez na vida, a governanta não insistiu. Retirou-se e voltou a fechar a porta sem mais perguntas.

— A Julieta sabe — constatou Irene. — Se calhar, mudou as fraldas à minha mãe, não é? — Esbarrando na imobilidade de Maria Ana, que não a olhava nem se mexia do apoio do dossel, ao qual se agridhoara, disparou: — O que é que lhe fez? O que é que fez à minha mãe?

— O que é que eu lhe fiz? — gritou Maria Ana, numa voz quebrada. — O que é que *eu* lhe fiz? Estás maluca, rapariga? Que mal faz uma mãe a um filho? São sempre os filhos que causam desgosto aos pais, um dia vais ver se assim não é. Agora, vai para o teu quarto, já te disse que não tens nada que ver com ela.

— Se não me contar a verdade, vou bater a todas as portas da rua com este retrato. — E, dito isso, levantou-se para o proteger, porque Maria Ana se lançava sobre ela para lho arrancar. — Vou perguntar a toda a gente, começo pela vizinha do lado e acabo na D. Elizabeth de Melo! Vou perguntar se

sabem que fim levou a menina do retrato!

— Estás parva! — praguejou Maria Ana, e distribuiu bofetadas pelas suas costas e braços, embora débeis devido à sua condição física. Irene mantinha-se recurvada sobre o retrato, guardando-o com a vida. — Deixa a condessa em paz, minha malvada!

— Então, diga logo o que foi feito da minha mãe!

— A tua mãe era uma puta e uma fadista! — berrou Maria Ana, deixando-se cair, sem fôlego, sobre a *chaise-longue*. — Queres que te conte como é que a minha filha se transformou numa puta e numa fadista? Queres que te fale do que jurei nunca mais falar, sua ingrata?

De olhos esbugalhados, afrouxando o aperto no retrato da menina inocente que guardara com tanto afinco, Irene percebeu tudo. O avô bêbedo não mentira; a mãe era mesmo uma mulher da vida, e dada a cantigas.

Não podia cantar, e, cantando, nunca o fado, sob pena de o ciclo se repetir e de, também ela, acabar puta e fadista.

XXVI

Segundo a confissão da senhora Vaz, a mãe de Irene andara por Lisboa metida em carnavais e cegadas, fascinada pela Severa do Dantas, e jurara a si mesma tornar-se cantadeira. Eram as duas igualmente jovens quando o fado se lhes ofereceu e, aos 20 anos, Ana Maria Silva deu por si a escapar às sovas de cinto do pai pela janela da sala, a mesma sala onde a filha haveria de fumar ópio volvidos tantos anos. Resgatava do caminho de acesso uma rosa-brava e punha-a no cabelo. Calçava as socas que tirava às criadas, levava-lhes os xailes e dormia de janela aberta, para que a cacimba lhe enrouquecesse a voz. Acabava as noites na Mouraria, ali a dois passos, debaixo de assobios, aplausos e das atenções indecorosas dos homens.

— Esta tem a pele da cor do leite — reparavam os marujos e os cantoneiros, trocando risos com os irmãos de vinho.

Ana Maria caía-lhes irresistível, mesmo porque não se dava a ninguém. Os donos das tabernas deixavam-na exhibir os seus dotes vocais, dedilhar o bandolim e sacudir as ancas quando lhe dava para dançar. Inspirava-se naquilo que julgava que a Severa tinha sido para se bambolear e manter o público interessado. Faltava-lhe o fogo dos negros e dos ciganos, bem como a necessidade de pão que arrancava o fado às vísceras da canalha. Ela não pertencia à canalha, demorou a habituar-se aos chãos de cascas de pevides e aos copos de vinho que andavam de boca em boca depois de serem enxaguados numa selha de água parada, os rebordos esfregados num ápice pelos dedos gordurosos da mulher do taberneiro. Nessa altura, os retratistas andavam por essas casas de má fama, e nem os guardas-republicanos interferiam nas rixas de navalhas que estalavam por entre as décimas das cantorias.

— A culpa é tua, Maria Ana — garantia o senhor Silva, empresário dos

caminhos de ferro com investimentos no Brasil, vindo de uma longa linhagem de comerciantes, daqueles que inclusive haviam contribuído para a construção da Lisboa pombalina, pós-terramoto. — Queria que a menina lesse, que a menina cantasse, e olha para o que lhe deu. O melhor é metê-la num vapor para o Brasil, mandar uma preceptora com ela e casá-la com um fazendeiro do café ou algo que o valha. Pelo menos, deixa de nos envergonhar.

— Eu não podia ter mais filhos — murmurou Maria Ana quando, ao longo dos dias seguintes, Irene lhe foi arrancando aos poucos o passado da sua mãe. — Não queria que ela fosse uma menina comum, queria que se superasse, enchesse o pai de orgulho e acabasse com o seu desgosto por não ter um filho homem a quem deixar os negócios. Mas ela era um *enfant terrible*, desde pequena.

O senhor Silva educava-a como a um rapaz, pondo-a com apenas dois anos na garupa de um pônei e, depois, ensinando-lhe tiro à codorniz com cinco anos. Maria Ana agastava-se, mas o amor evidente entre pai e filha aliviava-lhe a culpa de não ter sido capaz de gerar um herdeiro varão. Ia-se dedicando às costuras, ao Francês, aos chapéus e aos salões de exposições.

O livro de Júlio Dantas destruiu a prosperidade da família Silva — quando leu a sua *Severa*, Ana ficou fascinada pelo destino trágico da jovem cantadeira de fado. Cedo começou a arrastar-se de taberna em taberna, e chegavam-lhes embaraçosas notícias de como fora vista nas casas menos recomendáveis de Lisboa — nas tais onde se fumava e bebia até ao nascer do sol. Primeiro, procurava ouvir cantar o fado, depois pôs-se a cantar também. Chegou a levar com ela Emilinha, a vizinha do lado, até que veio o pai da amiga exigir que deixasse de lhe cumprimentar a filha por cima da sebe e de arrastá-la para esses carnavais. Foi a vergonha suprema para a senhora Silva.

Embora sem nenhum talento excecional para aquela arte de rua, acabavam por aplaudi-la e incentivá-la. Por sorte, de início só a beleza lhe abria portas, aquela estranheza séria do rosto juvenil, das sobranceiras fargas e da pele limpa. Demoraram a reconhecê-la como a menina do palacete da Almirante Reis.

— Não sei dizer-te como se passou, mas perdemos a mão naquela menina quando era só uma criança. Não penses que não levou corretivos. O pai dava-lhe sovas de cinto, quando começou a insurgir-se, acho que até lhe doía mais a ele do que a ela. Mandou-a para a casa de uma tia no Entroncamento, meteu-a num convento. Daí foi expulsa, porque passava os dias a provocar aquelas mulheres de Deus e, depois de também a sovar e a pôr a pão e água, entenderam que ela não tinha remédio e devolveram-na a casa. — Maria Ana soltou um suspiro que lhe veio das entranhas.

Ao fim de alguns dias, parou de chorar e pôs-se apática. Irene não a deixaria em paz enquanto não tivesse resposta para todas as suas perguntas. A dada altura, deu a entender que até lhe sabia bem falar, e comunicava em catadupa, como se em breve voltassem a impor-lhe silêncio.

— A conversa mais humilhante da minha vida foi a que tive com essa carmelita descalça que ma trouxe a casa.

A irmã fora bater-lhes à porta com evidente embaraço, depois de atravessar o Chiado e a Baixa, vinda do Convento dos Cardaes, um dos poucos que tinham sido poupados à extinção do século anterior por ardis das religiosas, com um empurrãozinho das cegas que auxiliavam, para lhes trazer a filha degenerada. Tinha observado sem pudor o luxo em que viviam, as dimensões da casa e a fineza do serviço em que lhe serviram o chá. Uma vez em casa, Ana Maria foi conduzida ao quarto pela jovem Julieta, e Maria Ana, com o marido em trabalho no Brasil, viu-se sozinha com a religiosa.

Ouviu-a falar dos distúrbios que a menina Silva causara no convento, e adiantar que não podiam forçá-la a tomar o hábito. Os conventos já não eram o destino das filhas inconvenientes. Exigia-se vocação.

A irmã Maria das Dores, devolvendo a chávena de porcelana à bandeja, assegurou que não teriam como sobreviver a Ana Maria Silva. Nem o terramoto de 1755 dera origem a tantos danos naquela casa de Deus como as cantorias em tom de lamento da jovem burguesa, e, à noite, quando os ventos lhes levavam os gemidos das guitarras no Bairro Alto, era vê-la juntar-lhe a voz, elevá-la pelos corredores do convento e arrepiá-las com aquele desespero.

A somar a tudo isso, a irmã estava convencida de que alguém andava a entregar à jovem cantadeira cartas do exterior, e nem os serões ajoelhada no milho a fizeram arrepender-se desse desvio nem denunciar a cúmplice.

— Amordaçaram-na? — questionou Maria Ana, com uma expressão desprovida de sentimento, porque depunha as armas. — Mantiveram-na debaixo de olho? Não pode ser assim tão difícil.

A irmã Maria das Dores corou, mas talvez estivesse constrita por algum voto sagrado a dizer a verdade. Anuiu, como se se confessasse a Maria Ana:

— A Madre decidiu que nem Deus Nosso Senhor pode ajudá-la. Também quisemos enviar um moço de recados para vos chamar, a fim de que fossem buscá-la. Sabe que somos irmãs de clausura — esclareceu. — Mas não podíamos esperar mais. A sua filha causou uma grande comoção na casa de Deus. De qualquer modo, ela está quase a fazer 21 anos. Quando for maior, não há meio de a manter encerrada atrás daquelas grades.

Maria Ana anuiu. Compreendia. Teria de se ver sozinha com a filha, enquanto o marido não regressasse. Deixou na palma da mão da irmã uma

esmola choruda para o convento, pediu-lhe perdão pelos distúrbios e mandou o cocheiro conduzir a carmelita descalça na sege de volta a Cardaes. Depois, apressou-se a enviar um telegrama pela governanta para a estação de correios mais próxima dos assuntos que o marido fora resolver, em São Paulo. Ouvindo Ana Maria mover-se no soalho sobre a sua cabeça, esperou que o senhor Silva viesse a tempo de a domar.

— E depois? — insistia Irene, sentada sobre as pernas na *chaise-longue*, enquanto Maria Ana se mantinha quieta na cama, debaixo de cobertas e rodeada de almofadas, porque as lembranças e a chuva a deprimiam.

— Depois, o meu marido voltou e ofereceu a um banqueiro uma pequena fortuna para a desposar. Avisámo-lo de que ela era irrequieta, que tinha metido na ideia que queria ser cantadeira, e ele, encantado pelo volume do dote, disse que dava conta do recado.

— Mas não deu — contrapôs Irene, que começava a sentir que se aproximava do fim trágico da história da mãe.

— Não, desistiu do noivado poucas semanas depois de receber os primeiros títulos do tesouro que fariam parte do dote. Estávamos em ditadura, D. Carlos foi assassinado pouco depois. Não era só a tua mãe que se desmoronava, o próprio país estava em pé de guerra. Paz à sua alma.

Depois, Maria Ana explicou que a família do marido ia recebendo queixumes de vizinhos indiscretos a respeito da jovem indomável, e começou a exigir-lhes ação.

— Fartámo-nos, também nós. A família começava a pressionar-nos para que dêssemos um jeito à situação. Deixámo-la ir, deserdámo-la.

Após alguns instantes a refletir sobre aquelas palavras, Irene fitou-a a medo:

— Porque é que esse banqueiro desistiu do casamento com a minha mãe?

Soava-lhe estranho apelidar uma estranha de sua mãe. Sempre tivera esperança de voltar a saber do pai, mas da mãe de má vida jamais esperara vir a ter notícias. De repente, parecia-lhe que sempre tinham partilhado a mesma casa, as mesmas vistas para o exterior, quem sabe se os mesmos brinquedos de pau, a mesma casa de bonecas, os mesmos recortes de tecido em peças de vestuário adaptadas à moda dos tempos. Olhando-se no espelho, dava-se conta de que tinham estado sempre juntas, sem que ela o soubesse. Sentia que o ar lhe faltava, agarrada ao seu retrato, enquanto esperava que Maria Ana lhe desse mais aquela explicação para poder retirar-se e refletir.

— Pelo que entendi, deu com ela a cantar fado e a dançar para os homens de uma taberna, numa noite em que foi sair com os amigos. Ela tinha saído pela janela, outra vez. Nenhum homem podia suportar aquilo.

O desgosto de Maria Ana era profundo, e Irene sentia que sofria pelas

duas, mãe e filha.

— A que família se refere, quando diz que vos pressionavam?

— Os pais do Armando, sobretudo. Não aguentavam mais o escândalo, que já ia daqui ao Entroncamento. Estavam muito velhos e, quando morreram sem notícias de que a neta se tivesse redimido, vieram os irmãos dele exigir-nos ação. Foi uma vergonha. Uma vergonha insuportável.

Nesse ponto, Irene perguntou-se se a insistência para que deserdassem Ana Maria se tratava de princípio moral ou de interesse financeiro, posto que seriam os mais beneficiados pela circunstância de um irmão rico com uma mulher frágil e sem herdeiros.

— E como é que a deserdaram?

— O Armando conseguiu um parecer de um médico a dá-la como doida. — Limpou uma lágrima com discrição. — E como não a dar como doida? Uma menina que tinha tudo e que trocou tudo para ir fumar, beber e cantar para as tabernas da cidade? Dava-se com porcos, tornou-se ela mesma uma porca. A maneira como ela falava, era indecente... — A voz tremeu-lhe. — Não sei onde errámos, mas devemos ter errado algures.

Lisboa, julho de 1947

À hora combinada, encaminhámo-nos com vagar de volta ao *Citröen*.

O *chauffeur* já nos esperava e abriu a porta, como lhe competia. Entrámos e a Irene estremeceu de frio. Arrefecera bastante, diria que pelo menos uns dez graus face ao calor sufocante que se fizera sentir sobre os telhados de Lisboa nesse dia. Perguntou-me, com o rosto voltado para a fraca iluminação das Avenidas por onde o automóvel rolava, se achava que era má mãe.

— Irene... — chamei, mas ela não me olhou. Então, apertei-lhe a mão com firmeza e soube que, mesmo não me olhando, estava a ouvir. — Foi por causa da sua mãe que começou a cantar?

— Aconteceu. É como lhe digo, é o fado. O dela e o meu são o mesmo.

Mantive o aperto nos seus dedos enregelados durante mais um instante, antes de me acomodar melhor no assento e de soltar um suspiro de cansaço. Só então me dei conta de que o motorista me observava a partir do retrovisor, e fiquei convencido de que o engenheiro o enviara com o claro propósito de nos vigiar.

XXVII

Durante o caminho, e procurando manter-me o mais afastado possível da Irene, porque sentia o olhar do *chauffeur* pousado no sítio onde lhe apertara a mão, ela retomou o discurso.

— Perguntei-lhe quando soube de mim, e porque decidiu quebrar a distância para com a filha perdida que o marido lhe tinha imposto. Ela soube de mim quando eu teria já um ou dois anos, porque alguma cantadeira, ou mesmo prostituta, me metia à anca enquanto ela atuava, e depois vinha buscar-me e me metia no seio enquanto a outra cantasse. Pagava a uma leiteira que lhe trouxesse notícias minhas, com muita discrição, porque o senhor Silva tinha ficado muito fraco do coração depois desses eventos. Uma vez, a filha foi bater-lhes à porta com um olho negro e cheia de fome, e ele meteu-lhe um bocado de pão na mão e mandou-a embora.

Lisboa, 1928

Quando Armando Silva lhe perguntou se estava disposta a regenerar-se de todas as vergonhas e a desposar um fazendeiro do café que lhe indicasse — porque em Lisboa não podia ficar, depois de tudo o que a cidade cochichava a seu respeito —, Ana Maria cerrou os lábios inchados de pancada, e o olho magoado encheu-se de lágrimas: não podia mentir. Tiravam-lhe a noite e o fado vadio à desgarrada, tiravam-lhe tudo. O pai exigiu que nunca mais viesse importuná-lo. Maria Ana pediu à leiteira que lhe deixasse duas bilhas de leite à porta do quarto seboso que dividia com duas mulheres de má fama na Mouraria, e fê-lo lavada em lágrimas. Já a leiteira entendera que os Silva tinham uma filha perdida, mas a moeda que ia pingando mantinha-a de bico calado. Fez o que lhe pediram, à revelia do senhor Silva, que proibia qualquer

contacto com a caída em desgraça. Quando voltou, sussurrou a Maria Ana, pela porta da cozinha, que a moça cantadeira de cara amassada vivia agora com um fadista, um antigo marujo que era uma besta quando bebia e que só tinha amor às curvas da guitarra. Faziam vida de casados, pelo que já não dividia o quarto com as prostitutas, que ademais tinham sido levadas pela inspeção sanitária, porque tinham um mal nas carnes.

Mais um golpe para Maria Ana, que na altura se retirou da vida social e fingiu luto por uma filha que, a todos anunciaram, morrera no naufrágio de um vapor, quando ao noivo e a uma vida decente se dirigia. A sua sepultura era o fundo do mar, e a mãe trajava de preto e não tinha vontade de se juntar a banquetes nem inaugurações de Colégios Femininos na Lisboa republicana, em que os nobres já não tinham título, e em que muitos dos seus bens eram confiscados ou escrutinados, com grandes perdas para as suas fortunas pessoais. Os Silva eram burgueses, quem sabe descendentes de cristãos-novos, e não tinham nada de sangue azul, como nunca haviam tido. As suas boas relações deviam-se às ligações com os *maçons* que Armando Silva mantinha, e ao facto de Armando ter sido agraciado com o toque de Midas. Sempre que investia num projeto, o mesmo dava lucro. Os cofres da família enchiam-se e, quando o empresário morreu, na sua cama de dossel da Almirante Reis, não havia ninguém a quem deixar o seu conteúdo, exceto, claro, aos seus irmãos. Maria Ana acedeu também aos desejos do sócio de Armando no Brasil, à revelia dos conselhos dos cunhados, e vendeu-lhe a sua parte das ações. Soube, anos depois, que prosperava e tinha redobrado os lucros, mas nada daquilo lhe interessava. Eram um núcleo estéril. Só lhe restava fechar os objetos dos idos no sótão, e retirar-se para uma vida de culto na igreja, onde implorava a Deus que salvasse a alma da sua única filha.

Começou a dedicar-se a missões de caridade, em particular junto do Convento dos Cardaes, ao qual sentia que devia uma reparação, e dos cegos da cidade, que o convento assistia em especial. Assim andou durante uns tempos, sem sonhar que estava a construir, involuntariamente, o álibi perfeito para quando levasse uma certa órfã para casa.

Um dia, a leiteira foi bater-lhe à porta para dizer que uns marujos, a quem o guitarrista devia dinheiro, o tinham matado à pancada, e estavam no posto da Guarda. A cantadeira andava pelas ruas a pedir umas moedinhas para o enterro, para não o jogarem só assim na terra. Mas, a mãe, em vez de lhe mandar moedas para o enterro, fez uma doação ao convento, convencida de que havia intervenção de Deus naquela morte.

Maria Ana começou a perguntar-se o que faria se a filha lhe batesse à porta, se viesse pedir-lhe abrigo. Para todos os efeitos, estava morta. Quem

sabe pudesse admiti-la como criada e pagar bons cobres para que os serventes guardassem o segredo? Durante semanas, esperou no sofazinho de damasco junto à janela, às vezes passeava-se no jardim por entre as rosas-bravas, e sentava-se no banco debaixo do ulmeiro, e julgava vê-la nas caras dos transeuntes. Na mulher de lenço a cobrir os cabelos, julgava ver-lhe o nariz; na outra de chapéu rebaixado, via-lhe as sobrancelhas; na outra de xaile, via-lhe os lábios, a estatura, a magreza extrema de uma vida de má rês. Mas Ana Maria nunca foi bater-lhe à porta: a expulsão era vitalícia, assim garantira Armando. Mas não saberia que o senhor Silva morrera e que a mãe era um coração mole e piedoso?

A leiteira não tinha mais novas dela, e não teve durante quase quatro anos, até que uma sua prima, sabendo-a internada em São José, foi bater ao palacete da Almirante Reis e comunicou a Julieta que vinha da parte da velha leiteira. Contou a Maria Ana que corria um boato de que a cantadeira morrera. Tinha sido atirada para o Alto de São João e não, não podia pôr-lhe flores porque não tinha sepultura, estava para lá com os leprosos e os degenerados, ombro a ombro sem caixão. Maria Ana deu-lhe os tostões que lhe cabiam e recolheu à cama. Pensou entaipar as janelas do palacete e pedir abrigo junto dos cunhados e primos do Entroncamento, aos quais não teria de explicar nada porque conheciam bem o seu desgosto. Desejava nunca mais ver aquela rua maldita, nunca mais escutar o sopro do fado nas vielas da Mouraria, que lhe chegava de noite, dependendo da direção que tomasse o vento.

Mas, então, falaram-lhe do jovem carpinteiro e da criança que andava pelas tabernas na anca da mãe. Maria Ana tentou abstrair-se da existência dessa menina, mas a cada vez que alimentava a sopa e pão os miseráveis da cidade, perguntava-se se a criança, *sua neta*, teria alimento. Uma vez recuperada, a leiteira empenhou-se em descobrir o paradeiro da menina e adentrou as ruelas menos recomendáveis da cidade, deitando tostões aqui e ali, até encontrar as respostas que pretendia. Farejava o interesse da burguesa na menina e estava convencida de que lhe havia de cair uma boa gorjeta se a encontrasse. Numa Lisboa onde era comum cada casal atirar vários filhos à terra em idade tenra, foi um milagre encontrar a pequena viva, ainda que malnutrida, ao cuidado do avô. Contou-lhe, por entre ataques de tosse, e apoiada no degrau de acesso à cozinha, que o velho era um bêbedor e que era conhecido na Boa Hora por ter escalavrado uma gruta nas traseiras da sua casinha térrea, na qual se reuniam outros bebedolas e homens do jogo e dos fumos.

— E a menina?

— Anda lá no meio dos bêbedos e das mulheres de má vida.

Maria Ana julgou que morria. Como poderia lograr algum descanso, se a criança não lhe saía da ideia? Foi falar com o pároco, que lhe disse que devia procurar evitar ver a menina, se não tinha intenções de lhe estender a mão. Por outro lado, se pretendia uma segunda oportunidade, e o Senhor era misericordioso, devia acolhê-la de imediato, saná-la da fome e dos possíveis maus-tratos, e apagar-lhe a memória das indecências que talvez tivesse testemunhado enquanto era possível moldá-la para uma vida cristã. Também deviam batizá-la o quanto antes, porque não havia indicação de que a sua alma estivesse no caminho da salvação, e era mais do que sabido que chegara ao mundo por caminhos tortuosos.

— Mas os pais não eram casados —olveu Maria Ana, ponderando pela primeira vez trazer a criança para o palacete da Almirante Reis.

— É um segredo meu e seu. Para todos os efeitos, não será filha desse soldado e da sua filha, mas uma órfã que acolheu, sem registo nem passado.

Era perfeito. Podia redimir-se dos erros na criação de Ana Maria. Podia renascer com um propósito na vida. Podia dizer que, de tanto lidar com desfavorecidos, tivera conhecimento de uma criança com precisão de um lar e que a trouxera para o seu seio porque continuava a sofrer a perda irreparável da única filha. Ninguém lhe fecharia as portas da sua casa por esse ato cristão, de modo algum. E, ainda que algumas más-línguas pudessem suspeitar da verdadeira origem daquela menina, a Boa Hora era suficientemente longe da Almirante Reis, sobretudo para pés-descalços, para que viessem a ter qualquer confirmação de que assim fosse.

À leiteira, que, entretanto, recuperara a saúde, pagou com uma pulseira de pedras preciosas, e agradeceu-lhe por todos os anos de fretes prestados. Pediu-lhe que nunca regressasse e que nunca abrisse a boca, sob pena de ir dar queixa à Guarda, acusando-a do furto da pulseira. Ofendida, a boa mulher desandou do palacete para nunca mais voltar.

Aproveitaram-se da transição dos papéis das paróquias para o Registo Civil para justificarem a inexistência de papéis referentes àquela alma lisboeta, mas a miséria era tão generalizada que nada disso importava. O Registo Civil criou-lhe uma certidão de nascimento, o padre batizou-a e Maria Ana voltou a frequentar as lojas de brinquedos da Baixa e a encomendar vestidinhos na sua costureira.

A vida recomeçava, e decidiu-se que Irene nascera em julho.

No tempo das cerejas.

— E nunca voltou à Boa Hora?

Percebi, de imediato, que me equivocava. Tudo o que sabia do pai não o sabia de memória, mas de regressar àquelas ruas e àquela gente para indagar.

— Sim, voltei — confirmou. — Mas já é tarde.

Descemos do carro na Rua Castilho, e o andar superior derramava luzes elétricas para o jardim de acesso. A Irene despediu-se e pareceu-me muito cansada.

— Conto vê-lo amanhã.

— Sim, espero que me fale de como conseguiu vergar a sua mãe e começar a cantar.

— É disso mesmo que falarei.

— E também de como voltou a falar com a Lena. — Corria uma brisa agradável, e o motorista esperava, ao volante, para me deixar no Largo de Camões. — Deu a entender que voltou a falar com ela, estou certo?

— Justamente. Também falarei disso — sorriu, entredentes.

Deixei-a e regresssei ao automóvel. Não preciso de dizer que não troquei uma palavra com o motorista durante todo o percurso, e que me limitei a desejar-lhe boa noite quando me deixou à porta do Hotel Europa.

XXVIII

Estoril, 1956

As férias de 1947 foram as mais inusitadas que poderia ter imaginado. Tinha contado entrevistar os homens do Estado, quem sabe abordar o génio Cottinelli Telmo e perguntar-lhe por que motivo escolhera aquelas figuras da História de Portugal, e não outras, para figurarem no seu monumento aos Descobrimentos. Monumento esse que, aliás, era suposto ter sido desmantelado após a Exposição do Mundo Português. Não podia deixar de me sentir tão patriota quanto os restantes homens do regime, embora não significasse que me identificava com os seus métodos. Nessa atmosfera de orgulho nacional, até podia cair-me bem elaborar um artigo sobre as glórias de Portugal, e uma personalidade como o arquiteto Telmo, que dava cartas com louvor em diversas áreas da arte e das obras civis, expressava essa grandeza lusa como ninguém. O cineasta e ferroviário, pintor e arquiteto, pressuposto músico e dançarino, era a cabecinha por detrás de *A Canção de Lisboa*, o que significa que convivera com Beatriz Costa e com Vasco Santana, e que ajudara a cimentar a génese da cultura nacional — aquela comédia brejeira que tanto apreciamos. Deu rosto e voz à Lisboa singela e bairrista que encabeça um império além-mar, permitiu que nos sentássemos e que contemplássemos a nossa própria natureza.

De olhos postos nas impurezas da piscina, que alguém passara a manhã a depurar com uma redezinha frágil, sem nunca levantar o rosto na minha direção — que interesse tem um escritor gordo, de chapéu e de óculos gordurosos, a beber água de tremoços e a matraquear uma *Everest*, de rosto vermelhusco e de nariz saliente? Estou sozinho neste jardim, a escutar a

folhagem e as vozes exaltadas que chegam da sala de refeições, agora em processo de reorganização para o almoço. Sou insignificante. Se o jardineiro sonhasse que estas páginas estão impregnadas do estranho efeito que uma cantadeira não muito famosa teve neste velho escrevinhador, era capaz de se rir de mim.

O Estoril é muito calmo nestas manhãs de primavera e, quando venta, parece ainda mais desolado. Quem por aqui circula deita-se tarde, porque passa a noite na roleta e nas apostas, nos clubes noturnos e nas receções privadas, e só começam a surgir por volta do almoço, altura em que começam a planear as corridas de cavalos para a tarde e os passeios de iate. Com o ruído dos talheres, vêm os risos, as inflexões em francês, as discussões supérfluas. Não tenho vontade de me envolver com estes bons vivants, nem de entrevistar Humberto II, que vive aqui ao lado, em Cascais.

Volto à querida Irene e ao ano anterior à morte do génio luso Cottinelli Telmo, até porque não me vejo outra serventia.

Lisboa, julho de 1947

No dia seguinte, não vi a Irene nem ninguém da sua prole. Recebi, no entanto, um recado do *concierge* a comunicar-me que a senhora Vaz telefonara a informar de que estava indisposta. É verdade que, no serão anterior, me parecera bastante cansada, quando nos despedimos. Estaria doente? A pequena Júlia tê-la-ia contaminado com alguma dessas doenças de que as crianças parecem ser fiéis transmissoras?

Estávamos a poucos dias do evento no Coliseu, pelo que me limitei a enviar um cartão de melhoras à minha amiga cantadeira e, depois, enveredei pelas ruas da cidade, disposto a explorá-la a meu bel-prazer, sem depender das sugestões nem da generosidade da Irene. As deslocações a sua casa tinham contribuído em grande parte para o desfalque das minhas finanças. Ainda assim, decidi comprar uma caixa de pastéis de nata para levar à tia Lucinda, que tinha descoberto que vivia ao cimo das Escadinhas de São Miguel e que estava de folga. Acabei a almoçar com ela, as janelas abertas com vista colina abaixo, até ao rio.

Pela ânsia em contar-me os episódios mais banais da sua rotina, compreendi que a tia estava muito sozinha. Não pôde casar-se porque as enfermeiras, como as professoras, as hospedeiras da companhia aérea portuguesa e as telefonistas, eram desencorajadas a casar, sob pena de perderem o emprego. O facto de as suas companheiras de profissão também

não terem descendentes, nem filhos nem netos que lhes enchessem as casas de risos ao domingo, tornava-as uma liga próxima de mulheres conformadas, de solitárias em coletividade.

Reencontrei a Irene na tarde seguinte. Levei-lhe rebuçados de mel, assumindo que pudesse ter apanhado um resfriado na noite do Luna-Parque, mas encontrei-a sorridente na mesa de ferro do quintal, com um dos cachorros ao colo e um cinzeiro sem pontas de cigarro diante de si. Quis saber o que fizera no dia anterior, e contei-lhe que tinha ido ver a minha tia. Absteve-me de lhe dizer que os altos e baixos das colinas lisboetas me exigiam mais esforço do que as longas planuras londrinas, e quem sabe o meu coração pudesse assim fortalecer-se, ou, em breve, me visse com menos uns centímetros de cintura.

— Depois, fui ver *Os Vizinhos do Rés-do-Chão*, já teve oportunidade de ver?

— Não, ainda não. É com o António Silva, não é?

— Sim, será algum parente seu? — graciei.

— Creio que houve poucos artistas na família Silva. Gostei muito foi de *A Canção de Lisboa*. O Vasco Santana, que engraçado...

— E para rimar com engraçado, o protagonista já era o fado. — Arranquei-lhe um riso animado.

Deu-me notícias dos cachorros, todos de excelente saúde a ganharem músculo e velocidade nas patas. A febre de Júlia fora vencida com a ajuda de toalhas frias e do zelo do pai e do médico. Eram ótimas notícias e, em cima de tudo isso, aproximava-se o concerto no Coliseu.

— Já escolheu o xaille?

— Sim — respondeu com solenidade, e eu fizera uma mera graça. Percebendo que eu não entendia, adiantou: — É que uso sempre o mesmo em momentos destes, o da minha mãe. Aquele em que estavam embrulhadas as coisas dela.

— Claro — volvi, endireitando-me na cadeira como o assunto exigia.

Não deixava de ser tocante que a Irene fosse apresentar-se, numa das noites de maior glória na sua existência, de xaille velho e com possíveis borbotos. Talvez isso dissesse mais dela do que o *Citröen*, o palacete, os copos de cristal e os mármore.

— O avô entregou aqueles tarecos à minha mãe, juntamente comigo. Em troca, ela deu-lhe uma boa maquia para ele nunca nos procurar. Deve ter bebido os reis todos. — Referia-se a Maria Ana, quando falava de «mãe».

— É o mais provável. — Como o calor tinha dado uma pequena trégua essa manhã, veio a governanta encher-nos as chávenas de café, que fomos bebendo mesmo depois de esfriar, manhã adentro. — Voltou a ver o seu avô?

— A meu pedido, a mãe acompanhou-me à Boa Hora, pedindo-me que jurasse que não revelava o seu segredo, nem sequer ao avô se o encontrássemos, mas ele já tinha morrido. Foi a tal vizinha que desfiou o novelo, a que tinha escrito ao meu pai e que tinha ficado sem um pé por causa do tétano. Dissemos que éramos umas primas de visita, e que sabíamos de uma menina, e queríamos saber o que era feito do soldado.

— Ela acreditou?

— Não. Olhou para mim o tempo todo como se estivesse prestes a dizer que eu estava muito crescida.

— Mas não disse?

— Não. Só que, quando já estávamos a entrar no carro...

Lisboa, 1928

— Menina, ó menina — ouviu Irene chamar, e ajeitou melhor o chapéu sobre os olhos antes de voltar atrás. A mãe, de dentro do automóvel, deitou-lhe um olhar carregado de avisos.

A vizinha estava num banco de pau, à porta de casa, com o pé mutilado sobre o tamanco deformado. Com a mão, ia afastando os moscardos que a rondavam. Irene pôs os olhos na sua penugem facial, em especial no grande pelo que lhe brotava do queixo. Julgou recordar-se de lho fitar, com aquele mesmo franzir de sobrolho. Entendeu que as duas já tinham estado olhos nos olhos no passado.

— Fizeste bem, filha — disse a mulher, acenando em aprovação. — Fizeste bem em nunca mexer nas sobrancelhas, como ele te dizia. Agora, andam para aí essas atrizes com aqueles riscos a lápis... Bah, coisa tão feia.

Ele. *O pai.*

Digerimos essa espécie de notícia de que a Irene tivera do seu pai, como se a voz dele tivesse ido reencontrá-la quando já era mulher feita, trouxesse recomendações e a felicitasse por seguir as suas recomendações.

Lisboa, julho de 1947

Via-a toda sorridente, mas tive de fazer a pergunta inevitável:

— Esperou que a senhora Silva partisse, para começar a cantar?

— Não, não — disse a Irene, pousando a chávena vazia sobre o pires. — Prometi-lhe que sim, mas não consegui. Um dia, enfrentei-a, jurei que não seguiria pisadas da minha mãe, que não lhe daria esse desgosto.

— E ela?

— Ficou para morrer. — O rosto ensombrou-se e, puxando a *Atena* para o colo, prosseguiu: — Mas houve um anjo que me levou para o meu caminho.

Escutei-a com interesse, sem imaginar quem seria o protetor que a levava ao palco pela mão.

— Da primeira vez que fui cantar, discuti muito com a minha mãe. Ela não quis acompanhar-me, como eu tinha esperança de que fizesse, nem queria ouvir-me cantar.

Lisboa, 1929

Irene fechou a porta de casa atrás de si, ao cair da noite, dando-se conta de que Julieta, a fiel governanta, amparava a sua senhora pelos ombros e a levava para o conforto do seu quarto. Sabia que lhe partia o coração, que lhe incendiava os receios. Em boa verdade, a pobre senhora julgava que todos os seus esforços para afastar a neta dos caminhos ímpios que a filha percorrera tinham sido em vão. Que chamamento era aquele do fado, por Deus? Era como se cada mulher da família Silva fosse naufragar naquela baía condenada, atraída pelo canto das Tágides e esmagada pelas vagas contra os rochedos do cais. Ou como se a noite lisboeta se erguesse para a castigar por ter abandonado a sua única filha, e, ao longe, o pranto de uma fadista e o choro de uma guitarra ecoavam desde a Mouraria, num presságio de desdita, condenando-a.

Avançando até ao banco junto ao bebedouro dos pássaros, Irene ajeitou melhor o xaile nos ombros, unindo-lhe as pontas debaixo das mãos trementes. Era o xaile que cobrira os ombros da sua mãe, a mulher que a abandonara porque o fado assim lho exigia. Sentou-se por um momento, ciente de que Maria Ana lhe imaginava a caminhada determinada, sobre os tacões dos seus sapatos engraxados, na direção da taberna do Augusto, onde iria expor-se diante de mulheres de má rês e de homens sem instrução, até ficar tão falada que nenhum moço decente haveria de querer desposá-la. Nem um fazendeiro do café haveria de aceitá-la. E isso que lhe importava?

Permitiu-se recordar as palavras da mãe, a sua súplica e os seus argumentos, e chegou, uma vez mais, à conclusão de que os tempos mudam. Os fadistas, outrora perseguidos pela República por serem uma canalha conflituosa, pessoas de maus vinhos e em quem não se podia confiar, miseráveis e andrajosos, que cantavam o fado aos trambolhões e se punham nas esquinas a dedilhar a guitarra, iam conquistando a admiração dos seus

conterrâneos. Cada bairro prestava honras à sua cantadeira, aos seus guitarristas, e Irene ouvia dizer que, se num bairro, se danificasse uma guitarra, juntava-se o seu povo para a reparar. O fado era uma família que se reunia em torno dos balões de São João e dos cancioneiros favoritos da sua tradição bairrista. Quando soava a guitarra, o povo calava-se; punha-se a contemplar, absorto na emoção.

A sua mãe fora desafortunada, ela não teria o mesmo fim, como não tinha o mesmo carácter apaixonado. O seu amor pelo fado — queria acreditar — não a cegava. Cantar era parte de si, algo que, talvez por desatenção, ignorara durante demasiado tempo, mas que lhe exigia alma e dedicação. Era também algo que, mais tarde acabou por reconhecer, a aproximava dos pais, posto que o amor dos dois nascera numa dessas tabernas do Bairro Alto e da Mouraria, e fora perecer na Boa Hora, quando a sua mãe, na nostalgia dos aplausos, os deixara para ir cantar.

Cruzando os tornozelos um no outro, ajeitou a postura e ergueu o rosto para o velho ulmeiro. Soltou a voz, de forma que apenas ela mesma a ouvisse ressoar na brisa que sacudia a folhagem:

— *Levaram-te a meio da noite, a treva tudo cobria...* — E, ganhando alento, reforçou: — *Foi de noite, numa noite, de todas a mais sombria. Foi de noite, foi de noite...* — Humedeceu os lábios, hesitante, a voz a ansiar por distender-se em toda a sua aptidão, e concluiu: — *E nunca mais se fez dia.*

Os lábios cerraram-se e fitou a lua nascente, de olhos marejados. Não concebia que a sua noite de júbilo, aquela em que iria partilhar as suas cantigas com os seus amigos e com a Mouraria, causasse tamanha angústia à mulher a quem devia tudo. E se subisse as escadas e a abraçasse? Não poderia convencê-la a acompanhá-la até ao Augusto, nem a sentar-se entre os restantes convivas e a beber um cálice de Madeira enquanto a ouvia cantar? Quem sabe se, vendo-lhe o rosto no desalento do fado, Maria Ana entendesse que ia comportar-se condignamente, que não procurava humilhá-la nem conspurcar o nome da família. Sobretudo, podia dar-se que, vendo-lhe a integridade no olhar, a mãe compreendesse que a sua sina não tinha semelhança com a da filha caída em desgraça.

— Acabou?

Das sombras desse crepúsculo outonal, chegou-lhe uma voz quente e desconhecida. Dirigiu o olhar ao muro que separava o palacete do dos vizinhos, e viu um dos rapazes de cotovelos apoiados na pedra, de olhos a reluzirem na obscuridade.

— Desculpe?

XXIX

—A cantoria, já acabou?

Cobriu os lábios com as mãos, dando-se conta de que o vizinho a surpreendera no seu momento de íntimo amargor. A vergonha tornou-lhe o rosto escarlate, mas pelo menos ele não tinha como ver-lhe a expressão mortificada sob os ramos do ulmeiro.

— Peço desculpa se o incomodei.

— De modo algum, mas não conhecia essa cantiga.

Como ela recaiu num silêncio embaraçoso, ele insistiu:

— Tem voz de fadista.

— Obrigada —olveu, surpreendida.

— Não tinha essa noção?

— Tinha — confessou, e refreou o impulso de lhe contar que, nessa noite, era suposto ir cantar pela primeira vez perante uma audiência à Taberna do Augusto.

— Pena que não possa cantar, não é? Deve ser mais interessante do que tocar cravo.

Ele também a ouvira a martelar as teclas do cravo? O embaraço aprofundou-se e ela mexeu-se, desconfortável, no banco. Tapou o rosto como se procurasse evitar que a reconhecesse.

— Chama-se Irene, não é? — Estava tudo perdido, mas ela acabou por assentir e ele fez uma careta risonha. — Não me leve a mal, Irene, mas é doloroso ouvi-la tocar cravo.

— Eu sei — ripostou Irene, demasiado atordoada pela crua honestidade do vizinho para se ofender. — Peço desculpa se teve de suportar as minhas aulas. Já consegui que a mãe desista de mas impor.

— Atrevo-me a dizer que toca cravo pior do que eu falo francês.

— É forçado a estudar francês?

— *Oui, malheureusement.* — Viu-o pousar o queixo nos braços, e sorrir, como se pretendesse passar ali um bom bocado a trocar ideias aleatórias com ela.

— *C'est dommage.* — Sentiu uma estranha afinidade com o vizinho, com quem nunca trocara duas palavras.

— Devia mesmo cantar — comentou ele.

— É curioso — suspirou. — Daqui a uma hora, devia ir cantar a uma taberna, ali na Mouraria.

— Devia ir cantar numa taberna? — Por um momento, ele pareceu avaliar aquela informação, e o sorriso abandonou-lhe as feições.

Se calhar, era a esse tipo de censura que a mãe se referia. Quando voltou a falar, o inconveniente vizinho sorria de novo:

— As minhas felicitações! Mas já não vai?

— Felicitações?

— Sim.

— Por ir cantar a uma taberna sebenta?

— Ninguém entende mais de fados do que os que frequentam essas tabernas. E, se lhe dão estrado, é porque deve ser mesmo boa.

— Agradeço.

Não conseguiu dizer mais nada, mas sentiu um morno consolo a animá-la. Talvez a mãe estivesse errada e os bem-postos daquela década não fossem assim tão severos a julgá-la. Questionou-o, quase como se falasse para consigo mesma:

— Não acha desadequado que uma jovem da minha posição se dedique a essa atividade?

Ele ponderou por um instante. Depois, voltou a sorrir:

— Se isso lhe traz contentamento, que mal pode haver? — Como ela ficava calada, ele perguntou: — Não devia ir a caminho? A que horas vai cantar? É perto?

— Estou a causar desgosto à minha mãe — confessou.

— Estou a ver — admitiu o vizinho, sem se deixar abater. — Com o tempo, a senhora Silva há de acabar por perceber que isso lhe dá satisfação. E, como lhe tem tanta estima, não terá coragem de a afastar das cantigas. Parece-me que nasceu para isso, Irene.

— Mas se só me ouviu cantar por uns instantes!

— Foi suficiente para entender que tem alma de fadista. Também toca bandolim?

— Nunca aprendi.

Ele entendeu que ela se debatia com a ânsia vital de sair para cantar e com

a hesitação em causar angústia à sua estimada mãe. Porém, era evidente que não era possível levar Maria Ana a melhores conclusões em tempo útil. Urgia partir.

— Quando estiver a cantar na rádio, a sua mãe vai ser a primeira a aplaudir, vai ver.

— Espero que assim seja — admitiu, com um suspiro.

— Diga-me uma coisa — insistiu ele, quando ela julgava que o assunto já morrera e que em breve ele se despediria. — Vai sozinha para a Mouraria?

Essa era uma outra questão. Ela já andara por aquelas bandas na companhia dos amigos, e José Touro chegara a apresentá-la, numa dessas ruelas, a um tio que era ferreiro. Mas, nesse serão, ela recusara a sugestão dos amigos para se encontrarem todos ao seu portão, porque preferira acreditar, até ao último instante, que a mãe não haveria de proibi-la e que acabaria por acompanhá-la.

— É que, se for, posso acompanhá-la. Vou encontrar-me com uns colegas daqui a pouco.

Irene não se fez rogada. Saíram cada um pelo seu portão e caminharam lado a lado ao longo da Almirante Reis, com o rapaz a dar-lhe um ou outro encontrão de ombro, sempre que a achava demasiado séria e queria arrancar-lhe um sorriso. No silêncio de uma Lisboa onde o povo era demasiado pobre para alimentar as próprias candeias de azeite e candeeiros a petróleo, a rua apresentava-se escura mesmo ao cair da noite. Quase não havia vitalma por aquelas ruas, e a pouca abundância de automóveis conferia à cidade um silêncio que, em dias que a brisa soprasse de nordeste, lhes trazia a lamúria das cantadeiras da Mouraria e de Alfama. A dada altura, o jovem imobilizou-se e rodopiou em torno de um candeeiro de rua, bloqueando-lhe a passagem. Antes que ela se insurgisse contra a sua imprevisibilidade, pediu-lhe que se calasse impondo o dedo diante dos lábios:

— Chiu, chiu! Está a ouvir?

Ela escutou, sem sombra de dúvida, que uma outra cantadeira, numa outra taberna, mantinha os homens cativos da sua voz e do seu pranto, e que estes se erguiam acima dos telhados e chegavam a cada água-furtada.

— Parece que, à parte dela, ninguém se atreve a fazer um som na cidade.

Retomaram a marcha, quase relutantes em quebrar o feitiço da voz feminina que lhes chegava de longe e que parecia ecoar no Tejo através dos séculos, trazendo nas vagas a sorte de ser-se portugueses.

— A Irene já assistiu a alguma atuação de fado? — perguntou ele, sem elevar a voz.

— Nunca.

— Vai cantar sem nunca ter visto ninguém cantar?

— Acha que me será prejudicial?

— Talvez não — ponderou o rapaz e, depois, rodando de novo sobre si próprio, como se dançasse distraído, desenvolveu: — Assim não terá os vícios de nenhuma outra, vai ser diferente de todas.

— Bom, levo um xaile — reparou Irene, cingindo-o melhor ao peito. — Disseram-me que era de bom-tom levar um xaile.

— Muito bem. — Após um instante, perguntou: — E um amor, tem um amor? Dizem que os fadistas cantam com mais espírito quando sofrem por amor.

Ela não estava disposta a abrir-lhe o livro da sua desventura amorosa. Limitou-se a admitir que talvez gostasse de alguém.

— E ele vai estar lá hoje? — O sorriso sugestivo com que lho perguntou levou a que Irene voltasse a sentir as faces a inflamarem-se. — Não diga nada, já percebi que sim.

Foi a vez de Irene se mostrar curiosa a respeito do vizinho e, após uma longa e tranquila caminhada, em que apenas o ruído das suas solas massacrava os passeios empedrados, quebrando a voz longínqua que lhes chegava em murmúrios, perguntou-lhe se alguma vez assistira a fado numa taberna.

— Não, nunca. Não é o meu ambiente — comentou, com naturalidade. — Não me leve a mal. Prefiro ir até ao Parque Mayer, ver um filme cómico ou comer uma fartura. Também há lá fadistas, sabe?

— Creio que a Hermínia Silva costuma cantar lá. — Como ele demorou a entender, ela insistiu: — «Ouro sobre azul»?

— Ah, sim, no Valente das Farturas, não estava a ver pelo nome. E o Marceneiro vai às farturas do lado. — Riu-se. — Sabe quem é?

— Sei, sim. — Que agradável, poder falar de fado! — Quando canta, parece que tem o nariz cheio de aguardente, não é?

— Há lá muitos bailes, restaurantes... Gosto das noites no Alhambra, dança-se e come-se bem. Tem de lá ir um dia, sabe como é... «Uma hora no Alhambra recompensa vinte e duas horas banais.»

— Acho que já ouvi esse chavão, mas nunca lá fui.

— Tem de começar a ir, nem que seja para ouvir o tal indivíduo de aguardente no nariz. Os pares gostam muito dele, e não sei se bebe assim tanto!

Riram-se os dois, e ele disse-lhe que afinal sabia mais de cantadeiras e de fadistas do que ela. Foram acalmando os impulsos do riso, até que ela o questionou:

— Quando se refere a colegas, é porque é estudante?
— Sim — ripostou, com naturalidade.
— E em que pé está a sua formação?
— Acabei-a agora mesmo. — Sorriu-lhe, com ânimo. — De repente, parece que tenho o meu tempo de volta.

— É a minha vez de felicitá-lo. — Inclinou-se e encenou uma pequena vénia, que ele recebeu levando a mão ao peito, em divertida modéstia.

— Posso pedir que me faça um jeito, em tom de comemoração?

— Como assim?

— Para celebrarmos o meu diploma do Técnico, e a sua primeira vez numa taberna, que me diz de cantar? Algo como *O Fado do Técnico e da Taberna*?

Irene riu-se, mas interrompeu a marcha. Ele punha-a de bom humor, desfazia-lhe os nervos. Perguntou-se como teria sido atravessar aqueles poucos metros de sua casa à Taberna do Augusto, por entre ruelas mal alumadas, sob o peso da censura da mãe e o nervosismo de uma primeira atuação em público. Ainda que os amigos a esperassem numa das mesas e assegurassem ao Augusto que não tardava, ela nunca seria capaz de garantir que, sem aquela caminhada amigável, se tivesse apresentado para cantar junto da viola e da guitarra.

— Sou tímida.

— Tímida? — Ele riu-se da sua asserção. — Pois se daqui a pouco estará diante de estranhos!

— Deve ser diferente com estranhos... E terei lá alguns amigos. — Mas sorria, mesmo ao recusar.

Ele agarrou-se a isso com insistência, arrancando-lhe mais risos e recusas, fazendo vénias e trejeitos, até que a convenceu.

— E canto aqui, no meio da rua?

— Ora, porque não? Ninguém nos vê nem nos ouve.

Irene apertou melhor o xaile, olhou para os dois lados da rua e deixou passar um rapazinho com o seu carrinho de mão. Deixou-o afastar-se e, posicionando-se debaixo de um candeeiro, baixou o rosto para reunir coragem. Depois, elevando-o para projetar o queixo em diante, preparou-se para lhe regalar a voz que passara o dia a exercitar:

— Consegue imaginar a guitarra? — interrompeu o vizinho, expectante, arrancando-lhe assim uma gargalhada entredentes. — Quer que finja que toco?

Pegou numa caixa de fruta, ali largada porque se aproximavam do mercado, e equilibrou-se em cima da mesma. Sentado, ergueu os dois braços como se abraçasse uma guitarra, não sem antes fingir que ajeitava um bigode

inexistente. Irene não conseguia parar de se rir. Ralhou-lhe:

— Se quiser que cante, tem de se manter calado!

— Nunca me tinham mandado calar com tanta eloquência. — Endireitou-se numa postura militar, como se estivesse perante o seu tenente, e devolveu a caixa de madeira aonde fora buscá-la. — Seja.

E Irene cantou-lhe a primeira quadra de *O Filho Ceguinho*, a que Ercília Costa emprestava a voz na rádio por esses dias. Quando se interrompeu, ele olhava-a com admiração. Pareceu, de certo modo, embaraçado, pelo que acabou por fazer uma piada enquanto a aplaudia:

— Fique sabendo que, se estivesse sozinho com a minha grafonola, já estava a chorar.

Ela riu-se e continuou a rir-se a cada elogio desprendido que ele lhe foi fazendo até se aproximarem do Augusto. Havia várias pessoas à porta, a trocar graças e galhardetes, animadas pelo vinho e pelo ensaio das violas que vinha do anterior.

Quando o vizinho se imobilizou, Irene também se deteve e olhou-o. A rua estava tão mal iluminada naquele beco que ela quase não lhe via as feições na penumbra. Mas cheirava-lhe a cigarrilha no colarinho e a goma da camisa. Um dos amigos da mãe fumava aquela mesma espécie de cigarrilha, e ela ia perguntar-lhe como se chamavam quando ele lhe apontou o grupo de alegres convivas diante da porta:

— Agora, vá lá tornar-se uma vedeta.

— Só lamento que...

— Eu sei. Mas não é nenhuma Maria Severa e, um dia, a sua mãe vai entender isso — asseverou, conciliador.

Irene teve um relance dos seus dentes alvos e dos parênteses que se formavam em torno dos lábios do seu anjo da guarda. Nada a faria perder o rumo e a virtude, a menos que endoidecesse, pelo que se sentiu leve para lhe sorrir de volta:

— Tem razão.

— O seu amado deve ser um daqueles, não? — Apontou para o grupo diante da porta. — O que segura o ramo de flores, talvez?

Irene espreitou com discrição e viu Henrique Simões encostado à parede, com o pé apoiado num barril. Lena estava pendurada no braço de José Touro, e riam-se de alguma graça. Não conseguia entender quem segurava os lírios-do-vale, suspensos entre os convivas, mas talvez fosse Henrique. O coração disparou-lhe de entusiasmo.

— Talvez — ripostou Irene, dando-lhe um encontrão no ombro como ele fizera com ela. — Não fica nem para uma canção?

— Não posso. — A voz dele tornou-se mais séria. — Tenho de ir pedir uma jovem em casamento.

Viu-o rodar sobre si mesmo, ajeitar o chapéu e encolher os ombros.

— Ela vai aceitar — vaticinou Irene, sentindo o peito inundado de otimismo.

— Pois vai, eu sei que sim. E, depois, vou levá-la a comer uma fartura ao Valente e apresento-lhe os ursos dos meus colegas.

Ela aplaudiu-o, risonha, sem encontrar palavras para lhe agradecer pela generosidade de a resgatar da sua aflição.

— Vai correr bem, tem alma de fadista, Irene!

— Obrigada, senhor doutor!

A própria voz soou-lhe animada, e assim se lhe varreram os últimos temores. Estava insuflada de entusiasmo. Adorava o fado, amava o som das guitarras. A cada vez que se permitia entregar-se a esse prazer, era tomada pela sensação de estar a cumprir-se assim que a voz se elevava do seu recato e ia reverberar nas paredes do seu quarto. Como seria fechar os olhos e deixá-la retinir no mar de gente que a escutaria em sacra quietude?

Ele virou-se para trás uma última vez, ainda os mesmos parênteses de contentamento a iluminarem-lhe a expressão:

— Passar bem! E olhe que não sou doutor, sou engenheiro!

XXX

Lisboa, julho de 1947

— Não me diga que?... — indaguei, e ela assentiu, divertida.

— O próprio.

— Mas ia casar-se...

— Uma história muito triste — interpôs a Irene, bebendo de um trago a água que a governanta lhe trouxe. Pareceu-me que ia enveredar por aí, mas, entretanto, lembrou-se de sondar: — Fica para almoçar?

— Contava com um convite — adiantei, sem melindres.

— Pois está convidado. Ouviste, Celeste? — A Celeste, que levantava as chávenas, acenou que entendera.

Quando a governanta se afastou, com a loiça a tinir na bandeja, a Irene ajudou a cadela a descer-lhe do colo e esfregou as mãos uma na outra, batendo depois palmas para sacudir a pelagem cor de canela dos dedos de unhas limpas.

— A Lena acabou por dar notícias.

— Depois do episódio do polícia no elétrico?

— Sim.

— Sentia a sua falta?

— Creio que também, mas precisava era de um grande favor.

— Hum, teve coragem de lhe pedir ajuda?

— Estava desesperada.

Lisboa, 1931

O caso com o freguês estava fadado ao azar. À semelhança das outras aventuras amorosas, Lena aborrecia-se ou era o próprio que abandonava o enlevo da relação quando a via demasiado apegada. Luísa estava de esperanças e sem ânimo para as calamidades emocionais da amiga de infância. Foi Rosa quem, certo sábado em que jantavam juntas na sua sala de estar opulenta, lhe deu as boas novas:

— A Luísa veio dizer-me que a Lena anda muito mal.

— Ai, sim? — Não sabia notícias da costureira há meses.

Lena, Henrique e os outros tinham deixado de aparecer nos seus concertos — Henrique por compromissos profissionais, Lena porque lhe guardava raiva desde o episódio no elétrico. José Touro não voltaria a acompanhá-los nas noites lisboetas — outro dos feitos de Lena, interpunha Irene —, Rosa não conseguia assistir às suas cantigas e ensinar logo pela fresca, e Luísa, na nova fase da sua vida, tornara-se uma dona de casa irrepreensível.

Lena também compreendera que enfurecera as duas amigas de infância e, por esse motivo, guardava uma distância prudente. Segundo Irene, era possível que receasse que a cantadeira lhe entrasse pela casa a pedir a palavra a Deolinda, para assim lhe contar poucas e boas da filha.

— Anda mal, anda. O freguês largou-a. Parece que não se põe de pé. A mãe mandou vir chamar-te, mas a Luísa diz que ela se opôs com um berro, disse que nunca mais querias vê-la e caiu outra vez à cama, a chorar.

— Contou-te a Luísa?

— Devias ver-lhe as pernas, como estão inchadas. Quando saí do trabalho, dei com ela no banco, a tricotar. Diz que o doutor lhe disse para caminhar bastante, a ver se o corpo se vai abrindo para o parto.

Irene afastou aquela imagem com um sacão da mão. Não queria saber da maternidade, muito menos nos seus pormenores grotescos.

— Então, passou lá pela escola, veio dizer-me que falasse contigo porque só tu podias ajudar nesta situação.

— Eu? — Riu-se daquele despautério.

— Sim, diz que és mais do que mãe dela, que talvez ela acabe por te ouvir.

— Mas a Lena ouve alguém? — Depois, impaciente, atirou: — Mas o que é que ela tem, afinal?

— Parece que está de cama, não quer comer nem se lavar. Isto foi na quarta, não sei se, entretanto, se pôs de pé.

— Muito sofre essa rapariga por amor, nunca vi uma coisa assim. Muito ama ela.

Enquanto proferia aquelas palavras, perguntava-se se poderia ajudar. Se deveria ajudar. Sentia um frio no estômago, uma espécie de instinto que lhe

sugeria que não se preocupasse com aquele assunto. Que, por muito que sentisse saudades de passear com a amiga pelo Chiado, de tomar um chá com ela na Benard ou de se embrenhar na sala de costura da casa de modas dos Sousa, a admirar o novo espaço, o brio dos vernizes nos tacos do soalho e nos corrimões, quem sabe tagarelar com as jovens costureiras, Lena já a magoara uma vez e voltaria a fazê-lo. Sentia que a quebra de confiança ocorrera em várias ocasiões, algumas mais inocentes do que outras, mas sempre partindo da necessidade que Lena tinha de se destacar das amigas, de procurar parecer perfeita e de ocultar os seus defeitos em falhas inventadas para quem a rodeava. A quem pretendia provar o seu valor, isso Irene não sabia dizer, talvez fosse um mistério que ficaria por resolver. Seria a Deolinda que queria mostrar-se perfeita? Seria aos homens por quem se ia enamorando que urgia ser melhor do que Irene, Rosa ou mesmo Luísa? Fabricava uma virtude que já não tinha, uma paixão desalmada que já antes sentira, mas que agora a arrebatava como nunca, e um desgosto profundo que a levaria para a cova, pela terceira vez e por um homem diferente num relativamente curto espaço de tempo.

— E tu? Não tens sentido falta do teu Henrique? — auscultou Rosa, pousando os talheres para melhor lhe estudar a expressão.

— Ele não é o meu Henrique.

— Mas é o teu *chéri*.

— Não nos vemos há meses.

— Isso pensas tu. Tu podes não o ver, mas ele foi ver-te ao Parque Mayer.

— Foi? — Que sorriso involuntário era aquele que lhe nascia nos lábios e lhe transformava o rosto, por hábito melancólico e desinteressado?

— Foi, com o marido da Luísa. Ela diz que eles gostaram muito de te ouvir cantar, só é pena que não seja coisa de meninas de bem.

Uma felicidade líquida encheu-lhe o peito e transbordou. Queria esconder a luz que lhe tomava as feições do olhar perscrutador de Rosa, mas na semiobscuridade da sala de refeições, nem o lustre de cristal reluzia mais do que a sua tez.

— Vou ignorar essa parte das meninas de bem. Achas que sou uma perdida? — perguntou, sem conseguir parar de sorrir.

— *Sei* que não és. O que os outros podem pensar é que é diferente.

— Não me importo que desconfiem, sei o que sou.

— Pena que não te tenham cumprimentado — retrucou, encolhendo os ombros.

— Pois é — lamentou, sem que, no entanto, o sorriso esmorecesse.

— Se ias fazer essa cara, foi melhor que não te abordassem. O marido da

Luísa não é parvo.

— E então? Somos bons amigos.

— Amigos, quem? Tu e o Henrique? — Rosa bebeu um gole de água e retomou a refeição, usando a ponta do garfo para afastar as ervilhas do guisado para a borda do delicado prato de porcelana. — Nunca houve um beijo, sequer?

— Não — voltou Irene, sentindo o corpo atravessado por um frenesim de impaciência. — Nem tampouco um beijo.

— Tudo bem — concluiu Rosa, antes de retomar o assunto inicial. — Vais procurar a Lena? Parece que ela tem remorsos da canalhice que nos fez, mas não metia a mão no fogo em como amanhã não faça igual.

— Custou-me admitir que sentia falta da Lena, Serafim — confidenciou-me, de cabelo fustigado pela brisa que atravessava a folhagem dos limoeiros. — É difícil apartarmo-nos assim de uma irmã. Foi a única que tive. Dava-me muito bem com a Rosa, a Rosa era-me como uma irmã mais velha, sábia e confiável. A Lena era como uma irmã mais nova, tresloucada e sempre a precisar que a tirássemos de alguma alhada. Sentia-me protetora quanto a ela e perturbou-me saber que estava mal sem que eu pudesse ajudá-la.

— Então, foi ajudá-la... — Pareceu-me evidente, e ela assentiu, mas parecia ausente.

Olhou-me pouco depois, humedeceu os lábios e revolveu as palavras, como se lhe fosse essencial escolhê-las com critério:

— Muitas vezes me pergunto como teria sido a minha vida, e a vida dela, se eu não tivesse ido vê-la naquele dia. Acho que estava escrito que tínhamos de nos separar aí, e não haveria consequências de maior para nenhuma das duas. Há quanto tempo a nossa amizade já tinha morrido? Éramos ela aos tombos e eu a ampará-la, sei lá porquê. Ela estava a sofrer por causa dos erros que tinha cometido, e eu sentia falta dela, mas não morria por não a ver. Não vinha mal ao mundo se nunca mais falássemos...

Por essa altura, o nome da Irene ganhava contornos nos pátios e terraços de Lisboa, e surgia em diversos eventos menores no mundo do fado. No entanto, não se equiparava às grandes vozes do seu tempo, nem fazia por isso. Sentia que o fado a esgotava, lhe remexia nos sentimentos e os tumultuava — segundo ela, sentiu o mesmo quando começou a confessar-se ao psicanalista, e ele a conduzia de acontecimento em acontecimento, arrancando-lhe lágrimas, suspiros, risos e arrependimento. Enquanto cantava, o fado era-lhe tudo. Quando regressava a casa e recebia outros convites para concertos, recusava parte deles em prol de se ver sozinha com os seus botões no palacete.

Uma tarde, por exemplo, acordou depois de uma noite de guitarradas com o ruído de palmas e coro de vozes no jardim dos vizinhos. Rafael Vaz e a noiva chegavam do casório na Igreja dos Anjos e eram recebidos por uma chuva de pétalas de rosa e arroz. O banquete seria em casa dos Vaz e, depois, os dois jovens partiriam em lua de mel para Bordéus, onde vivia um tio da noiva. Irene foi à janela do quarto, e sorriu porque a celebração era a confirmação de que o seu vizinho conseguira a mão da sua amada. Procurou vê-los por entre os ramos do ulmeiro, mas, fora um relance de renda e branco, não deslindou nada de concreto. Soube pelas criadas que se mudariam para um apartamento nas Avenidas Novas, com uma fachada *Art Nouveau* premiada e janelas amplas que inundavam o espaço de luz. Diziam as criadas dos Vaz às dos Silva, estas primeiras tendo sido destacadas para limpar do chão ao estuque dos tetos o apartamento dos recém-casados, que o Vaz ia muito bem como engenheiro, e que um seu conhecido remodelara a sua nova morada por pura amizade. A família Vaz canalizara tudo de melhor para o ninho dos apaixonados, fazendo convergir para o enxoval da noiva, que recebiam como a uma filha, as sedas, os cetins, os bordados, os bilros, os cristais e porcelanas que a senhora Vaz vinha reunindo há anos para a boda do seu primogénito.

Irene, tomada por um impulso inexplicável de agradecer o gesto cortês do vizinho no verão anterior, e também de contribuir para toda aquela felicidade, correu o palacete à procura de um presente de casamento conveniente para lhes enviar. Sondou a caixa de joias da mãe, estudou os objetos na consola e o mobiliário *Chippendale*, mas, de algum modo embaraçada ante a ideia de oferecer uma cadeira ao vizinho, ocorreu-lhe uma outra coisa. Mandou Celeste empacotar o Domingos Sequeira e deixá-lo na casa dos vizinhos, com um cartão de felicitações pela união. Assinou apenas: *Da vossa vizinha cantadeira*. Apesar de se tratar de um retrato de família, era uma obra de um pintor de renome e faria figura em qualquer sala que se prezasse. Por essa altura, Rafael ainda não a introduzira a Picasso nem a Miró, que apreciava acima de quaisquer outros artistas, por os sentir ibéricos, mas mais tarde havia de a fazer rir com o relato de como o seu gesto o tinha, em simultâneo, animado e horrorizado. Encerrou o retrato no sótão do seu bonito apartamento, protegendo os delicados olhos da sua amada daquele rosto sombrio e mal-humorado, além de *démodé*.

XXXI

De volta a Lena, Irene foi visitá-la na segunda-feira após o almoço com Rosa. Entrou a medo na casa de modas dos Sousa, porque não sabia que espécie de histórias a rapariga teria debitado à mãe, mas a expressão de alívio de Deolinda ao vê-la tranquilizou-a. Tomou-lhe as mãos e levou-a para trás do balcão, deixando ali uma das costureiras de plantão, caso chegasse algum freguês.

Atravessaram o burburinho das jovens que riam e cochichavam a respeito de rapazes e de travessuras, e foram sentar-se frente a frente na salinha das traseiras, onde Deolinda costumava fechar as contas do dia diante dos cadernos e com o auxílio de um lápis de ponta sempre afiada.

— Não sei o que vos deu, mas fazes-lhe muita falta — observou Deolinda e, depois, decidida a ser franca, prosseguiu: — É verdade que lhe disse muitas vezes que tens atitudes pouco próprias de uma jovem, ainda para mais de uma jovem de bem, mas enfim... — Soltou um suspiro. — A Lena contou-me que cresceste num buraco na Boa Hora, que a tua mãe era da vida.

Encolheu-se ao dizer «da vida», como se aquela espécie de vergonha se pegasse. Irene percebeu que a sua anunciada Némesis se esquecera estrategicamente de contar à mãe a totalidade da sua história. Deolinda não sabia que a mulher da vida nascera em berço de ouro, e também se coibiu de a corrigir quanto ao «buraco» na Boa Hora. Começava a tornar-se claro para si que Lena não era grande aficionada da verdade, e que sempre que se sentasse diante de conhecidos mútuos não podia adivinhar que espécie de detalhes a seu respeito tinham sido partilhados e de que modo haviam sido distorcidos para a desfigurar.

— Ela não tem falado em ti, mas estou convencida de que caiu à cama de saudade. Tem sempre aquele ar tristonho de quem sente a falta de alguém e,

no início, quando deixaram de se falar, ela nem comia. Andava com uma gosma! Fiz-lhe papas de linhaça e lá passou. Mas agora nem as papas a põem de pé.

Irene ficou na dúvida se Lena deixara de comer devido à cena esclarecedora no elétrico, ou ao facto de a sua vida sentimental estar sempre à beira de um abismo lacrimal. Não gastou energias com a galvanização daquela mãe para a sua causa. Limitou-se a escutá-la e, no fim, perguntou se podia ver Lena, se ela achava que faria diferença.

— Tenho medo de que ela apanhe alguma coisa má. Não come. — E demorou-se um instante com a mão sobre o rosto, a tentar conter o apelo das lágrimas.

— Aconteceu alguma coisa? — acabou Irene por questionar.

— Ela não fala, não a conheces? Não diz nada. Achas que algum rapaz ...

— Calou-se de repente, não podia acreditar. — Não, ela não permitia. Será isso? — Duvidou, e a mão deslizou-lhe até aos lábios, para cobri-los de horror.

— Será que algum bandalho a desgraçou?

— Não, claro que não — refutou Irene, com veemência. Não creio que ela se deixasse enganar.

— Pois não, ela é uma menina esperta.

Tudo aquilo lhe parecia surreal. Até há poucos dias, sofria a falta da amiga como se suporta uma inevitabilidade. Convencia-se de que morrera e não mais voltariam à fala. De súbito, estava diante de Deolinda, descobria mais imprecisões no discurso de Lena e, ainda assim, não conseguia evitar insistir para vê-la, pôr-se ao serviço da família para ajudar.

Caminhou pelo braço de Deolinda, como que sob o efeito de ópio, até à casa dos Sousa, a qual deixara de frequentar há quase um ano. O avô estava a dormir no banco de sempre, com o chapéu tombado no colo e um gato enroscado na sua sombra. Não as viu entrar, e o senhor Sousa ainda não regressara dos comboios. Com uma mescla de orgulho e acanhamento, porque não cai bem prosperar-se nos negócios, muito menos quando se é mulher, Deolinda apontou os reposteiros, os sofás e a mesinha de licores com copos de vidro colorido. Eram novos adereços na sua casa cada vez mais composta, de um luxo sóbrio de novo rico temente a Deus. Havia, como não poderia faltar, um altar a Nossa Senhora de Fátima, e um rosário dependurado sobre o acesso ao corredor por onde acometeram.

Quando Deolinda abriu a porta do quarto de Lena, a escuridão tomou-lhe a vista por completo. Do interior não vinha uma luz, um som. Deolinda sibilou que costumava fechar a janela e correr as cortinas, com medo da já apregoadada tuberculose. Queria mantê-la a salvo de correntes de ar. Mas, e o

hálito pesado que vinha do interior, trancafiado quem sabe desde o desjejum matinal?

— Filha? — chamou Deolinda, receosa. — Filha querida do meu coração?

Um gemido denunciou que o objeto da sua adoração despertava, e Irene, que se recordava bem das dimensões do quarto da outra, porque sobre aquela mesma cama lhe entrancara por várias vezes o cabelo, caminhou para a janela e abriu-a. Deolinda gemeu, mas já ela separava os cortinados e, depois, abria as portadas, e de seguida o Sol inundou o espaço e feriu-lhe a vista. Voltou-se para ver a jovem que pestanejava por entre almofadas, desabituada de luz. Irene cerrou os lábios de espanto, porque a tez de Lena fundia-se na brancura imaculada dos lençóis, e ela não estava certa de onde acabava o corpo franzino da amiga, a sua camisa branca de algodão, e onde havia lençol e colchão. Pareceu-lhe tão pequena, quase um passarinho ferido, que lhe foi involuntário dirigir-se-lhe, tomar-lhe as mãos geladas, sentar-se a seu lado.

Lena, como não poderia deixar de ser, pediu à mãe que saísse e chorou.

Lisboa, julho de 1947

— Era tudo saudades suas? — Não resisti a perguntar.

— Não — voltou a Irene. — Estava de esperanças e não sabia como livrar-se da situação.

Anuí, porque compreendia. Muitas jovens caíram no enlevo da paixão e acabaram arruinadas, sem possibilidade de família, de honradez. Aquele detalhe da vida da Lena não me surpreendia, até me parecia que poderia ter acontecido antes.

— Então, no fundo, ela não lhe pediu ajuda.

— Não exatamente, mas aceitou-a — reformulou. — A mãe dela não sabia de nada, está a ver? E resolver aquela situação com discrição saía muito caro. Ela não sabia como pedir o dinheiro à mãe.

Lisboa, 1931

O freguês, sabendo que não era o primeiro, não quis saber da conversa de filho. Ameaçou que, se falasse no caso aos Sousa, diria que ela era de moral duvidosa, porque a pobre Deolinda nem suspeitava da peça que tinha em casa. E Lena, lívida e de lábios rachados, contou que não lhe vinham as regras há quase três meses e admitia tudo isto por entre soluços, como se ele a tivesse ferido de morte em algo que era *verdade*. Irene absteve-se de a julgar, de tentar

explicar-lhe que tudo deveria ter feito para evitar aquele desfecho. O problema estava-lhes em mãos, era resolvê-lo.

— E não sais da cama porquê? Tens medo de contar à tua mãe?

Lena olhou-a como se tivesse enlouquecido. Franziu as sobrancelhas, sentou-se muito direita na cama.

— Estás louca? A minha mãe não pode saber de nada.

— E como é que vais esconder uma gravidez?

Lena humedeceu os lábios, cobriu o rosto com a mão por um instante.

— Bom, escrevi ao Bernardo a perguntar se ainda queria casar-se comigo.

— E ele?

— Está noivo da amada do Henrique. Lembras-te de dizerem que ele tinha um amor de juventude lá na terra?

Irene digeriu a notícia com sentimentos contraditórios, remexendo as mãos uma na outra. Se, por um lado, estava solidária para com Henrique, por outro parecia-lhe que, na impossibilidade de se casar com a sua adorada, e quem sabe desfeito pela deslealdade do primo, Henrique acabasse por ver em si uma possível futura mulher. No entanto, deixava-se inquietar pelo senso de que não era feita para o casamento, quem sabe nem sequer para as relações amorosas. Não conseguia imaginar-se como pertencendo a alguém. Por muito que adorasse a ideia de passear de braço dado com Henrique e de deixar que ele a beijasse como via no cinema, não conseguia imaginar o quotidiano a seu lado. O cumprimento noturno quando ele regressasse do jornal e ela, de estola ao ombro, se preparasse para sair para cantar nalguma noite fria. Ele parecia-lhe demasiado amante dos bons costumes para aceitar uma esposa que ganhava os seus próprios contos de réis. Ou que, por herança, tinha mais posses do que ele, por muito que, após o casamento, ele viesse a dispor dos seus bens como se lhe pertencessem. Mas estava a precipitar-se. A planear um casamento com um homem que não via há meses, e que a ouvira cantar sem sequer a cumprimentar no final.

— O que vais fazer, então?

— Não vês? — Lena abriu os braços com morosidade, como se não conseguisse sustentar-lhes o peso. — Deitei-me à cama.

— Queres morrer? — indagou Irene, amargurada porque não entendia como a vida tão promissora da sua companheira de brincadeiras de infância, e de passeios até ao *coiffeur* de juventude, estivesse naquele estado calamitoso.

— Não quero morrer — voltou, solene. — Mas não posso deixar que o bebé cresça e se desenvolva. É ele ou eu.

Irene, baixando o rosto e julgando compreender, sentiu de repente a boca seca.

— A sua amiga estava a tentar... bom... — Como é que um homem pode pôr estas coisas por palavras? — Que o rebento não vingasse?

— Isso.

— E como é que a Irene reagiu a isso? Parece-me... monstruoso — admiti.

A Irene remexeu um cigarro apagado entre os dedos e, depois de muito hesitar, acendeu-o. Olhou-me por um instante e atalhou que o médico a proibira de fumar, mas só um não faria massa. Expeliu o fumo com gosto, sacudiu do joelho as patas que a *Atena* ali fora pousar e olhou-me com franqueza. Nunca sabia o que esperar daquela mulher.

— Compreendi... — Mas apressou-se a desenvolver. — Não digo que fizesse igual, entende? Acho que era incapaz. Mas ela sentia-se encurralada. Um desmancho custava fortunas. Elas tinham o dinheiro, mas teria de explicar tudo à mãe, e ela sabia que, ainda que a ajudasse, iria exigir saber quem era o pai. Poderia ser pior se o freguês desse com a língua nos dentes sobre o seu comportamento errante.

— Pelo que me conta da senhora Deolinda, ela perdoava a filha sem demoras.

— Sem dúvida. Até digo mais: ela nunca ia acreditar que a filha não fosse uma inocente na história, e o freguês um valdevinos que a insultava apenas para fugir à responsabilidade.

— É o que me parece mais provável.

— Mas a Lena... — E um sorriso atormentado, que não lhe chegou aos olhos. — A Lena adorava meter-se pela estrada mais complicada. Bastava contar tudo à mãe... Seria um grande desgosto, certamente. Mas não duvido de que a tivesse apoiado.

— Pois, creio que teria sido assim. — Sentia-me trôpego, ensonado.

— Enfim. Emprestei-lhe o dinheiro e saímos à rua, para visitar a abortadeira.

Assenti. Problemas de mulheres que, por sorte, nunca me tinham afligido.

— Ó Irene, mas porque foi meter-se numa história dessas? Não era nada consigo, deixá-la colher os frutos que tinha plantado — acabei por dizer, algo exasperado.

— Gostava que o psicanalista me tivesse perguntado isso... — refletiu, e esclareceu: — Agora que penso, acho que o fiz porque achei que, depois de a ajudar numa situação tão delicada, ela não teria coragem de voltar a virar-se contra mim.

E ri-me, mas ela não me acompanhou.

XXXII

Irene ajudou Lena a vestir-se. Estava muito fraca — não era só a palidez, os membros apresentavam-se enregelados e débeis. Não conseguindo apertar os botões do casaquinho, sentada na cama, Irene pôs-se de cócoras para assisti-la. Sentia, mesmo vendo-a naquele estado, que não podia confiar na outra. Que a sua fraqueza, a sua insegurança, o seu receio generalizado de que a não amassem falaria sempre mais alto. Seria capaz de lhe morder a mão, se desconfiasse de que Irene se saía melhor nalguma circunstância. Chegou a vê-la encrespar-se quando, na cozinha, se sentaram por um bocado para que Lena sorvesse umas colheradas de sopa, e Deolinda acariciou o ombro de Irene, agradeceu a sua visita, engrandeceu a sua amizade para com a filha. Em suma, tanta gratidão para com a cantadeira, para com a menina da Boa Hora, a órfã que, não fosse por Lena, nunca teria jogado à bilharda no recreio, pôs Lena de cara fechada. Irene explicou-lhe que propusera uma mudança de ares a Lena: nessa noite, não iria cantar, pelo que podiam ficar acordadas enquanto não viesse o sono, a recordar os bons tempos. Isso, conjugado com uma excelente ceia que Julieta havia de lhes preparar, culminaria num excelente humor e muita energia para a pobre Lena.

Antes de saírem, Deolinda ainda lhe sorriu uma última vez e cochichou:

— Lembras-te da nossa vizinha do Alegrete, a Aninhas? — Irene anuiu, equilibrando melhor no braço a mala para Lena, com uma camisa de noite e uma muda de roupa para o dia seguinte. — Teve tuberculose e saiu do São José com um outro ar, está gordinha e sadia. Eu pensava que a Lena queria apanhar tuberculose para fazer o tratamento e ficar assim rechonchudinha, acreditas?

Irene entendia que tal coisa lhe tivesse cruzado a mente. Para Deolinda, contudo, a tuberculose servia perfeitamente como desculpa para a debilidade

da filha. Quando alguém se fecha em copas, a verdade é sempre uma incógnita, até para a própria mãe.

Lisboa, agosto de 1947

O resto da história fui sabê-lo no fim da tarde seguinte, durante um passeio ao Parque Mayer. Fomos sentar-nos no Amadora, onde uma cozinheira de mão-cheia nos serviu uns petiscos de chorar enquanto tomávamos uma cerveja fresca. Comentou a circunstância de eu estar quase de partida, faltava pouco mais de uma semana. Admitiu que se alongara em detalhes da sua vida que talvez pudéssemos considerar secundários. Faltava o essencial, que era explicar-me como tinha azedado de vez a sua relação com a Lena. Revirou um cigarro nos dedos, recordou-me que o concerto no Coliseu era para a noite seguinte e admitiu que estava um pouco nervosa. O marido iria acompanhá-la, talvez os rapazes também quisessem ir. A Júlia, que era a sua fã mais entusiasta, ficaria em casa com a Celeste, ainda a repousar da mais recente maleita infantil. Eu propus-me a ir lá ter, a sentar-me em lugar incógnito, para que não se sentisse estudada por este confessor. Sorriu-me, ocultando alguma timidez, e retomou a narrativa.

— Foi o Vasco Coelho que me ajudou. Lembra-se, o guitarrista? — começou, cruzando as pernas e devolvendo o cigarro ao estojo de prata. — Eu não fazia ideia de onde se faziam desmanchos em Lisboa, se não tivesse apanhado conversas de criadas nem saberia que isso era possível. Não sabia que, uma vez um filho no ventre, se pudesse tirá-lo de lá antes do seu tempo.

Lisboa, 1931

Vasco Coelho tinha uma longa história de desatino com uma prostituta do Bairro Alto, das que, desde os ditames da nova República, iam às casas dos viúvos e dos solteiros, porque os bordéis tinham sido encerrados, as casas de jogo desmanteladas. A prostituta, sentada diante de Irene e de Lena, pôs-se a rir. Duas meninas de bem, de vestidos de corte impecável, cara lavada, ar de virgens, a pedirem o endereço de uma abortadeira? Sacudia o pé fora do tamanco, e Irene via-lho sujo, de calcanhar encardido. A coxa, que surgia por entre as pregas de um vestido de cetim que outrora fora vistoso, e que então era um andrajo, era ferosa, rosada, sadia. Irene julgou entender, pelo feitiço daquela carne, o porquê de o guitarrista não se libertar daquela relação em que ela lhe ficava com todos os tostões dos concertos, e ainda se deitava com os seus camaradas de cantigas.

— Vai ajudar-nos ou não? — impacientou-se Lena, e Irene percebeu que se preparava para hostilizar a prostituta, o que teria resultados nefastos para a causa.

Irene atravessou-se entre as duas, enquanto Vasco, do fundo do quarto, forrado com recortes de jornais e revistas de vedetas de Hollywood e do cinema português, ia dedilhando a guitarra. Falou numa voz de alcaçuz:

— Podemos ajudá-la, se nos ajudar.

— Ajudar-me como? Não preciso de nada.

— Paga renda deste quarto? Podemos adiantar-lhe um mês.

Aí é que a mulher se pôs a rir a bom rir. Disse que se chamava Maria da Piedade, e que se havia mal que conhecia era o de ter um rebento no ventre e ter de se desembaraçar dele, desse por onde desse. Para chocar as duas jovens, pôs-se a narrar modos *simples* de forçar a descida das regras. Contou que, da última vez, um talo de couve fora suficiente.

— Remexe-se bem os interiores com ele, e o embaraço desfaz-se às postas.

Lena empalideceu, Vasco interrompeu o murmúrio da guitarra e gemeu um «Piedade» que apelava aos bons modos da sua musa.

— Ou, então, mete-se uma toalha empapada em água bem quente na barriga, e as regras descem — concluiu, com um sorrisinho escarninho.

Irene fitava-lhe o cabelo gorduroso e as rosáceas nas faces. Parecia o tipo de criatura que se entregava a muitas horas de exercício. Lena sabia o que eram os assuntos da carne, mas Irene não. Custava-lhe imaginar aqueles dois, guitarrista e puta, enrolados em pelota naquela enxerga.

Maria da Piedade olhou-a, como se por fim entendesse qual das duas precisava de pôr termo àquela vergonha, e ofereceu-lhes cigarros.

Lisboa, julho de 1947

— Foi o primeiro cigarro que fumei, e desde aí não mais parei — adiantou a Irene, acariciando o maço de *Português Suave*. — Ela disse que não queria renda nenhuma em troca da informação, só queria ver-nos a fumar um cigarro. Queria rir-se mais um bocado, percebe?

Percebi. E também entendia que a Lena, com a sua pouca tolerância a críticas, tivesse querido desancar a prostituta, ofendê-la e injuriá-la.

— E pronto, foi com esse contacto que nos esgueirámos pelas ruas do Bairro Alto à noite, com um carro de aluguer à espera. A morada ficava poucas portas ao lado, o que nos surpreendeu bastante. Era um mundo à parte.

A Irene não sabia em que estado iria a Lena sair daquela intervenção, mas

ficou surpreendida com a sua força.

— Custou-me mais a mim dar-lhe a mão do que a ela manter as pernas abertas, enquanto lhe mexiam no interior. Eu mal aguentava os olhos abertos naquele casebre escuro que tresandava a urina de cão. Lembrava-me o «buraco» da Boa Hora.

Lisboa, 1931

Lena ia fechando os olhos, mordendo os lábios. Mas nem por sombras se atreveria a gemer, a soltar um ai, não fosse a Guarda irromper porta adentro e descobri-la naquela situação vergonhosa. Deixou que varressem para fora do seu corpo a criança indesejada, demasiado determinada em consegui-lo para atentar nas próprias dores. Mandaram-na ficar deitada por pelo menos uma hora, mas nem volvidos quinze minutos pediu a Irene que lhe estendesse a bolsa, deslizou as pernas para o lado da enxerga onde suportara as mãos e os instrumentos da abortadeira, que entretanto ia lavando as mãos e, depois, se aproximara com um trapo, para esfregar o chão de terra salpicado de sangue.

— O que estás a fazer?

— Vamos embora.

Irene achou que delirava:

— Já? Mas sentes-te capaz?

— Vamos embora daqui, antes que nos vejam sair.

A lucidez da amiga fê-la entender que conservara o sangue-frio. Admirou-a naquele instante, erguendo o queixo para ser capaz de a sustentar pelo braço com dignidade semelhante, e as duas foram em passos cambaleantes ao encontro do carro que as esperava na esquina. Irene pouco avançara, com a outra pendendo-lhe do ombro, quando reparou que Lena se punha muito pálida; nem os lábios conservavam algum rubor. Mesmo na escuridão daquele degredo, olharam-se quando a primeira estacou para observar a enferma, sentindo a mente inundada das imagens que acabara de suportar:

— Estás pálida — antecipou-se Lena, respirando no seu rosto.

— Tu também — devolveu Irene.

Quando Lena soltou um arroto involuntário, dobrando-se para a frente, Irene inclinou-se para o lado e vomitou contra a fachada de um casebre. Uma vomitava e a outra arrotava e cuspiam biles, numa cacofonia de arrepiar. Foram forçadas a recompor-se daquele delírio quando uma velha passou por elas, apoiando-se num cajado, descalça, e detendo-se ao ouvir aqueles arquejos. Por entre uma regurgitação e outra, Irene ouviu-a rabujar:

— Ora cá estão, mais duas perdas da vida...

Sentados num banco, vendo os homens inclinados sobre o balão de tiro ao alvo, fitávamos os patos e comemorávamos sempre que um atirador conseguir derrubar um. Acabei por lhe perguntar, quando consegui digerir a informação, como reagira àquela carnificina. Não me ocorria um outro modo de o colocar: os mistérios das mulheres são-me insondáveis, pelo que «carnificina» é, efetivamente, o vocábulo que me parece apropriado. Custou-me engolir a cerveja, e mais ainda porque a nossa cantadeira seguia com o olhar um rapazinho que passeava pela mão dos pais, carregando com grande zelo um saquinho de pevides.

— O filho dela teria agora uns 15 anos. Seria um rapaz parecido com os meus, fardado para a Mocidade Portuguesa, amigo de colónias de férias e de mergulhos inconsequentes no Tejo.

— Depreendo que não tenha sido do seu agrado participar nisso.

— Não era nada comigo, não me cabia ajuizar. Ela estava desesperada, restava-me ajudá-la. Ter aquele filho teria sido a sua desgraça.

— Pois — *Oh, Irene...*

Alisou a saia nos joelhos, como fazia sempre que algo a deixava desconfortável. Acompanhei o movimento das suas mãos pequenas, quase mãos de criança. Não pintava as unhas, mas tinha-as curtas e cuidadas. Creio que são resquícios de um tempo em que as professoras, de mãos cruzadas nas costas e régua atravessada nelas, se inclinavam para nos inspecionar o asseio generalizado, das mãos à nuca. Se tivéssemos piolhos, éramos mandados para casa com indicação de não aparecermos até se ter resolvido a praga, e, chegados a casa, rapavam-nos o cabelo, ou regavam-no com petróleo.

— Mas creio ter entendido que a sua amiga se desgraçou à mesma — contrapus, permitindo-me um longo suspiro. — Continua convicta de que ela não pode cruzar-se connosco por aqui?

A Irene abanou a cabeça, o olhar vidrado na criança e no saco de pevides.

— Muito bem. A vossa relação não voltou a ser a mesma, é? Sentiu-se culpada?

— Gostava de dizer que sim — articulou, rodando os joelhos para me encarar. — Mas a verdade é que nem pensei muito nisso, porque a essa reaproximação seguiu-se outra: o Henrique.

marido, Henrique e Rosa (esta última não lhe dava grande crédito, por estar envolvida no episódio do elétrico), e era comum saírem juntos pela noite lisboeta. A crescente reputação da casa de modas dos Sousa mantinha-a no círculo de boas relações que era suposto ter-se desagregado com o término dos estudos, quando cada um seguiu o destino que, desde tenra infância, estava guardado para si. Desse modo, e quase como forma de lhe mostrar gratidão, Lena convidou os restantes para a acompanharem a um concerto de Irene, n' O Ferro de Engomar. Assim que se restabeleceu, barricou-se com Irene no seu quarto, aplicaram uma à outra batom e pó de arroz, borrifaram-se com o frasco de *Chanel* de Maria Ana e saíram de casa com lenços ao pescoço, camafeus de brilhantes e uma nuvem de jasmim e sândalo a envolvê-las. Irene chamou um carro de aluguer, porque já estavam atrasadas para o encontro. Lena, sorridente, refeita, apertou-lhe a mão dentro do veículo.

A dada altura, antes de chegarem a Benfica, dirigiu-se a Irene com os olhos rasos de lágrimas:

— Se não me tivesses emprestado aquele dinheiro e ido comigo... — começou, mas Irene tentou evitar o assunto. Em parte para não ficarem nostálgicas, por muito que a nostalgia pudesse dar-lhe a mão na hora do canto, em parte porque se sentia enojada consigo mesma por ter tornado *o ato* possível. Sentia-se como que cúmplice dos desvarios da amiga. — E se não me tivesses levado lá...

— Olha o motorista — lembrou, e Lena pousou o rosto choroso no seu ombro e seguiu assim até à casa de fados.

Lisboa, julho de 1947

— Como foi rever o seu apaixonado? — Não resisti a perguntar.

Ela endireitou-se no banco, cruzou os braços sobre o ventre, ancorou a concentração a um atirador que derrubava um pato de madeira a cada tiro, para desalento do feirante.

— Foi como apaixonar-me de novo. Não nos víamos há tanto tempo... Pareceu-me que ele estava tão emocionado quanto eu mesma. — Estalou a língua. — Agora, soa ridículo, mas na altura acreditava que o que ele sentiu ao ver-me era um espelho do que eu também sentia.

Lisboa, 1931

De mãos suadas, boca seca e um sorriso indifereçável, foi conduzida por Lena

até à mesa onde Henrique, Luísa e o marido os esperavam. Rosa chegou pouco depois, dando a entender que podiam tê-la avisado do encontro para se embonecarem no palacete da Almirante Reis. Irene ficou sentada ao lado de Henrique e, durante o serão, falaram sobre o casamento eminente de Bernardo, quando Lena foi retocar o batom, e beberam espumante. Irene não pôde perguntar-lhe se o primo o traíra de algum modo, porque Henrique parecia contente por sabê-lo encaminhado. Antes de ela ser chamada a cantar, no canto em forma de ferro de engomar que batizava a sala de concertos, Henrique contou-lhe da noite no Parque Mayer e de como a considerava talhada para aquele ofício.

— Não queres mesmo estudar mais, não é? — indagou ele, revolvendo entre os dedos longos o cálice de vinho.

— Não me seria de grande serventia.

— Estás em idade de casar — observou, e ela susteve a respiração e recordou-se da afirmação que Lena fizera, a propósito de aquele homem bem barbeado, perfumado com água-de-colónia, de camisa imaculada e cabelo reluzente de pomada ter afirmado que *nunca* se casaria com ela.

Seria mentira de Lena? Só para garantir que não era a única despeitada do grupo? Era bem possível que assim fosse.

— Também não estou certa de que casar me seja de grande serventia — brincou.

— Mas, se te casares, vais avante com essa ideia de cantar? — questionou. Ela pousou o olhar no anel brasonado que ele ostentava na mão direita, e foi como se encarasse a personificação da tradição no nó do seu dedo. — Não sabes dizer?

— Sei — retrucou ela, resolvendo o dilema que lhe vinha, de repente, à ideia. — Vou cantar sempre, a menos que se me acabe a voz.

XXXIII

Voltando-se para mim, explicou que naquele momento sentiu que estava a fechar a porta a um possível futuro com o seu amor da juventude. A prostração do Henrique, o seu olhar perdido enquanto conversavam e que manteve, enquanto ela cantava, trouxe-lhe uma nostalgia que a inebriou. Por um lado, ele estava de volta à sua vida, por outro nunca o sentira tão distante. Como se os longos meses em que ela se dedicara àquilo que acreditava ser o seu único dom, o seu propósito na vida, constituíssem um fosso intransponível. Não é costume que uma mulher coloque uma ocupação — qualquer que seja — acima dos planos de casamento e de maternidade. Será que ela e a Ana Maria padeciam da mesma alienação?

Lisboa, 1932

Quando as últimas notas da guitarra ressoaram, e ela se silenciou e ajeitou sobre os ombros o xaile de franjas vermelhas, todos bateram palmas. Todos menos Henrique, que fitava o fundo do copo, estático.

Saíram todos juntos para a ruela onde Faustino e Henrique tinham deixado os automóveis. Luísa, como vizinha de Lena, ofereceu-se para a deixar em casa. Entraram no carro e Irene viu-se a ficar para trás, com um Henrique que fumava, taciturno. No último instante, enquanto Faustino invertia a marcha do veículo no confinamento de um beco exíguo, Irene avançou alguns passos até Lena. Segurou-lhe o braço e sibilou:

— É verdade que o Henrique disse que nunca há de casar-se comigo?

O olhar de alarme de Lena deu lugar a um pesar lamurioso. Acenou uma afirmação e, depois, ficou a ver Irene regressar para junto de Henrique, que

prometia deixá-la em casa em segurança. Irene sentiu o seu olhar segui-la e ao jornalista, conforme contornavam o beco e se dirigiam para o automóvel dele, num passo concertado de fim de noite.

Quando olhou para trás uma última vez, Irene viu o cintilar rapace nos olhos escuros e vivaços de Lena, a partir do banco traseiro de Faustino, e sentiu *medo*. Sentiu-se censurada e envergonhada pela ideia que lhe cruzava a mente. Mais tarde, Irene tentaria esconder da sua Nêmesis o desfecho dessa noite. Ao refletir sobre o arrepio que aquele olhar lhe causara, Irene soube que o que a incomodara era constatar, na expressão de Lena, que ela já sabia o que estava por vir ainda antes de a própria Irene se decidir a concretizá-lo. Sentiu-se enregelada por Lena ser capaz de lê-la com aquele nível de assertividade. A verdade era que instantes depois, ao deslizar para o lugar do passageiro ao lado de Henrique, que apagava o cigarro e assumia o volante, lhe veio à mente uma ideia inédita. Algo que desafiava a sua natureza e que sempre estivera adormecido em si.

— Consegues levar o automóvel, Henrique? — perguntou, porque ele bebera bastante durante as várias cantigas.

Ele assegurou-lhe que sim, que estava em plena forma para conduzir, e ela recostou-se no assento, sentindo uma ardência no peito, como se o rancor, a vingança, se ocupassem de si. Era algo novo e corrosivo, e estava intimamente ligado ao modo como Lena a repreendera com o olhar. Como se atrevia a ser tão severa com ela, tendo em conta a sua própria conduta e o auxílio que Irene lhe prestara? Um segredo daqueles destruiria todo o futuro de Lena. Irene não precisava de se casar para ter conforto material; Lena, sim. Irene não receava o julgamento de uma mãe desiludida; Lena, sim. Em tudo isso pensava conforme a brisa noturna lhe fustigava o rosto, e se sentia na estranha paz de ter Henrique em silêncio a seu lado, com o odor da sua colônia e o cheiro do seu cigarro à distância da sua ousadia.

Ao parar diante de casa, percebeu que Henrique não estava com pressa de se despedir, e ela não queria que o serão terminasse enquanto não o compreendesse um pouco melhor. Tinha de afastar a inexplicável percepção de que ele a apreciava, de algum modo masculino e rebuscado. Havia algo nela que o mantinha próximo, que o fazia hesitar em deixá-la. Ganhando coragem, convidou-o a entrar. Os dois caminharam até aos degraus de acesso ao palacete, sem pressa aparente apesar de já passar da uma da madrugada. Não havia ninguém na rua, nenhuma testemunha de que os dois jovens chegavam tarde e sozinhos a uma outrora casa de família.

Quando passaram sob o ulmeiro, Irene decidiu que iria deitar-se com ele, se ele a quisesse. Poderia nunca casar com ela, muito bem. Mas poderia ao

menos viver isso com ele. Com isso, decifrou a reprovação na expressão de Lena e decidiu que o ardor que sentia era a retaliação a brotar-lhe do peito. A certeza de que, se Lena se atrevesse a meter-se entre ela e Henrique, abria a boca para contar a Deolinda, e a quem mais interessasse, que ela tivera vários amantes e que inclusive fizera um desmancho. Se a insultasse, denegrisse, ou se viesse desaconselhar aquela ligação, ela deixaria de tratar os assuntos da outra como sagrados e abria a caixa de Pandora para as duas.

Fez figas ao deixá-lo entrar à sua frente para a casa na penumbra: preferia que Lena tivesse noção disso — que ela guardava um segredo seu, algo destruidor se descoberto — e se coibisse de a provocar. Que esse receio bastasse para que não voltasse a prejudicá-la fosse por que motivação obscura fosse.

Perguntou-se por que motivo estava preocupada com Lena, porque estremecia ao recordar o olhar da costureira, quando deveria era estar entregue à mais absoluta felicidade: o homem que amava entrava nos seus domínios pela primeira vez e, se dependesse de si, nunca mais voltaria a sair.

Por decoro, a nossa Irene não se alongou nas explicações quanto a esse seu devaneio. Desceu do pedestal de virtude que prometera à mãe e em que esta tivera tanta dificuldade em crer. Na manhã seguinte, coberta apenas com o lençol, e a admirar a própria imagem no espelho diante da cama, no quarto de Maria Ana, procurou entender como ele a via. Como a via antes e como a via depois de a fazer mulher nos seus braços. Observava a harmonia dos seus ombros, o comprimento do pescoço, o volume dos seios, que se insinuavam sob o lençol branco e para os quais nunca pressentira nenhuma valência.

Henrique saiu assim que o dia clareou, depois de a beijar na têmpora. Estava invulgarmente silencioso, mas ela também não saberia o que lhe dizer. Num primeiro momento, quis dizer-lhe que o amava. Por algum motivo, as palavras ficaram estranguladas na sua garganta: não foi capaz de as proferir. Quando ele se sentou na cama e lhe deu as costas, sentiu-se diminuída como nunca se sentira na sua vida. Estava sentada em roupa interior atrás de um homem que a achava indigna do seu nome. O que acontecera nessa noite não iria mudar isso. Pareceu-

-lhe que apostara todas as fichas naquela abordagem, e foi-lhe claro que também esse caminho falhara.

Lisboa, agosto de 1947

— Acredita que as mulheres tenham um sexto sentido, Serafim?

— Não saberia dizer — retruquei.

— Porque eu sentia que tinha acabado de me desgraçar para ele, mas ao mesmo tempo também sentia que ele não me merecia. Só que ele *ainda* não tinha feito nada para não me merecer. Acha que é possível que, de algum modo, eu já sentisse o rastilho daquilo que viria a ser a velhacaria dele?

— Não sei, Irene. Como se um homem, que aos 30 anos mata, já fosse assassino desde o berço?

— Isso.

— Hum... Não entendo como seria claro para os outros que ele se tornaria um assassino.

— Não para todos. Só para quem é sensível e está atento.

Lisboa, 1932

Irene permitira-se observar o modo diligente como Henrique vestia a camisa, ajustava os suspensórios, ajustava o cinto em torno das ancas magras. Pareceu-lhe muito jovem, vendo-o assim, à luz matinal. De algum modo, pareceu-lhe deslocado daquele cenário de cortinas de renda da senhora Silva. Nem tinham fechado a janela na noite anterior e, por isso, ela recordava-se dos contornos do corpo dele à luz prateada do luar. Guardaria também o seu cheiro a água-de-colônia e, como Henrique se pôs a fumar quando se deram tréguas, o odor acre do cigarro permaneceu após a sua saída.

Irene, que se deixou ficar diante do espelho, recortada na almofada, com o cabelo escuro e frisado espalhado em torno do rosto, procurou alcançar a dimensão do que acabara de acontecer. Açambarcando o cabelo com as duas mãos, alçou-o até libertar o colo por completo da sua sombra. Rodou o rosto para um lado e, depois, para o outro, vendo-se sob todos os ângulos. Achou os lábios um tanto pálidos, mas as faces apresentavam um rubor saudável.

Lisboa, agosto de 1947

— E os meus olhos brilhavam, senhor Almeida — completou, sem se inibir. Ouvia-a em silêncio, receoso de que julgasse que ambicionava conhecer outros detalhes impróprios da sua intimidade. — Nunca me tinha dedicado dois olhares, entende? Sabia que não era tão bonita como a Ercília Costa. A Ercília era linda e, por isso, nunca haviam de me convidar para fazer filmes. Também jamais seria notada ao lado de uma Lena, que além de ser mais alta e mais vistosa do que eu, era loira e sorridente, cativava quem quer que a visse

pela primeira vez.

Apercebeu-se, na altura, de como esse capítulo desconhecido da vida a tornava uma mulher confiante.

— Isto é, depende da mulher — alfinetei, sorrindo-lhe com benevolência apenas para que não me considerasse constrangido. — A sua amiga Lena não ganhou nenhuma confiança pelo facto de se ter dado a vários homens.

— O problema dela era esse: não confiava nos próprios encantos. Por isso tinha de diminuir todas as outras para se sentir acima de si mesma — voltou, o sobrolho a franzir-se de contrariedade. — Mas, é como lhe digo, eu também não me achava digna de desposar o Henrique, depois de me ter permitido aquela doidice.

Quedei-me calado. Nunca me pergantara o que faria com uma esposa que não me chegasse intocada. Creio que dependeria do motivo que me apresentasse para justificá-lo. Talvez pudesse aceitar uma mulher que tivesse sido enganada, mas não uma que tivesse experimentado vários homens para se distrair. Sei que soa tacanho e também sei que, na Inglaterra onde vivo há seis anos, não há costumes tão intransigentes. Não é assim tão pouco habitual que a mulher chegue maculada ao casamento. Acontece que cresci com a minha mãe e a minha tia, vi o quanto se preservaram das atenções masculinas indesejadas, como se deram ao respeito e evitaram, a todo o custo, envergonhar as famílias com comportamentos desviantes. É-me impossível não comparar todas as mulheres a essas, de virtude superior. E, apesar de não condenar a Irene, porque partilho de um pouco do seu romantismo, não consegui aplaudi-la por ceder àquele capricho da carne. Que necessidade tinha de se desgraçar aos olhos daquele que amava? Porque haveria de destruir as suas hipóteses de futuro com ele e de manchar daquele modo grotesco a sua honra, quando tudo o que queria era merecer a sua admiração? Com aquela atitude, validou todos os mexericos que a Lena pudesse vir a promover a seu respeito.

Em tudo isto refleti na altura, sentindo-me um tanto deslocado a seu lado no banco, com o copo de cerveja já morno entre os dedos. Talvez agora não a julgasse com tanta severidade, mas não me cabe retomar esta reflexão. Pareceu-me inapropriado que tivéssemos aquele tipo de conversa. Quis dar o assunto por terminado e regressar ao Hotel Europa. Quem sabe ainda fosse a tempo de tomar um caldo antes de me deitar; já nessa altura a cerveja cavava um fosso de acidez no meu estômago.

— Acha-me leviana?

Encolhi os ombros. Quis manter-me neutro, imparcial.

— Acha, sim — concluiu.

— O seu psicanalista achou-a leviana? — perguntei, tentando não a julgar.

A Irene atirou a cabeça para trás numa gargalhada que ecoou por todo o parque. Os rapazes que disparavam aos patos olharam-nos por cima do ombro, mas a sua curiosidade durou um breve instante. Depressa voltámos a escutar os disparos dos chumbos.

— Acha que eu disse uma coisa destas ao psicanalista?

— Mas, se não foi franca com ele, como podia esperar que a ciência dele a ajudasse a progredir?

— Serafim — proferiu, com inusitada suavidade —, deixei de ouvir o meu psicanalista quando ele sugeriu que eu sentia desejos inconfessáveis pelo meu pai.

— Desejos inconfessáveis? — Isso, sim, soou-me chocante.

— Sim. Sugeriu que eu fantasiava com o meu pai, que me interessava pelo sexo masculino à imagem dele, entende? — esclareceu, e levou a mão ao estômago, como que agoniada. — Estou a rir-me para evitar a náusea que senti quando o ouvi proferir aquelas palavras abjetas.

— Voltou lá?

— Nunca mais.

— E ele?

— Mandou-me uma carta a sugerir que os pacientes se tornavam mais resistentes à terapêutica quando era aflorado o verdadeiro motivo da sua disfunção. Pedia-me que não desistisse da psicanálise quando estava prestes a curar-me.

Agarrando-me àquele assunto como a uma tábua à deriva após um naufrágio — para evitar regressar às suas intimidades com o amigo —, indaguei:

— Mas não estava sob hipnose durante essas sessões? Como é que se recorda do teor das conversas?

De novo a risada gutural, mas os rapazes não se deram ao trabalho de nos fitar dessa vez.

— Hipnose? Anda a ler muitos folhetins da *Eva*. De modo algum, estava consciente, sentada e confortável. Ia fumando o meu cigarro e respondendo ao que me perguntava — decidi reformular. — Bem, na realidade, eu é que falava. Falava, falava, e quando ele me interrompia era para realçar algo que me parecia óbvio, ou para me perguntar se por acaso não tinha tido nenhuma fantasia indecorosa com a figura do meu pai.

— Parece-me repugnante.

— Foi o que achei; vil.

Mais tarde, deitado de costas na minha cama e de janelas abertas de par em

par para a Praça Luís de Camões, refleti sobre estas complexidades da Irene. Como era possível que se tivesse mostrado tão contida de início e, entretanto, parecesse tão à vontade a confessar-me coisas que não ficariam bem a nenhuma mulher, muito menos a uma casada e com filhos, cuja casa eu frequentava e cujo marido eu admirava com franqueza? Tive de me libertar desse desconforto, dessa resistência ao tom das suas confidências. Ela queria que eu escrevesse um livro. Flaubert escreveu sobre o adultério feminino, quando uma coisa dessas podia dar cadeia para o autor, e Eça de Queirós escreveu sobre incesto e chocou toda a sociedade portuguesa, que demorou a atribuir-lhe o merecido crédito. A minha grande inspiração, Somerset Maugham, um *Sir*, também não teve melindres ao escrever a respeito de mulheres promíscuas, e inclusive de *quase assassinas* — a mulher *quase assassina* é a que não sujou as mãos de sangue, mas que provocou um desespero tão intenso num outro ser que este acabou por provocar a própria morte ou por sucumbir à infelicidade. Muito bem, um dia haveria de escrever um livro sobre a Irene Silva Vaz. Quiçá uma Bovary do século XX?

XXXIV

No dia seguinte, foi o concerto, e eu sabia que a Irene teria outras coisas com que se preocupar durante o dia. Ainda assim, senti necessidade de fazer as pazes com ela. Havia a possibilidade de que ela se tivesse dado conta do meu preconceito, do meu julgamento, que decerto considerava tão descabido quanto o da sua amiga Lena. Era-me impreterível fazê-la entender que não me cabia tecer juízos de valor, mas apenas escutar. Então, e porque não teríamos hipótese de falar durante o dia, despertei afogueado de madrugada, a sonhar que tentava aproximar-me dela por entre o mar de aplausos, mas que a nossa cantadeira se recusava a olhar na minha direção. Passava por mim, de estola pelos ombros, travessão de brilhantes no cabelo crespo, os lábios cerrados em carmim e as sobrancelhas inconfundíveis e juvenis, e ia obstinada. Ignorava-me, e eu dizia-lhe numa voz esganiçada que não era a Lena, que não podia deixar de me falar porque não lhe fizera mal. E, depois, punha-me a gritar isso mesmo, mas ela nunca olhava para mim e, de repente, aquilo causou-me tamanha angústia que despertei na escuridão da noite cerrada. Passei uma toalha molhada no torso, vesti a camisa e as calças que pendurara com cuidado na cadeira empalhada ao canto, e desci até à receção a cambalear de sono. O rapaz estava a dormitar atrás do balcão, mas despertou quando me ouviu bater diante do seu nariz as moedas sobre a madeira envernizada. Pedi-lhe que deixasse recado ao *concierge* da manhã para que pegasse nos meus quinze escudos e, assim que o dia nascesse, enviasse o ramo de flores mais absurdo, mais despropositado, à grandiosa fadista Irene Silva Vaz, que nessa mesma noite haveria de deslumbrar-nos com o seu talento no Coliseu.

Só quando o vi apontar as minhas palavras é que pude regressar ao quarto e desabar uma vez mais sobre a cama, para dormir sem mais sobressaltos.

Durante o concerto, não pudemos trocar quaisquer palavras, e só a vi à distância, de xaile sobre os ombros, rosto tenso, voz vibrante e grave, poderosa e sonante, à luz dos holofotes. Choveram palmas no fim, e eu deixei-me ficar quieto no meu lugar para lá da chuva de primulas com que a granjearam no palco. Que mulher era aquela? A mulher do palco era gelada, dolorida, parecia-me quebrada. Como podia uma burguesa cantar assim? Faltava-lhe — na prática — o signo da desdita. Mas tinha-o na alma, gravado a ferro e a fogo. Era esse o seu encanto: o anel de rubi e o xaile com borbotos, os sapatos caros e o cabelo crespo, os lábios carmim e as sobrancelhas por arranjar.

Quando voltámos a sentar-nos juntos, a meio da manhã seguinte, convidou-me para irmos almoçar ao restaurante do aeroporto e, depois, podíamos ficar a ver os aviões da esplanada. Eu sabia que não era um programa em conta, mas assumi que, como sempre, ela trataria da questão financeira. Como não conseguiu que nos emprestassem o automóvel, e o marido andava pelo Bairro da Serafina, aventurámo-nos no carrossel dos transportes públicos. Caminhámos até à Rodrigo da Fonseca onde, mais ou menos de hora a hora, passava um autocarro da Carris rumo ao aeroporto. Subimos para o *AEC Regal* cor de ferrugem, e ofereci-me para pagar os bilhetes a bordo, ao que ela acedeu com graciosidade. Notei que havia na Irene uma grande excitação por se ver num daqueles veículos, e que ia observando os outros passageiros com evidente curiosidade. Não quis falar sobre a noite anterior, mas exibia um sorriso satisfeito que indicava que estava muito orgulhosa da própria prestação. No Campo Pequeno, inclinou-se para a janela até encostar a testa ao vidro tornado morno pelo sol de agosto, e apontou para o canto da praça, diante da imponente arena de touros de inspiração mourisca:

— Era ali, ali mesmo, que a santinha bordadeira costumava sentar-se!

Olhei, mas não consegui projetar a imagem da jovem tísica a bordar num banquinho de três pernas. Por sua vez, entendi que a via com nitidez, só faltou acenar-lhe. A Lisboa da Irene tem mais fantasmas do que a minha, percebi.

— Faz muito calor aqui, não acha? — observou, e limitei-me a concordar.

Tinha a camisa colada ao fundo das costas e via-lhe uma fina camada de transpiração a reluzir-lhe na têmpora. Também sobre o lábio superior havia uma pérola de suor, e a Irene, de olhos postos na estrada diante do veículo, usou a língua para a eliminar. Por algum motivo, aquele gesto inocente lembrou-me da sua promiscuidade com o jornalista e, quem sabe, com outros mais. Esforcei-me por eliminar essas imagens da mente, mas só quando nos sentámos n'A Esplanada, o restaurante do aeroporto, e ela se animou como

uma menina pequena perante a descolagem dos aparelhos aéreos, é que pude abstrair-me dessas imagens.

O consumo mínimo era de 5 escudos, mas, como íamos para almoçar, não nos pareceu uma soma assim tão inconveniente. Pedimos a refeição à sombra de um guarda-sol, expostos ao bafo sufocante de um verão demolidor. Não se estava muito melhor no interior e, ao menos dali, víamos e ouvíamos os motores dos *Douglas DC-3* da TAP e dos *Vickers - Vicking*, da British European Airways, que voavam à extraordinária velocidade média de 350 quilómetros por hora.

Quando o almoço chegou, distraímo-nos a cortar os bifes e a erguer os olhos para a torre de controlo e para a pista de aceleração sempre que um aeroplano se preparava para partir. Apontei-lhe um *Connie*, a bordo do qual eu mesmo aterrara em Lisboa. Expliquei-lhe que, uns anos antes, aquele aparelho atingira a velocidade média de 530 quilómetros por hora num voo entre a Califórnia e Washington DC. Não pareceu muito impressionada, quem sabe porque já nessa altura houvesse esta estranha noção europeia de que a América, ou o que sucede em solo americano, é sempre superior aos feitos do Velho Continente.

Enquanto degustávamos o pudim de leite, que por si só cumpria o valor do consumo mínimo, retomou a sua história do ponto onde tínhamos ficado antes da sua atuação: tornou-se amante do Henrique Simões. E eu, recostando-me na cadeira e abandonando a colher, enlacei os olhos num aparelho que operava na Linha Aérea Imperial, um nome pomposo para as ligações aéreas entre a metrópole, Luanda e Lourenço Marques, e tributei-lhe os ouvidos uma vez mais.

Lisboa, 1932

O jornalista começou a frequentar a sua casa, mas sempre após o pôr do sol. Quando saíam todos juntos, Irene sabia, por compreensão tácita dos assuntos de alcova, que não podia denunciar a ligação que os dois partilhavam. Era comum que Faustino e Luísa a deixassem em casa e, pouco depois, ouvia os nós dos dedos de Henrique a baterem ao mesmo ritmo na janela da cozinha, nas traseiras. Deitavam-se juntos sem se permitirem grandes conversações: ademais, Irene sabia que qualquer conversa só teria o condão de estilhaçar o frágil equilíbrio que partilhavam.

Numa dessas noites, Henrique percorreu-lhe o cabelo com os dedos.

— Acho que agora tens o cabelo mais curto que todas as outras jovens —

reparou, e Irene não entendeu se o seu novo aspeto o desgostava.

— Preocupa-te muito que não seja igual às outras? — arriscou, numa voz entaramelada de sono.

— De modo algum — replicou o jornalista, cortês.

E assim se encerrava outra conversa corriqueira entre os dois, sendo que nunca se lançavam em grandes reflexões juntos.

Lisboa, agosto de 1947

A propósito dos seus sentimentos pelo Henrique, a Irene disse-me o seguinte:

— É possível que esteja a perguntar-se porque me meti nessa situação. É mais um comportamento *à la* Lena do que *à la* Irene — começou, prudente. — Mas repare: eu amava-o. Ou achava que o amava. Quando deixamos de amar alguém, torna-se difícil recordar a afeição que lhe tivemos. Até nos sentimos estranhos, emburrecidos, quando o amor passa. Ficamos zangados connosco por não termos sido mais conscientes. Gostávamos de ter sido capazes de adivinhar o desfecho, de ter entendido mais cedo que o caso estava condenado ao fracasso. Mas, na altura, estávamos cegos, como deve saber. — Acendeu um cigarro, o primeiro do dia e, distraída, expirou o fumo na minha direção. — É por isso que não consigo ilustrar-lhe com maior clareza a sensação de bem-estar, de realização, de inquietude que ele me passava. O meu sexto sentido dizia-me que tínhamos pouco tempo, que era aproveitar cada instante. Era melhor passar duas noites com ele, mesmo me desgostando, do que a vida inteira estendida ao lado de um homem que não amasse. Agora sei que o que me doía era essa mesma inquietude, essa impressão de que, em breve, tudo estaria terminado e com grande prejuízo para mim, porque mais tarde experimentei a paz, a pertença, com um outro homem. Até aí não tinha vivido, não sabia nada do amor e dos seus motivos. Só sabia que sempre tinha desejado poder tocar no Henrique, encaixar-me nos braços dele, arrancar-lhe uma carícia e, de repente, isso era possível. Não conseguia imaginar um prazer maior.

— E durou pouco tempo, como previa?

— Durou quase um ano. — Apagou o cigarro, apesar de o ter acendido há instantes. — Acabou, porque comecei a sentir-me usada. A frieza com que se dirigia a mim em público desconcertava-me. Um dia, estalou a primeira discussão. A partir daí, fomo-nos afastando a cada novo encontro.

Lisboa, 1932

Irene cantou numa noite fria de fevereiro, perante uma audiência modesta que incluía Henrique e alguns dos seus colegas jornalistas. Diante dos compinchas, como era costume, ele resistiu a mostrar que privava com ela mais do que era do conhecimento público. Por essa altura, Luísa tinha um recém-nascido nos braços, Faustino via-se na impossibilidade de a deixar sozinha, porque se punha muito receosa sempre que havia previsão de trovoadas. Lena ficara a ajudar a mãe numa grande encomenda de Carnaval, que implicava dar ao pedal noite e dia, para costurar os fatos de dezenas de candidatas juvenis ao título de princesas do Carnaval no Éden.

Chegando-se à porta do Augusto, onde aliás começara a sua, até então, modesta carreira de cantadeira de fado, Irene percebeu que chovia torrencialmente. Henrique também se levantava da mesa e ia pagando os jarros de vinho dos amigos, atirando as moedas referentes a cada um para o centro da mesa entre gargalhadas. Da porta, ela conseguia ouvir-lhe a voz risonha: estava embriagado. Pois que fosse! Ganhou coragem para lhe fazer um pedido, algo que julgou que ele haveria de considerar razoável:

— Henrique, está a chover a potes. Estás de automóvel?

— Não vou para casa — retrucou ele, sem a olhar.

— Mas achas que podes deixar-me em casa?

Ele hesitou por um instante, de olhos postos nas moedas que resgatara do bolso das calças. Irene sentiu-se impaciente; apetecia-lhe encurralá-lo, acusá-lo de insensibilidade. Sentiu-se à beira de um desespero que apenas testemunhara em Lena: o mesmo aviso de lágrimas e de tremuras. Sentia-se ofendida ante a mera possibilidade de que o homem a quem se entregara sem reservas não lhe ter afeição suficiente para a levar a casa numa noite de temporal.

— Então?

— Vou chamar-te um táxi — sugeriu Henrique, enterrando as duas mãos nas calças e evitando encará-la.

— Como? Já há bocado diziam que a ventania tinha cortado as linhas telefónicas!

— Eu levo-a a casa — ofereceu-se um dos companheiros de Henrique, pondo-se de pé e agarrando o próprio casaco.

Irene fulminou Henrique com o olhar. Sentia os olhos ardentes de fúria e cerrou os lábios para segurar as ofensas que queriam brotar deles. O rapaz, por sua vez, ria-se para os companheiros e comentava o aumento do vinho no início desse ano. Irene não se segurou: tinha um estranho de casaco atravessado no braço à sua espera, de expressão bondosa e com franco *pesar* no olhar. E Henrique, entre gargalhadas, imune à sua angústia.

— Podias mostrar-te meu amigo e evitar que desse trabalho a um *estranho*. A taberna já está a fechar, não tarda nada tens de sair. — O nervosismo punhalhe a voz trémula, os olhos brilhantes e aflitos complementavam o rosto afogueado, à beira do histerismo.

— Tens de dar sempre trabalho a alguém, porque nenhuma mulher que saia de uma taberna a esta hora deve fazê-lo sem companhia, não é?

Encarou-a, de modo a garantir que ela compreendia a mensagem. Ela não estava certa de que a tivesse insultado, mas também não lhe transmitia grande consideração.

— Estou a apelar à tua amizade.

O rapaz que a esperava entendeu que havia mais do que amizade entre aqueles dois, e procurou resgatá-la de uma possível humilhação:

— Vamos? Parece que houve uma aberta...

— Vais deixar-me ir embora com ele, Henrique? — questionou Irene, num tom acutilante.

Henrique não respondeu. Voltara a sentar-se e debatia politiquices com os parceiros. Ela rodou sobre os calcanhares e saiu dali, recordando-se do rebaixamento de Lena perante José Touro. Então, era isso, o sentir-se usada. Aquela violação do companheirismo, da intimidade, dos laços de cooperação, do enterro da bordadeira, da conversa sobre as origens de Irene num banco à porta do teatro, tudo, tudo, era assim chutado para o lado como uma bola de trapos.

Pedi ao rapaz que a levasse à Travessa do Carmo, porque só Lena poderia entender o seu desalento naquele momento. Nem conseguiu desculpar-se pela sua grosseria para com ele enquanto tentava compreender em que conta Henrique a tinha.

Seguiram em silêncio durante o curto percurso, mas, antes de a deixar descer do automóvel, o rapaz interpelou-a:

— Irene, vive na Almirante Reis, não é?

Ela anuiu, embora desconfortável. Henrique teria partilhado algum pormenor da sua privacidade com os amigalhaços? O ruído da chuva dificultava a audição, mas ficou surpreendida quando o ouviu dizer que o irmão se lembrava bem dela.

— Que irmão?

— Somos vizinhos, o meu irmão casou-se há dois anos e saiu de casa, e a Irene mandou-lhe um quadro de presente de casamento, não foi?

— Sim — concordou, achando a coincidência esquisita.

Não era costume ver o Vaz mais novo, porque estudava Direito em Coimbra, enquanto Rafael se ficara pelo Técnico. Julgou reconhecer naquele

rapazola de bigode ralo a sombra que perseguia o irmão nas traseiras da casa, berrando para que parasse de abafar todos os seus berlindes.

— Ele achou o quadro muito... *curioso*, mas levou-o.

Irene assentiu. Chovia muito no exterior e sabia que seria indecoroso bater à porta dos Sousa àquela hora, mas precisava de Lena. Precisava de entender qual o desfecho daquele tipo de *affair*. Deveria desistir de imediato? Atravessar para o outro lado da rua quando circulassem na mesma via? Queria matá-lo, nesse instante. Mantinha-se suspensa na presença do jovem Vaz, mas sabia que, assim que se visse a sós, cairia de joelhos. E se estivesse grávida? Viria Lena dar-lhe a mão no beco do Bairro Alto? Pois se tudo aquilo a repugnava!

— Como vai o Rafael? — perguntou, distante, conforme empurrava a porta e descia para a rua lamacenta, enterrando os pés no lodo até aos tornozelos.

— Não ouviu dizer?

Ela escutava-o à chuva, com a cabeça noutro lugar, e alçou a bolsa para proteger o cabelo, sem chapéu, da água torrencial. Negou ter ouvido o que quer que fosse sobre o vizinho recém-casado e não se abalou quando o ouviu murmurar:

— A minha cunhada não resistiu ao parto.

Incapaz de encaixar aquela notícia naquele momento, rodou sobre os calcanhares e usou os punhos para castigar a porta de Lena. Viu o automóvel partir enquanto esperava que abrissem e levou a mão ao peito, para conter o pranto.

XXXV

Lisboa, agosto de 1947

Ficámos o dia todo pelo aeroporto, com a Irene de cotovelos apoiados no varandim e o rosto abrigado do Sol pela aba do chapéu. Bebemos vários copos de água com gelo e, a meio da tarde, voltámos a pedir acepipes para a mesa. Comemos os pastelinhos de bacalhau com os dedos reluzentes de gordura, e a Irene regalou-se com outra taça de pudim. Seria possível que tivesse engordado naquelas duas semanas em que desfrutávamos do melhor da cozinha nacional? Pareceu-me que sim, que ganhara peso: a cintura não estava tão vincada sob o cinto como no dia em que nos tínhamos conhecido, e eu também já me dera conta de que as calças começavam a apertar-me a barriga.

Ainda a limpar os dedos ao guardanapo de pano, sorriu-me:

— É difícil imaginar um sítio mais chique, não é?

— É — concordei, satisfeito. Tinha pedido uma taça de espumante e deixei que o efeito do gás me trabalhasse o ânimo. — Depois desse episódio, enterrou os seus sentimentos pelo jovem Simões?

Vi-a beber de um trago meio copo de água e, depois, levou a mão ao cinto para o afrouxar mais um pouco. Comera demais para uma figura tão franzina.

— A Lena ajudou-me, ou eu achava que me tinha ajudado. A mãe dela é que não achou muita graça a que eu tivesse acordado toda a gente com o meu desespero, e também não gostou que tivesse incomodado o sono da sua mais-que-tudo, que nesses dias mal sentia as pernas de tanto dar ao pedal.

Quando Deolinda as deixou a sós, depois de servir um chá a Irene e de recomendar à filha que não ficassem a conversar até tarde, porque pela alvorada retomavam as costuras, Irene pousou a cabeça molhada nos joelhos de Lena.

— Vim procurar-te, porque só tu entendes...

Lena acariciou-lhe o cabelo, valendo-se da própria camisa de noite para remover o excesso de água.

— Uma borrasca destas lá fora, e tu saíste para cantar?

— É o meu trabalho — gemeu. — O Henrique estava lá.

— Claro que estava — interpôs.

Irene soergueu-se para lhe ver a expressão, semioculta pelo candeeiro a petróleo sobre a cómoda, à distância:

— Se ele não se importa comigo, porque vai ver-me todas as noites?

— Eu acho que ele pensa que, a qualquer momento, podes tornar-te numa vedeta, e é sempre de bom-tom ter boas ligações, conhecer artistas. Sei lá, ele é jornalista, vive de histórias desse género. — Souu muito séria e muito madura, e Irene receou tê-la interpretado mal no passado.

E se Lena fosse só uma menina assustada, encantada pelo fulgor das atenções masculinas e, de repente, se tivesse sentido desamparada e censurada pelas melhores amigas?

— Mas não lhe cairia bem também o casamento com uma artista?

— Isso é outra coisa. — Hesitou e humedeceu os lábios, ao decidir prosseguir naquela linha de pensamento. — O Bernardo disse que ele achava graça a ouvir-te cantar, mas que, num dia que bebeu uma aguardente a mais, até chegou a dizer que te achava bonitinha, para uma mulher magra, e que só não te pedia em casamento porque tinhas uma conduta duvidosa.

— Não é verdade! — exaltou-se. — Eu cheguei a ele intocada e ele sabe!

— Chiu! Queres que a minha mãe nos ouça? — admoestou, e fez Irene pousar de novo a cabeça no seu colo. — Isso foi antes desta vossa história.

— Mas como é que ele podia considerar-me indecente, se eu nunca tinha sequer sido beijada? Ele foi o primeiro homem que me beijou!

— Bom, isso ele não tem como saber, não é? — Esboçou um sorriso misterioso.

Irene usou os dedos para pressionar a têmpora, e as lágrimas mornas deslizavam-lhe pelas faces até à flanela da camisa de noite de Lena, perfumada de sabão.

— Lena, tu és muito bonita. Alguma vez sentiste que um homem só se

aproximava de ti por seres bonita?

Nem de propósito, Lena enganchou atrás da orelha o cabelo que lhe cobria o rosto, uma espiral perfeita que salientava o maxilar delicado e bem desenhado, os olhos sonhadores e os lábios sinuosos, curvados num sorriso. Irene achou-a tão bela, nesse instante de entendimento, que lhe foi evidente que nunca viveria um dia nem com o fardo da beleza, nem com as regalias que a mesma trazia. Tudo é desculpável a uma mulher bela, e nisso Irene tinha razão.

— Tu também não estavas nada mal, antes de cortares o cabelo. Para que fizeste esse disparate?

— Não sei — admitiu. — Gostei do meu pescoço. O Henrique beijou-me aqui. — Aflorou o lado do pescoço com a ponta dos dedos, sentindo a própria pulsação. — Quis exhibir o sítio onde ele me beijou.

— Não te beijou em mais lado nenhum? — insinuou Lena, com um sorriso matreiro.

Irene encolheu-se de riso também, e de repente a risota deu azo a gargalhadas, e Lena voltou a pedir que baixassem a voz, para evitar novas repreensões de Deolinda. Deitaram-se lado a lado, e Lena, que cheirava mesmo muito bem a sabão, segundo a nossa cantadeira, sussurrou muito baixo:

— Ouve, tu tens um palácio e uma fortuna...

— Não é um palácio... — Entrelaçou a mão na da amiga, como que para lhe dar a entender que o seu conforto material não substituíra o afeto, o calor humano que a reconfortava naquele instante. — É um mausoléu.

— Mas parece. E deves ter tido alguns admiradores, nem que seja enquanto não falámos?...

— Não, ninguém — garantiu Irene, e depois sentiu as lágrimas marejarem-lhe novamente os olhos. — Lena, porque deixámos de falar desta vez?

— Porque fui tola — admitiu. — Não sei porque é que disse aquelas coisas. Acho que estava triste porque a minha mãe estava sempre a comparar-me com vocês. Dizia que tu eras muito esperta e que tinhas o futuro garantido, e que a Rosa soube mexer-se para garantir que não acabava na miséria. E que eu era uma preguiçosa que não tinha gosto nenhum em ajudá-la a sustentar a casa nem a cuidar do avô e do pai.

— É uma tristeza que as mulheres tenham de cuidar dos homens.

— Pois é.

— Mas isso de seres preguiçosa foi a senhora Deolinda que *disse*, ou tu que depreendeste?

— Já viste como falas? — riu-se Lena. — Como queres casar-te a falar

assim? Nem o Henrique que vive dos livros fala assim. «Depreender».

As duas prometeram que não deixariam que assunto algum voltasse a desentendê-las e, na semana seguinte, foram na companhia de Rosa ofertar um casquinho de inverno, de lã azul-escura, ao menino de Luísa.

Lisboa, agosto de 1947

— Lembro-me de ela ter pegado por essa frase específica — garantiu-me a Irene, com um sorriso entristecido. — Lembro-me de todos os pormenores dessa conversa, porque a senti de novo como a uma irmã, como já não acontecia desde os tempos dos jogos no recreio. Percebi que a mãe não lhe chamava preguiçosa coisa nenhuma, a mãe venerava-a. Era ela que se sentia sempre a perder para o mundo, para os outros. Era ela que assumia que vivia sob o signo da má sorte. Quando se acredita nessas coisas...

Mas a bonança não haveria de durar muito entre as duas amigas, ou não estaria aqui a martelar a minha *machine à clavier*, a perguntar-me como rematar esta história sobre mulheres enquanto faço disto o meu diário. Registo tudo sem a mínima pista de como devo montá-lo em forma de novela. Sou mesmo um escritor medíocre, gordo e anafado! E esta água de tremoços? Preferia beber xixi de burra, mas é o que me restou, depois daquele verão sublime em Portugal em que me empanturrei com todas aquelas delícias, e às custas da nossa Irene. Mas vagueio e sinto-me aborrecido. Que ordem devo dar a tudo isto? E porquê tanta importância atribuída a essa mulher? Porquê fazer disto a minha missão, quando vim para Portugal para descansar, e para isso apenas? Um breve vislumbre do seu rosto, das suas sobranceiras, n'A Esplanada... e é isto! Desconcertou-me. Vou recostar-me, a ver se me recomponho.

— Ah, não lhe disse — interrompeu-se. — A Julieta *depreendeu*, pelo estado dos meus lençóis depois da primeira noite com o Henrique, que eu já não era donzela. Fez uma grande cena, insultou-me, chorou, juntou as mãos e falou para a minha mãezinha, no céu, e foi-se embora. Voltou para Castelo Branco, a dizer que eu não havia de ter paz porque tinha manchado a memória da minha mãe. Disse que eu era pior do que a Ana Maria, porque ao menos o carpinteiro queria desposá-la. Como se eu tivesse culpa por o Henrique não querer casar-se comigo!

Ouvi-a com um riso enviesado, porque me via no papel de Julieta, a remover as mãos daquela imundice descarada. Ficar seria aceitar, tornar-se cúmplice. Pobre Julieta, regressar assim à sua terra depois de ter sido quase mãe da sua patroa!

— Foi assim que contratei a Celeste. Fiz-lhe uma única exigência: que nunca abrisse a boca a respeito do que quer que fosse que se passasse debaixo do meu teto. Ela pareceu entender que eu vivia uma vida um tanto *invulgar*. — Absteve-se de dizer «deviana». — E, como o salário era bom, o trabalho leve, porque cuidava apenas de mim e da casa, com a ajuda de uma outra criada e do jardineiro, e não de uma família inteira...

— Aceitou.

— Sim.

Lisboa, 1932

Por essa altura, o peso das recordações no palacete da Almirante Reis começava a esmagá-la. Às vezes, parecia-lhe ouvir o tilintar do chaveiro da mãe sobre o aparador do corredor, ou o ranger das madeiras no sótão. Chegava a sentir-lhe o perfume, mesmo depois de doar todos os seus vestidos a Cardaes e de esvaziar na pia os seus frascos de fragrâncias e loções. Também sentia a presença de Henrique pela casa. Em certa ocasião, tinham fumado juntos naquele cadeirão, e depois ela fora até à janela, com os olhos dele a segui-la. Foi a primeira vez que se sentiu desejada. Noutro momento, quando ele lhe disse que o jornal não estava a conseguir manter as vendas de anos anteriores, e que a Censura prejudicava a produção de ideias, a análise da situação do país, fora sentar-se nos joelhos dele, ao fundo da cama, e ofereceu-lhe os fundos de que necessitasse para reerguer a redação. Ele recusou e, pior, ofendeu-se. Era muito orgulhoso, o nosso Henrique Simões. Sentiu-se ultrajado, vilipendiado, pela ideia de tirar partido dos bens da mulher com quem partilhava o leito, e nada mais.

Lisboa, agosto de 1947

— As coisas iam de mal a pior entre nós, e vou confessar-lhe uma coisa. — Hesitou, ao formular. — Eu gostava mesmo muito dele, mas a mera ideia de que pudesse monitorizar as minhas saídas, ou de que quisesse de facto casar-se comigo, pelo dinheiro que fosse, porque, como sabe, o marido dispõe do património da esposa... — Sacudiu a cabeça, com veemência, e mordiscou a unha.

E não era isso que acontecia entre ela e Rafael Vaz? Parecia que ele lhe dava bastante liberdade, mas um casamento implica sempre algum grau de submissão por parte da mulher. Ela considerava-se uma completa insubmissa?

— O que aconteceu, então?

— Dormimos juntos mais uma meia dúzia de vezes, e eu via que ele tinha o cuidado redobrado de não me deixar de esperanças. Sabe como é. — Evitou olhar-me, mas pareceu-lhe importante que eu o soubesse. — E um dia, numa saída com a Lena e os outros, a Rosa virou-se para ele e disse que estava na hora de se casar.

Lisboa, 1932

Henrique bebeu mais um gole do seu vinho, esboçou um sorriso tímido, evitou os olhos de Irene, sentada a duas cadeiras de distância. Rosa insistiu. Não tinha ninguém em mente? E ele disse, então, que a única mulher que poderia tê-lo tentado já estava casada.

Lena pôs-se muito vermelha, esbugalhou os olhos. Irene julgou que era porque lhe falavam de Bernardo: por muito que o tivesse rejeitado, era só mais um capítulo na sua vida que terminara com a felicidade conjugal do outro. E ela sob a pressão cada vez mais cerrada da mãe, que lhe dizia que procurasse um bom marido, porque já tinha 21 anos e estava bem na hora de se dedicar ao lar, a bordar as próprias toalhas e a engomar os próprios lençóis.

Nessa noite, Irene decidiu que não voltaria a pensar em Henrique, mas encolheu-se na cama e chorou de saudade antecipada. Primeiro, porque adivinhava que estava condenada a uma solidão semelhante à que parecia acometer todos os do seu sangue — a mãe cantadeira, o pai nas trincheiras, o avô no buraco a tresandar a urina da Boa Hora, Maria Ana viúva e dependente dos convites das relações do falecido marido para uma *soirée* no Palácio Foz ou no Maxime. Depois, a casa ia-se tornando gigantesca, monstruosa. Celeste era uma fraca companhia, por ter levado à letra a recomendação de ser discreta, e tanto Lena quanto Rosa andavam muito empenhadas nos seus ofícios, e se saíssem duas vezes por mês era muito.

Irene descobriu, contudo, que cantar com aquele peso na alma lhe dava um outro alento ao fado e, em breve, os convites choviam para que se apresentasse em várias salas. Chegou a ser chamada para a revista, mas disso disse-me que não gostava. Gostava do amargo de boca que o fado lhe deixava; as gargalhadas da revista não se coadunavam com o seu caráter. Vendo-a tão admirada, a cantar na rádio, a traçar o xaile sobre os ombros todas as noites, a sentar-se por entre figuras cada vez mais proeminentes — inclusive censores que lhe perdoavam um versozito ou outro mais afoito —, Henrique sentiu-se despeitado.

— Serafim, já se deu conta de que alguns homens acham que as mulheres lhes pertencem, apenas porque um dia os veneraram ao engano?

— Ao engano? Mas não foi amor?

— Foi desvario. Sentia que me faltava viver, e sobretudo sofrer, para apurar o fado e para me tornar mulher e, por isso, melhor carpideira. O fado envolve muito pranto, como deve entender.

— Bem reparei, ontem. — Esbocei um sorriso, mas ela não quis comentar o serão da noite anterior. — Mas está a sugerir que o fracasso do seu *affair* foi premeditado, a fim de se tornar mais sentimental?

— Não, isso não diria. Eu gostava mesmo dele, lá isso gostava — garantiu.

— Só não consigo recordar-me de porque gostava, ou de como gostava. Agora, quando penso nele, não me diz nada, não percebo bem porque lhe dediquei os melhores anos da minha vida. Bastava ter estado atenta ao redor, ter permitido a outras pessoas que se aproximassem. Mas, pronto, tudo acabou como tinha de acabar.

XXXVI

Esboçou um esgar de desinteresse, de estranheza. Ter-se deitado com um homem que agora nada lhe dizia!... Porque me permiti afeiçoar-me daquele modo a ela, se fora alertado, logo de início, que errara e que era disso que queria falar-me? Dei mais um gole na minha água fresca, registei a aterragem de um dos aparelhos que nos chegavam de Lourenço Marques, cheio de funcionários de repartições públicas a bordo.

Henrique era-lhe uma figura segura da infância, contemporânea da sua mãe, da Missa do Galo na Igreja dos Anjos, e que, ademais, começara por a instigar a cantar, para depois a desenganar a esse respeito: cantando, não se casava. E ela, que lhe importava? Descobria em si mesma um orgulho que a levava a erguer o queixo, a calcorrear o seu caminho por si mesma, de elétrico, de táxi, chovesse ou fizesse sol. Não voltou a pedir boleia a ninguém, nem a aceitar que a resgatassem da sua imprudência. Também não permitia que a vissem sair de uma taberna na companhia de nenhum homem, o que, para uma mulher tão jovem, tão elegante, parecia improvável — pelo menos nesse meio em que não se esperava, à partida, que se portasse com diligência. Que mulher naquela vida de deitar tarde e acordar à hora de almoço ostentava uma virtude intacta? Ela sabia que tipo de rumores circulavam a seu respeito, e já nem isso a ralava. Ia amealhando os frutos da sua cantiga, continuava poupada na gestão do lar, e nunca gastara 10 escudos num alfinete, porque lhe serviam os pertences de Maria Ana para esse efeito (os que não acabaram em Cardaes, distribuídos por cegos e desvalidos). Não tinha necessidade de se rodear de objetos reluzentes nem de aumentar o seu guarda-joias, nem tão-pouco o guarda-vestidos. Era austera, séria e cada vez mais votada ao silêncio e à reflexão, por muito que se exhibisse, noite após noite, diante de uma audiência de homens sérios, de colarinho branco e anéis

brasonados ou, noutros serões, diante de marujos embriagados e da canalha que segurava as navalhas enquanto escutava o fado, pensativa. Homens que reparavam no seu cabelo curto, nos seus tornozelos finos, e que lhe descobriam o encanto de um dom natural, e que eram, acima de tudo, acirrados pela sua indiferença a qualquer par de calças, sem exceção.

A poucos dias da minha partida, e ao contrário de outras viagens que me vi forçado a fazer por via da minha profissão, dei por mim mais ligado ao que estava a deixar para trás do que ao que me esperava de regresso ao meu cubículo na redação. Era possível que o Harrison me convidasse logo na primeira semana para ir almoçar uma sanduiche de peixe frito, empurrada por um balde de cerveja,

Aquela estranha nostalgia de sentir que pertencia a um hotel numa praça que, depois do pôr do sol, se tornava sorumbática, tomou-me de surpresa. Vagueei pelas ruas ao anoitecer, de mãos a fundo nas algibeiras. Procurei a razão da minha resistência em partir. Seria a língua? Os pastéis da Benard? A minha tia e o reencontro reconfortante que tivera com ela? Ou seria apenas e só a Irene e o seu universo de palcos e xailes? Porque estava tão zangado com ela? Urgia responder a essa dúvida, porque crescia e se tornava corrosiva.

Chegado ao Jardim de São Pedro de Alcântara, apaziguado pela brisa que varria a cidade deserta, deslizei para um banco. Tinha diante de mim a homenagem da cidade ao fundador do *Diário de Notícias*. É, para mim, uma figura que inspira grande admiração. Eu era muito pequeno quando ele morreu, e ainda estava refém da Ajuda e das açordas de alho da avó e da mãe, mas quando o bichinho da palavra começou a instigar-me a estudar, cheguei a fantasiar com um memorial semelhante. Veio-me de novo à memória a Irene, como não podia deixar de ser, porque estava em Lisboa e agora a cidade pertencia-lhe.

A minha tia, a minha avó ou mesmo a minha mãe podiam ter despertado em mim uma maior compreensão para os dissabores do sexo feminino. Mas não, andei pela vida, até a conhecer, sem que as dores das mulheres deste mundo tivessem para mim qualquer significado. Quem sabe tivéssemos os dois beneficiado daquelas tertúlias: ela ao partilhar o seu fardo, eu por me tornar um melhor novelista, mais capacitado para entender as mulheres ou a natureza humana em geral.

A noite convidava à contemplação; a lua conservava algum do misticismo das noites anteriores, em que se exibira plena e luminosa sobre os telhados de verão. Da colina diante de mim, sozinho naquele banco e naquele socalco da cidade, chegava-me o vulto do Castelo de São Jorge, de canhões decerto

apontados a mim. E lembrar-me de que o castelo da minha infância era uma ruína! Pois não devemos ao governo pelo menos isto? Isto é a Lisboa monumental e fulgurante, ainda que o guarda venha dispersar-nos se houver ajuntamentos a admirá-la?

Demasiado macambúzio para resolver os meus enigmas nessa noite, mesmo sob ameaça de artilharia, devolvi as mãos aos bolsos e regressei ao hotel.

Detive-me na receção, de olhos postos no relógio atrás do *concierge*, e decidi que dez e meia da noite não era uma hora imprópria para um lusitano incomodar um viquingue. O mais provável era que o Harrison nem estivesse em casa, mas metido nalgum dos rebuliços que incendiavam as ruas de Londres por esses dias. Foi imbecil da minha parte ligar por mera convicção de que ele não iria responder, e meti-me na inglória tarefa de inventar um motivo para a chamada, quando o Harrison falou do outro lado da linha, no seu sotaque gutural de britânico injuriado.

— Quem se atreve a ligar-me a esta hora?

— Mahatma Gandhi. Gostaria de falar com o senhor Harrison, por favor.

— Que vem a ser isto?

— É o senhor Harrison? Era só para lhe perguntar, na qualidade de jornalista, se está preparado para *sair da Índia* a 15 de agosto. Já fez as malas?

— Se não fosse esse sotaque infame, talvez conseguisses levar a melhor — contrapôs. — Como está o tempo na Riviera?

— Parece uma conversa em código, «como está o tempo na Riviera?». Está insuportavelmente quente. Acho que um cara-pálida como tu entrava em combustão espontânea debaixo deste sol.

— Estás a sentir a minha falta, estou a ver. — Soube-me bem escutar-lhe o riso fanfarrão. — Quando voltas?

— Dia 15, precisamente.

— O Warren vai à Índia para a independência, sai daqui uns dias antes, já não te cruzas com ele. Com sorte, ainda beija o Gandhi e aperta a mão ao Jawaharlal (enrolava-se sempre neste nome) Nehru. Se te tivesses oferecido, é possível que te tivessem deixado ir.

— Sair do calor de Portugal para o de Deli? — Permitti-me rir no mesmo tom fanfarrão daquele real bebedor de *gin*. — Ah, ah, ah!

— Bom, mas que me queres, afinal?

— Nada, só ouvir notícias de *casa*. Como está tudo por aí?

— Na tua casa, não sei — ripostou, muito ao seu estilo —, mas em Londres prosseguem os protestos antissemitas. Até puseram por aí uns explosivos e tudo.

Divago porque hesito em aproximar-me do fim e em despedir-me uma vez

mais da Irene. Referir-me a Inglaterra como «casa» teve, nessa ocasião, um travo amargo que não antevi e que registei pela estranheza que me causou. Naquele meu estado de alma penada, subi para o quarto e por fim reconheci, na minha censura para com a senhora Vaz, um ciúme injustificado, ilegítimo, e porque não também a seu modo ridículo?

Exausto de tanto me autoanalisar — quem sabe o psicanalista da Irene pudesse hipnotizar-me para mais depressa chegar ao meu ego e superego, ou ao meu pressuposto inconsciente, a que eu não lograva aceder —, adormeci, sabendo que teria a Irene só para mim por apenas mais uns dias e que, a fim de alongar ao máximo o nosso tempo juntos, estava até disposto, por exemplo, a pagar carros de aluguer para a Rua Castilho.

⁷ «Quit India»: o nome do movimento que visava expulsar o domínio britânico do país. (*N. da A.*)

XXXVII

Lisboa, agosto de 1947

Na manhã que se seguiu a esse meu devaneio noturno, a minha pretensa clarividência face a um possível ciúme que sentisse quanto à Irene e aos seus *affairs* esfumou-se na luz solar. Ri-me de mim mesmo ao subir para o elétrico — decidi que não ia tomar carro de aluguer nenhum, estava doido ou quê? — e, devido a uma burra não documentada atravessada nos carris, e além dela e dos seus protestos a carroça com bilhas de leite e o leiteiro lívido perante o guarda-freio e o guarda-republicano, cheguei pelas onze a casa da Irene. Ia chateado pela minha resolução, tomada apenas para provar a mim mesmo que a velhice não havia de transformar-me num idiota, mas também ia satisfeito, porque aquela inconveniência serviu para ter a Irene em suspenso, indecisa se eu estava a caminho, se viria de todo. Estava no jardim de inverno, diante do vitral, e acompanhada pelo canto acutilante dos canários em êxtase.

Depressa descobri que se encontrava num estado de espírito curioso, ao vê-la de braços cruzados diante da luminosidade dos vitrais. Estava muito pálida, parecia que, inclusive, dormira mal.

— Sente-se bem? — acabei por perguntar, quando pousei no pires a chávena de café e me recostei no sofá. Ela anuiu; estava bem. — E o engenheiro?

— Vem almoçar connosco.

Pareceu-me que havia ali caso, mas se ela não queria dizer-me, não tinha porque insistir. Era-me impreterível entender que não podia exigir-lhe nada, que tudo o que tinha dela era o que se dispunha a oferecer-me, e apenas para a sua própria paz de espírito. Quando desisti de entender o que se passava,

voltou-se para mim, sem se sentar:

— Recebi um telefonema sobre a Lena.

— Ui! — Não consegui dizer outra coisa. — Ela está viva, então.

Deu-me as costas uma vez mais, muda e queda.

Durante o almoço, o engenheiro partilhou episódios da Exposição do Mundo Português, e de como ele e uma comitiva de ex-alunos do Técnico se tinham disposto a ajudar Cottinelli Telmo e o engenheiro Duarte Pacheco nessa estrutura megalómana. Pareceu-me que se apercebera de que o assunto me interessava — quem sabe a Irene lho tivesse confidenciado?

— O Cottinelli Telmo vivia ali, entre a sua tenda e a oficina improvisada do Leopoldo de Almeida. — Dando-se conta de que eu não fazia ideia de quem era a referida personagem, esclareceu-me: — O escultor das figuras na proa da caravela... No monumento aos Descobrimentos?

— Aquele pavilhão que sobreviveu?

— Exato. Aquela estrutura que acabou por ser reforçada em calcário, e que agora faz a frente ribeirinha.

— Para lá da ferrovia, sei — concordei, e relanceei a Irene, que parecia ausente.

Que género de assunto teria Lena a tratar com ela? Teria ligado a difamá-la, a ofendê-la? Ou a pedir-lhe auxílio e perdão? Em que termos teria colapsado a conturbada amizade das duas? E, mais premente, seria definitivo, ou apenas mais um interregno? Quando o engenheiro saiu para levar a Júlia aos avós, e os dois rapazes os seguiram contrariados, dizendo que não imaginavam nada menos divertido para fazer em agosto do que passar a tarde com a avó, vi-me a sós com a Irene na biblioteca e, perante a bandeja de refrescos e licores, dei início à conversação:

— Que se passa com a sua amiga, afinal?

— Não a chame «minha amiga». — Cruzava os braços e fitava o exterior, mas a voz com que se expressou estava desprovida de emoção.

O que se teria passado entre as duas para que um vulto do seu passado ainda influenciasse tanto o seu estado de espírito? Começava a sentir-me impaciente.

— Então, o que queria a sua Némesis?

— Que eu mudasse o meu depoimento.

Pestanejei demoradamente. Estava certo de que havia um lapso temporal entre o momento da sua vida que esmiuçávamos — o seu desajuízado caso com o jornalista — e um depoimento na barra de um tribunal.

— A Lena está presa? — indaguei, sem esconder o choque.

— Não, está desterrada.

Calei-me, porque percebi que não iria desenvolver o assunto de momento. A minha impaciência levou-me, ao fim de um bocado, a questioná-la sobre um outro assunto:

— Afinal, o Henrique pediu-a ou não em casamento?

— Claro que não. — Estalou a língua. — E estaria desgraçada se tivesse pedido.

— Se o diz.

Fiz um gesto para me levantar, estava prestes a despedir-me por esse dia. Se não lhe apetecia falar, que papel tinha eu ali? Estava francamente aborrecido. Faria melhor em ir visitar a minha tia ou privar com outros jornalistas, quem sabe recolher informações de relevância para a escrita de um romance de espionagem.

— Desculpe — acabou por dizer. Quando se voltou, vi que tinha os olhos marejados de lágrimas. — Serafim, eu...

— O que se passa?

Senti uma estranha agonia. Mas, se ela não falava, como poderia ajudá-la? O marido estaria a par do motivo da sua angústia?

— Acho que hoje não é um dia bom para falarmos — concluiu, e dirigiu-se à secretária de mogno, de cuja gaveta resgatou um lenço de cambraia com as iniciais R.V. — Não estou muito bem.

— Ela afeta-a assim tanto?

— Ela traiu-me. — E soltou um soluço que não antecipei. Não imaginava que guardasse todo aquele desespero no seu interior. — Ela traiu-me, foi velhaca, foi má. E eu amo-a. E odeio-a ao mesmo tempo. É horrível amar-se e odiar-se assim uma pessoa, ao mesmo tempo, com a mesma força.

Olhou-me de olhos chorosos, de repente cor de âmbar, incendiados pela emoção. Senti a boca seca e não tive reação para dar um passo em direção à mulher de lábios trémulos, rubros, que cuspiam lágrimas quando falava em pranto:

— Tenho vergonha de a amar, porque nem todos os que amamos merecem o nosso amor, e ela não merece. E por isso pede que me liguem, porque sabe da minha fraqueza. E eu sinto-me impelida a ajudá-la, embora não *possa*, não *posso*. Por amor-próprio, por respeito próprio. — Pareceu-me que era vital que eu entendesse. — Acha que é compreensível? O seu melhor amigo rouba-o, mente-lhe, engana-o, deita-se com a sua mulher, e você ama-o? Continua a querer redimi-lo? Salvá-lo de si mesmo? O meu marido diz-me para perdoar, que perdoar faz bem à alma...

Falava de cabeça baixa, com as palmas das mãos sobre o tampo da

secretária, e o lenço branco amarfanhado entre os dedos tensos. Eu limitava-me a observá-la, de pé sobre o tapete que cobria o espaço em quase toda a sua amplitude, o queixo descaído e uma indecisão a agigantar-se-me no peito... Avançar até ela, acariciar-lhe a nuca, puxá-la para um abraço, ou *esperar*? Esperar que na explosão emocional revelasse o que tardava a vir? Fui vencido pela expressão do seu rosto, quando o ergueu, pejado de manchas vermelhas.

— Porque é que não consigo desligar-me dela? Porque é que a miséria dela também é a minha, quando eu tenho tudo para ser feliz?

— Irene, é como diz... — balbuciei, sem me mexer do centro da divisão. — Porquê apoquentar-se com uma pessoa que saiu da sua vida? Instrua a Celeste para que nunca mais lhe passe telefonemas relacionados com essa mulher.

— Isso foi o que fiz durante anos — atirou-me, antes de voltar a baixar o olhar para o tampo da mesa. — Que não me ligassem, não dissessem o nome dela ao pé de mim. Quando o pai dela morreu, não quis saber, não fui ao funeral nem mandei flores, fiz o mesmo quando a mãe morreu. Não quis vê-la nem saber dela.

— Mas o que motivou essa rutura tão definitiva? — indaguei. — Se lhe custa mais estar longe dela do que lidar com os seus defeitos, porque não...

— Há um limite para tudo. Tive de me pôr acima disso. — Dito isto, varreu da face uma lágrima com o nó do indicador. Fungou, assoou-se e veio sentar-se diante do sofá que eu entretanto ocupara. — Acho que estou um bocado mais calma.

— Se quer acreditar que sim... — volvi.

— Eu e o Henrique deixámos de falar, e ele deixou de aparecer nos meus concertos — começou, sem me fitar. Parecia organizar os pensamentos. — Entretanto, o primo e a sua amada tiveram um filho, e o jornal entrou em falência. Imagine que tenham sido golpes duros para ele.

Assenti, a tentar acompanhar a vertigem da sua narração, bem como os saltos temporais.

Lisboa, 1933

Rosa conseguiu que a administração da escola lhe aprovasse o casamento, a muito custo, e só porque o noivo era um homem do governo, um funcionário de repartição pública com alguns bens pessoais. Escreveram ao diretor da escola, que era o primeiro obstáculo a ultrapassar. Ele tinha de autorizar o casamento, e por sorte era ainda o antigo patrão da sua mãe, e autorizou. Até

os felicitou — segundo Irene, esse diretor representa o que de bom os outros podem fazer por nós, embora muitas vezes não tenhamos consciência do quanto estamos ligados uns aos outros, de como dependemos dos outros e de como influenciamos a sua existência. Meses depois, o governo acedeu, até porque os enamorados declararam ter intenções de viver de acordo com os princípios morais e religiosos do regime, oficializar a sua união, legitimar os filhos que viessem a ter, na graça de Deus, e seguir os ideais de Pátria e Família. Como filha única, Rosa também desejava agradecer a mãe com a alegria de um neto, de uma família que prospera e presta um serviço à comunidade. Uma série de bajulações e de promessas vãs que cumpriram o seu intento: casaram-se na Igreja dos Anjos, sob a habitual chuva de arroz, e Henrique compareceu ao casório.

Do altar, junto dos noivos de cuja união se constituía madrinha e testemunha, Irene observou o seu amigo de infância e amante recente, muito hirtos entre Lena e Luísa, que durante toda a cerimónia se esforçou por impedir o filho de se escapar para a rua e de ser atropelado pelo elétrico. A cada vez que Luísa batia os tacões nas lajes e se soerguia para puxar Pedro por uma aba da casaca, Irene olhava na direção dos amigos, no banco. Seguiu com os olhos o porte aristocrático de Henrique, embora na semana anterior tivesse confidenciado a Faustino que não teria como pagar salários na semana seguinte e que, por essa razão, em breve fecharia portas. Irene ponderou oferecer-lhe uma vez mais ajuda financeira, dessa feita de modo desinteressado, ou quem sabe até impondo-lhe juro. Sem oferecer casamento, sem propor que retomassem o caso, sem exigir que a acompanhasse pelas tabernas de Lisboa nas noites chuvosas. Sentiu-se tomada da transcendência abnegada da amizade, e decidiu que durante o banquete, que seria servido no pátio da escola, encontraria meio de o abordar e de marcar uma conversa num sítio discreto onde pudesse propor-lhe talvez uma sociedade, caso o orgulho masculino o levasse a recusar. Não seria justo se uma quinzena de funcionários ficassem desamparados pela prepotência do patrão, pela sua inaptidão para aceitar ajuda quando esta lhe era oferecida. Que diria o Simões pai, entretanto confinado a um solar decrépito em Santarém, demasiado doente para se importar ou para sustentar a imagem do seu projeto de vida em ruínas. A culpa não era de Henrique, por ser menos competente do que o pai; a culpa era dos tempos, do lápis azul e do tom de escárnio que mantivera o jornal à tona, desde a sua fundação: uma crítica aberta e caricaturada da política lusa, agora silenciada por governantes sem sentido de humor.

Entretanto, Pedro voltou a precipitar-se para a nave da igreja, e Luísa

puxou-o pela bainha do calção, e os tacões ressoaram do chão ao teto de anjinhos músicos, e tanto Irene como a noiva olharam para ela, e deram com Lena a ostentar aquele seu ar de olhos esbugalhados, marejados de lágrimas, e nenhuma das duas percebeu porquê.

Durante o banquete, à sombra de rosas-bravas e de sardineiras, no pátio da escola onde Rosa dava aulas, ficou tudo mais claro. Quando Irene pediu para falar a sós com Henrique, e este a acompanhou até uma das salas de aula vazias, Rosa virou-se para Lena e perguntou-lhe porque estava tão afrita quando o dia era de festejo. Via-a de rosto manchado, mãos trémulas, lábios lívidos. Parecia à beira de um ataque de nervos e, no entanto, o dia estava ameno, o perfume das flores enchia o pátio, o menu era frango na púcara, uma especialidade de Alcobaça, de onde o noivo era natural, e havia abundância de peras-rocha em arranjos de fruta. A noiva estava viçosa e corada, sob uma coroa de flores e um véu imaculado, e daí a algumas horas teria a primeira noite de amor da sua vida.

Henrique estava de humor lúgubre, decerto devido à aproximação do fim do verão, e com isso se esgotavam os recursos do jornal e o encerramento se tornava inevitável. Irene estava preocupada com a ruína financeira do homem que, bem vistas as coisas, a arruinara a ela. Quem querería casar-se com uma mulher que já não era intocada? Era o mesmo problema que Lena encontraria quando chegasse a hora de casar. Poderia ser devolvida à família, e a sua falta de decoro seria replicada pelas ruas da capital, mergulhando os Sousa numa lama ignóbil.

Em tudo isso pensava Rosa, observando o modo como Lena mordida os lábios e combatia as lágrimas, torcendo as mãos no colo, num transe hipnótico. Era um modo fácil de se abstrair dos nervos de noiva; assim, pelo menos, não se permitia prever os obstáculos dessa noite, em que teria de acompanhar Joaquim à casa dele, onde entrara poucas vezes, e sempre acompanhada pelos pais ou pelos sogros, e onde teria de vestir a camisa de noite rendada no espaço exíguo do quarto de solteiro do marido. *Marido*, que palavra esquisita. E ele ali estava, as mãos enormes, as unhas cuidadas, as sobrancelhas espessas, os dentes alinhados. E olhava-a, quando ela menos esperava e quando ninguém reparava. E ela fugia do seu escrutínio, do brilho inusitado do seu olhar de predador. Quase queria fugir dos votos que acabava de proferir, tal era a agonia que a tomava. Então, focou-se em Lena, no seu nervosismo. Explodindo de impaciência, perguntou-lhe:

— Que tens, rapariga?

A outra demorou a responder. Na realidade, nunca respondeu. Rosa,

permitindo-se fugir por um instante ao seu próprio terror, compreendeu melhor o de Lena: é que as lágrimas começaram a cair-lhe, copiosamente, quando Henrique e Irene surgiram vindos do corredor de salas, a sorrir.

XXXVIII

Segundo Irene, era uma pena que o casamento de Rosa lhe tivesse ficado gravado na memória por esse clarão de compreensão que acometeu a noiva. Rosa demoraria algum tempo a partilhar com a melhor amiga a sua descoberta, mesmo porque lhe parecia improvável que tivesse compreendido bem. Era muito inusitado, até para Lena e para a sua volatilidade emocional. Mas um dia, lá acabou por a elucidar sobre esse episódio.

Na semana seguinte, Irene apareceu de surpresa para remendar o bolso de um casaco na casa de modas dos Sousa, e Lena veio recebê-la ao balcão, com um ar um tanto assustado. Irene atribuiu a sua expressão ao facto de ter vindo sem avisar. Não se viam desde o dia do casamento. Era habitual que, sendo hora de almoço, Irene se sentisse ainda sonolenta, e que Lena estivesse macambúzia, o que aliás era o seu estado habitual, a menos que bebesse espumante ou Porto; nesse caso, ficava exultante, tornava-se uma faladora incessante, ria-se muito e, antes de chegar a casa, inclinava-se sobre o próprio ventre e chorava. Nem sempre era claro o motivo pelo qual chorava, mas era o seu escape para as coisas incompreensíveis, indizíveis. Às vezes, Irene perguntava-se se ela seria doente, se haveria uma doença nela por diagnosticar. Não lhe parecia natural que alguém se entregasse a estados deprimentes tão violentos.

— Se fosse hoje, levava-a ali à Praça da Alegria, ao Dr. Santos Freitas que é especialista em doenças nervosas. Diz-se que curou gente em Paris, por isso havia de dar conta desta louca lusitana. — Era uma piada, mas não encontrei ânimo para me rir.

A loja ostentava uma fachada de madeira estilo *Belle Époque* e, no interior, havia um teto de estuque decorado com rosinhas e motivos vegetalistas,

espelhos com molduras de latão dourado, bustos pelo chão marmoreado e rolos de tecido sobre os balcões envernizados. Irene gostava de se posicionar na vitrina, de olhos postos nos inúmeros rostos de senhoras que paravam para admirar a confecção em exibição: um vestido de seda dourada a todo o comprimento, com duas manguinhas de balão curtas e um franzido no decote *à la mode*. Era de uma elegância indiscutível, sobretudo para as mãos de uma mulher que crescera entre as pernas do pai, por sua vez sentado num banco de três pés no Arco do Alegrete. Deolinda cumprimentou-a, beijou-a, agradeceu-lhe por ter resgatado a filha ao torpor melancólico que a tolhera durante tantas semanas. Depois, meteu uma nota na mão de Lena e aconselhou-as a irem almoçar ali perto, enquanto ela tratava do casaco de Irene. Foi um gesto respeitoso, mas Irene continuava a sentir uma distância tácita entre a mãe da sua amiga e ela. Como se Deolinda, embora a felicitasse pela ajuda prestada num momento crítico, tivesse as suas reservas quanto a considerá-la uma boa companhia para a filha.

Lisboa, agosto de 1947

— Lembro-me desse almoço e dessa tarde, porque foi a última vez que estivemos juntas como irmãs.

— Como pode dizer isso, quando já se tinha passado tanto entre vocês? — interpus.

— Tem razão e, se calhar, ela teria as suas queixas a meu respeito. Havia coisas que não dizíamos à outra. Eu fechava-me, como é evidente, porque entendia que ela não me merecia confiança. E, de vez em quando, ela tinha um gesto de inesperada bondade, ou abnegação, e eu ficava confusa e sentia-me culpada por a ter julgado com tanta severidade. Às vezes, dava por mim a perguntar-me se ela me tinha feito mesmo as coisas que eu imaginava que me tinha feito. Eram mal-entendidos, percebe? Parece que desvaneciam com o tempo, a ponto de só saber que estava zangada, chegava a esquecer-me do porquê.

— E ela não parecia dotada de grande inteligência. Se calhar, todos os problemas que causou foram por mero acaso.

— Isso é que não foram, porque ela saía sempre beneficiada, como já lhe disse.

— Realmente, não sei que mais pensar. — Apesar de estar mergulhado naquela história há tantos encontros, continuava a parecer-me tudo um tanto ou quanto surreal.

Via-me longe dos enredos de espionagem e de homens que fumam cachimbo e observam os seus pares por cima do jornal, com o chapéu de feltro enterrado até às sobranceiras. Sentia-me algo imbecil por me prestar a ouvir aqueles desabafos de senhora insatisfeita. Haverá algo mais mesquinho do que a inimizade entre duas mulheres?

— Nesse último *rendez-vous* de amigas, descemos até à Suíça. A dada altura, demos o braço. Estávamos as duas de tacões e havia água com sabão por toda a calçada. Ela escorregou e eu ri-me. Pouco depois, escorreguei eu e rimo-nos as duas. E houve um instante em que me esqueci de que não podia abrir por completo o meu coração com ela, porque nunca era claro o modo como iria reagir e poderia, inclusive, distorcer o que lhe contasse. Tinha bem presentes os avisos da Rosa, que a ia incluindo na sua vida, mas sem lhe revelar demasiados detalhes.

Lisboa, 1934

Entendia melhor a ligação de Lena aos homens da sua vida, uma vez que pertencera por uma ínfima fração de tempo a Henrique. Limitou-se a sorrir, ao abraçar a paz e os risos que partilhavam. Estavam as duas bem, e isso era de celebrar. Comeram fritos de camarão e pastelinhos de bacalhau, e Irene insistiu em pagar uma garrafa de espumante. As duas beberam com gosto, cumprimentando um ou outro freguês da Casa Sousa que ia entrando e tirando o chapéu à visão da jovem costureira. Além da costura, tinham um alfaiate de grande competência a ajudá-las com os trajes masculinos. Nessa primavera, tinham confeccionado um vestido de casamento, o que dera origem a diversas encomendas do género. Uma das chaves para o sucesso das criações era que Deolinda não abraçava empreitadas que não pudesse concluir, e não tinha pudores em buscar ajuda externa quando não dava conta do recado. Para o vestido de noiva, tinham chamado uma bordadeira, que enriqueceu o corpete do vestido, e tinham mandado vir da Madeira quase três metros de renda a um preço exorbitante para a cauda e o véu da noiva. Lena falou dessa saga a Irene e, a dado momento, pareceu insegura sobre continuar ou não. Fê-lo a medo, equilibrando a taça de espumante entre dois dedos:

— Irene, achas que algum dia vamos casar-nos?

A primeira reação de Irene foi rir-se e garantir que sim, mas depois entendeu que as palavras que ensaiava não correspondiam à sua expectativa nem vontade.

— Eu acho que não quero casar-me. Ou melhor, acho que não nasci para

relacionamentos amorosos. Mas tu, se é isso que desejas, não vais ter dificuldade em encontrar um marido.

Lena baixou o rosto, cujas pestanas tinham uma extensão impressionante e lhe conferiam uma inocência desarmante, e articulou:

— Os meus pais... — Irene entendeu que era apenas a mãe. — Esperam que me case com um homem de algum prestígio. Temos cada vez mais dinheiro e nem nos ocorre onde gastá-lo.

Irene compreendeu. Deolinda, como mulher prudente, hesitava em aplicar em futilidades o dinheiro recém-amealhado. Preferia garantir à única filha um futuro radioso.

— Já tens um pretendente em vista? — Como ela não respondia, Irene insistiu. — Já tens 23 anos, és quase um fóssil no panorama matrimonial.

Riu-se sozinha, animada pelo espumante. Como Irene não a acompanhava na risota, sentou-se muito direita para ouvi-la melhor, quando se decidiu a falar.

— Estou apaixonada por um homem.

— Sim? — Os olhos de Irene brilharam, mas sentiu que a amiga se atirava noutra paixão desenfreada e catastrófica, como vinha sendo padrão.

— Sim, mas ele não tem dinheiro.

— A tua mãe proíbe? — atirou, julgando compreender.

— Não, ela gosta dele. — Encolheu os ombros, parecendo desanimada.

— Ah, apresentaste-o à família? — Isso era um bom augúrio, e também uma novidade face aos homens que tinham ficado para trás no histórico lacrimoso de Lena.

— Não — cortou, e os olhos expandiram-se, como se a mera ideia a horrorizasse.

— Então, como sabes que a tua mãe gosta dele?

— Foi ela que sugeriu que me casasse com ele, por isso aprova.

Irene fez um sinal ao *garçon* para que voltasse a encher as taças de espumante, e manteve-se recostada, dando azo à imaginação em gargalhadas:

— Apaixonaste-te por algum velho de bengala? Ainda por cima falido? Algum antigo conde?

— Não.

— Nenhum palacete poeirento? Por falar nisso, estou a pensar vender o meu.

— Não — vacilava, e Irene acabou por desistir de tentar adivinhar.

O rapaz veio, vertendo mais bebida para as duas taças e recolhendo o prato vazio de fritos de camarão. Irene aguardava, e Lena, tendo começado, adiantou:

— Não é nenhum viúvo cheio de teias de aranha.

— Então, porque não se casam? Ele não gosta de ti?

Os olhos de Lena encheram-se de lágrimas, que nunca chegaram a correr-lhe pelas faces planas. Observando-a, Irene não tinha dúvida de que era fácil que qualquer um se deixasse encantar por Lena, a dificuldade surgia depois, quando ela se aborrecia da sua companhia, lhe imprimia qualidades que ele não tinha, ou lhe projetava defeitos incontornáveis. Também havia o reverso da medalha, quando era o homem que, extenuado pelas atenções de Lena — o que apenas acontecia se ele mantivesse uma certa frieza desde o início —, acabava por pôr um ponto final no namoro.

Vendo-a tão vulnerável, a travar um conflito interno indizível, Irene achou-a muito bela e muito danificada. Questionou-se sobre o que a teria destruído daquele modo. Uma alma sensível? Uma tendência para o melodrama? Seria fisiológico? Seria louca? Ou seria obra de uma mãe de génio forte, que lhe impunha toda a espécie de desmandos, enquanto aprovava todos os seus erros e a mantinha debaixo da saia? Seria Lena um mero fruto de uma mãe que lhe direcionava o futuro sem margem para vontades, e que a fazia anular-se perante os seus próprios desejos? Será que Lena buscava nos homens o tipo de aprovação que não sentia da mãe? Mas como, se a mãe a tinha acima de todos os seus interesses?

Lisboa, agosto de 1947

A Irene afastou essa ideia, por não conseguir formulá-la adequadamente. Mas a verdade é que horas depois, no pavilhão e perante os *cavalier king charles* que começavam a correr desenfreadamente, cada vez mais peludos e vivaços, me disse que continuava certa de que a Lena era fraca, manipulável, e que por sua vez manipulava, mentia e omitia, em busca de um amor incondicional que fosse um derivado do que a mãe lhe prometia, mas nunca concretizava por brusquidão natural. Aquela combinação de colo eterno e de incitação a que a seguisse, pegasse na agulha e costurasse, à sua sombra, teria arruinado a mente já de si volátil da jovem Helena?

— Estava convencida de que ela nunca colocava a si mesma as questões essenciais. Queria casar-se? Queria ser costureira? Queria trabalhar para a mãe? Gostaria de ter estudado mais? Ela ia com a maré, ao sabor das imposições da família, silenciou a própria vontade de tal maneira que um dia deixou de ter vontades, passou a ser só uma criatura contrariada, amarga, insatisfeita. Nada que fizessem por ela lhe trazia prazer. Ela não se permitia

ser feliz. E muito menos admitia que se fosse feliz ao seu redor...

— Quem era afinal o objeto do amor da nossa costureira?

— Ainda não entendeu? O Henrique, claro.

XXXIX

— **A** Lena perdeu-se de amores pelo Henrique?

A Irene dirigiu-me um olhar sorridente, carregado de escárnio.

— Ela alguma vez amou alguém?

Como poderia reformular? Antevi com facilidade o que se seguiu.

— Mas teve um caso com ele?

— Qual caso — repetiu, e a ponta dos dedos tremia-lhe sobre o colo. — Eles casaram-se.

— Mas... — comecei, mas calei-me.

Ela levou a mão ao ventre por um instante, como que para se acalmar, e fiquei suspenso do seu suspiro, da sua mágoa. É evidente que ainda lhe doía bastante.

— Ele dizia que nunca iria casar-se comigo, porque eu cantava à noite. Recusou a minha ajuda financeira, mas agradeceu-me e reforçou que sabia que não se tinha portado bem comigo, mas que me admirava bastante.

— Não sei o que vale a admiração de um homem por uma mulher — comentei, e ela dedicou-me um olhar impaciente. Foi evidente que, na época, essa demonstração de afeição por parte dele lhe trouxera prazer. — Embora entenda porque a admirava, claro.

— E abraçou-me — recordou, com estranheza. — Não entendi porque me abraçava, mas abraçou-me com força. Não era muito dado a demonstrações de afeto, por isso desconfiei do seu abraço, mas não lhe dediquei grande pensamento. Ele nunca me tinha abraçado — observou. — Quando estávamos juntos nos meus lençóis, nunca houve um abraço. Mais tarde, entendi que me abraçou porque sabia que ia dilacerar-me de seguida.

No casamento de Rosa, regressou à mesa depois de receber de Henrique o tal abraço e um sorriso débil. Irene estava sentada ao lado de Luísa, Henrique ao lado de Lena, Lena diante de Faustino. O silêncio crepitava entre Rosa e Lena, como se a primeira se tivesse dado conta de uma verdade inconveniente, enquanto Lena não encontrava em si mesma alento para disfarçar. Quando os pais de Rosa se puseram de pé para propor um brinde aos noivos, Rosa parecia apática — nervosa, sem dúvida —, Lena virou de um trago o conteúdo do seu copo. Irene riu-se. Estava leve, feliz, satisfeita pela realização dos sonhos daquela sua grande amiga. Também se sentia aliviada pelo facto de ter conseguido trocar algumas palavras com Henrique, oferecer-lhe apoio e mitigar o amargo de boca que ficara entre eles naquela noite de temporal. Fazê-lo recordou-lhe que Vaz estava viúvo, e que devia enviar-lhe os pêsames o quanto antes. Pouco importava que tivesse passado meio ano desde que lhe chegara a notícia: devia retratar-se o quanto antes. Ergueu o copo a Rosa com essa ideia em mente e, depois, pousou por um instante a mão no braço de Henrique, apenas para aligeirar o ambiente. Amava-o, mas entendia que era um caso perdido. Urgia aceitar a sua condição de mulher solitária.

Decidiu que ia vender o palacete, ia mudar-se para as Avenidas Novas, ia comprar um automóvel e aprender a conduzir. Se necessário, teria aulas de canto. Era-lhe claro que o fado seria o seu futuro, o seu único casamento. Tinha os amigos, os taberneiros, os donos dos restaurantes e das casas de espetáculos que a tratavam com respeito, que a cobriam de elogios e lhe traziam taças de espumante para celebrar as suas atuações, os funcionários públicos e os diretores de casas de espetáculos que, entretanto, tinham começado a procurá-la e a chamá-la para atuar em espaços revestidos a veludo e a talha dourada. Tinha os guitarristas, as outras fadistas, as mulheres da revista e do teatro. As Ercílias, as Hermínias, as Amálias e os Marceneiros daquela cidade em rebuliço, com quem por vezes partilhava refeições, passas e espumante no *Réveillon*, jantares dançantes, estreias de peças de teatro e retratos coletivos a preto-e-branco, em que toda a gente sorria com os cabelos muito lustrosos de tanta pomada e de tanta laca. Convencia-se de que ficaria bem assim e, em simultâneo, combatia as lágrimas porque adivinhava em Henrique uma nova distância — estava mais afastada dele nessa tarde do que na noite do temporal, e, no entanto, tinham sorrido e trocado elogios mútuos, e até um abraço. Lutou para que a sensação de conforto e de felicidade suprema pelos seus amigos permanecesse, inalterada, por todo o serão e pelos

tempos vindouros, mas tudo se estilhaçou algumas noites depois.

Como de costume, Luísa visitou Rosa com as notícias, e Rosa visitou Irene. Uma manhã, Irene foi despertada pela carícia débil de uma mão no seu tornozelo. Fazia muito calor, e ela dormia destapada. Ao sentar-se na cama, ajeitou a alça da camisa de seda e tentou focar o rosto da amiga na névoa pesada dos vapores do sono.

— Rosa? — proferiu, de voz entaramelada, quando lhe distinguiu a face encrespada na penumbra. — Houve algum problema?

— Podes vestir-te e descer para comer alguma coisa?

Irene nunca vira aquela seriedade na expressão de Rosa. Embora não fosse dada a grandes demonstrações de alegria, costumava ostentar um certo bom humor, um sarcasmo natural que muito apreciava.

— Está tudo bem? — indagou Irene, enquanto a seguia pelas escadas até à sala onde, alguns anos antes, tinham fumado ópio com os guitarristas. — O que foi?

Celeste já pusera a mesa, e Irene, apertando o cinto do robe, sentou-se e passou a vista pelo pão torrado, a manteiga, o doce de cereja e o jarro de leite frio. Rosa dirigiu-se à empregada, para lhe pedir café, e serviu Irene que, por adivinhar a solenidade do momento, se manteve num silêncio expectante. Enquanto a chávena de café fumegava entre as duas amigas, Irene começou a remexer nos últimos tempos, em especial na atitude de Lena na Suíça e, depois, enquanto subiam até à casa de modas, em que Lena lhe apertara a mão ao despedir-se, num gesto pouco costumeiro.

— É a Lena? — começou, apercebendo-se de que Rosa estava num dilema aflitivo, incapaz de articular o discurso.

— É.

— O que é que ela disse agora à mãe?

— Antes fosse isso — suspirou Rosa, esfregando o rosto com as mãos. — Ela vai casar-se.

— Mas isso é bom — observou, a medo.

Na sala, crepitava um silêncio incómodo. Rosa olhava-a por entre os dedos, de olheiras fundas, lábios ressequidos e expressão pesarosa. A cada vez que o ponteiro do relógio de parede se interpunha entre as duas, Irene sentia agravar-se o abismo no seu peito. Os olhos de Rosa pareciam maiores a cada segundo, e os lábios mantinham-se cerrados, como se não conseguisse obrigar-se a proferir o que quer que fora dizer-lhe. Irene começou por sentir um receio infundado, depois um frio na barriga, uma vertigem e, por fim, percebeu que tinha a cabeça muito leve, como se estivesse prestes a perder os sentidos. Rosa não era capaz de a apunhalar com a verdade, mesmo porque

esperava que ela já tivesse percebido.

Munindo-se de uma bravura sobre-humana, Irene apartou os lábios e procurou desmistificar o que a atormentava:

— Com o Henrique?

Rosa demorou a reagir, mas acabou por assentir. Irene cerrou os lábios, tal como fizera quando o médico a informou de que o ataque cardíaco de Maria Ana fora fatal, numa tentativa tosca de adiar a compreensão do que lhe era anunciado.

Rosa chorava em silêncio, Celeste evitava fazer ruídos na cozinha. Foi como se o mundo estivesse em suspenso para a deixar absorver a informação. Deixou-se ficar muito quieta diante de Rosa, com o rosto semioculto no cabelo por pentear, a sentir a indisposição, uma agonia que lhe vinha da boca do estômago. Uma dor existencial que se apoderou de todo o seu ser, e na sua mente colidiam as imagens do desmancho de Lena, o olhar de desprezo que Henrique lhe dedicara a cada vez que se arrastava por José Touro, ou o riso abafado do jornalista ao dizer que nunca esperara tornar-se primo de um filho de Lena, quando ela namorava com Bernardo. Lembrou-se do modo como Henrique, prepotente, costumava fazer pouco das tiradas de cabecita tonta de Lena, e de como ela chegara a chorar de humilhação quando ele a pressionava. Também era absorvida pela compreensão dos desabafos atabalhoados de Lena na Suíça, e julgou que nunca mais teria forças para se levantar daquela mesa, daquele golpe.

Lisboa, agosto de 1947

— Morri, Serafim — disse-me, erguendo os olhos da *Atena* para mim. — Morri naquele dia.

— Imagino que ele a tenha magoado muito, também.

— Ele? — Vi-a encolher os ombros. — Palavra de honra que não pensei nele. Mais tarde, sim. Mais tarde, nos três dias que me deixei ficar deitada, que faltei aos concertos, que recusei os caldos da Celeste e que não quis receber ninguém, ou sequer lavar-me, perguntei-me como é que tal coisa podia ter acontecido, como é que vinha a ser tecida nas minhas costas, sem que eu me apercebesse de que caminhávamos para aí. Ainda que ela fosse abjeta e desprezasse constantemente a nossa amizade, como é que ele podia fazer-me aquilo? Como é que ele se punha na vil posição de destruir uma amizade de quinze anos?

— Aqui, parece-me que a principal responsável é mesmo a Lena.

— Não é só ela. Algures, ele permitiu que ela se aproximasse. Olhou de um outro modo para ela, achou-a bonita. Aproveitou-se dela, sabe? Não tenho dúvidas disso.

— Pensei que tinha dito que ele era de confiança.

— Eu achava que era. Achava, acima de tudo, que ele era meu *amigo*. Eu fui amiga dele, não fui? Ofereci-lhe os fundos de que ele precisava para a porcaria do jornal, e tudo. Perdoei-lhe a sua recusa de levar-me a casa naquele dia de chuva. Mas sabe que mais? O meu amor por ele acabou nesse percurso, do Augusto à minha casa, à boleia do Vaz mais novo. Ia calada porque o amor se ia esvaziando de dentro de mim, ia escorrendo para fora. Ficou nas sarjetas entupidas de chuva, nessa noite.

— Mas, se ele estava falido, de que modo podia esse casamento parecer conveniente à senhora Deolinda? — Esforçava-me por acompanhar, mas tudo me parecia improvável e até absurdo.

Começámos a ouvir a Celeste a remexer nas panelas da cozinha, ali ao lado, dando a entender que começara a confeccionar o jantar. Tínhamos passado o dia em torno daquele assunto. O calor continuava misericordioso e, por isso, pudemos saborear um linguado grelhado no exterior, na companhia dos cães e da pequena Júlia que, entretanto, regressara de casa dos avós na companhia da ama. Ela não fumara um único cigarro o dia todo, o que me parecia notável.

— Ele era filho único. Por muito que o jornal estivesse a falir, ele iria herdar a casa de Lisboa, uma herdade em Santarém com criação de cavalos lusitanos, uma boa soma tanto por parte do pai como de um dos tios, que não tinha herdeiros. Só não dispunham de dinheiro no imediato, não tinham liquidez.

— E aí entrou a Lena?

— A senhora Deolinda, aliás — contrapôs a Irene, com um sorriso de viés.

— A Lena limitou-se a ficar calada e a aceitar todas as disposições.

— Não disse que rejeitava casar-se com o amor da sua irmã?

— Não, pelo contrário. Chorou nos braços dele, disse-lhe que lhe doía horrores ter-se apaixonado por ele, mas que não se manda no coração. E, se ele estivesse disposto a oficializar a união, seria uma boa esposa.

— Mas ele conhecia o passado dela.

— Isso era uma vantagem para ela: ele sabia o que estava a comprar, não havia riscos de a devolver.

— Uma Irene pura e cantante era menos desejável do que uma Lena maculada e engenhosa?

— Exato.

Soltei um longo suspiro ao pôr-me de pé, no fim da refeição. Ao sair, cruzei-me com o engenheiro no corredor. Ele regressava de mais um dia de planeamento urbano, como vinha sendo costume. Apertámos as mãos com solenidade sob o candelabro do átrio. Ele não me parecia tão falador quanto de costume. Estaria chateado com a Irene por insistir naquelas confissões indecorosas? Tínhamos pouquíssimo tempo, eu e a cantadeira, e a probabilidade de voltarmos a ver-nos depois desse agosto era quase nula. Talvez por isso, o engenheiro acabou por não se aborrecer demasiado, deixou que prosseguíssemos a bem da harmonia no seu lar.

Já na porta, interpelei a Irene:

— Como conseguiu ultrapassar essa dupla traição? Não voltou a procurá-lo, a dizer-lhe que também era uma mulher de posses?

— Acha que ia humilhar-me? Eu não gerava riqueza, Serafim. A Casa Sousa, sim, ia de vento em popa. Cantar não me trouxe a possibilidade de luxos e a fortuna da minha família era antiga, eu guardava-a fechada nos corredores de casa, não a exibia.

— Era um belo oportunista, o seu amigo.

— Não era só isso — admitiu. — Ele era muito vaidoso, e a Lena ficava muito bem como acessório no braço de um homem.

— Desde que não bebesse. — Sorri-lhe.

— Nem falasse. — Sorriu-me de volta.

Apertei-lhe a mão na despedida e inclinei-me para o seu ouvido, de olhos postos no vestíbulo vazio e nas vozes à distância, que se agregavam em torno da mesa de jantar:

— Foi então que o engenheiro voltou à sua vida?

— Foi então que o engenheiro voltou à minha vida.

XL

Vagueei por Lisboa ao anoitecer. Recordei-me de que setembro era o mês em que a lua se tornava mais sedutora. Nos meus tempos de (curtos) namoricos, de cinema e de revista, não foram raras as vezes que me encontrei ao cair da noite num dos muitos miradouros da cidade, em Santa Luzia, por exemplo, a contemplar o disco laranja que se insinuava no céu de verão. Não estaria por lá em setembro, quando a lua brilhasse em todo o seu esplendor. Contentava-me com as ruas inundadas de ouro, e com os carris reluzentes dos elétricos a desaparecerem no horizonte a cada colina. Deixei-me ficar por ali até os candeeiros de rua ganharem vida, movendo-me com um passo arrastado. Engraçado como a idade me pôs cada vez mais melancólico. Não saí de Portugal jovem — já tinha 54 anos quando me desencantei com o país a ponto de partir, mas nunca dedicara um segundo pensamento a esse desejo de me evadir de terras lusas. De repente, durante esse passeio, calcorreei a calçada lisboeta, observei os trolhas, os calceteiros, os pintores, os carpinteiros, que se inclinavam sobre os balcões das tascas ao fim da tarde, com os dedos encardidos em torno dos copos de bagaço, aguardente e vinho carrascão, e percebi que não me identificava. Não me revia nos Portugueses, com a sua nostalgia, o seu jeito elementar de depositar as amarguras no álcool, no luto, nos fados. Deu-me grande prazer escutar a Irene — e parecera-me muito estranho vê-la num palco, sob os holofotes, com dois músicos bem vestidos e solenes a dedilharem a viola e a guitarra, mesmo porque a mulher discreta do palacete na Castilho não me parecia feita para grande exposição — mas nada desta cultura da tristeza e do aceitar um destino invariavelmente trágico se coaduna com os meus pensamentos. Só nessa ocasião, a sentir a brisa que se levanta sempre aquando do derradeiro momento em que o Sol se põe, e já na chegada ao Largo de Camões, percebi porquê: nunca fora acometido de um

desgosto, de uma dor dilacerante, de uma desilusão insuperável. O motivo era claro, e o vulto de Camões revelou-mo com naturalidade. Nunca me senti melancólico, nem triste, nem português, porque nunca senti em mim a famigerada substância que arde sem se ver.

A Irene foi convidada para cantar em Santa Engrácia, nas Festas da Cidade de Lisboa. Era um junho quente, avesso a grandes melancolias. Foi por essa altura que começou a visitar um psicanalista.

— Já ouviu falar de Sobral Cid?

— Não, de quem se trata?

— Um desses homens modernos que estudam Freud e a Psicanálise.

— Viu-se estendida no divã, a falar da sua vida?

— Sim, e em troca de uma boa maquia — admitiu, enclavinhando as mãos no colo, enquanto o motorista do dia do Luna-Parque nos conduzia por Lisboa. — Gostaria que visse a quantidade de senhoras da alta sociedade que aguardavam naquela sala de espera. Todas elas a enlouquecerem por causa dos pais superprotetores, dos maridos ciumentos ou dos filhos ingratos.

— Imagino muitos diagnósticos de histeria — trocei, porque é o costume quando uma mulher ameaça perder a compostura: diagnosticá-la com histeria.

— Isso, histeria. No meu caso, não houve diagnóstico desse tipo. Eu precisava de ajuda para esquecer o meu desgosto, aquele homem que me destruiu a paz e que manchou todas as minhas lembranças de juventude, e aquela rapariga horrível.

— E era muito jovem.

— Tinha 23 anos, e nenhuma perspectiva de casamento.

Em 1934, a Irene costumava ir muito ao Odéon, o que era considerado um progresso face às tascas por onde começara a cantar, nas quais tratava todos os taberneiros por tu. O seu rosto esteve quase meio ano em cartaz, com dois guitarristas a pairarem acima da sua testa ampla e olhos escuros. Ela tinha um recorte de jornal a comprová-lo, mas não se lembrava de onde o guardara. Todas as pessoas importantes da sua vida tinham sido varridas pela azáfama da sua rotina e, por uma vez, a circunstância de acordar tarde servia de pretexto para que não pudesse reunir-se sequer com Rosa.

— Não queria ver a Rosa, porque ela havia de trazer notícias do Henrique e da Lena, ou do casamento dos dois, e eu não queria saber de nada.

— Mas nunca enfrentou a Lena a respeito dessa traição? — Parecia-me improvável que, numa cidade com a dimensão de Lisboa, os três nunca se

tivessem cruzado depois do anúncio do cataclismo.

— Sim, no dia do casamento dela.

— Compareceu?

— Mais ou menos.

— Mas foi convidada?

— Fui, pelo Henrique. Sabe como são os homens, agarram-se à ideia de que basta uma taça de vinho e um cachimbo para retomarmos a amizade depois de uma facada daquelas. Esperava que eu recusasse o convite, mas que me sentisse bem-vinda, estimada, por aquele núcleo de pessoas. Fui, mas com outras intenções.

— Os seus amigos sentiam-se confortáveis, nesse meio?

— A Rosa não se sentiria confortável, mas também não foi convidada. A Luísa foi, mas estava muito hirta e não parou de olhar para mim como se estivesse a antecipar uma bomba atômica durante toda a cerimónia, dir-se-ia que esperava que eu explodisse a qualquer instante.

— Lamento muito — sussurrei, mas ela não queria falar do casamento nesse momento, e sacudiu o assunto com um gesto de unhas pintadas e anéis reluzentes.

Lisboa, 1935

Uma noite em que chovia torrencialmente, depois de um concerto, apertou as lapelas do casaco e caminhou até à Avenida, onde teria mais probabilidade de encontrar um táxi àquela hora. Nunca mais sentiu a chuva do mesmo modo, desde que Henrique menosprezara a sua condição de mulher, a sua dignidade, e a remetera para uma boleia de caridade com o vizinho Vaz. Sair do trabalho à chuva era regressar a esse abismo de desconsideração e abandono. Ao chegar à Avenida, aproximou-se da berma da estrada e esperou. Sentia-se demasiado cansada para focar a visão nas chapas cintilantes à distância, que anunciavam os parques táxis que por ali circulavam àquela hora, alguns deles já ocupados. Se não fossem os tacões e o temporal, teria caminhado por meia hora até casa. Usava um casaco de pelo de raposa que a impedia de sentir frio e que a protegia de uma molha, e trazia um diadema dourado na cabeça. Fazia questão de se apresentar deslumbrante, de modo a ostentar a confiança necessária para erguer o queixo ao cantar. Tudo isso lhe pesava na hora de abandonar um concerto, porque choviam convites para a acompanhar a casa, ou para prosseguir para uma *boîte*, beber um Porto, rir mais um pouco. Ela só queria ficar sossegada, a ouvir a chuva nas

portadas da janela e a beber um chá de tília. Sentia-se sozinha e muito cansada, pelo que se arrancou com esforço àquele torpor, estendendo a mão para fazer sinal a um motorista que vinha a descer a rua. Foi então que ouviu a voz dele atrás de si, elevando-se do silêncio que ocupara a tagarelice dos bons vivants:

— Sempre consegui que a sua mãe a deixasse cantar.

Foi como retomar, com naturalidade, a conversa de alguns anos antes. Voltou-se e um sorriso nasceu-lhe nos lábios, porque daquele rosto que a olhava com orgulho não vinha nada de nocivo, nada que pudesse feri-la.

— Os meus sentimentos — articulou ele, visto que ela hesitava no que dizer. — Pela sua mãe.

— Os meus sentimentos — repetiu ela, atrapalhada —, pela sua mulher.

Ele vestia um jaquetão escuro e elegante, com um sobretudo de corte impecável sobre os ombros, e estava sozinho e deslocado no passeio, atrás dela. Segurava o chapéu de chuva e aproximou-se para a proteger do temporal que lhes desabava sobre a cabeça. Na estrada, o veículo parara e o motorista inclinava-se para abrir a janela e chamá-los.

O sorriso dele prolongava-se, e acabou por arrancar o mesmo reflexo a Irene:

— Nunca, num dia de chuva, a vi proteger-se com um guarda-chuva.

— Nunca me viu num dia de chuva — volveu Irene.

— Isso é o que pensa. Até o meu irmão a viu num dia de chuva.

E que dia de chuva. O motorista falava nas suas costas, e parecia impaciente por prosseguir a marcha:

— Boa noite, vão entrar?

— Sim — apressou-se Irene a dizer. — Tenho pena que... — Estava dividida entre o motorista que a esperava, esfregando as mãos, e o homem de preto que lhe sorria e a mantinha sob a cúpula do chapéu.

Ainda cheirava a cigarrilha e a água-de-colónia. Para Irene, foi um inesperado regresso às coisas seguras, a um momento roubado à sua existência em que se sentira apoiada, motivada, rodeada de doçura.

— Viu o concerto? Gostava que me tivesse falado mais cedo — admitiu, mas já abria a porta traseira do táxi (coisa que ele teria feito, se ela lho tivesse permitido).

— Irene... — chamou ele, inclinando-se para o veículo. — Amanhã, também vem cantar aqui?

— Na sexta-feira. — Acenou-lhe, já sentada e com o motorista pronto a iniciar a marcha.

— Levo-a a casa, então. — E retribuiu o aceno. — Quer levar o meu

chapéu?

Mas o carro já se afastava em direção aos Restauradores, e ela pressionava a mão contra o peito, apaziguada e assustada, tudo em simultâneo. Mexendo-se no assento, viu-o parado no mesmo sítio, sob um plátano, com o chapéu fechado e estendido na sua direção. O vulto da recente homenagem ao Marquês de Pombal, majestoso sobre um pilar imponente, assistia ao seu reencontro do cimo da Avenida.

Lisboa, agosto de 1947

— Perdoe-me interromper, Irene, mas aonde estamos a dirigir-nos? — questionei, quando percebi que estávamos a subir para o Chiado.

— Já vai ver — ripostou, misteriosa e sorridente.

— Se soubesse que vínhamos para tão perto do meu hotel, não teria ido até sua casa.

— Desculpe, foi uma surpresa que me ocorreu e, quando liguei a pedir-lhe que me esperasse na receção, já tinha saído.

Passámos diante do Teatro São Carlos e julguei que era para aí que nos dirigíamos, para alguma *matinée* que lhe desse prazer assistir. Prosseguimos, e o motorista imobilizou o carro mais abaixo na Serpa Pinto, deixando-nos diante de uma antiga casa de bilhares. Fomos almoçar ao restaurante Negresco, que fora inaugurado ainda nem um ano antes e que prometia serviço primoroso num espaço de luxo. A nossa mesa estava reservada e fomos recebidos com alguma cerimónia. Ajudaram-nos a despir os casacos e trouxeram a carta, que nos pusemos a analisar, esquecidos do psicanalista e do viúvo de chapéu em riste. Pedimos caviar com torradas para entrada, ao custo astronómico de 230 escudos — aponte-o escrupulosamente no meu diário assim que me vi no quarto de hotel —, e saboreei uma sopa de tomate perfeita para acomodar no estômago o que aí vinha. Tinha a franca percepção de que aquela seria, com toda a certeza, a melhor refeição da minha vida. Pus de lado o orgulho e dei rédea solta à gula que me trouxe a este jarro de água de tremozos que tenho diante de mim. A Irene comeu um prato de esparguete com anchovas, com grande graciosidade ao manusear a massa, que nunca lhe salpicou o queixo nem a roupa. Essa observação divertiu-me, porque eu consegui manchar a camisa, graças ao meu linguado frito com camarão, acompanhado de espargos em manteiga e alho. Fomos intercalando com vinho da casa e queijo *Roquefort*, e terminámos a dividir um prato de crepes *Suzette*. Não falámos de nada senão da excelente refeição e do brio dos *garçons*, enquanto íamos

degustando aquelas maravilhas. Quando, por fim, a conta foi colocada diante dos meus olhos, percebi que estava ali pelo menos um terço do meu salário. Porque insistia a Irene em fazer-me aquelas exhibições de *status*? O que estava, afinal, a celebrar na minha companhia?

Depois da refeição, que acabou por ser a última que partilhámos naqueles termos, fizemos um desvio até à Rua do Alecrim, porque a Irene queria comprar um painel de azulejos para oferecer à Celeste, que ia em agosto à terra e que era devota de Santa Bárbara. Uma vez o painel encomendado e pago, descemos a pé até ao Cais do Sodré, de olhos postos durante parte do caminho na obra de Pardal Monteiro, que agrega a estação de comboios e de *ferry* que une as duas margens do Tejo.

— Voltou a vê-lo nessa sexta-feira?

— Sim — atirou, caminhando sem esforço —, ele manteve a sua palavra e levou-me a casa.

XLI

Lisboa, 1935

Enquanto cantava, com a mão apoiada no ombro do guitarrista, Irene perscrutava a sala do Odéon em busca da figura de Rafael Vaz. Não localizou o seu perfil na multidão até quase ao fim do concerto, altura em que o taberneiro deixou cair uma bandeja e os copos se estilhaçaram, aos pés da mesa onde ele se encontrava. O estrondo causou, no palco, uma breve hesitação da guitarra e da voz, e Irene seguiu com o olhar o esforço do homem para reunir os cacos no trapo que trazia ao ombro, enquanto Rafael se punha de pé e sacudia as calças à luz das candeias. O murmúrio dos convivas elevou-se acima da música, e Irene perdeu a concentração por um momento. Depois, ao sentar-se, ele sorriu-lhe como naquele dia em que apoiara o queixo nos braços, no muro que separava as duas moradias. Encolheu os ombros e ela riu-se do estado em que se encontrava a camisa branca que ele vestia, maculada de vinho. A cantiga prosseguiu e, quando terminou, desceu do palco e encaminhou-se para a mesa dele, ignorando todas as mãos que se estenderam no seu caminho com ofertas de bebidas, flores e acepipes. Sentou-se sem lhe pedir autorização, como faria perante um velho amigo:

— Então? Não sou nenhuma Amália, não é verdade?

— Quem é essa Amália? — ripostou Rafael, arrancando-lhe uma gargalhada. — Já viu o que me aconteceu? É perfeitamente compreensível que já não queira que a leve a casa.

— Pelo contrário — afiançou. — Quero muito que me leve a casa, temos muita conversa para pôr em dia.

Deixaram-se ficar sentados à mesa redonda durante mais de uma hora, com Irene a beber espumante, a sua bebida de eleição, e Rafael a saborear um porto com contenção. Outros artistas subiram ao palco para cantar, mas conseguiram falar por cima do concerto. Ela espantava-se por vê-lo tão bem, tendo em conta que tinha um filho órfão de pouco mais de um ano, e que enterrara a sua amada no Cemitério dos Prazeres há tempo igual. Porém, não queria abordar esses assuntos no momento e, por isso, cearam do prato de chouriços, queijo e pão torrado que o taberneiro veio deixar-lhes na mesa.

— Julgo que não deve ter jantado, por isso mandei vir qualquer coisa para lhe matar a fome.

— Foi muito atencioso — ripostou, surpreendida pelo gesto.

— Foi a primeira vez que me deu uma resposta formal — retrucou Rafael, torcendo os lábios em reflexão. — Julguei que não era capaz de forjar formalidades.

Ela riu-se, como aliás voltou a rir-se várias vezes nesse serão. Entrou no automóvel dele e deixou que fechasse a porta quando se instalou no assento. Não ficou espantada por descobrir que os estofos cheiravam à cigarrilha e à água-de-colónia dele, mas sentiu uma ligeira picada de ciúme. Considerou que, sendo ele viúvo, e jovem, era natural que desse boleia a outras mulheres, pelo que se sentiu aliviada por não denotar nenhum perfume feminino nos assentos.

Rafael conduziu-a pelas ruelas lisboetas, até irem desembocar nas Portas do Sol, ao cimo de uma ladeira íngreme. Irene desceu sem esperar que ele lhe abrisse a porta, e correu para a balaustrada que circundava aquele terraço. Debruçou-se para o rio, cujas águas cintilavam sob o efeito luminoso de uma lua em quarto crescente. Apontou-lha:

— Veja, que lua maravilhosa.

— É — concordou ele, e foi sentar-se num banco atrás dela, puxando da caixa prateada de cigarrilhas. — Fuma?

Ela aceitou uma, deixou que a acendesse e, depois, ficou a vê-lo acender a dele. Tinha cruzado a perna e parecia muito descontraído, com um sorriso a bailar-lhe nos lábios bem desenhados e o sapato engraxado a reluzir na penumbra.

— Há quanto tempo não nos víamos? — questionou-a.

— Há uns seis anos.

— Como sabe que passou tanto tempo? Contou-o? — Pareceu divertido ante a ideia.

— Não, mas coincidiu com o meu primeiro concerto.

— Estou a ver. — Soprou o fumo para a atmosfera, e ela imitou-lhe o

gesto, cruzando um braço sobre o ventre cingido por um cinto apertado. — Tem frio?

— Não, estou apertada.

— A sua roupa não lhe serve? — A ideia pareceu-lhe hilariante, e lançou-se numa gargalhada a que ela se juntou com prazer.

— Nada disso, apenas não contava com aquele manjar tardio.

— Não tem um outro furo no cinto?

— Não creio. — E abriu o cinto, para analisar os furos. — Não, de facto, não tenho.

— Então, tire o cinto, é livre de o fazer — reparou o viúvo, recostando-se no banco e sorrindo à cantadeira de fado de pé, que oferecia as costas ao Tejo e ao luar.

Ela fê-lo, enganchando os olhos nos dele como que em desafio, e espetando o queixo para a frente. Depois, atirou-o para o lado e os dois riram-se como dois inconsequentes. Quando a risota esmoreceu, e para reavivá-la, ela correu para o pedaço de couro caído a alguns metros, de modo algo cómico, o que prolongou as gargalhadas de Rafael.

— É sempre assim?

— Assim como? — questionou Irene, com a cigarrilha suspensa do lábio inferior, como via nos homens da taberna.

— Tão engraçada?

— Tento — ripostou, sorridente.

Ele observava-a do banco e, depois, descruzou as pernas e inclinou-se para diante, batendo na cigarrilha para libertá-la das cinzas. Ergueu o rosto para a fitar, e parecia travar uma batalha inglória para segurar o riso no peito. Irene achou-o muito bonito, e sentiu a estranha vertigem de uma familiaridade que lhe era nova. Não entendia porque se sentia tão segura na sua presença.

— Conte-me tudo. Como se tornou cantadeira?

— Você sabe — retrucou, apoiando a anca no ferro forjado da balaustrada.

— Fui a uma taberna na Mouraria...

— A do Augusto — recordou ele.

— Ganhei alento e soltei a voz. Nunca mais parei.

— Recordo-me de que, nessa noite, tinha um jovem à sua espera com um ramo de flores.

— Hum — fez Irene, afastando a amargura que aquela menção lhe trazia.

— E o Rafael ia pedir a sua amada em casamento. Lamento muito.

O rosto dele ensombrou-se por um instante, mas recuperou o sorriso com agilidade:

— E a Irene ofereceu-me um quadro horrendo como presente de

casamento. Por acaso, não me terá amaldiçoado a união com ele, não?

— Se o fiz, foi sem intenção! — Levou as mãos ao peito para se desculpar, mas tinham voltado a sorrir e as nuvens dos assuntos delicados dissiparam-se. — Nunca pensei que o retrato do meu possível tio-avô pudesse causar-lhe desconforto...

Um instante depois, em que ela soltou um suspiro de bem-estar, ele falou de novo, com uma suavidade incaracterística no género masculino:

— Está muito cansada? Arrastei-a para aqui, mas deve ter sono.

— Estou habituada a ficar acordada até muito tarde. — E, depois, com um esgar, acrescentou: — É por isso que não hei de casar-me.

— Isso é um disparate.

— Veremos se é. Mas diga-me, como é o seu filho? — Sentiu uma pontada de curiosidade, e ele soube mitigar-lha com detalhes curiosos.

— Conhece o meu irmão, não é? Basta imaginá-lo com fraldas e gola de renda, e aí tem o meu Afonso.

— E com quem está ele agora, enquanto suja as camisas na noite alfacinha?

— Está sozinho com os nossos dois cães, o *Herculano* e o *Prometeu*.

— Mas que idade tem ele? — engasgou-se Irene. — Um ano? Oh, por favor, deve voltar de imediato!

— Mas porquê? Apaguei a lareira e tudo, quando saí!

Ela esbugalhou os olhos, horrorizada, e puxou-o pela manga do jaquetão. Ele bateu nos joelhos e riu-se com gosto. Ela julgou que era maluco, mas depois entendeu que lhe pregara uma partida.

— Está com a ama, mas valeu a pena. Devia ver a sua boca aberta de psmo.

— Melhor assim — respirou, aliviada, e depois empertigou-se. — Você é impossível, não é?

— A minha mulher garantia que sim. — E uma sombra de pesar trespassou-lhe os olhos claros, mas nem por isso deixou de sorrir. — Se calhar, está na hora de cumprir a minha promessa e de a devolver à Almirante Reis, não é? Está a tiritar de frio e eu ainda tenho a camisa molhada.

Ela anuiu, sem entender porque se sentia desiludida com a repentina despedida. Deixou que a levasse até casa, e, quando desceu do seu automóvel, ouviu-o perguntar-lhe:

— Quando volta a cantar?

— Não é obrigado a passar outra vez por aquele serão.

— Mas eu gostei de a ouvir cantar... — Arqueou as sobrancelhas.

— Não digo que não. O que quero dizer é que podemos ver-nos noutra contexto.

— Por exemplo?

— Por exemplo... — refletiu por um instante, e logo lhe surgiu uma ideia:

— Já viu o novo filme do Leitão de Barros?

— Não... — Na altura, ele ocultou-lhe que não sentia grande fascínio pelo cinematógrafo.

— Gostaria de ir vê-lo comigo?

— Muito bem, iremos então. Quando?

— Na *matinée* de domingo?

— Muito bem, é o dia de folga da ama, mas deixo o Afonso com a minha mãe.

— E ela dará conta do recado? — preocupou-se, porque não se recordava com exatidão da idade da vizinha Vaz.

— Como não? Ele só bebe leite, dorme e suja fraldas.

— Então, está decidido — concordou, saltando para fora do veículo.

Ele sorria-lhe, quando ela se voltou para esclarecer:

— Encontramo-nos lá ou...?

— Apanho-a pelas nove, pode ser?

Foi a vez de ela omitir que estimava que o concerto de sábado terminasse pelas duas da madrugada, mas mordeu o lábio e assentiu. Com efeito, quando voltaram a ver-se no dia combinado, ela exhibia olheiras profundas e sorria com lentidão, como se não compreendesse bem o que ele dizia, apenas que se ria dela. A meio do filme, adormeceu, o que lhe permitiu despertar revigorada quando a tela escureceu e os miúdos caminharam para fora, pisando as cascas de pevides que tinham atirado uns aos outros durante a película.

— Repousada? — auscultou Rafael, sustentando os dois casacos no braço à saída.

— Peço desculpa... — Cobriu a boca, ocultando um bocejo. — Adormeci, não era minha intenção...

— A que horas se deitou ontem?

— O concerto acabou pelas duas e meia e, depois, ainda fiquei pelo Ferro de Engomar a comer qualquer coisa. Talvez pelas três e meia? — Dedicou-lhe um sorriso enviesado. — Perdoa-me?

— Claro que sim. É o seu trabalho. — Apontou para o automóvel. — Acompanha-me ao almoço?

Ela concordou, convencendo-se de que dormiria pela restante tarde. Abandonaram o Politeama, sendo que, pela primeira vez, um homem cobria por si o escudo e sessenta centavos que custava um bilhete de cinema. Durante o almoço, no Garrett, discutiram o filme, a prestação das atrizes que tinham interpretado *As Pupilas do Senhor Reitor*, bem como o romance em si, da

autoria do portuense Júlio Dinis. Ele escolheu o restaurante, porque costumava ir lá ao domingo com os pais, e não queria quebrar a tradição.

— Tem a certeza de que eles não estarão lá sem si? — questionou Irene, receosa de se cruzar com os vizinhos.

— Absoluta. Estão em casa com o Afonso, a comer um frango com linguiça cozinhado pela nossa Maria José.

A dada altura, ele inclinou-se para ela e sussurrou, num tom confidencial:

— Sabia que o general Carmona vai ser reeleito?

— Como pode saber uma coisa dessas? — surpreendeu-se Irene.

— Vê aqueles homens de jaqueta e gravata, na mesa do canto? São a favor da moral e dos bons costumes. Vão garantir que ele é reeleito.

Irene sentiu o entusiasmo de discutir política com alguém, porque nem Rosa nem Luísa se interessavam por esses temas, e de madrugada, no balanço das aguardentes, não havia quem tivesse uma palavra a dizer sobre política, sob pena de ver o tasco encerrado pela Guarda. Olhou ao redor antes de lhe devolver, no mesmo tom de conspiração:

— Então, é verdade que o povo não decide coisa alguma.

— Sem dúvida. — Pôs-se de pé de supetão e exibiu um sorriso radioso. — Boa tarde, senhor engenheiro.

Irene viu-o apertar a mão a um homem relativamente jovem, de cabelo espesso e expressão solene, que ensaiou um sorriso na direção de Rafael.

— Como está, engenheiro Vaz? — cumprimentou o figurão, cujo casaco tinha um corte perfeito e as calças não exibiam um único vinco.

— Muito bem. Como vai o concurso para a construção da ponte sobre o Tejo?

— Vai de vento em popa, vamos recebendo projetos de várias firmas. Vai concorrer?

Rafael sorriu com modéstia:

— De modo algum, teria de ter uma equipa estupenda para me aventurar em tal empreitada. Sou demasiado novo para construir pontes. Conhece a fadista Irene Silva?

— Que importa a juventude? Antes dos trinta, já eu era ministro. Boa tarde, menina. — Voltou-se para Irene e tentou impedi-la de se levantar.

Estendeu-lhe a mão com curiosidade, enquanto Rafael o apresentava a uma Irene que se punha de pé, contra a insistência do cavalheiro para que se mantivesse sentada.

— Irene, apresento-lhe o excelentíssimo ministro das Obras Públicas, o engenheiro Duarte Pacheco.

Quando o homem se afastou, para ir juntar-se à mesa de conservadores em

que tinham reparado à chegada, Irene deixou que o queixo lhe descaísse.

Rafael sussurrou-lhe:

— Foi ele que convidou o Professor Oliveira Salazar para a pasta das Finanças.

Ela assentiu, impressionada, e antes que pudesse comentar, o ministro regressava à mesa, pediu-lhes que não se levantassem, desculpou-se por interromper o almoço e dirigiu-se a Rafael:

— Está empregado, Rafael?

— De momento, estou apenas a auxiliar colegas em pequenos projetos.

— Muito bem — assentiu, pensativo. — Se tiver interesse em participar nos projetos do governo, basta anunciar-se no meu gabinete. Não temos mãos a medir e julgo recordar que teve ótimos resultados no Técnico.

Rafael confirmou com humildade a impressão de Duarte Pacheco, e prometeu que iria procurá-lo assim que tivesse oportunidade.

Sorriu a Irene quando ele se afastou. Ela julgou ver-lhe um clarão de respeito pelo outro, independentemente dos ideais políticos.

— Admira-o muito, não é verdade?

— Muito, e é muito jovem, reparou?

— Sim, não deve ter nem 40 anos — comentou Irene, sentindo-se satisfeita pela oportunidade que acabava de ser oferecida ao seu amigo. Depois, intrigada, verbalizou a sua suspeita: — Diga-me uma coisa... Por acaso, escolheu este restaurante com o grupo de conservadores, e o engenheiro em particular, na mira?

Ele não respondeu, mas o sorriso assimétrico que lhe dedicou dissipou qualquer dúvida. Sentindo-se vibrante por tê-lo decifrado, terminou a refeição com grande apetite e, no exterior, de volta ao Largo de Camões, pediu-lhe uma cigarrilha, que ele se inclinou para acender.

XLII

Lisboa, agosto de 1947

—A meio da minha última semana em Portugal, comecei a empacotar algumas publicações que trouxera e que, por mania, dispusera em cima da cómoda. Também dobrei os casacos que empacotara por precaução, alheio ao facto de que havia de sofrer tanto calor nestas latitudes. A cada vez que passava pela mala aberta, com os casacos e as revistas britânicas ali acomodados, sentia uma vertigem na boca do estômago. Ia até à janela e via-nos a descer pelo largo, a tomar a Paiva de Andrade e a enveredar pela Serpa Pinto. Dei-me conta de que conhecia o ritmo exato do seu passo, e que me habituara a acompanhá-la na mesma cadência. Já me saía com naturalidade, e parecia-me intolerável que esse conhecimento peculiar de uma outra pessoa estivesse fadado à distância, ao oblivio. Será que também ela adaptara a sua passada, de algum modo, ao meu ritmo de homem anafado, encalorado, na antecâmara da diabetes? Sentiria a minha falta quando não tivesse com quem desabafar, como eu estava certo de vir a sentir a sua?

Vesti-me de modo impecável, chegando ao cúmulo de aplicar na camisa umas gotas de água-de-colónia, e saí para encontrá-la. Não sei o que pretendia com esses pequenos gestos de veneração, quem sabe apenas mantê-la fiel à nossa amizade, à nossa honestidade. De resto, não a imaginava mais minha do que imaginei outras mulheres antes dela. Ansiava pelo seu espírito, não pela sua carne. Convencido de que era um homem decente, um cavalheiro, fui vê-la ao longo dessa semana, com um sentimento semelhante ao que me acompanhou quando terminei o liceu. Na altura, era dos professores e dos colegas que receava apartar-me, porque pairava sobre mim a

mesma sensação homérica de que algo de uma enormidade inexplicável, inalcançável, se preparava para se abater sobre mim. Fechou-se ali uma página, plena da exuberância da juventude — mesmo para um rapaz reservado como eu —, e foi como se desde esse momento me tivesse obrigado a ser sério, a caminhar de costas direitas, com as mãos unidas nas costas, como um general aposentado e, pior, derrotado. Desde que terminou o liceu, aceitei tudo o que surgiu no meu caminho. Custava-me, nessas primeiras semanas de agosto, conceber que viria a aceitar um retorno imposto à minha solidão crônica. Senti, inclusive, o impulso de a convidar a visitar-me em Londres, com o marido e os filhos, se desejasse. Estava certo de que teríamos um tempo para nós. Havia de maravilhar-se com o Hyde Park, e de atirar pão aos patos com o seu sorriso de menina, o que lhe tomava as feições quando se esquecia da Lena e do Henrique, ou do pai desaparecido, durante uma fração de segundo. Eu teria oportunidade de ler bastante a respeito da monarquia britânica, e de lhe explicar exatamente quantas figuras de Estado haviam cruzado aqueles caminhos e espantado aqueles esquilos, e ela tiraria grande prazer de se pôr a par dos mexericos da realeza. Poderia abrir-lhe o livro da união escandalosa de Eduardo VIII com Wallis Simpson, uma americana divorciada por duas vezes, e conduzi-la pelo período conturbado da abdicação, dos rumores de que o monarca deposto por sua livre iniciativa tinha simpatias nazis, pelo *Blitz*, pelo desmantelamento de um império possante, que tombava por terra enquanto outras nações, um Novo Mundo e um mundo de exotismo indecifrável, tingido de vermelho, empunhando uma foice e um martelo, se sobrepunham ao nosso, o dirigiam e humilhavam com a sua hegemonia económica e influência política.

— Irene... — comecei, sentado a seu lado no automóvel, e refletido no retrovisor no qual, a tempos, cruzava o olhar com o do *chauffeur*. — Teria todo o gosto em recebê-la no meu modesto lar em Londres, se desejar. Recebo-a e à sua família, com todo o prazer.

Imaginei-a sobressaltada pelo ressoar do Big Ben, na Torre do Relógio, ou pasmada pela dimensão da Tower Bridge. Silenciei o pormenor sobre, poucos anos antes, um bando de esturnídeos ter sido suficiente para abrandar o tempo no ponteiro do relógio da Torre, devido ao peso. *O peso dos pássaros...* Haveria de pensar nesse título para uma novela. Quando fosse visitar-me, falar-lhe ia dos esturnídeos e de outros contos londrinos. Se houvesse algum teatro a exhibir a obra de J.M. Barrie, iria apresentá-la ao seu Peter Pan, à sua Wendy e à Terra do Nunca, onde as crianças nunca crescem.

Havia uma outra coisa que me parecia dispensável a essa minha fantasia de recebê-la, e partilhei-a com ela:

— Durante a guerra, era costume guardarmos silêncio durante os sessenta segundos em que o sino do Big Ben repicava. — Olhou-me com alguma comoção naqueles lagos de âmbar. — Era como uma prece coletiva, um cordão de gratidão e força para com os nossos soldados.

Ela assentiu. Pensava no pai, estava quase certo. Descemos do automóvel no Jardim da Estrela e, por graça, os sinos da basílica batiam as duas horas. As ruas estavam desertas, o calor não convidava a passeios. Apenas circulava por ali quem trabalhava pela estrada, conduzindo charretes, transportando materiais, distribuindo jornais e caramelos, cabaças de água e anunciando casas de gelados e sorvetes.

— Porque tem preferido deixar que nos conduzam? — questionei, quando escolhemos um banco diante do coreto e ela olhou em redor, deixando que a vista se enchesse de todo aquele verde.

— Foi o meu marido que me pediu que não conduza.

— Entendo. — Mas, na realidade, continuava sem compreender os ciúmes do engenheiro.

Eram ambos jovens, e muito conscientes da presença do outro. Isso era-me evidente. Havia trocas de olhares entre os dois, às vezes pareciam sustar a respiração. Eram um espetáculo de desejo e de cumplicidade, embora eu tivesse consciência de que os casamentos possuem uma fachada, um átrio, uma cave e um sótão. Eu via-os sempre ora da fachada — lavada, composta —, ora no átrio — abraçados em despedidas, um beijo discreto no rosto, uma mão que se demorava na do outro e, depois, o olhar fugidio do engenheiro na minha direção, como se lhe fosse vital que me lembrasse da sua presença, da sua importância na vida da Irene. Nunca os vi nas divisões superiores da casa, exceto quando ele lhe pediu que não me acompanhasse a Palhavã, porque a filha estava adoentada e me pareceu que estavam à beira de um desentendimento. Para mim, é agora evidente que estas considerações constituíam um disparate, o que me leva a crer que só entendemos os outros quando o tempo se interpõe para apurar o nosso discernimento. É também óbvio que a distância e o tempo são ingredientes essenciais à melhor compreensão do outro, e que quanto mais próximos deles estivermos, menos capacitados estamos para os percebermos em todo o seu alcance.

Sentado ao lado da Irene naquele agosto abrasador, por sorte na sombra piedosa das palmeiras e dos choupos daquele empreendimento romântico, soube que, por muito que me revelasse os seus pensamentos, eu não a conhecia melhor do que às estátuas que nos espreitavam por entre a folhagem.

O olhar da Irene acompanhou um guarda-rios que saltitava na proteção de

ferro do lago diante de nós, e murmurou, distraída:

— Conte-me alguma coisa sobre si, Serafim.

Refleti por um instante. O que haveria de extraordinário a meu respeito que pudesse interessar-lhe, ficar-lhe na memória?

— Bem, estive no Hospital de São José, à procura da minha tia Lucinda.

— Encontrou-a?

— Sim. — Depois, ocorreu-me o detalhe mais notável a respeito dessa minha parente. — Serviu como enfermeira na Grande Guerra, esteve no Somme.

— No Somme... — repetiu, como se procurasse compreender. — Como o meu pai.

— A Irene não sabe se o seu pai esteve no Somme...

— Só pode ter estado no Somme. Acha que ela pode tê-lo conhecido?

— Duvido muito. — Apenas não queria incitar-lhe esse tipo de esperança em coincidências tão improváveis.

— Porque duvida? Eram dois portugueses, dois lisboetas, num cenário infernal. Não acha que possam ter-se cruzado por lá?

Não pensara que ela fosse entendê-lo desse modo. Porém, se isso lhe dava conforto...

— Que idade tinha a sua tia em 1916? — indagou, e rodou os joelhos na minha direção, esquecendo-se do guarda-rios e da sua reflexão acerca de como, em fevereiro, as magnólias a florescerem tornavam aquele jardim no seu recanto favorito da cidade.

— Teria uns... — Esforcei-me por calcular a sua idade a partir da minha, nessa altura. — Uns trinta.

— Trinta — repetiu. — Era, portanto, bem mais velha do que ele.

— Que importa isso?

— Nada. — Estaria a magiciar um romance entre a minha tia e o seu pai?

Até onde fantasiamos em busca de conforto, de paz? No caso da Irene, de uma explicação do que se passara com o seu pai?

— Ela ainda não gosta de falar nesse assunto. Não menciona nada a esse respeito.

De lábios cerrados, anuiu, como se compreendesse. Depois, brincando com a aliança no anelar, prosseguiu a respeito do Rafael Vaz, tendo o cuidado de evitar abrir o livro da intimidade para com o homem que, a seu lado, ia atirando aos marrecos restos de bolacha *Maria*, que encontrei no fundo das algibeiras das calças.

A senhora Vaz deu uma festa para celebrar a chegada da primavera no seu palacete da Almirante Reis. Tinha parado de chover, e desde o casamento do primogénito que os jardins não se enchiam de convidados. Irene viu-se convidada na qualidade de vizinha — ou talvez de pessoa com quem a vizinhança por fim se preocupava, quanto mais não fosse porque a sua voz e o seu nome eram agora mencionados com alguma frequência na Emissora Nacional. Convenceu-se disso quando atravessou o jardim do qual Rafael se debruçara para ouvi-la cantar pela primeira vez, satisfeita pela perspectiva de voltar a vê-lo. O convite viera em nome dos seus pais, e não havia nada que sugerisse que tivesse sido ele a indicá-la como convidada.

Vestia uma confeção da loja Paris em Lisboa, um vestido de manga curta, florido, encomendado para a ocasião porque o tecido lhe chamara a atenção enquanto experimentava perfumes e meias de vidro. Outrora uma boa freguesa da casa de modas dos Sousa, fazia questão de atravessar para o outro lado do passeio quando por ali passava. Era a reencarnação da primavera e, sem dúvida, a convidada mais à altura da ocasião.

Emília Vaz atravessou o vestíbulo para a cumprimentar, e era a primeira vez que Irene se aproximava dela. Reparou em como era baixa, magra, trigueira, e em como cheirava a prímulas e a chá de tília. Nenhum dos filhos se lhe assemelhava. Foi depois encontrar-lhes os traços na figura alta e entroncada do pai que, de bigode lustroso e olhar cintilante, bebia à saúde de quem quer que com ele se cruzasse.

O interior da moradia não era muito diferente da dos Silva. Havia tetos em caixotões, painéis de azulejos da Viúva Lamego na cozinha (para onde se esgueirou quando teve sede e se viu apenas rodeada de álcool em taças de cristal), quadros de pintores naturalistas e modernistas, dos quais se destacava um Columbano na sala, porcelana chinesa na consola da lareira, lado a lado com os retratos a sépia dos seus antepassados, todos eles também trigueiros e de luto, e um centro de mesa de prata ofuscante, que transbordava de fruta e de flores. Os arranjos com laranjas e peras chamaram-lhe a atenção numa casa por onde circulavam desconhecidos e, com uma taça de espumante numa mão, e uma pera de um verde celestial na outra, saiu para o pátio fronteiro da casa e aproximou-se do muro de onde Rafael a observara. Ainda não o vira, mas sabia que estaria algures por uma das divisões da casa.

Foi Afonso que a encontrou em bicos de pés, para tentar perceber se Rafael a vira debaixo do ulmeiro, ou se apenas escutara o seu pranto em tom de fado. O menino, que foi agarrar-se-lhe à saia de seda, caminhava cambaleante

e tinha o cabelo de um loiro escandinavo. Ergueu na sua direção uns olhos muito verdes e amplos, e uma boca húmida de baba e de dentes em erupção. Distinguiu Rafael sentado no banco de jardim, sob os ramos de um pequeno laburno por florir, e sorriu-lhe como quem se dirige a um velho conhecido.

XLIII

— Creio que esse papa-açorda foi limpar as mãos ao teu vestido — cumprimentou.

— É o seu filho?

— Quando vais tratar-me por tu?

— *D'accord* — concordou, ainda de olhos postos na criança, que trazia um delicado bolo de limão esfarelado entre os dedos. — Posso pegar-lhe?

Como ele assentiu, com um sorriso a dançar-lhe no canto dos lábios e um brilho trocista nos olhos, ela inclinou-se para içar a criança para a anca, mas foi surpreendida pela veemência da sua recusa. Foi como se lhe rosnasse, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Largou-o de imediato, e o pai bateu no joelho, enquanto soltava uma gargalhada:

— Foi o que pensei. Desde que começou a andar que não deixa que lhe peguem.

— Foi uma armadilha — ripostou, e encaminhou-se para o banco, a seu lado. — Ele pode ficar ali sozinho?

Viu-o ajoelhar-se numa secção húmida do jardim e seguir uma lesma, com o indicador espetado. Rafael continuava a rir-se entredentes, de olhos postos no seu herdeiro:

— Não percebes nada de crianças, pois não?

— Não — admitiu, sem amargura.

— Não queres ser mãe?

— Não estou certa disso.

— A Constituição sugere que o sejas depressa. O que é uma mulher sem um homem que a oriente?

— Cantadeira? — arriscou, com um trejeito.

— Pois, só se for cantadeira.

Esperou que ele estivesse a ser irónico e decidiu desviar a conversa. Afonso segurava a lesma junto ao rosto corado e ignorava o bolo, que se desfazia sobre a fazenda das calças. O casaco de lã pendia-lhe dos cotovelos e ela conteve o impulso de ir ajeitar-lho. Deu-se conta de que sentia os braços enregelados na brisa do fim de tarde.

— Estás aí há muito tempo?

— Umas duas horas — esclareceu Irene.

— Só cheguei há pouco, ele estava a dormir.

— E a ama?

— Está a preparar-lhe o leite.

Estavam ali tão tranquilos que era difícil acreditar que, a dois passos, decorria uma festa com pelo menos quarenta convidados. Irene saboreou essa sensação de paz e soltou um longo suspiro de satisfação:

— Sempre conseguiste uma posição junto do ministro?

— Ainda não fui ter com ele. Ando ocupado com a *Lisboa Antiga*.

— Que vem a ser isso?

— O projeto de um bairro em miniatura, para as festas da cidade.

Ela não sabia que mais dizer. Pôs-se de pé e alisou o vestido nos joelhos, dando-se conta de que tinha frio e sede.

— Estou a ficar com frio, vou entrar. O jantar deve estar quase a ser servido.

— Até já.

Ao olhar para trás, vendo-o sentado muito direito com a atenção focada na criança, que estendia a língua para a lesma enquanto ele se ria e dizia «Calma, filho, vem aí o leite!», perguntou-se se o achava bonito. Se ele ocupava, de algum modo, algum dos seus recantos que tinham pertencido a Henrique. Mas não conseguia imaginar duas pessoas mais distintas, e, por muito que não lhe parecesse feio — e que cheirasse bem —, não sentia nada. Só sabia que gostava da sua companhia, do sossego que lhe transmitia a cada gesto e do seu sorriso fácil e um pouco assimétrico. Na sua presença, dava-se conta de que como se isolara e de como se sentia só.

Ficou satisfeita quando ele foi sentar-se a seu lado, durante o jantar. A senhora Vaz dispusera a sua melhor porcelana na mesa, e um outro centro de prata, também vistoso, tomou o lugar do de fruta e flores. Agora, a mesa explodia com a exuberância das prímulas e dos narcisos, e Emília anunciou que fora ela mesma a colhê-las nessa manhã, juntamente com os lilases que decoravam a sala de convívio, aonde deveriam dirigir-se após a refeição. Havia candelabros em toda a parte, apesar da luz elétrica ser uma constante em

todas as salas.

Comeram saladas primaveris, peixe grelhado com requinte, uma sobremesa leve coberta de pinhões torrados, e beberam refrescos de limão e de tangerina, espumante, bebidas frescas de frutos exóticos. Também havia queijos de todas as qualidades, vinho do Porto, tintos e brancos de renome, fumados, pastelaria fina, vitela tenra estufada com puré de maçã aromatizado com limão, e outros tantos petiscos. Tratava-se de uma ostentação a que Irene já não estava habituada, mesmo porque desde a morte de Maria Ana nunca mais voltara a ser convidada para aquele tipo de receção.

Rafael passou todo o serão a comentar os excessos da mãe ao ouvido de Irene, e pô-la a rir em circunstâncias inoportunas, como quando um tio vindo de Alcobaça insinuou que a chama da pátria deveria ter sido levada para a sua abadia, e não para o «mono encardido» da Batalha, mesmo porque a história em Alcobaça começava muito antes e era contemporânea da fundação do reino. Nesse instante, Irene irrompeu em risos, sendo obrigada a desculpar-se quando o senhor a fitou com um ar ultrajado.

Depois da refeição, quando o senhor Vaz conduziu os convidados à sala, distribuindo charutos e embrenhado numa conversa acalorada sobre a Central Tejo, que produzia energia termoelétrica, e o preço do carvão inglês, Emília Vaz serviu às senhoras chá e as sobras da pastelaria fina, na sua sala de costura. Irene conseguiu esquivar-se a esse convívio de mulheres casadas e viúvas, não sem antes esclarecer pelo menos quatro a respeito da sua idade e do seu estado (descabido) de solteirona. Quando iam começar a questioná-la sobre a profissão de cantadeira (mas acima de tudo se conhecia a santa do fado), Irene respondeu a Rafael, que a chamava da porta. Emília acompanhou-a conforme caminhava ao seu encontro, pedindo licença para se retirar.

— A tua amiga é muito simpática, filho — atirou Emília, com um docinho da Versailles suspenso dos dedinhos finos, de unhas bem cuidadas.

Rafael, que quase estendera a mão para a resgatar às amigas da mãe, enfiou-a com discrição no bolso e assentiu, concordando com a mãe perscrutadora. Já no corredor, a caminho de uma pequena sala de convívio de porta entreaberta, ela questionou-o:

— Devo-te o convite de hoje, não é?

— Talvez. — Levava as mãos nas algibeiras e observou-a enquanto ela dava a volta à sala, contornava a mesa de apoio e descobria um gato muito peludo numa poltrona estofada de veludo. — Sai daí, *Gypsy*.

— Deixa-o ficar.

— Ele anda a perder imenso pelo, os dias estão a ficar quentes — insistiu e,

com um gesto, escorraçou o gato da poltrona. — Xô, xô!

Irene acompanhou o gato com o olhar; viu-o espreguiçar-se sobre o tapete, alongando-se a todo o seu comprimento e, depois, erguer com ressentimento o focinho chato para Rafael, antes de abandonar a divisão com vagar.

— Bem, se um gato me olhasse assim... — comentou Irene, arregalando os olhos.

— Somos o ódio de estimação um do outro.

— Ele planeia degolar-te e não se esforça muito por escondê-lo.

— É o *bijou* da minha mãe — elucidou, e avançou para a secretária, sobre a qual havia um folheto amarelo com uma manchete ilegível. Estendeu-o a Irene: — Consegues ler?

— *Das Schwarze Korps* — articulou ela, a custo. — É alemão?

— É. Enviou-ma um colega que anda em viagem pela Europa.

— Fala alemão?

— Não, estou à procura de quem possa traduzir-mo.

Ela apoiou-se na secretária, tirou-lhe a publicação da mão, observou as figuras caricaturadas, de aspeto grotesco, e tentou discernir o significado daquela língua estranha nos diversos textos que acompanhavam as ilustrações.

— Certo. — Fez uma careta. — Mas diz lá, que te interessa o que dizem estes panfletos?

Rafael soltou um longo suspiro.

— Não sei bem, é um pressentimento. Em Londres, há uma grande corrida às armas. E, na Alemanha, os decretos sobre o armamento e os judeus têm sido ignorados. — Por essa altura, já tinham, inclusive, restabelecido a Luftwaffe, numa clara violação ao Tratado de Versalhes e ao armistício de dezasseis anos antes. — Isto é uma nova publicação alemã, do partido no poder. Gosto de saber o que pretendem fazer nos próximos tempos. Eu e o mundo inteiro...

— Não estou por dentro desses assuntos — admitiu Irene, mas interessava-se pelo que ele tivesse a ensinar-lhe. — O que tem sido decretado sobre os judeus?

— Bem... — começou ele, cruzando os braços. Estavam muito próximos, as ancas quase se tocavam, ambos de costas para o tampo da secretária. — É demasiado complexo para explicar. Basta que entendas que a Alemanha culpa toda a gente pela derrota de 1918, inclusive os judeus do seu país. Já não são bem-vindos em questões de governo, ou mesmo na vida pública. Só os arianos podem exercer cargos estatais.

— Se assim é, devem sair de lá o quanto antes — contrapôs.

— Não será assim tão simples — concluiu e, depois sorriu-lhe. — Têm sido

ditas coisas muito... perigosas sobre algumas minorias. Mas, enfim, isso são problemas internos da Alemanha. Ainda assim, é perturbador.

Como ela se detinha na figura de um homem de preto, narigudo e de pele trigueira, ele bateu as palmas para lhe desviar dali a atenção e sorriu, animado:

— Quando voltas a cantar? Queres cantar hoje, aqui na sala? Há por aqui muita gente influente, podem abrir-te algumas portas.

Ela sentiu-se alarmada, apanhada de surpresa. Como explicar-lhe que, apesar de tudo, era tímida e reservada? Como fazê-lo acreditar que detestava a ribalta, ou ser tratada como vedeta?

— Não, por favor — pediu, e ele levantou as mãos como se se defendesse.

— Era só uma sugestão. Aonde vais depois da festa?

— Para casa.

— Estou a ver... — Fitou os próprios joelhos, com um sorriso travesso a iluminar-lhe a expressão distraída. — É muito tarde. Queres que te acompanhe?

Irene soltou uma gargalhada franca:

— Mas se é aqui ao lado!

— Por isso mesmo, pode tornar-se muito perigoso porque não se antevê perigo nenhum!

XLIV

Ela não entendia o que pretendia com aquele gesto, mas convenceu-se de que a suavidade nos seus modos era algo que lhe era natural, e que Rafael não tinha segundas intenções a seu respeito. Eram vizinhos. Aceitou que a acompanhasse a casa, mas primeiro ele quis levá-la ao seu quarto de solteiro, ao qual ela o acompanhou espreitando sobre o ombro para os convidados no átrio lá em baixo, que se distraíam com risadas e anedotas.

— Temes pela tua reputação? — atirou Rafael, apoiando-se na ombreira da porta do quarto e cruzando os braços, quando ela hesitou em entrar.

— Claro que não — retrucou Irene, e seguiu-o para o interior do aposento, vendo Afonso adormecido sobre a cama, numa barricada de almofadas axadrezadas.

— Não vamos acordá-lo?

Ele ignorou-a e ela dispôs-se a estudar o espaço ao seu redor. Havia luvas de boxe na parede, um recorte de jornal de uma equipa de futebol listada sobre a secretária de mogno, e dois remos apoiados na parede ao canto, atrás de um baú com marcas de grande antiguidade.

— Meu rico Soeiro... — murmurou Rafael, acariciando o retrato do desportista.

— É. Quando joga o Sporting, as tabernas ficam vazias, dou por mim a cantar para os taberneiros — voltou, fingindo um desgosto.

— É igual quando joga o Benfica — atalhou ele, com falsa modéstia.

— Querias mostrar-me alguma coisa? — perguntou Irene, mas ele estava imóvel diante de uma moldura de prata escurecida, na parede acima da almofada onde Afonso repousava.

Parecendo despertar, Rafael ajoelhou-se debaixo da cama e remexeu nas caixas, até encontrar o que procurava. De pé, e com ele meio desaparecido

debaixo da colcha, Irene pôde estudar o retrato que o desarmara por um instante. Era uma fotografia do seu casamento com uma mulher pequena, magra, loira. Parecia uma criança no dia da primeira comunhão; a mesma brancura no vestido, a mesma renda e as mesmas flores no cabelo. Irene jamais podia imaginar que a sua falecida mulher fosse tão jovem.

— O que é isto? — perguntou, quando ele lhe meteu na mão uma página grosseira.

Inclinando-se para ela, de ânimo revigorado, Rafael revelou a identidade dos convivas naquela pequena ilustração, em que vários homens de fato e gravata se agrupavam em torno de uma mulher de xaile, cabelo frisado e tamancos.

— Isto é uma ilustração que um amigo do meu avô, que era artista, pintou. Esta é a Maria Severa, e este é o meu avô.

Apontou um senhor de bigode, expressão rígida e relógio de bolso reluzente, retratado ao gosto dos românticos — com pinceladas largas, expressão vaga.

— Achas que vale tanto quanto um óleo como presente de casamento indesejado? — gracejou ela, e Rafael dobrou-se de riso quando entendeu que ela se referia ao quadro com que o presenteara.

Pouco depois, ele seguiu-a até casa, e foi a vez de Irene lhe mostrar os seus tesouros. O xaile que pertencera à mãe destacou-se como o seu objeto de maior estima. Franzindo o sobrolho, indagou:

— Rafael... Achas que é possível que a tua mãe se lembre da minha?

— Creio que sim, embora a tua seja bem mais velha — considerou.

Ela percebeu que, para todos os efeitos, Maria Ana era sua mãe. Tentou uma outra abordagem:

— Podias perguntar-lhe por uma Ana Maria? Uma filha mais velha da senhora Silva, que morreu num naufrágio? Não há ninguém que possa falar-me dela...

Tentou sacudir a tristeza que a tomava, a solidão em que vivia mergulhada, mas pareceu-lhe que o homem diante de si, de camisa e gravata frouxa, com uma mão no bolso das calças e a outra nas franjas do xaile negro não se incomodava com esse seu espetáculo de fragilidade: era ela que não gostava de se sentir vulnerável.

— Pergunto-lhe hoje mesmo.

— Obrigada — agradeceu, e ele olhou-a, sem sorrir.

Pareceu-lhe ver a sua própria solidão refletida no tom verde-musgo dos seus

olhos. Nunca reparara em como os tinha invulgares. Essa constatação desconcertou-a por um instante, mas recompôs-se e aclarou a voz:

— Depois, dá-me notícias.

Ele prometeu que daria, mas absteve-se de lhe perguntar que sentido faria que viesse uma estranha falar-lhe dessa irmã falecida. Com certeza a senhora Silva partilhara tudo o que importava a respeito da filha.

Despediram-se depois de percorrerem os corredores desertos do palacete dos Silva, outrora um lar cáldo, cintilante de cristais, sedas, pratas, entretanto um mausoléu aos idos da família, com os seus retratos nos patamares, nas escadas, no vestíbulo, e os seus objetos encerrados em baús e esquecidos pelas gavetas dos aparadores. Vendo a sua casa pelos olhos do jovem engenheiro, Irene percebeu que vivia isolada na obscuridade, refém dos estalidos da madeira por encerar e das janelas de guilhotina emperradas.

Lisboa, agosto de 1947

Naquele dia, no Jardim da Estrela, ela falou-me destes primeiros encontros, da época em que não tinha qualquer inclinação amorosa pelo homem que lhe ia fazendo companhia, e que ia aparecendo nos seus concertos, deixando-a à porta de casa e contando uma ou outra anedota. Não falou de intimidade. Acabei por desvendá-la num maço de cartas que me entregou na nossa derradeira despedida, com uma explicação embaraçada:

— Não tive coragem de revelar estes pormenores. Peço-lhe que leia o que lhe escrevi e que enriqueça a sua narrativa com estes detalhes. Quer dizer, assumindo que vai contar esta história. Vai, não vai?

Não agarrei de ânimo leve naquele volume em papel. Na realidade, não fazia ideia de quão *detalhadas* seriam as suas descrições dos encontros com o engenheiro. Parecia-me que pisava terreno pantanoso, que desrespeitava os laços sagrados de uma união e que o marido havia de degolar-me se soubesse que carregava aquelas indiscrições nas algibeiras da casaca de linho, que continuava a usar para todo o lado por mera bonacheirice, porque ia suando em abundância sob o sol ibérico.

Levantámo-nos e passámos pelo recanto onde costumava estar a jaula desocupada de um leão arrancado às savanas africanas, alheios ao cheiro do verão no seu pico — a dejetos de aves e a terra seca. Tanto eu como a Irene nos lembrávamos bem do vulto daquela gaiola gigante e enferrujada, vazia e deprimente, que a Câmara acabara por dismantelar uns quinze anos antes. Do leão, só o meu pai se lembrava. Quando era pequeno, chegou a vê-lo das

cavalitas do seu pai, dizia que caminhava devagar, como se tivesse as patas em chaga, ou entorpecidas, e que, quando rugia, a multidão estremecia em simultâneo, mas não debandava. Era uma atração irresistível, o leão da Estrela.

— Fale-me do casamento da sua amiga Lena com o seu adorado Henrique — pedi, enquanto descrevíamos mais uma volta pelos trilhos do passeio.

— Foi em abril, duas semanas antes da Páscoa. Sei, porque os problemas começaram na própria Páscoa, quando o Henrique insistiu em ir visitar a família a Santarém, fazer abençoar a casa pelo padre, e a Lena teve o primeiro achaque de ciúmes quando viu o Bernardo, a mulher — a eterna paixão do Henrique — e a filhinha dos dois.

— E como soube do achaque?

— A Lena acabava por contar tudo à Luísa, e a Luísa à Rosa. Tudo circulava em tempo recorde, mais depressa ainda quando instalámos telefones em casa. Era quase ao minuto.

— Uns autênticos serviços secretos — comentei e, depois, fiz o reparo: — Tenho notado que não tem fumado.

— O meu marido desaconselha que fume — explicou, e achei que aquela submissão não se coadunava com a mulher senhora do seu nariz que eu conhecera umas semanas antes. — Mas espere, deixe-me só contar-lhe primeiro uma outra coisa ...

O engenheiro estaria a oprimi-la por se opor à nossa ligação? Estava convencido de que acabaria por proibir a nossa convivência, se eu não tivesse um lugar reservado a bordo de um *Connie* para daí a uns dias, de regresso a Heathrow. Nesse sentido, não havia porque se aborrecer com proibições desnecessárias. Estávamos condenados a escassos dias de tertúlia.

Lisboa, 1935

Por vezes, tinha dificuldade em conciliar a imagem do vizinho jovial da noite sob o ulmeiro, com a do pai extremoso e a do viúvo sério que a levava a sair algumas tardes por semana e que, a dada altura, começou a deixá-la à porta das casas de fados onde ia cantar nesse serão. No início de abril, ainda chovia bastante, e Rafael olhou-a detrás do volante, com o ruído do temporal a fustigar as janelas e o tejadilho do carro, e perguntou-lhe se ela sentia alguma coisa.

— Não entendi — ripostou Irene, incapaz de o olhar e apertando as mãos no colo.

— Há quase dois meses que saímos juntos, e tenho notado que te despedes sempre de modo abrupto, como se tivesses medo de alguma coisa. Gostava de saber se foges de mim porque tens medo que tente alguma coisa e te desrespeite, ou porque também querias que acontecesse alguma coisa e... estás indecisa.

Sentiu-se tímida, confusa. E se ele a achasse leviana? E se acabasse por transformar-se naquilo que Maria Ana receava que ela se tornasse? E se voltasse a cometer o erro de se entregar a um homem que, depois de a ter, haveria de desconsiderá-la?

— Quando é que a tua mãe volta das termas, para conversarmos?

— Está aí no sábado, mas não fujas do assunto. — Sorriu, compreensivo.

— Podemos continuar a desfrutar da companhia do outro nestes mesmos termos, mas gostava de saber se pensas em mim de um outro modo.

— É tudo muito vago... — Ganhou coragem para olhá-lo e para articular:

— Não sinto nada, desculpa.

Ele assentiu, o cabelo escuro caía-lhe sobre a testa, mas ele sorria ao fitar o exterior. Ela não compreendeu. Quando estendeu a mão para abrir a porta do passageiro, ele voltou a falar.

— Sabes que acho que sentes?

— Perdão?

— Acho que sentes, mas que ainda não te permitiste pensar nisso.

— É melhor falarmos depois. — E tentou precipitar-se para fora, mas a voz dele voltou a detê-la:

— Só quero que saibas que estou a gostar de ti. Preocupo-me contigo. Gosto das nossas horas juntos, e acho que podíamos fazer muito bem um ao outro. Seria um acréscimo nestas vidas cinzentas. Fica ao teu critério.

— Até sábado! — atirou.

Desceu e correu até casa, ficando colada à porta depois de fechá-la. Ele era o seu refúgio para o casamento iminente de Lena e Henrique, para a frieza de Luísa — desde que os amigos estavam noivos que Irene passara a ser um empecilho, alguém que fantasiara a respeito de um homem comprometido, como se Lena lhe tivesse pertencido sempre e todos os seus desvarios estivessem esquecidos. A ideia de ter Rafael como marido... um engenheiro do Estado Novo compenetrado num bairro de diversão para as festas da cidade! Deu-lhe vontade de rir, mas estava demasiado assustada para isso. Nunca lhe ocorrera que ele pudesse vê-la como mulher, mesmo porque ela o via apenas como uma figura afável, confiável. Subiu para o quarto para trocar de roupa, com a estranha consciência de que ele estava a obrigá-la a vê-lo por um outro prisma, e sem qualquer pista sobre o que isso traria para o seu

futuro.

Só estava certa de que haveria de querê-lo por perto. *Sempre*. Para sempre.

XLV

No sábado seguinte, foi recebida por Emília Vaz na sala da família, a mesma das esculturas de cristal, entretanto desprovida do fulgor das flores primaveris. Irene começou por elogiar a receção de primavera, posto que não conseguira felicitá-la convenientemente durante a festa. Quis dizer-lhe que Rafael fora espreitar a sua casa — o seu mausoléu —, e que por isso não voltara ali. Mas o que pensaria Emília de uma mulher sozinha que desvia dos seus domínios o filho da anfitriã durante um festejo daquela dimensão? Isso importava-lhe, nem que fosse o suficiente para conseguir um voto de confiança e partilha por parte da senhora Vaz. Estava ansiosa e apreensiva, porque não sabia que espécie de história ela poderia contar-lhe sobre a sua mãe.

— O Rafael disse-me que conheceu a sua vizinha, a Ana Maria.

— Sim. — Pareceu incomodada, com as pernas juntas e arrumadas para o lado, como uma aristocrata rígida, de cabelo curto e lustroso afastado do rosto com precisão. — Perdoa-me, Irene, mas que tipo de memórias esperas que eu partilhe a esse respeito?

— Eu nunca conheci a minha mãe — lembrou, e esperou que bastasse.

Emília Vaz não demorou a compreender. Pestanejou com delicadeza:

— Então, a Maria Ana contou-te a verdade?

— Eu descobri, ela foi obrigada a admitir.

— Pois, ela tinha jurado que nunca irias saber. Pediu-me que guardasse segredo. Não te explicou mais nada?

— Pouco — retrucou Irene, sem desviar os olhos dos dela. Eram do mesmo tom verde-musgo dos de Rafael. — Ela tinha uma grande mágoa, e receio que isso lhe toldasse as lembranças.

Emília assentiu: julgou entender que todos os detalhes que a sua memória

alcançasse seriam de relevância para a órfã, e dispôs-se a satisfazer-lhe a curiosidade.

Aquele era o palacete da sua família, o marido, o senhor Vaz, mudara-se para lá quando se casaram. O único irmão de Emília morrera de febres na Amazónia, onde se exilara na esperança de enriquecer com a borracha, pelo que o espólio da sua família lhe pertencia por inteiro. Tinha crescido ali, paredes-meias com a menina Silva.

Contou-lhe que Ana Maria era uma menina muito ousada, sobretudo na presença do pai, que estimulava esse seu lado aventureiro. Era costume Emília ir à janela do seu quarto e vê-la pendurada nos ramos do ulmeiro, com uma das criadas a implorar-lhe que descesse antes que partisse o pescoço. Maria Ana agastava-se muito, na sua opinião. Trazia-a muito bem arranjada, sempre na última moda, mas ela estava sempre a chegar a casa suja e de meias esfarrapadas. Davam chazinhos e refeições em casa (nada disso surpreendia Irene, Maria Ana adorava receber). Eram as duas muito bonitas e, quando Ana Maria celebrou 16 anos e deram uma grande festa no jardim para comemorar, foi evidente para todos que a jovem era uma beldade. Nessa altura, um velho barão chegou a ir falar com o senhor Silva, para a pedir em casamento.

— Sabias que a Ana esteve quase para ser baronesa? — Haveria uma chispa de orgulho no olhar de Emília? — Teria sido por pouco tempo, porque pouco depois veio a República. Mas, ainda assim...

Irene negou, suspensa de cada nova revelação, incapaz, até, de levar à boca a chávena de chá. Emília ostentava um sorriso satisfeito nos lábios delicados, como que deliciada por poder ser-lhe útil. Mas a conversa foi aportar nas coisas difíceis, e ela remexeu-se no sofá, desconfortável:

— Também houve um banqueiro, mas ela dispensou-o. O problema foi o teu pai.

— Como assim?

— Ela conheceu o teu pai, que era filho de um carpinteiro que veio fazer uma manutenção às portas do palacete, e não se deixaram mais. Foi o derradeiro ultraje para a tua avó. Ela preocupava-se muito com as aparências, não suportava que todos bichanassem a respeito do que se passava lá em casa.

Irene não conseguiu interromper. Limitou-se a pousar a chávena, porque sentia a ponta dos dedos a tremer.

— A Maria Ana andava muito mal, estava sempre metida em médicos dos nervos, ia passar temporadas à Parede para respirar a maresia. — Pareceu hesitante, mas acrescentou: — Dizem que até foi à bruxa para os separar, mas nada resultou. Quando o namoro foi proibido, a tua mãe começou a fugir

pela janela do quarto e a seguiu para a Boa Hora.

Não conseguia olhar para Emília; ao invés, fitava o rebordo dourado da chávena e passava em revista o que depreendera das conversas com Maria Ana, e não lhe parecia que este conto a respeito dos seus pais coincidissem com a versão que conhecia.

— Ele adorava fados, andava sempre metido nas tabernas, mas não bebia. Consta que era um homem muito tranquilo. Vi-o algumas vezes, era mesmo um cavalheiro, apesar de muito *humilde*.

— Conheceu o meu pai? — Pestanejou, sem poder acreditar.

— Claro — reforçou. — Ele frequentava a casa dos teus avós.

— O meu pai... O *carpinteiro* frequentava a casa dos meus avós?

— Só no início do namoro, quando eles decidiram parar de lhes pôr obstáculos, antes que se transformassem num Romeu e Julieta dos Anjos. As proibições só serviam para inflamar ainda mais aquele amor. Eram o escândalo da rua — admitiu, com pesar. — Mas eu gostava dele. Era amiga dela e via-o como ele era: jovem, respeitador, bonito. Era muito bom para ela.

— Se chegou a frequentar a casa dos meus avós, porque é que...

— O teu avô queria levá-lo para o Brasil, empregá-lo nas ferrovias — explicou, com um encolher de ombros. — Para que ele constituísse fortuna e se tornasse digno da mão da filha, entendes? — E adiantou, com um sorriso cúmplice: — Mas isso era secundário, o motivo principal era para que a distância arrefecesse o enlevo dos apaixonados, e a Ana Maria era muito inteligente. Percebeu logo o que se passava e não quis que o rapaz fosse com o pai.

— E ele não foi — tentou concluir, mas Emília sacudiu a cabeça.

— Foi, sim. O que só serviu para reforçar a teoria da Maria Ana, que ele só queria o dinheiro da família. Mas ele foi porque não queria ter de negar nada à tua mãe, nem envergonhar os sogros. Prometeram-lhe riqueza rápida, mas quando chegou lá deixaram-no desamparado.

— Isso é... cruel — murmurou.

— E a Ana ia ter um bebé.

— Sim? — *Ia tê-la.*

— A Maria Ana queria que desaparecessem durante uns tempos e que, quando regressassem, dissessem que eras filha dela, que fosses criada como irmã da Ana.

Irene sentia-se cada vez mais tonta, apetecia-lhe vomitar, o que seria inadmissível. Emília tocou-lhe com gentileza no braço:

— Estás a sentir-te mal? Queres que pare?

— Não, por favor continue — pediu, esforçando-se por se recompor.

— Não sei se devia contar-te estas coisas. — Segurou o queixo de Irene e fê-la encará-la. — Mas parece-me que é o género de coisa que gostavas de entender?

— Sim — confessou, de olhos marejados. — Pensava que o meu pai não tinha sido importante para a minha mãe...

— Como não! — Pareceu surpreendida. — Se a tua mãe morreu na pobreza por causa dele, para não se separar dele!

Irene pôs-se de pé, mas apenas porque não sabia o que mais fazer. Torceu as mãos, incapaz de conter as lágrimas que lhe deslizavam pelo rosto.

— A Maria Ana disse-me que ela cantava porque o fado a chamava...

— Também. Porque o teu pai e o fado eram, para ela, a mesma coisa. Ela cantava para sustentar a casa — esclareceu Emília, prudente. — Porque, quando o teu pai voltou do Brasil, magro e a dever uma fortuna ao comandante que lhe emprestou o dinheiro para o vapor, ela estava num retiro da família, em Viseu, e acreditava que ele se tinha casado com uma brasileira e que viviam da prometida borracha. O teu avô disse-lhe que ele a tinha esquecido, que fazia vida de rico, e ela concordou em seguir a mãe para Viseu, concordou que fosses criada como sua irmã.

— E o que aconteceu depois? Eu... eu lembro-me, ninguém me disse. Eu lembro-me de estar nos braços do meu pai... Ele cuidou de mim. — Mal continha os soluços, mas Emília prosseguiu, como ela a instruíra.

Emília moveu-se, como que incomodada, ou *envergonhada*.

— Bem, eu consegui fazer chegar um recado à tua mãe, em Viseu. Ela entendeu que eu estava a tentar avisá-la de que ele tinha regressado, que a procurava. Achei romântico ter-me metido ao serviço daquela história, mas agora não estou tão certa de que tenha feito bem.

— Porquê? — Irene estava suspensa de cada palavra, a voz saiu-lhe num sopro.

— Porque a Ana exigiu voltar, recusou-se a mentir a toda a gente, a dizer que eras irmã dela. Então, a tua avó meteu-te em Cardaes, porque lhe disse que, se não chegasses a casa com ela e com a nova de que eras uma filha tardia dos Silva, então não podias entrar de todo naquela casa. Ela não ia passar por esse escândalo...

— Meteram-me em Cardaes? — Franziu a testa, sem compreender. — No convento?

— Sim, como especial favor à Maria Ana. Acho que ela costumava ajudá-las com contribuições, e elas aceitaram cuidar de ti durante algumas semanas. A tua mãe também foi para lá, não quis separar-se de ti. As freiras, enfim... coitadas. Não sabiam como tinham sido arrastadas para o meio daquele

desatino familiar.

— E depois?

— Depois, a tua mãe esperou que o teu pai a procurasse para resolver tudo.

— E ele procurou-a?

— Sim, assim que soube que ela tinha regressado a Lisboa. E ela contou-lhe tudo sobre ela e sobre ti. Saíram de Cardaes sem voltarem a dar satisfações aos teus avós. Perceberam que não podiam confiar neles, depois da patranha para os separar...

— Como sabe tudo isto? — Estava desalentada.

— Fui eu que passei os recados entre eles, durante algum tempo — informou, e o rosto enrubescceu. — Eu já era casada, o Rafael tinha quase cinco anos e estava grávida do mais novo, mas não consegui deixar de os ajudar. Ninguém desconfiava de mim, eu era só uma vizinha que trocava umas palavras com ela no muro, e que às vezes lhe escrevia... A verdade é que levei os recados deles e... Enfim. As coisas teriam sido diferentes para todos.

Irene sacudiu as lágrimas com as costas da mão, porque lhe toldavam a visão e ela precisava de ler na expressão de Emília que dizia a verdade. Que Maria Ana se equivocara em muitos pontos daquele enredo. De propósito.

— Não foi nada disso que a mãe me contou — murmurou.

— Presumo que te refiras à Maria Ana. — Emília estendeu a mão e agarrou a de Irene, apertando-a por um instante. — Acredito que ela se sentisse culpada. Envergonhada. Não quis dizer-te que estive por detrás da infelicidade da filha, do teu pai e, em certa medida, também da tua.

— Mas ela contou-me episódios com tanto pormenor...

— Se calhar, misturou mexericos com realidade. Se calhar, contou-te meias-verdades. Não o terá feito por mal. Ela tinha muito orgulho em ti.

Afastando uma lágrima da face, Irene olhou-a em busca de sinceridade:

— Eles tiveram algum tempo juntos?

— Pouco... A Ana Maria começou a cantar, para ajudar a sustentar a casa. Ele era carpinteiro, mas o pai começou a beber quando ele foi para o Brasil, aquele filho era-lhe tudo, e nunca mais saiu dessa vida. Foram morar para a Boa Hora, para a gruta do teu avô. Minha querida... — Olhou-a, comovida. — Quando soube, fiquei horrorizada, sabes? Culpei-me por ter interferido quando o vosso futuro já estava decidido, ao mandar aquela carta para Viseu. Andava sempre a caminho daquelas ruas sebentas, com o meu filho pela mão e a barriga enorme. Levava-lhes comida, às vezes dinheiro, outras cobertores para ti. Uma vez, a Ana pediu-me que tomasse conta de ti, mas isso já era demais, o meu marido já estava por tudo... Ao ver aquela miséria, cheguei a

fazer força para que te entregassem aos teus avós, mas eles não concebiam a ideia de se separar um do outro, nem de ti...

— E o marujo?

— Que marujo?

— A minha mãe não viveu com um marujo? — A voz soou a um crocitar esganiçado.

— Não sei de marujo nenhum — garantiu, com simplicidade. — Talvez fosse algum dos rumores que iam dizendo a respeito dela. É possível que a Maria Ana acreditasse realmente nisso.

— E, então, a minha mãe morreu? — sibilou Irene, destroçada.

— Ficou muito doente. Das últimas vezes que a vi, era uma sombra de si mesma. De certeza que foi alguma coisa nos pulmões. Ela andava pelas ruas à noite, mal agasalhada. Lembro-me de dizerem que aquele tom macilento fazia dela melhor fadista, tinha aquele signo da tragédia a pairar sobre ela. Morreu quando tinhas uns dois anos.

— Porque é que diziam... Que a avó dizia... Que ela era mulher de má vida? — O sufoco do choro involuntário começava a sufocá-la.

— Era o falatório da altura. As pessoas falam do que sabem e do que não sabem.

— Então, ela não se prostituía?

Emília contornou o assunto com elegância, mordendo os lábios por um instante, mas apostada em esclarecê-la:

— Desconheço todos os sacrifícios que ela e o teu pai fizeram para ficar juntos, por isso não meto a mão no fogo em como tenha conseguido sempre escapar a esses caminhos. Mas diria que não, nunca soube de nada em contrário. Havia rumores, mas também os havia a meu respeito e dos meus passeios na Boa Hora.

— Meu Deus — gemeu. — Então, ela não fugia de casa para cantar fado? Começou a cantar fado depois, para sobreviver?

— Ela fugia de casa para estar com o teu pai. O fado entranhou-se-lhe na pele, já não vivia sem ele. Mas o que cantava era sobretudo o desgosto de estar dividida entre a família e o teu pai, entre o luxo e a Boa Hora, entre a fome e a fartura.

— Está tudo bem?

Era Rafael parado à porta, a espreitar para dentro da sala, com Afonso pela mão.

XLVI

—Mas, então, porque é que a avó disse a toda a gente que a mãe morreu num naufrágio e, a mim, que a deserdou, que ela é que fugia... — Apertava a mão contra o peito, e cambaleava. — Que ela fugia porque queria levar uma vida de puta e de fadista?

Emília pôs-se de pé como se tivesse levado uma bofetada, e Rafael reagiu num impulso, entregando o filho à mão estendida da mãe.

Emília atirou, em jeito de conclusão:

— Não sei. Acho que se sentia culpada. Se tivesse permitido que se casassem, teria tido menos arrelias.

— E que a mãe fugia para o meio dos porcos, para cantar... E que eu podia tornar-me igual a ela... E...

Emília sorriu ao neto e encaminhou-o para a cozinha, onde lhe prometeu biscoitos de limão.

— Acho melhor que a leves a casa e lhe dês chá de valeriana. A governanta deve ter alguma na dispensa. Era bom se dormisse um bocado. Anda, querido. Vamos comer uns biscoitinhos da Zé...

Rafael, apoiando-a pelo fundo das costas, deixou que chorasse mais um pouco antes de a encaminhar para casa. Como ele não lhe fazia qualquer pergunta, nem soube explicar a Celeste porque a trazia naquele estado, a empregada antecipou-se enquanto desciam as escadas, depois de a terem deitado.

Terá sido a única vez que Celeste foi indiscreta, e apenas porque já se posicionara a favor de Vaz, conforme o próprio lhe confidenciou meses depois ao partilhar também a conversa que tivera com a mãe nesse dia, ao regressar a casa.

— Ouviu-a dizer que lhe mentiram?

— Sim. — E ele compreendia que o dissera a respeito dos pais.

— Foi a amiga. Ela era muito amiga de uma moça costureira, que até tem uma casa toda catita na Travessa do Carmo. Mas a outra casa-se daqui a umas semanas com o amado dela. Eh, um disparate de crianças, se mo pergunta a mim.

Ele deixou o palacete sem comentários, convencido de que a governanta interpretara mal as lágrimas da patroa. Mais tarde, Irene falar-lhe-ia dessas pessoas e dessa traição, mas, entretanto, foi pôr-se a par do que fora falado com a mãe, e ficou assim a conhecer a história da vizinha — e de si mesmo, a reboque da caridade da mãe pelas ruas da Boa Hora.

— Quando será que ela entendeu que a Maria Ana não era mãe dela?

— Não faço ideia. Não sabia de nada disto — admitiu o engenheiro.

— A história ficou encerrada, a Maria Ana até costumava evitar-me. Não sei como nunca se mudou daqui, para onde ninguém soubesse desses acontecimentos...

— Devo dizer que me orgulho de saber que foi contra a vontade do pai para ajudar uns amigos.

Emília torceu os lábios num sorriso contrariado:

— O teu pai zangou-se a sério comigo e proibiu-me de voltar à Boa Hora. Já se dizia por aí que eu tinha lá um amante e que só te levava para disfarçar o caso.

— O povo tem uma boca suja.

Continuava intrigado: jamais pensara que houvesse tanto a propósito da sua vizinha cantadeira, não fosse essa circunstância ser, por si só, bastante extraordinária.

Nessa mesma noite, voltou a casa de Irene, sendo recebido por Celeste, que decidira ficar, para manter a patroa acompanhada. Disse-lhe que não morava longe e que tinha a mãe doente, mas não se sentia bem por deixar sozinha a pobre fadista.

— Ainda não saiu da cama nem comeu nada. É o casamento do jornalista que está aí à porta. Nem foi cantar hoje. Acha que consegue convencê-la a comer um caldinho? — Levou-o até à cozinha, onde lhe ofereceu sopa da terrina, que ele recusou porque já jantara.

Rafael arriscou mandá-la embora, com a promessa de que não faria nada que manchasse a reputação da família Silva. As suas intenções eram as melhores quando subiu a escada com a bandeja de pão e caldo, e ainda um jarro de água para a noite e um bule de chá. Bateu à porta do quarto onde, nessa tarde, a ajudara a subir para a cama e a descalçar-se, e entrou para a

absoluta escuridão que o esperava lá dentro.

— Irene? Já anoiteceu. — Pousou a bandeja no toucador aos pés da cama e acendeu o interruptor, que banhcou o quarto numa tonalidade amarelo-torrado. — Estás a dormir?

Ela mexeu-se, ele ouviu-lhe a respiração pesada enquanto tentava libertar-se de um sono regado de valeriana.

— Vamos... — E sentou-se a seu lado, na cama, afastando-lhe o cabelo do rosto.

Ela recusava-se a abrir os olhos. Uma vez mais, tudo o que conhecia a respeito de si mesma estava errado. Tinham-lhe mentido outra vez, e porquê? O que importava a versão de Maria Ana, sobre a filha ter sido uma leviana e uma ingrata, e ela tudo fizera para a retratar? Porque não fora sincera e admitira que a filha perecera e fora enterrada numa vala comum, como a Severa, porque ela lhe virara as costas? Porque não lhe confessara que fora a principal opositora da união dos seus pais?

— Sabes o que te fazia bem? Sabes aqueles esquentadores *Vacuum*, a petróleo? — Ela sacudiu a cabeça. — Bem, a minha mãe tem um, toma uns banhos quentes que diz que são muito revigorantes. Porque não compras um? Um banho desses punha-te como nova.

— Vou pensar nisso.

Mas soava vaga, cansada. Ele soltou um suspiro e deixou-se de gracinhas:

— Já pensaste que a senhora Silva devia sentir-se culpada? Ela amava a filha, por muito rígida que fosse. E sabia que tinha mão na sua morte. Ela morreu de doença, sem assistência, segundo diz a minha mãe...

— Não digas mais nada — pediu, apertando-lhe a mão na sua, já de costas apoiadas nos almofadões. — Mas, sim, é preferível pensar que mentiu por culpa. Significa que se redimiui. Dói-me pensar que só agora lhe dedico um pensamento de amor. A história que a minha mãe me contou não me inspirou nenhum afeto por essa filha fujona.

— Consideras a senhora Silva tua mãe, não é? — sussurrou, e continuava a suster-lhe a mão na sua.

— É a única que conheci. Cometeu erros, mas todas cometem.

— É assim que deves pensar.

Olharam-se por um instante. Ela sentiu uma gratidão tão profunda que se inclinou e lhe deu um beijo leve na face. Quando se afastou, ele tinha um sorriso ternurento nos lábios.

— Melhor? — questionou ele, depois de uns momentos em silêncio.

— Com fome — ripostou, sem desejar entregar-se a reflexões mais profundas.

Sentia-se inebriada pela doçura da sua presença, pela sua meiguice. Sentia que não seria capaz de lhe mentir, nem de a enganar, e isso parecia-lhe uma imprudência porque todos os outros, à exceção de Rosa, a desiludiam constantemente. Mesmo depois de mortos, continuavam a desiludi-la.

Depois de comer o caldo, atreveu-se a aninhar-se nele, que se sentou na sua cama num silêncio respeitoso, à espera de que ela falasse, se lhe apetecesse. Após várias inspirações, em que a goma e o sabão da camisa dele a tranquilizaram, bem como o seu aroma característico a cigarrilha, ela revelou-lhe todos os reveses da sua vida até então, e ele escutou sem interromper. Sempre que ela lhe exigia um comentário, ele limitava-se a ser conciliador e a procurar mostrar-lhe que não era nenhuma coitadinha.

Quando ela ficou sem mais o que contar, começaram a ouvir no exterior o chilrear dos pássaros, e deram-se conta de que o quarto estava envolto numa atmosfera azulada. Era o dia que nascia. Irene sentia-se revigorada, apesar de estranhamente vazia. Tinha-lhe contado, revisitara todos os eventos da sua vida, e ele estava agora em plena posse da sua história. Tinham-se acomodado melhor um ao outro, conforme a madrugada avançava. As mãos de Rafael tinham-lhe acariciado o cabelo, os braços. Beijara-lhe a têmpora em momentos cruciais, e cingira-a contra si quando ela partilhava dores e deceções que a tinham dilacerado, como o episódio do elétrico.

— Se me permites — dissera ele, no mesmo tom tranquilizador de sempre —, parece-me que terias evitado tudo isso se, simplesmente, aceitasses que essa amizade nunca o foi. Esquecia-la e pronto. Não lhe davas oportunidade de voltar a magoar-te.

Ele tinha o queixo apoiado na sua nuca e suspirou, mas ela sabia que continuava a seu lado, desperto, com as pernas debaixo da sua colcha (descalçara os sapatos), e ela tinha os braços em torno da sua cintura, sentia o calor da sua pele debaixo da camisa. Irene ergueu o rosto para o de Rafael, esperou que encontrasse os seus olhos e ele fê-lo com um trajeito sério.

— Irene...

— Eu já tive um homem, o Henrique... — admitiu.

— Não estava certo sobre isso, foste vaga quando falaste em vocês os dois.

— É porque me dá vergonha.

— Porquê? — Falavam baixo, embora as suas vozes não pudessem ser ouvidas por ninguém.

— Deveria ter cuidado melhor de mim mesma. Achas que faz sentido?

— Claro que faz. Ficou provado. — E voltou a pousar os lábios na sua frente.

— Não me achas leviana?

— Não.

— Não te importa que eu tenha sido doutro?

— Acho que nunca foste de ninguém. — Encolheu os ombros, com naturalidade.

Ela julgou que ele não compreendera a que se referia. As implicações daquela última pergunta. No entanto, após longos segundos em que ficaram simplesmente a ouvir a respiração um do outro, a mão dele deslizou suavemente até à sua anca e Rafael soltou um suspiro profundo, que podia ser de desejo ou cansaço.

O papel de parede do quarto tingiu-se de um dourado intenso, transcendente, conforme o Sol rompia lá fora. Vendo todo aquele ouro a infiltrar-se no quarto pelas pregas da cortina de renda semiaberta, Irene sentiu-se como que abençoada. Se tinha dúvidas, dissiparam-se conforme movia as pernas ao longo das de Rafael e rolou para ficar atravessada no seu tronco. Sentiu-lhe o peito a subir ao encontro dos seios, de repente sensíveis, e estudou-lhe a expressão do rosto. Registou o desenho delicado dos seus lábios, a curva das sobrancelhas indecisas, o ligeiro rubor nas faces sombreadas pela barba que ameaçava despontar, os olhos claros, meigos, fatigados. Ele manteve uma mão no fundo das costas de Irene, e usou a outra para lhe prender atrás da orelha o cabelo que, entretanto, se soltara dos ganchos, e esperou. Esperou até que ela se decidiu a baixar o rosto para o beijar. Foi um beijo lento, paciente, pleno de gratidão e de uma ternura como ela nunca sentira. A mão que ele pousara no fundo das suas costas lançou centelhas de calor pelo seu corpo. Irene soltou um arquejo de impaciência e ele segurou-lhe o rosto com a mão livre para poder aprofundar o beijo. Quando as duas línguas se encontraram e a respiração dos dois se tornou mais superficial, Irene pousou-lhe delicadamente as mãos no peito e afastou-se. Percebeu que o desejava. Muito. E isso não podia ser.

Teria sido bonito fazer amor com ele, os dois banhados pelo ouro líquido do novo dia. Teria sido estranhamente simples e natural. Cingi-lo a si o mais perto que os braços lhe permitissem, absorver o cheiro dele, deixar-se abrasar pelo calor da sua pele. Durante aquele beijo, sentira-se adorada, venerada, *amada*. Gostaria de poder dedicar-lhe a mesma devoção.

No entanto, já cometera uma vez esse erro. Já permitira que um homem fosse dono das suas emoções, da sua felicidade, do seu corpo. Não podia permitir-se o mesmo desaire. Não saberia como lidar com a perda de Rafael, se o que estavam prestes a fazer se concretizasse.

— Não posso — murmurou ela, ainda sem fôlego.

— Desculpa — disse ele, e levantou as mãos. Soergueu-se e sentou-se na

cama, como que envergonhado. — Desculpa, nunca deveria ter... Desculpa.

— Não te aflijas. Eu pensei que queria, e quero. Mas não assim. Já vivi uma coisa assim. Acabou mal. Acho que não iria aguentar se voltasse a acontecer.

— Ele fez um gesto para se pôr de pé, e Irene ficou com a impressão de que ele ansiava por interpor alguma distância entre os dois. Quem sabe para poder voltar a pensar com clareza. O tom das confidências sugerira uma intimidade que não deveria existir entre duas pessoas decentes. Ela estendeu a mão e apertou a dele:

— Perdoas-me?

— Tu é que tens de me perdoar — disse ele, com franqueza, enquanto procurava os sapatos com o olhar.

Rafael soltou-se com gentileza da sua mão. Ela percebeu que ele iria sair em breve, deixá-la sozinha com o papel de parede dourado e o dia que nascia e que não tinha nada para lhe oferecer, como tantos outros. Além de mais solidão e uma ronda de aplausos depois das cantorias.

— Rafael... — disse, e espantou-se com o tom estrangulado da própria voz. — Não vais desaparecer, pois não? Não vais abandonar-me?

Ele precisou de um momento para se recompor, pareceu que ia dizer qualquer coisa, mas algo na expressão dela, no seu rosto cansado e nos olhos suplicantes, levou a que se limitasse a sacudir a cabeça:

— Claro que não. Vais sempre poder contar com as minhas boleias em dias de chuva.

Pouco depois, sozinha e assombrada com a vastidão do mundo, com a dimensão da sua própria ignorância quanto a si mesma e aos outros, acabou por cair num sono pesado.

Lisboa, agosto de 1947

— Não sou uma romântica, Serafim — disse-me naquele dia, quando passávamos de novo diante do coreto. — Nunca tinha considerado que o amor pudesse trazer paz, segurança. Não costumo ler, mas a minha ideia de «amor» era a de Romeu e Julieta, a de Pedro e Inês de Castro, e nessa altura também a de Afonso e Ana Maria... Não entendia nada do que se passava comigo quando estava na companhia dele. Depois de nos reencontrarmos, foi raro separarmo-nos.

— Ele sempre a acompanhou ao casamento?

Não a acompanhou, mesmo porque não eram um casal. Depois daquela noite, pouco antes do evento em que a Lena se tornaria a senhora Simões, ele

levara-a a jantar e tinham falado da vida, do Afonso, da falecida mulher, da Ana Maria e da Maria Ana, e de como a última estava com certeza convencida da realidade que fabricara para a filha degenerada. Não era improvável que achasse mesmo que o fado desvirtuara a sua menina, bem como o carpinteiro descalço, mas para Irene havia uma grande diferença entre a mãe ter sido corrompida pelos bairros insalubres do fado, ou ter encontrado no fado o seu alimento, e parecia-lhe que o segundo caso era o real. De repente, não receava perder-se, como lhe tinham garantido que fora a desgraça da mãe. Nem receava tornar-se leviana, porque lhe parecia que o único homem que a mãe conhecera fora o carpinteiro da Boa Hora.

XLVII

Lisboa, 1935

Nessa primavera de 1935, dirigiu-se sozinha ao casamento, metida no seu melhor vestido de seda, e aproximou-se da multidão em traje de cerimónia que cercava a Igreja dos Mártires. Antes de sair de casa, sentara-se demoradamente diante do espelho do toucador, apenas de combinação, e perguntou-se o que pretendia daquele encontro, o que ainda queria de Henrique ou de Lena. Olhou para o próprio rosto. Gostaria de ser mais bonita? Gostaria de ser ela a contemplada com as atenções devidas a uma noiva nesse dia que se adivinhava soalheiro? Percebeu que já não sentia nenhum amor por Henrique. A ideia de ser ela a casar-se com Henrique pareceu-lhe inconcebível. Durante anos sonhara com essa união — com um Henrique que aceitasse o seu fado e a sua mão. No entanto, sentada e de rosto pálido perante o enterro de todas essas aspirações, não conseguia produzir uma lágrima. Um suspiro. Quanto a Lena, o caso era diferente. Independentemente do ângulo pelo qual estudasse a questão, havia sempre *algo* que lhe doía.

Detetou de imediato a figura familiar de Deolinda, a quem acenou, e reparou que a costureira parecia envolta numa aura de felicidade assoberbada, edificante. À luz ofuscante de maio, viu-a fechar o rosto ao reconhecê-la, olhá-la de cima a baixo como se a recriminasse por um vestido da concorrência, ainda para mais um tão exuberante. Depois, a senhora Sousa inclinou-se e expiou parte da sua insatisfação ao ouvido de uma prima, que se virou com prontidão para encarar a intrusa.

Na verdade, o seu ar de confiança era uma farsa. Sentia que não devia estar

ali. A sua presença serviria apenas para deixar os noivos desconfortáveis, e ela não se importava assim tanto com a traição dos dois para despendar as suas horas com esse propósito. Já não. E não entendia porquê. Buscou em si a raiva que a sustivera de pé ao longo dos últimos meses, mas descobriu apenas uma agonia dolorosa, uma sensação de desmaio.

Viu Luísa num conjunto elegante de saia e casaco, e percebeu que a outra a recebia com uma expressão de choque e incredulidade. Luísa deu-lhe as costas, incapaz de a encarar. Apeteceu-lhe ir até lá, interpor-se entre ela e Faustino, e sussurrar: «Vou apoiá-la se um dia tomar o teu marido como amante.»

Entre as convidadas, muitas das quais seriam, com certeza, freguesas da Casa Sousa, elogiava-se a magnificência do vestido da noiva, todo ele bordados, florinhas, pérolas, cingidas à cintura finíssima da *virgem*, e do comprimento aristocrático do véu, coroados de mais flores. A Casa Sousa esmerava-se para impressionar através da sua legítima herdeira, e Deolinda não cessou de receber elogios e promessas de encomendas graças àquela peça triunfal que exibira na sala privada da sua loja ao longo das últimas semanas. Diziam que Lena, com os caracóis louros, os olhos escuros, a boca carnuda, sorridente, seria a noiva mais bonita que Lisboa jamais vira. Aguardavam-na com entusiasmo.

Irene ouvia os murmúrios e observava toda a gente: as expressões benevolentes dos avós, os lábios em repouso sorridente das mulheres que se tinham tornado íntimas de Deolinda, as suas filhas, de pernas muito altas e cinturas muito finas, que aspiravam a vir a ser tão belas e tão talentosas como Lena com a agulha e o dedal. Começou a sentir-se desamparada, deslocada naquela multidão. Ouviu uma voz masculina dizer que o noivo estava a chegar, já viam o carro a reluzir na esquina, e sentiu uma vontade desesperada de fugir dali. Rafael aconselhara-a a tirar o dia para fazer alguma coisa que lhe desse prazer. Avisara-a de que seria uma tortura, mas ela convencera-se de que a sua presença teria de ser uma corrente de ar na espinha dos noivos durante aquele dia especial. Assim que o visse, dir-lhe-ia que tinha razão.

Arriscou aproximar-se de Luísa, na esperança — tola e vã — de que, em nome da juventude, a outra tivesse uma palavra de ânimo, de consolo, a dirigir-lhe.

Em vez disso, uma Luísa empertigada, com o filho ainda agrilhoado a si, cumprimentou-a do seguinte modo:

— Estás doida para teres aparecido aqui?

— O Henrique convidou-me — respondeu, e percebeu que não haveria

entendimento possível entre si e Luísa. A outra fechava os olhos à sua dor.

— Eu sei e a Lena também sabe, mas nunca pensámos que ias ter coragem de vir.

Coragem. Irene percebeu que qualquer troca de palavras nesse dia poderia desencadear uma torrente de lágrimas ou um surto homicida. Sempre achara que, uma vez ali, iria apetercer-lhe gritar, berrar, soltar todas as acusações e queixar-se de todas as ofensas.

Continuava a ouvir ao fundo a voz de Luísa, ainda a repreendê-la entredentes, sem se atrever a levantar a voz:

— Tu não eras casada com o Henrique, nem sequer namoraste com ele, não entendo porque te sentes tão ofendida. Se eles gostam um do outro, que tens tu com isso? A inveja fica-te mal. Mais valia desejares felicidades à tua grande amiga.

— Aprendeste a usar a ironia, estou a ver — comentou Irene, descobrindo que as forças estavam a abandoná-la.

— Vai-te embora enquanto é tempo — sugeriu Luísa, e Irene apertou a carteira com força, sentiu a boca seca e apercebeu-se de que o grupo de homens que marchava para ali, de fato completo e flor ao peito, incluía o noivo, sorridente. — Esquece essa paixoneta de criança. Cresce.

Irene moveu-se ligeiramente, a fim de desaparecer do ângulo de visão de Henrique, a quem apenas viu de soslaio. *Se gostam um do outro, que tens tu com isso?*

— Ela sabia de tudo o que aconteceu entre mim e o Henrique — balbuciou Irene, mais para si do que para Luísa.

— Irene, queres que te leve a casa? — perguntou Faustino, numa voz suave que apenas agora denunciava que a vira.

Olhando uma última vez em redor, apercebendo-se do fotógrafo a poucos passos que disparava uma *Zeiss Ikon* na direção do grupo de homens, com os convidados a soltarem vivas pela chegada do noivo, Irene compreendeu que não podia ficar. Não havia força no mundo que lhe valesse naquela hora. Não teria como subir os degraus da igreja e sentar-se com todas as figuras da sua infância e juventude dentro daquelas paredes e sentir-se uma estranha, indesejada e ostracizada devido à obra de Lena. Considerara que poderia fazer o sacrifício, apenas para perturbar a perfeição do dia de sonho de Lena. Achara que seria capaz de a fitar nos olhos e de lhe sorrir com cinismo. Pensara que conseguiria tirar prazer de ver a outra suar, consternada, e estremecer a cada vez que Irene abrisse a boca, não fosse esta ser indiscreta, ácida, ou revelar algum dos seus segredos indizíveis.

Estava a escolher mentalmente o percurso para a retirada, de modo a evitar

cruzar-se com outros conhecidos, quando ouviu a voz de Luísa ainda a sibilar a seu lado:

— Tornaste-te amarga, como queres que os homens se interessem por ti? Ainda por cima a cantar por aí. Achas que ele ia casar-se com uma mulher que anda na companhia de fadistas? Que chega a casa de madrugada?

— Não preciso que nenhum homem se interesse por mim — atirou Irene, e aquele comentário de Luísa reacendeu a chispa da sua indignação. — Ao contrário de vocês, não acho que o casamento valha tudo. Não vale uma amizade, por exemplo.

— Então, se foste tão amiga dela, não venhas para aqui destilar veneno entre os convidados. Vai-te embora.

Nesse momento, Deolinda aproximou-se das duas mulheres, e Irene percebeu, pela expressão no seu rosto, que Lena preparara a mãe para a eventualidade da sua presença, e que o cimentara com algum enredo novelesco muito a seu estilo. A mãe da noiva fez-lhe um gesto para que se afastassem dos convidados e, sem rodeios, falou-lhe com rispidez:

— Não sei porque é que o meu genro te convidou, mas se tivesses vergonha na cara não tinhas vindo.

— Vergonha na cara?

— Sim, a Lena explicou-me tudo. Não que eu não desconfiasse.

Irene não teve reação, não tinha qualquer esperança de que Deolinda estivesse disposta a revelar o que a filha lhe contara, para que ela pudesse repor a verdade.

Deolinda continuou a falar num tom feroz, frio, de leoa que protege a cria:

— As pessoas podem cobrir-se de roupas bonitas e de joias verdadeiras, e até podem viver em palácios, mas o sítio de onde vieram fica-lhes para sempre na pele. Desde que soube que a tua mãe era de má vida, percebi que não eras digna de confiança. Essas coisas não nos saem da pele. Tens sido uma má influência para a Helena, já chega de tentares arrastá-la para a podridão da tua vida, da tua natureza. Chega! Deixa a minha filha em paz.

Irene assimilou sem pestanejar tudo o que lhe dizia a mãe da sua velha amiga. Não podia culpá-la, mas julgou-se capaz de pegar no automóvel — por esses dias, andava a aprender a conduzir no ACP — e de passar por cima de Lena. Seria uma visão inesquecível, a da noiva que se adivinhava tão bela distendida na calçada, diante da basílica, com o colar de pérolas desfeito e derramado ao seu redor, o vestido maculado pelo negrume dos pneus e pelo sangue que lhe vertia das entranhas expostas.

Ergueu o queixo para Deolinda, que a mantinha presa pelo braço:

— A sua filha é que tem sido uma grande puta.

Não ficou para ver a afronta no rosto de repente lívido de Deolinda. Soltou-se com um puxão e desandou dali sem olhar para trás.

Lisboa, agosto de 1947

— Então, não chegou propriamente a enfrentá-la. Nem sequer a viu.

— Foi o suficiente para lhe estragar a festa, acredito.

— A mim, parece que fez pior à mãe dela do que a ela.

— Duvido. A mãe só deve ter ficado ainda mais certa de tudo o que já achava de mim. Gosto de acreditar que os rumores da minha breve passagem por ali acabaram por chegar aos ouvidos da Lena. Espero que tenha passado o casamento e o copo-d'água a olhar constantemente por cima do ombro.

Acercámo-nos do automóvel e deixámos que nos conduzisse ao palacete da Castilho. Pelo caminho, falou-me de como decidira aprender a conduzir e adquirir um automóvel, porque assim deixava de precisar de quem quer que fosse em noites de chuva.

— Mas tinha o Rafael... — observei, com um sorriso cúmplice.

— Não tinha nada. O Rafael esteve muito interessado em mim, mas foi enquanto eu não queria nada com ele. Depois, quando comecei a precisar dele, começou a afastar-se. Até que um dia, no Nicola, lhe disse que toda a gente achava que íamos casar-nos. Disse-o a brincar, porque a cidade toda nos via juntos por toda a parte. Julgavam-nos amantes, coisa que não éramos, mas eu sabia que quase tínhamos dado um passo sem retorno. Estivemos prestes a beijar-nos outras vezes e isso, como é evidente, exigia respostas. Ainda assim, como ele não se importava que nos vissem na companhia um do outro, pensei que tinha intenções sérias. Mas ele mudou, ficou muito estranho. A verdade é que ele estava tão sozinho quanto eu, por muito que passasse os dias rodeado dos figurões do Estado, a beber e a fumar pelas casas de pasto da cidade.

Lisboa, 1935

Nesse verão, ela esperou por um convite dele para se juntar a algum evento da sua família, ali ao lado. Ou por um convite para um almoço, *uma matinée*, como quase rotina entre os dois. Contudo, e sem nada que o fizesse prever, ele remeteu-se a um silêncio sem satisfações.

Agora, sim, estava sozinho. Rosa tinha imenso trabalho relacionado com o encerramento do ano letivo e estava a planear ausentar-se durante o fecho da

escola, para ir até à terra do marido e não havia mais nada, nem sequer um concerto, a tirá-la da opressão de uma casa vazia. Como companhia, tinha apenas o que imaginava que Lena diria da sua situação: *Estão a ver? Ela é tão má que não tem amigos, não tem ninguém. Toda a gente se farta dela.*

Mas não era verdade, pois não? Tinha amigos: os músicos, os taberneiros, as mulheres dos homens de colarinho branco e pomada no cabelo que a admiravam e que a imitavam nas modas, os vizinhos, Rafael. Não queria mais ninguém, não queria juntar-se aos saraus dos conhecidos em restaurantes sob a luz intensa dos lustres, e também não se dava a mais ninguém para poder considerar que tinha outros amigos. Havia muita gente a procurar a sua companhia, mas ela nunca procurava a companhia de quem quer que fosse, exceto a de Rafael.

Num dia em particular, em que se apercebeu de grande movimento de veículos, música e vozes na casa dos Vaz, o relógio avançava ao longo do dia e ela deu-se conta de que os Vaz já teriam almoçado e, depois, jantado. Nem um telefonema, nem uma visita rápida a lamentar não poderem convidá-la para a celebração. Num momento de desaire, chegou a perguntar-se se Lena saberia que ela contava agora com o apoio de Rafael, com o acolhimento daquela família, e teria inventado alguma mentira para lho negar. Haveria a possibilidade de Rafael não estar presente no festejo dos pais? Parecia-lhe improvável. Estaria a cear a dois passos de si, entre risos e piadas familiares, e a ignorá-la propositadamente? Ou, pior, sem sequer lhe dedicar um pensamento e à sua situação de eterna melancólica e solitária?

Uma semana depois, quando ele bateu com os nós dos dedos na sua porta das traseiras, já tarde na noite, ela falou-lhe sem lha abrir:

— Vai-te embora, Rafael. Já é muito tarde.

— Aconteceu alguma coisa? — Era a voz de sempre, sem réstia de culpa, do outro lado da madeira.

— Não.

— Claro que aconteceu — disse ele, e a voz suavizou-se. — Caso contrário, já terias aberto a porta e já me terias dado um abraço.

— Desculpa, mas se não sirvo para sair contigo à luz do dia, nem para ser convidada para os festejos em casa dos teus pais, também não sirvo para te receber quando estou sozinha e é noite.

— Irene! Estás chateada por isso? Não podia convidar-te, eu próprio fui só um convidado...

— Desapareceste sem dizer água vai.

— Irene...

— Vais pelo menos mentir e dizer que andaste muito ocupado?

— Desculpa, mas não entendo o que queres de mim. Estou aqui. Somos... *amigos*? Se abrires a porta, podemos falar melhor.

— Vai-te embora, Rafael. Ficou clara a importância que tenho na tua vida.

— Eu nunca te prometi nada, nem te menti.

— Pois não — ripostou ela, incisiva. — Só deste a entender que tínhamos futuro, se eu quisesse.

E, ao verbalizá-lo, Irene deu-se conta do quanto começara a ansiar por esse futuro.

Encostando-se à porta, Rafael deve ter entendido que ela não pretendia abri-la e que permanecia de pé, no escuro da cozinha. Deve ter entendido que ela lhe exigia uma conversa franca, sem rodeios.

Acendeu uma cigarrilha e tentou explicar-se:

— A minha capacidade de amar morreu com a mãe do Afonso...

— A minha, não.

— Não podes dizer que me amas, conhecemo-nos há pouco tempo. — Como ela não respondia, ele acrescentou com suavidade: — Não quero magoar-te, Irene, mas não creio que volte a casar-me.

— Adeus, Rafael — atirou e, depois, subiu ao quarto, deitou-se e mordeu o lençol.

Decidiu que não ia voltar a chorar por amor.

Lisboa, agosto de 1947

Diante da sua porta, e com as horas contadas, a Irene fez-me um último convite:

— Vou dar uma festa em sua honra, Serafim. Daqui a dois dias, despedimo-nos e pedia-lhe que viesse jantar connosco. Algumas das pessoas de que lhe tenho falado vão estar lá. Gostaríamos muito de estender o convite à sua tia.

— Será como ver as personagens a elevarem-se das páginas de um livro, não é?

Ela apertou-me a mão, alheia ao escrutínio do motorista:

— Vai escrevê-lo, não vai?

— Um dia, quando encontrar o tom certo para a narrativa — atrevi-me a responder, porque não sabia se ela iria contactar-me para saber do livro, e duvidava de que viesse a escrevê-lo.

— Perdoe-me se não sou grande oradora.

— Tem-se saído bem. Obrigado pela festa, mas não exagere, sim?

Ninguém conhece os meus feitos com a pena.

— Vão ficar a conhecer agora — garantiu, e desceu.

Inclinei-me na janela para lhe dizer, com afeto:

— Fico feliz que o Rafael tenha voltado atrás e se tenha casado consigo.

A Irene virou-se e apertou os lábios num sorriso.

O motorista deixou-me no Miradouro de São Pedro, a meu pedido. Fiquei por lá sentado, de olhos postos nos telhados de Lisboa, nas andorinhas que esvoaçavam até aos seus ninhos, no Tejo obscurecido por mais um cair da noite e no vulto de São Jorge. Nesse dia, a Irene não me convidara para jantar. O marido proibira-a, com certeza. Em que espécie de problemas iria meter-se para dar a tal festa em minha honra?

Com um suspiro de apreensão, limpei o suor com o meu inseparável lenço de cambraia e arrastei-me até ao Hotel Europa, a ajeitar com a biqueira dos sapatos as pedras revolvidas da calçada.

Estoril, 1956

Repito alguns dos gestos dessa noite ao devolver os livros ao malão de viagem. Deixarei a *Everest* para o fim. A minha passagem de regresso é para daqui a três dias e não consigo conceber a ideia de terminar esta narrativa em solo britânico. Tenho de fazê-lo aqui, nem que para isso enfrente as madrugadas com o martelar das teclas, até ao bater embaraçado da camareira na porta do meu quarto, a rogar-me silêncio para os outros hóspedes.

Tudo isto se precipitou pela circunstância de ter visto a Irene na esplanada do aeroporto, poucos dias depois da minha chegada. Tinha atravessado a linha férrea inteira e tomara a carreira do aeroporto para ver os aviões. Estava ansioso por acompanhar as descolagens e aterragens dos *Super Constellation* e, com sorte, teria um vislumbre do *Vasco da Gama* que me trouxera de Heathrow.

Guardava uma boa memória daquele espaço e da mulher jovem, vulnerável, espirituosa, que me acompanhara nessa vigilância aeronáutica, de cotovelos na balaustrada e queixo em repouso nos braços. Pelo caminho, pensei pela primeira vez nela ao contornar a Praça Marquês de Pombal. Fiquei perturbado quando dirigi o olhar à fileira de casas que ali havia, por cujos jardins eu passava sempre que subia a Castilho, cumprimentando já os cães, as crianças que tomavam sol, as velhinhas que vinham para a luz com os cestos de costura dedicar-se aos seus arranjos e bordados, e vi o vulto gigantesco de um hotel no lugar onde, outrora, se elevara o palacete dos Vaz.

Constatei, com algum choque, que já não havia jardim de inverno, nem janela saliente, nem vitral greco-romano, nem o pavilhão onde os cãesinhos guinchavam dia e noite. Os contornos do Ritz ensombraram-me o ânimo, trouxeram-me a curiosidade de perscrutar o que foi falado tantos anos antes.

Imaginem o que significou para mim cruzar-me com ela ao aceder à esplanada. Eu chegava, no meu passo lento de quase septuagenário, diabético e pesado, e ela partia, abandonava o ar livre. Ia acompanhada de uma outra senhora, mais alta e mais vistosa do que ela. Deteve-se e espreitou sobre o ombro, fitou-me, reconheceu-me. Demorou a dirigir-me a palavra — talvez estivesse tão pasmada quanto eu — e a incredulidade impediu-me de encontrar forças para a saudar.

Porquê, se era ela? Se era ela de chapéu, com o cabelo num coque elegante, ainda escuro, ainda crespo, com uma saia balão e uns tacões envernizados, saída de um catálogo da Dior, pelo braço de uma amiga, as duas muito sorridentes, muito perfumadas? Estava mais velha, mas era ela, e eu embasbacado, sem reação. Os mesmos lábios carmim, as pérolas nos lóbulos das orelhas, o mesmo perfil, a mesma figura?

Veio-me à memória toda a sua história, todos os reveses que partilhara comigo. Soube que estava em dívida para com ela, por nunca ter dado utilidade àquelas confissões tão íntimas, àqueles episódios românticos no modernismo de Lisboa. Porém, sob que ângulo haveria de pegar em tudo aquilo? Não lhe via uma lógica, uma conclusão. Não sabia onde iria com aquele enredo, que sentido faria escrevê-lo? Não sou niilista, busco um sentido para os eventos, e quem sabe fosse esse o meu bloqueio.

Aproximei-me da mesa e o meu olhar pousou no cinzeiro, como se procurasse uma confirmação de que não delirava. Fiquei sem fôlego:

O *Português Suave* ainda fumegava no cinzeiro de cristal, entre duas taças de espumante.

XLVIII

Lisboa, agosto de 1947

Na véspera da festa em minha honra, a Irene convenceu-me a levá-la a casa da minha tia Lucinda para a persuadirmos pessoalmente a comparecer. Demos connosco a enfrentar os becos de São Miguel de Alfama ao cair da noite, quando nos pareceu garantido que uma sexagenária estivesse em casa. E estava: a tia Lucinda estava sentada à mesa redonda da cozinha, diante de uma panela de sopa de feijão, e a porta estava aberta, foi só anunciar-me com um «Ó de casa». Jantava cedo porque se deitava ainda mais cedo e, pela manhã, fazia o primeiro turno de Enfermagem do São José. Preferia assim.

— Quando vos ouvi chegar, já a panela estava a ferver. Querem uma sopinha?

A tia Lucinda era uma senhora corpulenta, traço que creio ser de família, de cabelo espesso e grisalho, enrolado numa trança e preso por ganchos, cujos sapatos pareciam demasiado pequenos para os seus pés inchados. Vivia sozinha num primeiro andar servido por umas escadas de degraus altos e muito estreitos, de modo que eu próprio preenchia com facilidade a sua largura. Depois daquela subida claustrofóbica para mim, desembocámos numa casinha de bonecas com cortinas de renda e janelas de tabuinhas, e acabámos por nos servir do pão e da sopa que nos oferecia, porque se aproximava a hora de jantar.

Terminado o repasto, conduziu-nos para a sua salinha minúscula, com teto de traves de madeira, e foi buscar um envelope a uma gaveta onde rolavam carrinhos de linha e dedais.

— Se dizes que a tua amiga veio por causa da guerra, eu mostro-lhe a

guerra. Mas duvido que vá reconhecer o pai neste retrato. — Deixou-se cair numa poltrona, espalhando ao redor das pernas a saia longa e preta.

Estendeu-nos o envelope, que passei à Irene. Introduzindo os dedos miúdos por entre o papel amarelecido, vi-a fazer deslizar para fora um retrato do avesso. A letra larga e sinuosa surgiu a tinta preta, e inclinei-me para ler:

— Os homens não sabiam o que estavam lá a fazer — interpôs a tia, de repente menos afetuosa. — Entendiam o porquê de se morrer em África, mas não em França. Não percebiam a língua nem os motivos. Não se importavam de enfrentar os boches da Damaralândia⁸, mas não os dos campos abertos da Flandres. Sentiam-se abandonados, alheados daquilo tudo.

Falou-nos de como seguira com a vista o mar de homens a desfilar no Parque Eduardo VII, à época um mero ajardinamento onde era fácil ficar-se coberto de poeira ou de lama, conforme estivesse o tempo.

— Não eras tu que estavas lá comigo, Serafim?

— Não, não me lembro de nada disso.

— Pois, então devia ser o Inácio que foi comigo ver a marcha do CEP⁹. Bom, aqueles homens, quase meninos, não tinham nada. Nem carabinas, nem coisa alguma. Havia carroças a acompanhar o desfile, como se nos preparássemos para uma guerra às antigas, como as do tempo do Napoleão, quando os alemães já tinham submarinos que afundavam os navios em que nos transportavam.

Explicava-se assim o seu próprio choque quando desembarcou em Brest, em abril de 1917, com uma leva de soldados desarmados, despreparados, que foram aprender com os ingleses a arte da guerra, antes de serem atirados para as trincheiras. As armas eram inglesas, as instruções ao mais alto comando também pareciam ser. Não se sentiam seguros, indispensáveis, ou sequer a cumprir um dever para com a pátria. Os discursos de Bernardino não tocavam nenhuma corda sentimentalista nos corações daqueles jovens, e irritavam bastante as suas mães.

— Durante todo o tempo, questionávamos. Questionámos mais ainda quando chegou o inverno e as nossas sepulturas se encheram de lama e de ratos.

— Sepulturas, tia?

— Era assim que chamávamos as trincheiras, eu e os médicos do meu hospital. Mas raramente lá fui, estava junto das camas de campanha, a cortar pernas e braços a rapazes de 16 anos, e a retirar-lhes com pinças estilhaços dos joelhos. Nem sempre havia morfina, por isso os gritos eram de ensurdecer. Chamavam pela mãe.

Tinha a certeza de que a Irene estava a pensar o mesmo que eu, porque se

pôs muito pálida. Imaginava o pai a ser amputado, ou a gritar pela mãe desprovido de qualquer dignidade. E os dedos suavam sobre as letras da fotografia, que diziam *Regimento de Infantaria n.º 7, 14 de Março de 1918*.

— Um dos soldados-repórter tirou-nos esse retrato, mas já estávamos muito massacrados. — Irene continuava sem encontrar forças para virar a fotografia. — Nesse inverno, fez muito frio, acordámos um dia com tudo coberto de branco. Quase nenhum daqueles rapazes tinha visto neve e houve um momento, quando os flocos começaram a cair do céu, em novembro, que se puseram todos de boca aberta, de mãos estendidas a tentar apanhá-los, prová-los. Pareciam crianças. Eram crianças.

— A tia também era muito nova. — E nunca me tinha falado de nada daquilo.

— Não era assim tanto, já passava dos trinta. Mas, sim, a minha vida começou lá, com o primeiro pé gangrenado. Antes disso, não sabia o que andava cá a fazer.

Os alemães tinham derrotado os russos, na frente oriental. Não havia nada que os impedisse de se valerem dos seus navios, submarinos, metralhadoras e aeroplanos para suprimirem os britânicos e os portugueses naqueles pantanais. Procuravam a todo o custo chegar ao mar, mas não tinham homens suficientes nem equipamento em condições para vencer a guerra com celeridade. Estavam massacrados pelo inverno russo, e chegaram à Flandres exaustos dessa empreitada. A cada vez que infligiam um ataque bem direcionado aos britânicos, estes retiravam para o Canal da Mancha, e deixavam os flancos portugueses desprotegidos, à mercê da frustração dos boches.

— Se os americanos não tivessem chegado em maio, estávamos todos sepultados nesse pantanal. — Impacientando-se pela recusa da Irene em pôr os olhos na imagem que o envelope continha, a tia Lucinda insistiu. — Veja lá a fotografia. Já só havia uma árvore na planície, só uma. A terra estava toda revirada quando foi o fim da guerra, essa árvore também foi pelos ares. As divisões também iam todas pelos ares, os contingentes eram reorganizados a toda a hora.

Os dedos da Irene tremiam, mas ela procurou agir com naturalidade. Fez rodar o retrato, pousou os olhos naqueles rostos crispados, a sépia. A primeira fileira de cócoras, a segunda de pé, a terceira de pé também, os mais altos a espreitarem entre os ombros da fila do meio. Uma *Kodak Vest Pocket* (ela não podia sabê-lo, não sabia nada de jornalismo ou de fotografia) nas mãos de um homem de óculos. Uma metralhadora *Vickers* no parapeito daquilo que, outrora, poderia ter sido o claustro de um convento, mas que no retrato

parecia um daqueles palcos improvisados do teatro, que basta um sopro do público para tombar.

— Tinha acabado uma amputação e ainda tinha a farda suja de sangue, quando me chamaram para a fotografia. Acabei por lavar as mãos e juntar-me aos rapazes. Chamavam-me *La Petite Sardine*, porque era muito pequena. Acharam graça ao termo em francês. Eram muito respeitosos comigo. Coitados, morreram quase todos em La Lys, nem um mês depois. — A tia continuaria a acrescentar detalhes para sempre, se não fosse a expressão solene com que eu aguardava por um veredito da cantadeira.

Não tirava os olhos da Irene, sentada a meu lado sobre a coberta de renda do sofá. Parecia-me que nem respirava enquanto passava em revista os rostos ali amontoados, todos jovens, todos tismados, todos sérios, todos esqueléticos, todos portugueses. Talvez, quem sabe, todos mortos entretanto, alguns deles ali sepultados no próprio dia, ou dias depois.

— O terceiro à esquerda, na fila de baixo, morreu nessa noite. Um *Fokker*.

— Um *Fokker* — acrescentei, de olhos postos nos lábios secos e entreabertos da Irene, cujo polegar acariciava o rosto do terceiro soldado raso à esquerda, na fila da frente — é um avião de guerra.

A Irene passava a vista pelos bonés, pelas cruzes da Ordem de Cristo, pelos cintos cingidos àquelas cinturas estreitas, pela desesperança naqueles rostos ossudos.

E a voz da tia, da poltrona diante de nós:

— É, um mês depois estavam quase todos mortos, ou malucos, quando veio o Ludendorff e acabaram com tudo — recordava, de mãos juntas sobre o ventre generoso. — Quase todos mortos, eram só fardas do CEP espojadas na lama... Mas, pelo menos, aquele terreno disfarçava o choque do sangue, não fazia tanta impressão.

— Todos mortos — murmurou a nossa cantadeira, num fio de voz. — Acabaram com tudo...

De repente, pôs-se rígida e deslizou para o chão, sem sentidos.

A tia Lucinda moveu-se a uma velocidade espantosa para uma mulher tão pesada, e levantou-lhe as pernas pelos tornozelos, enquanto me pedia que fosse ao seu quarto buscar um travesseiro. Quando regresssei, vi-a usar os dedos para lhe medir a pulsação no pescoço.

— Ela está bem? — perguntei, mas ela já a sacudia com vigor. Tentei pará-la. — Vai aleijá-la!

— É só para ela voltar a si. Vai buscar água, está um cântaro ao lado da pia. — Apontou-me a cozinha. — Está muito calor.

Quando regresssei, ela abanava com um leque o rosto da Irene, segurava-a contra o peito volumoso, e ela hesitava em abrir os olhos, mas estendeu os lábios para o copo que lhes cheguei.

— Está bem, minha querida?

Ela procurou afastar-me, olhou para o sofá, para o envelope vazio e, depois, para o retrato sobre o tapete, a seus pés. A tia deteve-a quando se inclinou para o chão. Resgatei aqueles rostos e depusitei-lhos na mão aberta.

— É o meu pai, Serafim — murmurou, ainda débil. — Ele esteve ali, de certeza.

— Minha querida, não sabemos isso.

— Ele passou por tudo isso — ripostou ela, e a minha tia franzia o sobrolho, consternada.

— Não há como saber. Havia muita coisa para se fazer na guerra. Nem todos estavam na frente, ou nas trincheiras. Alguns passavam recados, reparavam estradas, cavavam valas, sei lá.

Quando a Irene se sentiu recomposta, bebeu o resto do copo de água e a tia voltou à poltrona. A Irene parecia esgotada, exausta. Endireitei-me a seu lado, agarrando o copo que baloiçava nas suas mãos trémulas:

— Não se recorda de nenhum jovem falar de uma filha que tinha deixado para trás?

A tia Lucinda assentou sobre o nariz adunco os óculos que tinha na mesinha de apoio, seguiu com a unha o dedo da Irene e deteve-se nos rostos dos homens da fotografia.

— Minha querida, todos tínhamos deixado alguém para trás.

— E diz-me que, do seu regimento, morreram quase todos?

— Bem, eu não tinha um regimento. Eu assistia vários regimentos. Mas é sabido que houve um massacre dos portugueses no Somme. — Soltou um suspiro e prosseguiu: — Às vezes, os homens desapareciam, bem como as suas placas de identificação. Podiam ter desertado ou morrido. Era difícil dizer.

— O meu pai desapareceu — repetiu a Irene, quase apática.

— Se desapareceu, é possível que seja um dos homens que conseguiram desertar.

— Ele não desertou, ou teria voltado para mim.

— Às vezes, os homens perdiam a memória, sabe? Perdiam a memória ou ficavam muito confusos, e eram acolhidos por famílias francesas que tinham perdido os filhos, e que os alimentavam e cuidavam deles — acrescentou, com um sorriso benevolente. — Eram muito novos, e tudo aquilo era muito duro. Alguns dos que desembarcavam em Brest nem nunca tinham andado de comboio, vinham dos buracos mais recônditos deste país. O entusiasmo da

viagem acabava depressa quando se viam à sombra de um Cristo de madeira, nas fileiras portuguesas, a comer a ração dos ingleses e a beber água turva.

— Pode ter morrido desmembrado. Desfeito — balbuciou a Irene.

A tia pareceu aborrecida:

— Não lhe digo que não, mas para quê pensar nisso? O que lá foi, lá foi.

⁸ Atual Namíbia. (*N. da A.*)

⁹ Corpo Expedicionário Português. (*N. da A.*)

XLIX

—A tia não se opôs a que a Irene levasse a fotografia, para fazer uma cópia, mas só depois de se apontar a si mesma, com um chapelinho curioso de abas reviradas e um rosto muito sisudo. Tínhamos acendido o candeeiro a petróleo entretanto e, à sua luz bruxuleante, pareceu-me grosseira, como uma mulher que tivesse passado a vida entre o curral e a fazenda.

— Eu era bonita, não era?

— Era — concordou a Irene, embora distante.

— Bonita, mas muito séria — contrapus, e prometi que a Irene lhe faria chegar a cópia do retrato assim que visitasse um fotógrafo.

Já à saída, a Irene avançou à minha frente pelas escadas. O cheiro do petróleo a queimar entontecera-a, pôs-se de novo muito branca e ansiosa por ar fresco. Virei-me uma última vez para garantir à minha tia que não precisava de se preocupar com a etiqueta no dia seguinte em casa dos Vaz. Seria muito bem recebida, tal como eu sempre fui.

Pouco depois, descia a seu lado as Escadinhas de São Miguel, de olhos postos na lua que se erguia sobre o Tejo, a perguntar-me porque mentem as pessoas. Segui calado até ao automóvel, que nos esperava junto à Sé. Durante o percurso até ao Hotel Europa, enfrentei o seu silêncio com paciência enquanto, dentro de mim, a saudade se elevava em urros. Despedia-me dela, da minha tia, das minhas recordações de infância com uma tia que me recordava a minha mãe até no tempero da sopa. A Irene tinha razão quando dizia que, com o passar dos anos, o mundo se vai tornando um sítio mais deserto. Lisboa, por exemplo, estava quase vazia para mim.

Diante do hotel, a Irene desceu do veículo atrás de mim. Julguei que queria despedir-se. Olhou-me com pesar, os braços caídos ao lado do corpo:

— Não me apetece ir já para casa.

— Devia comer alguma coisa, continua com um aspeto adoentado.

— Podemos jantar no seu hotel?

Omiti-lhe a minha intenção de arrumar o resto dos meus pertences, mesmo porque na noite seguinte seria a festa de despedida que ela organizara com admirável celeridade, e não sabia a que horas estaria de volta ao quarto. Assim, vi-a dispensar o motorista — que se foi embora, preocupado com algum raspanete que o engenheiro pudesse dar-lhe, mas que não se atreveu a tecer qualquer comentário. A cantadeira seguiu-me para o interior do hotel e, à luz elétrica do candelabro do átrio, pareceu-me prestes a desfalecer.

— Irene, acho que devia consultar um médico. Está a deixar-me muito preocupado, o seu desmaio... E agora mesmo... — Esperei que não se ofendesse com os meus comentários ao seu aspeto. — ... parece-me muito débil. Acho que sofreu demasiados choques no mesmo dia.

— Por favor, vamos comer? Sinto alguma fraqueza...

Sentámo-nos à mesa, bem no centro da sala de refeições, amplamente iluminada, e recebemos o menu em silêncio. Ela comeu com apetite, o que me espantou tendo em conta que acabava de abordar assuntos perturbadores. Aquela coincidência mortificava-me, deixava-me pasmo perante a dimensão ridícula do mundo, o intrincado das relações, das histórias de uns e de outros. Após alguma reflexão, considereei que a sua apreensão se devia à esperança que acalentara de reencontrar o pai num dos rostos daqueles soldados. Contudo, o mais provável era que não se recordasse sequer do seu rosto. Deve ser avassalador não termos conhecido nem pai, nem mãe. Não nos recordarmos do seu rosto, colo, cheiro ou voz.

De repente, a fitar a mulher diante de mim, quase imóvel depois de terminar a sua refeição, questionei-me se afinal haverá um motivo para que as coisas aconteçam, para que as pessoas se encontrem.

— Sabe, Serafim... — A sua voz era um sopro solene. — O meu pai podia ser um daqueles homens do retrato da sua tia. Creio que nunca o saberei. Porém, há qualquer coisa cá dentro que me diz que ele ficou lá. Na lama. É o que eu acho.

Julguei entender que as mulheres acreditam na sua intuição como um homem acredita num edital de guerra, numa lista de soldados caídos. Ela não duvidava das suas certezas íntimas, como eu não duvidaria de que o soldado Esteves estava morto e enterrado ali no Alto de São João, se o lesse num documento oficial.

— Acha que posso ficar mais um bocado? Podíamos subir para o seu quarto? Temos tão pouco tempo. — Despertou-me do meu torpor naquele tom de súplica, os olhos enganchados nos meus.

Atendi o seu pedido, como sempre atendi todos. Mas, para não passarmos pela receção e mancharmos a sua reputação, fomos pelas escadas de serviço, as mesmas que eu costumava utilizar quando ia à lavandaria perguntar por alguma camisa, apenas para evitar a intervenção do *concierge*. Gostava de trocar algumas palavras com as lavadeiras, que destruíam as mãos, mas trabalhavam em grande animação.

Deixei que entrasse à minha frente para o espaço obscuro, convicto de que a camareira ajeitara tudo. De facto, tinha os livros por guardar empilhados na mesinha, a cadeira num ângulo perfeito debaixo dela, a janela aberta e as cortinas a ondular, para refrescar o quarto, a fim de que o hóspede tivesse um sono tranquilo. Os malões estavam ao canto, com as minhas últimas camisas dobradas por cima, ainda com o brio da engomadeira nos vincos da gola. Não entendia bem o que queria de mim, mas sentia uma expectativa estranha a entorpecer-me os membros. Há quantos anos não me via fechado com uma mulher num aposento tão diminuto? E será que alguma vez na vida, por um momento apenas, me vira perante uma mulher tão perturbadora, e a tive em exclusivo para mim, disposta a confessar-se e a derramar no meu colo os seus segredos?

— Já começou a escrever sobre mim? — Passava a ponta dos dedos pelos meus cadernos empilhados na secretária.

Relanceei os meus chinelos de quarto, e como me pareceram enormes e deformados, sobretudo para um homem tão baixo. Senti-me desadequado, indigno daquela presença nos meus domínios. E não, não começara a escrever.

— Serafim? — Eu hesitava em responder.

— Desculpe, temos passado tantas horas juntos que ainda não escrevi nada, só tirei apontamentos para não me esquecer do essencial.

Uma ruga insinuou-se entre os seus olhos, e ela caminhou até à janela, vi-a envolta nas cortinas que esvoaçavam, por um momento pareceram transformar-se em asas, santificar a mulher que, imóvel, admirava a praça lá em baixo, as mãos espaiadas no parapeito da janela.

— Irene... — comecei, dando um passo na sua direção, incerto do que fazer, ou do que dizer a seguir.

— Disse-lhe que me telefonaram por causa da Lena?

Libertei o ar dos pulmões, que não me apercebera de ter sustido, e imobilizei-me no centro do quarto, ainda com a porta aberta atrás de mim,

porque fechá-la me parecia um sacrilégio.

— Não me disse o que foi falado.

Como guardei silêncio, deu as costas à praça e apoiou-se na janela, virada para mim.

— Importa-se que tire os sapatos e me sente na cama?

Apontei-lha, sem conseguir articular uma palavra. Enquanto se descalçava, tive o discernimento de fechar a porta, e relanceei de novo os chinelos, sem coragem de os calçar diante dela. Assim, vi-a ajeitar as almofadas da minha cama, recostar-se nelas e estender as pernas ao comprido. Soltou um suspiro de alívio.

— Já me dóiam bastante os pés.

Puxei a cadeira da secretária e sentei-me diante dela, sem acender o candeeiro. A lua estava quase cheia e alumiaava o espaço exíguo, projetando sombras ao nosso redor. Vi-a massajar o ventre, e percebi que comera muito e demasiado depressa. Estava outra vez indisposta. Quis insistir em que a achava débil, macilenta, mas ela estava com vontade de falar, instigada pelo tempo que se esvaía entre nós.

— Quando começou a guerra, já eu estava casada com o Rafael, e os nossos meninos estavam muito bonitos, eram rapazes saudáveis e irmãos inseparáveis.

Quando a guerra começou, o engenheiro continuava a colaborar com o regime — quem sabe não tivesse, também ele, as mãos manchadas do volfrâmio que dispensámos ao Reich? —, ela cantava e o fado ganhava uma maior significância na vida portuguesa, tornava-se algo a que as elites prestavam grande atenção, no conforto dos seus salões de festa. A guerra, ainda que abstrata e distante, também contribuía para que o povo se unisse em torno dos cancioneiros de fado e se sentisse assim envolvido na atmosfera mística dos seus desenganos, da sua saudade, da mágoa que lhes sobejava dos ossos e lhes transbordava dos olhos humedecidos a cada pico da voz da Irene, a cada tombo emotivo, a cada trejeito do xaile.

— O jornal do Henrique encerrou em definitivo e as pessoas não mandavam fazer tanta roupa, deixaram-se de luxos. Da Europa, chegavam notícias terríveis. O meu marido interessava-se muito pela Alemanha, até continuava a receber a *Das Schwarze Korps*, acha que digo bem?

Ganhei fôlego para perguntar, por mera curiosidade jornalística:

— Irene, se me permite, o seu marido tinha simpatias nazis, para receber a revista da SS?

— Não, apenas gostava de estar informado. Era assim que íamos sabendo como a Alemanha se considerava superior, como os judeus lhes serviam de

bode expiatório, como aconselhavam as pessoas de constituição inferior a serem esterilizadas.

— Não as aconselhavam. Forçavam-nas.

— Desconheço todos os pormenores. Só sei que o Henrique ficou arruinado, e a mãe da Lena adoeceu pouco depois de o marido morrer de gota. Aquela abundância inesperada acabou-lhe com a saúde. Acho que a mãe dela morreu de desgosto, porque, apesar de ser muito brusca com o marido, gostava muito dele e estava muito acostumada à sua companhia. Foi aí que percebi que as pessoas podem morrer de tristeza, sabe? Morremos de desgosto como as plantas morrem de sede.

L

Sozinha, a Lena não conseguia dar conta da gestão da Casa Sousa e, quando começaram a cometer erros em torno das encomendas cada vez mais diminutas que iam recebendo, os fregueses canalizaram os seus recursos para a loja Paris em Lisboa, ou para outras modistas menos caras e mais céleres. A Irene ainda pensou que ela acabasse por procurá-la, por vir chorar no seu colo a morte do pai e a doença da mãe, arrependida como era seu costume depois de causar dor aos outros, mas acabou por crer que mesmo ela se apercebera da dimensão da sua vileza. Não havia volta a dar ou perdão possível. Teve a decência de enfrentar sozinha as dificuldades, sem se humilhar a vir procurá-la.

— Não estava aqui durante a guerra, pois não? — Confirmei-lho com um gesto de cabeça. — Mas deve saber que houve racionamento. A Celeste nem sempre conseguia trazer peixe para casa, e olhe que não passávamos dificuldades. Tínhamos dinheiro no banco, mas havia prateleiras vazias por toda a parte. O Rafael dizia que mandávamos sardinhas para a Alemanha e ficávamos só com as espinhas.

— As simpatias ideológicas assim o exigiam. — Encolhi os ombros.

— Salvo erro, foi em 1944 que descambou tudo. Eles tinham-se mudado para Santarém uns meses antes... Estou a falar do Henrique e da Lena, está a acompanhar?

Cruzei as pernas, cofiei o bigode, tossiquei.

— A mãe dela também morreu — enumerou —, ela não tinha cabeça para gerir sozinha o negócio, muito menos em queda livre, e passou-o a uma prima que, em três tempos, transformou aquilo num antro de socialistas. Sabe que devemos sempre guardar as opiniões para nós mesmos, mas quando se passava horas por dia na fila para conseguir senhas, ou depois para se chegar

à prateleira do leite ou do pão antes que esvaziasse... Bem, a Celeste diz que toda a gente se queixava do mesmo. Consegue imaginar? — Soltou um risinho entredentes, que pareceu sacudir dos seus ombros parte da apatia. — Consegue imaginar os Portugueses a queixarem-se, Serafim? A bufarem na fila do pão? A dizerem que isto *está mau, muito mau, cada vez pior?* Que os homens estão em casa, e não na guerra, mas que não há trabalho? Que no campo não pagam salários, que nas fábricas de conservas acomodam o peixe em azeite diluído em água? Chegou um ponto em que as fábricas até deixaram de operar, porque não havia nada com que fazê-lo, nem tão-pouco combustível para alimentar as máquinas.

— Nada disso chegava ao estrangeiro, pelo menos na imprensa oficial. — O meu primo Damásio também nunca me dissera nada a esse respeito, mas a tia falou-me da guerra na manhã no São José, e a sua versão coincidia com a da Irene, embora pertencessem a classes sociais distintas.

— Claro que não, estávamos muito bem de saúde segundo as manchetes dos jornais, e a haver dificuldades não eram de nossa responsabilidade, mas dos Europeus que, com toda a sua liberdade, nos arrastavam a todos para situações de dificuldade.

— Mas a Irene continuava a ganhar algum?

— Quanto mais sofriámos, mais o povo se unia em redor do fado. Até podíamos lamuriar-nos através dele. O estado era *o amante que nos obrigava ao silêncio*, e que *nos negava alimento*, e, quando dizíamos *levaram-te a meio da noite*, na letra de uma canção, queríamos dizer que o governo tinha encarcerado mais um orador inconveniente.

— Isso continua a ser válido, não é? «A liberdade possível»?

— Sim. No Coliseu, não conseguiu ler nas entrelinhas do fado?

— Engraçado... O governo acha que o fado é um aliado.

— É um espião duplo. — Sorria, nostálgica. — Ah, e os estudantes também faziam a sua parte, tanto em Lisboa como em Coimbra. Estavam sempre metidos em zaragatas.

— Esses jovens idealistas...

— Pois é, mas como não se ser idealista quando um par de sapatos custava 300 escudos? Olhe, lembra-se daquele caviar que comemos? Um par de sapatos era mais caro do que uma refeição de caviar, hoje em dia. Era uma afronta, uma condenação a que se andasse descalço e se fosse preso. E que fazia Lisboa com tanto pobre preso? Mandava todos para morrerem de fome na província? Bem, não posso queixar-me demasiado. O meu marido tinha bons contactos e nunca nos faltou pão nem manteiga. Acabámos por ter alguns privilégios, digamos que chegávamos primeiro às prateleiras. Também

havia alguma caridade, não ficava bem guardar-se as sobras, devíamos dá-las, partilhar o que tivéssemos com quem tivesse menos. O padre instruía-nos nesse sentido, e era o que fazíamos. Mas já entende que, nesta conjuntura, ninguém comprava jornais desnecessários, e ninguém, a não ser as senhoras do Estoril, esposas de cônsules, de embaixadores, compravam moda.

E, assim, a Lena viu encerrar a Casa Sousa, e apenas escapou a um encarceramento por prática de socialismo — à semelhança do que aconteceu à prima e aos outros defensores da causa operária —, porque já vivia em Santarém com o Henrique, e não fazia sentido que estivessem envolvidos nesses assuntos quando o jornal dele até se absteria de comentar política nos últimos anos.

— Uma manhã, a Celeste entrou no meu quarto, embaraçada por interromper o meu sono — lembrou a Irene, solene. Após um instante de introspecção, continuou: — Pensava que nunca mais iria ouvir a voz dela na vida. Mas era a Lena ao telefone. Nunca vou esquecer-me dessa quinzena, porque nevou quase todos os dias em Lisboa.

Lisboa, 1944

— Irene? — dizia a voz do outro lado, hesitante. Uma voz que Irene reconhecia como à sua própria. Conhecia-lhe todas as inflexões, o ânimo e o receio, a fúria e a mágoa, a alegria e o horror. — Estás aí? — Como ela não conseguia levar-se a responder, a outra soou suplicante: — Celeste? Celeste, diz-lhe que é mesmo importante. Pede-lhe que me ouça...

— A Celeste disse — respondeu Irene, apertando com força o bocal do aparelho. — Fala.

Irene sentiu que, ao ouvir a sua voz, a outra começou a chorar copiosamente. Escutava-lhe a respiração arrastada, o nariz congestionado a lutar por ar. Não disse nada que a encorajasse. Não lhe ocorria uma razão no mundo para aquele telefonema, e talvez apenas a curiosidade pudesse justificar o facto de ter-se levantado da cama para a atender.

— O Henrique... — começou Lena, quando conseguiu recompor-se. — Ele quer divorciar-se.

Irene fitou o cinzeiro de cristal na mesinha de apoio debaixo do telefone. Não iria ajudá-la em nada. Não iria mostrar-se solidária, nem rancorosa. Para lidar com Lena, era preciso manter a cabeça fria e ser racional.

— Ele... ele abriu um processo contra mim para conseguir o divórcio. Diz que estou louca. Irene, preciso que alguém... — Parecia estar comovida,

pesarosa. — Alguém credível, alguém como tu, me defenda dessas acusações.

Irene sentiu-se indignada. Abriu a boca, mas voltou a fechá-la de imediato. A insolência daquela mulher... Depois de... Lena prosseguiu:

— Ele diz que lhe fui infiel, mas é mentira. Diz que estou doida, mas é mentira. Se estou mal, é compreensível. Qualquer mulher ficaria mal, se o marido a acusasse dessas faltas. — Parecia mais articulada. Talvez o desprezo por Henrique que Irene lhe adivinhava na voz a levasse a expressar-se com menos emotividade. Por detrás desse desprezo, Irene imaginou uma miríade de discussões, de acusações, de faltas de respeito. Depois de um longo silêncio, Lena valeu-se de uma voz suplicante para insistir: — Irene, eu sei que te fiz mal. Sei que sofreste e, acredita, eras a última pessoa que eu queria ver sofrer. Mas as coisas aconteceram daquele modo porque... Tinha de ser. — Irene compreendeu que as lágrimas haviam regressado. — Ele tinha de me fazer sofrer, tinha de me castigar pelos meus males. Mas não assim. Assim não é justo. — Pareceu assoar-se. — Podemos ver-nos?

— Não é necessário — cortou Irene.

— Não vais ajudar-me? Ainda me odeias? — Era mesmo de Lena, perguntar se o ódio não teria ainda chegado ao seu ponto de expiração. — Estou em Lisboa. Podíamos tomar um chá ou...

— Escreve-me o que precisas. Não me interessa a vossa história, mas a hora e o lugar onde precisas que esteja.

— Irene, vais ajudar-me? — Lena sorria e chorava ao mesmo tempo. — Quem me dera poder ir até aí agora, podia contar-te tudo e ficávamos a falar até de manhã...

— Já não tenho vida para isso — retrucou Irene, ainda seca.

— Pois, ouvi dizer que te casaste e que o teu marido é parecido com o Virgílio Teixeira. — Aquele elogio causou um arrepio nas costas de Irene. Uma vertigem perante a ideia de trazer Lena para sua casa, ainda que para uma breve conversa, ainda que para a acusar de tudo o que, antes, não tivera oportunidade, e de a apresentar ao marido. Nem pensar. — Dás-me a tua morada?

Irene soltou um suspiro.

— Sim, escreve.

— Vou pedir ao advogado que te indique como testemunha — acrescentou, numa voz mais séria, ainda hesitante. — Irene, se nunca mais quiseses ver-me ou conversar comigo, eu entendo. Mas... em nome da nossa amizade, em nome de tudo o que vivemos juntas... foste a única irmã que alguma vez tive. Não deixes que o Henrique me desgrace com mentiras.

Como a outra não respondia, Lena concluiu, com inquietude na voz:

— Irene? Feliz Natal.

Lisboa, agosto de 1947

— Irene, não posso acreditar que, depois de tudo... — devolvi-lhe, exasperado.

A Irene teria monopolizado a minha companhia ao longo destas semanas para, no fim, me dizer que fora a tribunal defender a Lena do seu primeiro amor? Senti-me zangado com ela só de imaginar.

— A ajudei? — concluiu a Irene, e os lábios torceram-se num sorriso triste.

— Oh, Irene...

— Tem de ter mais fé em mim, Serafim — respondeu ela, e os olhos iluminaram-se de traquinice. — Antes de qualquer ação, o mais correto era conhecer o outro lado da história.

— O outro lado? Não me diga que...

Lisboa, 1944

Henrique entrou na Confeitaria Nacional e espreitou em redor. Quando a encontrou com o olhar, despiu o sobretudo e sacudiu os tímidos flocos de neve que lhe cobriam os ombros. Dirigiu-se a ela com apreensão, e cumprimentou-a com um aceno de cabeça. Uma vez sentados à mesa, Irene ofereceu-lhe uma chávena do seu chá e Henrique recusou com educação.

— Não estava à espera do teu telefonema — admitiu ele, circunspecto. Irene estudou-o o rosto em busca de uma chispa da afeição anterior. Tinham passado nove anos desde a última vez que o vira, e fora apenas um breve relance à porta da Basílica dos Mártires, no dia em que ele desposara Lena. Viu-lhe as olheiras, o cabelo que, apesar de não exibir quaisquer fios prateados, começava a recuar na frente. — Aconteceu alguma coisa?

Irene mexeu o chá até formular as palavras corretas para expor a situação.

— A Lena telefonou-me. — Ergueu os olhos da porcelana delicada para o rosto subitamente irritado de Henrique.

— Também te pediu que intercedas por ela?

— Mais ou menos.

Com um suspiro, ele passou a mão no rosto e atirou:

— Nunca pensei vir a arrepender-me tanto.

— Arrepender-te do quê?

— De me ter casado com a Lena. — Como ela não acrescentou nada,

continuou a olhá-lo com as sobrancelhas grossas franzidas, ele prosseguiu: — Podia estar aqui agora, na minha Lisboa. Podia escrever, podia registar tudo o que se está a passar de extraordinário. Quem sabe conseguisse chegar a um desses judeus do Café Lisboa, não se percebe uma palavra do que dizem, mas quem sabe conseguisse o testemunho de um deles? Dizem que, na Polónia, se têm passado coisas que as nossas cabecinhas protegidas não conseguem sequer imaginar. Estou fora de tudo isso. Se ao menos tivesse modo de ir até lá, fazer um relato do que se passa...

— Foi o caminho que escolheste.

— Para salvar o jornal. Foi o trabalho da vida do meu pai — cortou, com a frustração a borbulhar sob a casaca de lã creme. — Tu sabes.

Irene soltou um suspiro impaciente para cortar o rumo da conversa.

— Quero começar por dizer que não tive intenção nenhuma de interferir na tua vida privada. Na *vossa* vida privada. Mas ela telefonou-me e quis ouvir-te antes de decidir o que fazer. Se é que farei alguma coisa.

— A Lena... A Lena tem feito da minha vida um inferno. Gasta muito dinheiro, muito mesmo. — Ergueu os olhos para ela, como se soubesse que o compreendia. — Está habituada a vestir bem, sabes? E é má. Casei-me com ela para que me ajudasse, e dei por mim a desperdiçar até ao meu último tostão com os cintos e os chapéus dela. Tranca a comida na despensa, porque tem medo que a criada leve feijão para dar aos filhos. Irene, tu sabias que ela era assim? — Ela não teve tempo de ripostar, porque ele já continuava: — Sabes alguma coisa do que ela fez? Sabes se tem algum problema de nervos?

Irene escutou o homem transtornado que tinha diante de si e que se esforçava por manter a voz a salvo dos ouvidos dos outros clientes.

Ele tinha mais a acrescentar:

— As coisas ficaram tão más que cheguei a ser repreendido pela mãe dela. Dizia que eu a fazia infeliz. Como é que eu a fazia infeliz? Eu fiz tudo por ela, tive uma paciência infinita, bem sabes que a conhecia bem, achei que...

— Ela casou-se contigo porque nunca soube o que queria da vida, então achou que queria o que eu queria para a minha — cortou. — E tu, por acaso tinhas algum amor por ela?

— Nem vale a pena falar das coisas que ela aprontou durante este tempo. Irias achar-me um imbecil.

— Não respondeste.

— Há um episódio que quero partilhar contigo, uma vez que me chamaste aqui, para entenderes que não sou nenhum malvado. Ela tinha um anel de que gostava muito, e um dia disse que ele tinha desaparecido e que só podia ter sido por culpa da criada. Uma criada que ela insistia que me olhava de

modo indecoroso. Encheu-me os ouvidos até eu pôr a rapariga na rua. — Deteve-se, como se precisasse de reunir forças para contar o resto. Tirou um cigarro da cigarreira que trazia no bolso interior da casaca e acendeu-o. Soltou o fumo, sempre sem afastar os olhos dos de Irene, como se fosse impreterível que ela compreendesse, e concluiu: — Umas semanas depois, fomos jantar a casa do meu primo e ela levou o anel. Aquela mulher horrorosa disse que tinha encontrado o anel e que se esqueceu de mo dizer, e já a rapariguinha estava outra vez em Trás-os-Montes, a passar fome e a levar pancada da mãe.

— Os maridos mandam nas mulheres, Henrique — suspirou, já sem paciência. — Não consegues controlá-la?

— De modo algum. — Esbugalhou os olhos. — Estou a dizer-te que ela tem sempre tudo manipulado a seu favor. Tu bem tentaste avisar-me, bem disseste que ela era mentirosa...

— Não, eu nunca tentei avisar-te de coisa nenhuma — cortou Irene, franzindo o sobrolho. — Tu casaste-te com ela por dinheiro e pelo prestígio da Casa Sousa, que na altura estava nas bocas do mundo. O que te aborrece é o facto de teres feito uma má aposta, não é?

— Irene, a vida é o que é. Tu tens o teu amor ao fado. Eu tenho o meu ao jornalismo. Cada um fez os sacrifícios que teve de fazer. Mas, agora, está na hora de ter de volta a minha paz. Preciso de argumentos para conseguir divorciar-me da Lena. E ela precisa de argumentos para se defender do meu pedido. Não entendo qual é o teu papel nisto.

LI

— Não têm filhos? — acabou a Irene por perguntar, a dada altura.

Lá fora tinha recomeçado a nevar, mas o teor da conversa impedia-a de contemplar o fenómeno natural que estava a encantar — e a desesperar — a capital portuguesa.

— O que é que isso interessa?

— Quero saber se estás a tentar livrar-te da tua mulher ou da tua família. Se vais afastá-la dos filhos que tenham, ou se vais mandá-la para a rua da amargura com eles.

Henrique soprou um riso carregado de cinismo.

— Sabias que ela esteve à espera de um filho do Bernardo e que ele a obrigou a ir a uma abortadeira?

— O que sei é que ela engravidou de um freguês e tirou o filho, porque não quis contar a verdade à mãe.

Henrique, com o cigarro suspenso na mão direita, esfregou o rosto com a esquerda e soltou um suspiro resignado, incrédulo. De seguida, sacudiu a cabeça e disse-lhe:

— Ela diz que por causa disso não consegue ter filhos. Ela engravida, mas depois esvai-se sempre em sangue. É muito infeliz por causa disso, ainda por cima porque o Bernardo já tem dois filhos e vem aí um terceiro e...

— Pois, e aposto que ela anda sempre de olhos postos na vida do Bernardo e da mulher. Porque ela não consegue estabelecer objetivos, ouvir a própria vontade. Tem de estar sempre a tentar superar os outros naquilo que é importante, para não dizer sagrado, para eles. Ela é doente. — Quando acabou de o proferir, arrependeu-se. Estava a deixar-se tomar pela raiva e o rancor. Tinha decidido que iria manter-se à tona das emoções. Iria escutá-lo e decidir com a razão.

— É isso — balbuciou, e olhou-a com uma nova intensidade. — Ela está doente e basta o juiz acreditar nisso para...

— Não *está*, é. — Irene não conseguiu descobrir em si uma réstia de compaixão pela miséria da outra. — É doente e nem sabe, porque nem consegue entender de onde lhe vêm aquelas ânsias de viver a vida dos outros. Boa sorte para te livrares dela.

— Sozinho, não sei como. Apesar de tudo, ela ainda tem alguns amigos que lhe ficaram dos tempos da Casa Sousa. — De repente, pareceu ocorrer-lhe uma saída. — Preciso de alguém que conheça a nossa vida. Que conheça a Lena. Que saiba que...

— Eu não sei nada da vossa vida — interpôs Irene, com rispidez.

— Mas ninguém conhece a Lena como tu. — Irene absteve-se de responder. — E a mim, também. Ela fez de mim pior pessoa. Ela transformou-me na pior versão de mim mesmo. Às vezes, penso que lhe jogo as mãos ao pescoço e que a mato.

— Desgraçavas-te.

— Se me chamaste aqui, é porque ainda te importas, Irene — tentou ele, a voz aveludada de ternura, como nos tempos em que a elogiava por cantar. — Se te importas, ajuda-me a libertar-me da Lena.

— Não sei se quero ter alguma coisa que ver com isso. Essas histórias são antigas. Há muito que não estou com ela, não se pode dizer que eu saiba algo da vida dela. Não há nada que eu possa dizer que te ajude neste momento.

— Há, se corroborares uma coisa imperdoável — sugeriu ele, e apagou o cigarro no cinzeiro entre os dois. Sem nunca desviar os olhos de Irene, esclareceu: — Adultério.

Ele ia matá-la, Henrique ia acabar por a matar. Irene via-lhe nos olhos o ódio controlado. Já não era apenas raiva, não era uma coisa momentânea impregnada da paixão de um sentimento que azedara. Era uma ânsia fria, mas premente, de se livrar de Lena. Deus sabia que ela própria, enquanto aprendia a conduzir o *Fiat 508* de Rafael, imaginava muitas vezes que Lena atravessava a estrada diante de si, e fingia inaptidão ao volante para lhe passar por cima. E, nessas fantasias, Lena estava sempre de branco e Irene revia sempre os pneus negros nas suas entranhas expostas, e o sangue a tingir a calçada, e inclinava-se para lhe dizer: *És mais falsa do que as flores de pano do teu bouquet*, e Lena arregalava os olhos do chão, enquanto soltava um último suspiro. Era uma fantasia que a consolava. Depois, os transeuntes viriam rodeá-las, espreitar para a expirada, e iriam encontrar Irene muito aflita, de

mãos trementes, num pranto chocado. Estava convencida de que conseguiria fingir-se combalida, horrorizada. Simulava um desmaio, dizia que não vira a pobre rapariga. Deolinda já morrera, Henrique — sabia-o agora — estava farto da mulher, quem sabe lhe agradecesse. Quem se atreveria a levantar a voz para dizer que as duas eram inimigas mortais? Luísa? Luísa desaparecera da sua vida, talvez nunca viesse a saber que Lena morrera debaixo das rodas do *Fiat 508* dos Vaz.

Quantas vezes se deitara com aquela ideia, mesmo ao lado de Rafael, mesmo quando devia estar feliz e compenetrada na sua existência, nos seus filhos, no seu sucesso como cantadeira? Até mesmo no seu passeio a Paris, ou sob as olaias lisboetas, ou sob as magnólias da Estrela, lhe vinha essa curiosa imagem de Lena a morrer às suas mãos — e, depois, sentia-se suja, imoral, indigna do homem que caminhava a seu lado, alheio à sujidade dos seus pensamentos, das suas fantasias, e que, se ela atropelasse Lena, acreditaria que fora sem querer, porque não poderia crer que o fizesse de propósito. *Uma coincidência, meu amor*, diria Irene, e é possível que ficasse transtornada depois de levarem o corpo da costureira, ou até que se arrependesse. Esse arrependimento, quando já não poderia remediar o ato, seria conveniente para manter a fachada de que tudo fora um acaso, uma crueldade do destino.

O que a enraivecira e frustrava acima de tudo isso era que, não obstante tudo o que acontecera, ela ainda dava por si a sentir *saudades* de Lena. Do lado *bom* de Lena. Sentia-se ridícula quando o pensamento a assaltava, e afastava-o com uma careta. Não, urgia vingar-se e estancar de vez esses pensamentos perigosos. Não podia cair na tentação de se sentar diante de Lena, a ouvir as suas lamúrias. Corria o risco de voltar a acolhê-la. De se confessar a ela. De lhe pedir que se perdoassem mutuamente e retomassem a amizade, os risos fáceis e as idas em conjunto ao *coiffeur*.

E Henrique? Henrique entenderia que o fazia por abominar as traições de Lena, o seu caráter volátil? Ou julgaria que o fizera por ele? Porque ainda se importava com ele? Não, nunca seria por ele. Ele era o que menos importava naquela história, mais ainda quando era agora um homem jovem, mas recurvado, vencido, transformado no boneco de trapos que Lena espetava com a agulha da sua mesquinhez, sentada no sofá em Santarém.

Como poderia vingar-se de Lena, sem que a opinião de quem conhecia o seu passado considerasse que o fazia por despeito, por ter sido trocada, porque ainda queria o seu amigo de infância e amante de juventude? Como iria Rafael entendê-lo? Sairia magoado daquele esquema?

— Perdoar sabe bem, Serafim, mas já experimentou vingar-se?

— Hum — fiz, como que distraído. — Talvez a vingança seja mais da natureza das mulheres?

— Talvez.

— Vingou-se?

— Vinguei-me.

— Matou-a? Atropelou-a?

Seria isso que ela andava a adiar contar-me?

Depois, a sua voz conciliadora:

— Não cheguei a tanto, mas vinguei-me. — Não soube dizer se estava satisfeita ou arrependida. A voz tremeu-lhe um pouco. — Vinguei-me, pois. Também desprezava o Henrique, mas como dispensar aquela oportunidade de ver a Lena debulhar-se em lágrimas, humilhada, perante um juiz, perante uma assembleia de gente, a envergar o seu melhor vestido, linda, pálida, os olhos enormes e chorosos, trágicos, o lenço apertado nos nós dos dedos, a assoar-se, a soluçar, a dizer que eu mentia?

Lisboa, 1945

O ano em que a Segunda Guerra haveria de ficar resolvida chegou e, de Lisboa a Sintra, os refugiados deleitaram-se com a neve que lhes animou o Natal e a viragem do ano. Irene abriu a carta de Lena enquanto Celeste e o jardineiro removiam o remanescente do gelo no jardim e nos canteiros. Tinha acendido a lareira do escritório e as janelas estavam fechadas, mas, ainda assim, ouvia Celeste a bradar sobre o fim dos tempos estar próximo, se caía neve em Lisboa.

Na carta, Lena permaneceu fiel a si própria. Irene percorreu as linhas sobre o seu arrependimento, sobre o casamento infeliz e estéril, sobre Henrique, que «não era bem quem Irene pensava». Por fim, pedia-lhe que intercedesse por si. Que se recordasse de que podia tê-la magoado, mas também Henrique o fizera. Havia que escolher. Ou podia abster-se, mas o poder que detinha sobre as suas vidas nesse momento era tremendo. Era uma figura respeitável do regime, esposa de um engenheiro de renome, bastava-lhe dizer que Henrique estava a inventar o adultério e a loucura para se livrar de uma esposa dedicada que o divórcio seria negado.

Não tenho ilusões de que o meu casamento acabou. No entanto, há ainda a possibilidade de poder andar de cabeça erguida na rua, se continuar a ser a senhora Simões, mesmo vivendo

numa casinha modesta longe do Henrique. Por outro lado, se ele conseguir o que quer, serei dada como louca e imoral. Uma mulher de quem o marido se divorciou com queixas gravíssimas. A minha reputação ficará manchada para sempre. Quem sabe se, no pior dos cenários, não me fecham num manicómio.

Respondeu àquela carta com duas palavras. «Está bem.»

Quando a primavera chegou, Irene recebeu por fim uma convocatória para se apresentar em tribunal no início do verão, para servir de testemunha a Maria Helena Simões, num caso de divórcio por alegações de histeria e adultério.

No dia em questão, acordou muito cedo e chamou a cabeleireira a casa. Entre os fumos do ferro de encaracolar e os frascos de pomadas e perfumes, observou-se ao espelho do toucador. Tinha recusado dar um concerto na noite anterior para poder estar fresca, mas, ainda assim, julgou que devia disfarçar melhor as olheiras e mandou Celeste ir humedecer em água bem fria dois lenços de bolso, para aplicar nos olhos.

Vestiu um fato saia-casaco cor de esmeralda, julgou que contrastava bem com o cabelo escuro e primorosamente arranjado, afastado do rosto com um travessão de pérolas, e escolheu os seus sapatos mais elegantes, os que lhe favoreciam os tornozelos e lhe conferiam uma altura muito conveniente para o que se preparava para fazer.

Diante do espelho do átrio, ajeitou o chapéu e tingiu os lábios de carmim. De repente, o olhar desceu para a medalha de Santo António. Por algum motivo, aquilo incomodou-a. Ficou séria e a sua convicção vacilou por um instante. O facto de ela e Lena terem sempre carregado ao peito uma medalha semelhante tornava-as como que irmãs. Perguntou-se se Lena teria tirado a sua no dia do casamento. Na noite de núpcias, quando se deitara com o homem que a amiga amava. Voltou a fitar os próprios olhos no espelho e descobriu-os marejados de lágrimas.

Eram lágrimas de ódio, não de saudade.

Lisboa, agosto de 1947

Disse-me que foi o momento áureo da sua existência, em parte porque voltaria a fitar a Lena nos olhos depois de tantos anos. Sentara-se no lugar das testemunhas, ali convocada para ajudar a limpar a imagem da senhora Simões, e levantara a mão direita para jurar que não iria mentir aos presentes.

— Não tive de mentir. Limitei-me a... *transpor* acontecimentos do passado para esse momento. Perguntaram-me se sabia se a Lena tinha uma postura de

esposa recatada. Respondi que a Lena era muito bonita, por isso atraía muitas atenções masculinas. Quiseram que eu elaborasse, e eu disse que ela se sentia infeliz, por vezes procurava ajuda junto de homens que se aproveitavam dela. Perguntaram-me se ela tinha procurado esse tipo de ajuda enquanto era casada com o Henrique, eu disse que sim. Perguntaram-me se a Lena se tinha envolvido em algum caso conjugal. Eu disse que só tinha conhecimento de *dois*.

— E a Lena? — perguntei, incomodado.

— A Lena foi-se pondo cada vez mais branca. Depois, explodiu. Por muito que viva, nunca vou esquecer o desespero dela, foi de rasgar a garganta. Era *mentira, mentira, mentira*, gritava, a cada nova afirmação que eu interpunha, e *ninguém acreditava nela*. Apetecia-me rir às gargalhas. Rir-me! Ah, a Lena a dizer a *verdade*, uma vez na vida, e *ninguém acreditava nela*!

Ria-se agora, sentada na minha cama, com os pés descalços ao alcance da minha mão, dos meus lábios. Parecia-me mais quebrada do que nunca. Derrotada:

— Ah, Serafim, eu falei de tudo. Tudo, tudo o que ela fez de errado em relação aos homens, o José Touro, o Bernardo, o desmancho no Bairro Alto. Estive prestes a dar-lhes o endereço da Maria da Piedade que, se calhar, até já tinha morrido, se quisessem interrogá-la. E ela, mortificada de horror, a ouvir a própria história como se a visse pela primeira vez, como se nunca se tivesse dado conta de tudo o que era, de tudo o que fez!

— E para que se falou nisso tudo? — indaguei, algo agoniado.

— Para justificar a falta de moralidade dela. — Abriu muito os olhos, como se fosse evidente. — Mas claro que não entreguei assim a identidade dos nossos amigos e familiares, fui deixando claro que poderia nomeá-los, mas o tribunal não o exigiu.

— E o seu marido? — Era a pergunta que se impunha.

— Sabia que não tinha como me impedir. Preferiu preservar a paz comigo. Tentou demover-me, mas depois o assunto tornou-se proibido lá em casa. Não se falou mais nisso.

— Oh, Irene...

— Ah, que satisfação, que prazer que aquilo me deu. E o Henrique também desempenhou muito bem o papel de marido destroçado pela traição.

— Mas como é que o engenheiro a deixou participar nessa farsa? — Como é que não a impedira?

— Ele teve de autorizar tudo. — Afastou a questão com um gesto vago. — Não gostou, claro. Mas também não achou que o fizesse porque o Henrique me interessasse de modo algum. Ele via que eu me encolhia sempre que

passávamos no Arco do Alegrete, a caminho de alguma casa de fados. E diante da ruína da Casa Sousa, era igual. Também gostei de ver aquilo tudo empoeirado, fechado com tábuas e pregos, à venda. Gostava que tivesse pegado fogo, mas deram-lhe meio tostão por aquilo e agora vendem rádios nesse sítio. Pensar que às vezes passo por lá e é a minha voz que ecoa lá dentro, nos caixotões, como se ainda estivesse a rir-me do que lhe aconteceu! *Ah, ah, ah*. Mesmo nos dias em que me arrependo, continuo a rir-me da figura dela quando a verdade lhe acertou em cheio no meio daquela carinha bonita.

Corria-lhe uma lágrima pelo rosto, vi-a brilhar no escuro, mas ela afastou-a com um gesto brusco.

Lisboa, 1945

Lena saiu do tribunal aos tropeções, levada pelo braço de uma velha tia de Henrique que se apiedara dela naquele momento. Já não tinha família, a prima Simões, mulher de Bernardo, também já tinha as suas queixas e não se espantou pela suspeita de que tivesse um amante. Henrique conseguiu o seu divórcio. Lena era uma mulher divorciada, e divorciada com grande escândalo. Ele estava livre, ela arruinada. Ele tinha, inclusive, mantido todos os seus bens, era assim mesmo. Deixou-a sem nada, levou-lhe tudo. Até a liberdade.

Lisboa, agosto de 1947

— Agora, faz folhetos de turismo e uns cartões-postais, está a ver? Saem nalgumas revistas. É só mais um na redação de um outro empreendedor qualquer. O turismo vende, os estrangeiros continuam a vir, mas já são menos do que durante a guerra. E a Lena...

— Pois, que foi feito dela? Também morreu de desgosto, como a mãe?

— Foi internada num sanatório. O Henrique encerrou-a num, estava maluca. Escreveu-me a acusar-me de ter mentido, escreveu ao ministro da Justiça. Julgo que ele nunca deve ter dado atenção aos queixumes de uma degenerada, de uma adúltera. Provavelmente, nem sequer abriu a carta.

— Como é que o Henrique a fechou num sanatório, se já não eram casados?

— Ela não se conformou. Começou a causar muitos desacatos, andava pela rua a dizer que era uma vítima, que a tinham enganado, traído, que o marido tinha querido livrar-se dela, que era uma mulher de índole, que a mãe tinha

sido a Deolinda Sousa (já tinham ouvido falar na Casa Sousa? Tinham chegado a empregar trinta costureiras, quando tinham encomendas para casamentos). Que o marido a tinha deixado sem nada porque era um pulha. Numa ocasião, foi ao escritório dele e atirou uma máquina de escrever contra uma janela. Noutra, veio gritar para a minha porta, mas nessa altura eu estava fora com o meu marido. Ele teve de arranjar quem a levasse de volta a Santarém, vezes e vezes sem conta. Ela não queria ficar lá, isolada, sem um parente a quem dar os bons-dias. Ela não tinha ninguém. Um dia, agarraram-na em Santarém, quando pedia a quem passava que a trouxesse para Lisboa, porque ela vinha repor a verdade, iria bater ao gabinete do ministro, iria obrigar-me a confessar que tinha mentido porque queria ficar-lhe com o marido, iria fazer com que o marido admitisse que só se desembaraçara dela porque não podia dar-lhe filhos.

Não havia ninguém com direitos sobre aquela mulher que sofria dos nervos, pelo menos de que as autoridades tivessem conhecimento, e uma vizinha pô-los em contacto com o Bernardo Simões, que, por sua vez passou a responsabilidade de lidar com a histerica ao primo, em Lisboa.

— E o Henrique contactou-me de novo, pediu conselho. Não acha triste que ela tenha perdido até a capacidade de se valer a si mesma, e, por fim, até a liberdade? E que tenha sido eu, logo eu, a decidir o seu destino e a enforá-la numa casa de saúde mental? Pusemo-la no Caramulo. Ele continua sem meios, por isso eu pago o internamento.

— E quando disse que lhe ligaram da parte da Lena?

— É porque ela continua a pedir para falar comigo.

— E nunca foi vê-la?

— Não — retrucou, resoluta. — Não a vejo há treze anos. Há dias em que me sinto agoniada com o que fiz, outros em que continuo a pensar que deveria era tê-la atropelado. Mas ninguém me entende, nem o meu marido entende a dor que foi ter sido assim traída por uma amiga que sentia como irmã. Ninguém entende que precisasse de me defender dela, que tenha concordado com o Henrique em mentir para ela ter o castigo que merecia.

Fez deslizar as pernas para fora da cama, apoiou os pés no chão e manteve o rosto baixo durante muito tempo. Cheguei a pensar que adormecera.

— Acha que fiz bem?

Não tinha resposta para aquilo. Como jornalista, cultivo há anos este costume, talvez insuportável, de me manter imparcial. Por muito que gostasse dela, que a admirasse, e quem sabe até mais, como poderia tecer uma opinião sobre o assunto sem jamais ter posto os olhos na Lena? Ou ter escutado a sua versão?

— Não sei dizer-lhe, Irene. Se tem dias em que se sente bem com o que fez, acho que deve ter feito bem. — Absteve-me de lhe perguntar se não achava o seu ato *à la* Lena.

— E nos dias em que me sinto mal?

— Bem... — Não consegui acrescentar nada, e ela procurou os sapatos.

— Sabe quem é que me desancou?

— Não faço ideia — admiti, encolhendo os ombros.

— A Rosa. Disse que eu nem devia ter atendido o telefonema da Lena, para começar. Muito menos ido falar com o Henrique. E que não dava valor à sorte que tinha, ao marido que tinha, porque, se desse, não iria difamar ninguém perante um juiz. Teria ultrapassado. — Olhou-me com tristeza, enquanto afivelava os sapatos em torno dos tornozelos. — Também disse que só eu não via que a minha melhor amiga tinha sido sempre ela, e que a Lena era uma praga na minha vida que eu não sanava porque não queria.

Pôs-se de pé, disse que tinha sono. Ia-se embora.

— Mas como vai?

— Vou pedir ao *concierge* que chame um táxi.

— E vai sozinha?

— Sim, estou mesmo muito cansada.

— O seu marido não vai zangar-se?

— Ele nunca se zanga.

LII

O palacete dos Vaz, o tal que, entretanto, foi demolido para que nasça mais um hotel em Lisboa, estava iluminado por dezenas de lâmpadas elétricas quando cheguei nesse serão, com o meu fato mais elegante e o meu lenço no bolso, certo de que faria um calor infernal no espaço onde iriam conviver tantas pessoas. Havia uma dúvida a corroer-me por dentro: na noite anterior, por um instante, julguei que ela fosse *ficar*. Não me perguntem como, mesmo porque o marido não teria qualquer dificuldade em descobrir onde o motorista nos deixara. Precisava de entender se percebera bem antes que nos separássemos, quem sabe se para sempre.

Fui recebido por ela e pelo marido, ambos elegantes, sorridentes. Se não a tivesse visto na noite anterior, pálida, débil, macilenta, talvez o seu aprumo não me tivesse impressionado tanto. Usava brincos de diamante e pérolas, as mãos, que gesticulavam sempre que falava, estavam adornadas de anéis cintilantes, exibia os lábios do tom carmim com que às vezes os tingia, e o pescoço desnudado, porque optara por apanhar junto à nuca o cabelo curto, com o auxílio de muita pomada e de dois travessões. A tez surgia sem uma imperfeição, a testa ampla enrugava-se conforme conversava com as figuras que por ali circulavam, mas depois voltava a distender-se sem denunciar qualquer sinal da idade. Beijei-lhe a mão, cumprimentei o engenheiro. Agradei-

-lhes a gentileza de me terem convidado e, por fim, senti-me mais uma personagem na história das suas vidas, na história que ela me pedia que escrevesse e à qual eu não sabia como dar uma voz, porque me via também envolvido nessas páginas.

A refeição foi de excelente qualidade, o vinho em abundância. Fui apresentado a Rosa e ao marido; era uma mulher baixa, de aspeto muito

expedito, casada com um homem dócil, de falas suaves. Emília Vaz e o marido também me foram apresentados, e pude constatar que as feições de Rafael, como as de Júlia, correspondiam às maçãs do rosto altas da avó Vaz, bem como os lábios reproduziam o desenho dos dela, e compartilhava da graciosidade e da vitalidade do engenheiro.

Era a minha despedida, e Irene tecia inúmeros elogios ao meu livro, procurava convencer todos a adquiri-lo, a procurá-lo, a exigir aos livreiros que o pusessem em destaque nas suas livrarias. Ninguém me conhecia, é claro. Alguns deles tinham estado no concerto do Coliseu. Rosa, por exemplo, que se mostrou muito curiosa a meu respeito.

A dada altura, Irene veio ao meu encontro na sala, na mesma onde antes havia a maquete do parque diante da sua casa, e juntou-se a mim à janela. Envergava um vestido de seda azul-real, parecia inclusive mais alta e resplandecente, toda ela risos e o brilho das joias. Parecia *leve*. Como podia estar tão *leve*, quando eu ia partir em menos de vinte e quatro horas?

— A que horas se vai embora amanhã, Serafim?

— O meu voo é logo depois de almoço.

— Quer que o acompanhe ao aeroporto? — ofereceu-se.

— Não precisa de se dar a esse incómodo.

— Não seria nenhum incómodo. — Havia uma nova doçura na sua expressão como se, tendo-se despedido de tudo o que havia por dizer, pudesse gozar o conforto das suas circunstâncias, e, quem sabe, ser feliz. — Deu-me um presente impagável, todas estas horas... Aborreci-o muito?

— Não — garanti. — De modo algum. Foi um prazer.

— Acompanha-me ao jardim? Está muito calor aqui dentro.

Caminhámos pelo exterior, tendo passado uma última vez pelo jardim de inverno, pelo vitral, pelos canários silenciosos nos poleiros. Estava tudo tão sossegado ali... Nem parecia que, na sala ao lado, havia pelo menos vinte pessoas a dançar ao som da grafonola, a fumar e a beber cálices de Porto.

Sentei-me com ela no banco que me indicou, com uma distância respeitável entre os dois. Ia bebericando do meu cálice, enquanto me perguntava qual seria o tom da nossa conversação, agora que me parecia que não havia mais nada que ela pudesse contar-me, ou que eu não soubesse a seu respeito. Se for a ver bem, até sabia mais do que ela a respeito de si mesma. Sabia onde o pai estava sepultado, por exemplo, e escolhia omitir-lho.

— Não chegou a dizer-me como é que convenceu o engenheiro a casar-se consigo.

Ela fitava a lua plena, acima das nossas cabeças, e vi-a sorrir. Eram-lhe lembranças prazerosas, e fui atingido pela constatação de que

compartilhara das memórias de uma mulher muito jovem que, no entanto, sempre percecionara como sendo muito mais velha.

— Eu não tentei convencê-lo de nada — começou. — Não quis fazer o papel de uma Lena na sua vida. Estava a ponderar sobre o que fazer. Nessa altura, estavam a nascer os apartamentos elegantes das Avenidas Novas, e achei que me faria bem afastar-me da Almirante Reis e das recordações daquelas paredes.

— Então, vendeu o palacete da Almirante Reis.

— Vendi, depois de encontrar um espaço muito agradável que se adequava perfeitamente à minha vida solitária e às minhas necessidades.

— Mudar-se para as Avenidas Novas era uma forma de fechar a porta ao passado? De abandonar tudo o que conhecia?

E que motivo tinha ela para se manter no mesmo lugar? Os seus amigos tinham seguido com as suas vidas. A sua família estava distribuída por vários jazigos e valas comuns, o homem por quem se apaixonara dissera-lhe que não encontrava em si mesmo a capacidade de voltar a amar. Tudo se lhe afigurava estéril em torno da Almirante Reis. Só lamentava que as Avenidas Novas ainda ficassem suficientemente próximas para ter de conviver com alguns dos fantasmas do passado. Há muito que sentia que a felicidade a esperava fora dali e das tabernas da Mouraria.

— E ia mentir ao seu próprio coração? Não ia lutar pelo engenheiro? Amava-o, Irene?

— Amo-o tanto, Serafim — murmurou, numa voz de alcaçuz. — Que triste teria sido, se não nos tivéssemos reencontrado...

Digeri a confirmação de que ela pertencia ao engenheiro e àquela casa, de que era feliz para lá das amarguras do passado. Apesar do desassossego momentâneo, experimentei um alívio inesperado. Como se partisse, mas lhe deixasse parte de mim. Uma parte realizada, que se cumpria entre os limoeiros e as pereiras do seu jardim.

Lisboa, 1935

Um dia, à saída de um concerto no Parque Mayer, Irene caminhou sobre os tacões até ao seu carro, um *Fiat 508* semelhante ao do engenheiro, mesmo porque ele lhe confiara algumas vezes o volante, e ela sentia-se à vontade com aquele modelo. Era uma bonita noite de fim de verão e ela esforçara-se por terminar as cantigas o mais cedo possível. Não queria chegar tarde a casa, no dia seguinte ia a uma *matinée* com um grupo de outros músicos, por isso... se

ao menos encontrasse as chaves no meio dos potes de carmim e dos frasquinhos de perfume!

Um carro aproximou-se e imobilizou-se, mas apenas levantou o rosto do conteúdo da mala quando ouviu uma voz conhecida a seu lado:

— Que fazes a uma hora destas no meio da rua, com umas meias de vidro nas mãos?

Ela sobressaltou-se ao ver que se tratava de Rafael, e ensaiou uma resposta atabalhoada:

— Eu trago sempre umas meias suplentes, não vão rasgar-se as que tenho vestidas...

Ele observava-a com o sorriso assimétrico suspenso dos lábios, e ela julgou entender que as meias suplentes eram o que menos lhe importava. Não se viam há quase dois meses, e ela recordou-se do motivo e apoiou-se no próprio carro, ainda na senda das chaves, a fim de se mostrar descontraída e disfarçar os nervos:

— Sabes o trabalho que me deste? — perguntou.

— Como assim? — Evitou virar-se, mas ficou intrigada.

— Um dia, a minha mãe diz-me que houve uma procissão que levou o recheio da tua casa para fora da Almirante Reis, e que não conseguia dormir com o barulho dos carregadores desde cedo.

Compreendeu de imediato que a senhora Vaz se queixara de propósito, convicta de que talvez ele tomasse uma atitude perante aquelas notícias.

— Vou a correr bater-te à porta e para lá das janelas só se vê poeira e vazio. Pensei que te tinhas ido embora de Lisboa.

— De Lisboa, não saio. Da Almirante Reis, sim — anunciou.

— Porquê? Chamaram-te para cantar noutro lado?

— Não. — Não ia mentir-lhe, mas também não queria dizer-lhe que o seu palacete só lhe trouxera amarguras, e que se sentia ainda mais sozinha dentro daquelas paredes a cada vez que ouvia risos e música no quintal dos Vaz. — É a casa que é demasiado grande só para mim.

— Espero não ter nada que ver com essa tua decisão — adiantou Rafael, abrindo a porta do carro e descendo para se aproximar. — Mas, se tiver, é bom que saibas que te procurei por todas as tabernas de Lisboa.

— Porquê? — Receou perguntar, porque havia alguma paz em saber que o assunto fora encerrado.

— As coisas não ficaram claras entre nós. Eu gosto de ti, gosto muito de ti.

— Eu sei, eu entendi os teus motivos. Não te guardo ressentimento.

— Não estás a fugir de mim, então?

— Não, de modo algum — garantiu, e era uma meia-verdade. — Mas eu

disse-te que não ia viver duas vezes a mesma história.

— Hum — fez ele, e pareceu a Irene que estava a conter-se para não sorrir. — É que a Maria José diz que, quando eu me aproximava do nosso portão com o carro, só faltava correres para dentro de casa, se estivesse no jardim.

— Essa Maria José não teria ficado dois dias ao meu serviço. Nada como uma criada surda e muda.

— Então, confirmas que ias mesmo fugir?

— Não confirmo nada. Se te interessa saber, vou para as Avenidas Novas, para um apartamento com um grande pé-direito, cheio de luz. Não terei quintal, mas bate o Sol na varanda durante a manhã inteira, não que eu costume levantar-me cedo. Pareceu-me adequado. — De seguida, não resistiu a acrescentar: — Pareceu-me que irias ficar satisfeito por me saber longe.

— Repara que eu nunca disse que nunca mais queria ver-te. — Arqueou as sobrancelhas, como se procurasse mostrar-lhe algo evidente.

— Mas foi o que ficou subentendido. — Ele recostou-se no *Fiat 508* dela, cruzou as pernas uma diante da outra e acendeu uma cigarrilha com morosidade.

— Nem me deixaste pensar. Queres uma?

Ela recusou. Passava o peso de uma perna para a outra, sentindo-se exposta diante dele. Segurou a mala com firmeza contra o corpo, como se estivesse a erguer um escudo entre os dois, e esperou que dissesse o que tinha a dizer e a deixasse sozinha com a busca pelas chaves. A despedida havia de lhe custar muito mais, se ele continuasse a ser gentil com ela. Estava habituada a despedir-se das pessoas que amava. A vida dos outros ia-se sucedendo conforme era esperado — casamento, filhos, serviço à pátria e à família, mas a única coisa com que ela podia sempre contar era o fado.

— Pensar sobre o quê? Deixaste claro que não tens interesse noutro casamento, noutra família.

— Nunca pensei que isso viria a ser opção. Muito menos tão pouco tempo depois de...

— Não terias rejeitado a ideia com tanta facilidade, se nunca tivesses pensado nisso.

Ele soprou o fumo da cigarrilha para o ar. Não parecia preocupado. Parecia seguro de si.

— Sinto falta de falar contigo. O que tens feito?

— Tenho cantado. E estou a organizar o apartamento novo. É cansativo, mas não é uma coisa que possa delegar a ninguém. Convém saber onde estão as coisas.

Ele esboçou um sorriso:

— Serei convidado para a tua casa?

— Rafael... — Irene deixou cair os braços, cansada. — Já brincaram comigo uma vez, e...

— Porque estás tão fugidia?

— Por nada.

— Quando mentes, desvias sempre os olhos.

— É uma chatice quando as pessoas nos conhecem bem.

— Não sentes falta de falar comigo?

— Claro que sim. Mas de pouco adianta.

Ele atirou a cigarrilha para o chão, pisou-a com o sapato engraxado e enfiou as mãos nos bolsos.

— Bem, vais entrar no meu carro? Queria mesmo conversar contigo.

— Mas já estamos a conversar...

— Outros assuntos.

— Que assuntos?

— O nosso futuro.

— Que futuro? — O coração disparou-lhe. Não precisava que ele viesse baralhar as decisões que já tomara. — Eu vou continuar a cantar. Vou viver nas Avenidas Novas e, quem sabe, um dia vá cantar para o Brasil ou para a América...

— Para a América? — Ele riu-se, como se fizesse uma piada. — Isso é muito longe para nos vermos.

— A ideia é não nos vermos mais.

— Porquê? — Seria possível que ostentasse um ar tão *inocente*?

— Porque tu sabias que eu estava de coração partido quando nos conhecemos — disparou, já sem filtros. — E porque só me aproximei de ti, porque deste a entender que te importavas comigo.

— E importo-me.

— Não o suficiente para me pedires em casamento.

— Acho que tive direito a pôr as ideias no lugar durante algum tempo. Tens de entender que, quando a minha mulher morreu, nunca me ocorreu que poderia vir a existir uma outra pessoa. Achei que seria melhor ficar sozinho a voltar a passar por aquilo.

— É pouco provável que viesses a passar duas vezes pelo mesmo.

— Esperemos que não. — Ficou em silêncio, apenas a observá-la. Ela observou-o também, esperava que ele dissesse alguma coisa com significância. Ele acabou por perguntar: — Não sentiste a minha falta durante este tempo?

— Claro que senti, mas tu sabias que eu queria estar contigo, *ficar* contigo. Foste tu que fugiste, não eu.

— E se eu já não quisesse fugir, reconsideravas?

Apetecia-lhe chorar. Sentia-se encurralada. Ele estava a tentar arrancar-lhe uma declaração de amor sem lhe garantir nada em troca. O que mais desejava era que o seu amor tivesse alguma importância para ele, mas estava demasiado escaldada pela experiência com Henrique. Parecia-lhe mais seguro fabricar o seu próprio futuro sem confiar a ninguém a sua felicidade. Nem sequer a alguém em quem confiava — alguém que amava — como Rafael Vaz. Se tudo falhasse, se ele mudasse de ideias, como é que ela haveria de se recompor daquele tombo?

— Tenho o Afonso adormecido no carro. Podes vir comigo?

— Porque é que ele veio? — Inclinou-se para espreitar a criança, que dormia no banco de trás, num leito de lençóis e com pelo menos três almofadas.

— Porque tinha dispensado a ama quando vieram dizer-me que ias cantar aqui hoje, não podia esperar pelo próximo concerto. Sabia lá se não desaparecias de vez!

Ao ouvir aquilo, ela percebeu que ele estava a falar a sério quanto a *discutirem* o futuro. Sabia o quanto o filho lhe era precioso. Mordeu os lábios para não sorrir:

— Tenho aqui o meu carro. — Apontou para o seu *Fiat*, mas ele não iria permitir que continuasse a esquivar-se. Entrelaçou os dedos nos dela e olhou-a, a expressão cúmplice, ternurenta.

— Rafael...

— Vamos. — Beijou-lhe os nós dos dedos.

Abriu a porta para que ela entrasse, e os dois corpos tocaram-se por um instante. Ela sentiu-se percorrida por eletricidade; um prazer repentino, promissor, uma vertigem. Virou-se e levantou a cabeça, precisava de que ele lhe disse que não iria partir-lhe o coração. Que não iria usá-la e desfazer-se dela quando se cansasse. Não iria tentar roubar-lhe o fado nem a independência.

Ele deve ter lido tudo isso no seu olhar.

Fechou os olhos e beijou-a.

LIII

Lisboa, agosto de 1947

A Irene acompanhou-me à porta, depois de todos os convidados se terem ido embora. O marido subira para reconfortar a pequena Júlia, que aparecera nas escadas a choramingar e a chamá-lo. Desconfio de que o engenheiro quis dar-nos um último momento a sós. Por sua vez, a nossa cantadeira apertou-me a mão nas suas, quase se dependurou em mim. Estava sorridente, mas também havia alguma nostalgia no seu olhar de fadista.

— Vai escrever-me de Londres?

— Claro. — E foi a minha vez de mentir, porque entendi que não poderia prolongar aquela ligação, sob pena de acabar destróçado.

— Quer levar um dos filhos da *Atena*, para lhe fazer companhia?

— Nem sei como isso poderia dar-se no avião! Não, não, agradeço imenso, mas não.

— Hum — fez ela e, depois, inclinou-se para mim e beijou-me o rosto, à semelhança do que fizera na noite anterior, no meu quarto do Hotel Europa.

— Posso pedir-lhe que me ponha um outro nome, quando escrever o seu livro?

— Claro, claro. — Logo eu, que na realidade nunca tivera intenção de escrever qualquer livro a seu respeito, até porque nada do que ela me contara me parecia passível de ser romanceado. — Claro que sim. Como devo chamar-lhe?

— Pode tratar-me pelo nome que os meus pais escolheram. — Aproximou-se de mim e sussurrou-mo ao ouvido.

— Muito bem. Como preferir.

— Não se esqueça de me mandar um exemplar.

Parecia flutuar. Como estava airosa, feliz! E eu amargurado, desenganado. Ia deixar o meu país. A única familiar que me trazia recordações felizes da infância, ainda que pobre.

— Terá sempre estes amigos em Lisboa — prosseguiu ela, com a voz melodiosa.

Valendo-me do lenço para limpar a fronte, pigarreei.

— Vai cuidar de si, Irene? Fiquei muito preocupado consigo ontem. Aquele desmaio, as tonturas...

— É natural, no meu estado. — Riu-se, como se troçasse da minha consternação.

— Que estado? — Demorei a entender e, depois, os olhos fixos no anel de safira que usava no dedo, e na mão que girava em círculos ternos sobre o ventre, entendi. — Vai ter um filho?

— Se Deus quiser — voltou, com um sorriso tímido, e fui acossado por uma vaga de ultraje.

Por que motivo só agora mo dizia? Não seria merecedor de saber? E como era possível que, naquela circunstância delicada, se tivesse exposto ao sol de verão, a caminhar tanto, a exaurir-se com recordações dolorosas e angústias desnecessárias? E a compreensão atingiu-me em cheio: era por isso que o marido se opunha a que conversássemos, a que vagueássemos por Lisboa. Receava que ela tivesse uma tontura, que desfalecesse, que precisasse de assistência — fazia muito calor! Quanto aos ciúmes que eu chegara a julgar que sentia de mim? Não eram ciúmes coisa nenhuma. Era tudo preocupação para com a mulher. Se o chão se tivesse aberto sob os meus pés, teria desaparecido na terra com uma expressão ridícula de pasmo.

— É por isso que...? — balbuciei. — Os cigarros...

— Os cigarros deixam-me tonta e enjoada, o meu marido proibiu-mos. — E falava dessas proibições com ternura. Como é que eu me recusara a vê-lo? — Não lhe falei disso, não achei importante. — Baixou o tom de voz. — Perdi um filho entre o Rafael e a Júlia e, bem, com a Júlia também não foi fácil... O Rafael prefere que eu esteja sossegada em casa, pelo menos no início. É o que farei agora.

Entendia, claro. Limitei-me a anuir, consciente de como fora obtuso. Senti-me absurdo, grotesco — gordo, anafado, suado, sem fôlego — diante dela e do luxo discreto dos seus domínios. Mesmo consciente disso, não consegui conter um último gesto de ternura. Atravi-me a abraçá-la, cingi-a a mim por um brevíssimo e respeitoso (mas ainda assim inoportuno) instante.

— Seja feliz e esqueça essa Lena.

Olhei-a uma derradeira vez, e ela sorria. Desapareci nessa noite de agosto, crente de que nunca mais haveríamos de estar na presença um do outro. Desci a pé a Avenida, atravessei o Rossio, subi a Rua do Carmo, desemboquei no Largo de Camões e tranquei-me no quarto. Deixei-a — foi assim que o senti, e ela nem sequer precisava de mim. Pelo menos, tinha o conforto de saber que nunca mais iria vê-la. Imperava esquecer tudo aquilo, seguir em frente. Segunda-feira voltava à redação e à questão indiana. No dia seguinte, eu saía de Portugal e os britânicos deixavam para trás séculos de domínio na Índia.

La deixá-la ali, na companhia das Tágides, no calor sufocante de um verão de delírios em que a velhice me tinha, por fim, atingido como um morteiro.

Lisboa, verão de 1956

Aquela fragrância a jasmim e sândalo ainda impregnava a atmosfera à sua passagem. Vi-me pasmado na esplanada do aeroporto depois de passar por ela, diante do cigarro que expirava no cinzeiro. Tomado pelo mesmo desalento, quis levá-lo aos lábios, evocar os desvarios de 1947. Ainda bem que não o fiz, porque, entretanto, ouvi uma voz inconfundível atrás de mim, rouca e risonha:

— Serafim?

Virei-me para ela, com um sorriso atabalhado suspenso dos lábios. Ela reconheceu-me, metido na minha gabardina, ainda que esteja mais gordo e que isso me deixe ainda mais anafado. Senti a vertigem do receio de que fosse monopolizar-me uma vez mais, levar-me de volta ao carrossel que percorremos para, no fim, me devolver a uma existência tacanha, sensaborona. Dei-me conta do abismo do tempo e do peso da ausência entre esse momento e o verão de 1947, e a garganta apertou-se de agonia.

Limitou-se a cumprimentar-me e desapareceu. Nem ela sabe onde estou hospedado, nem eu sei onde mora agora. Não lho disse e ela não mo perguntou, e também não se adiantou muito na minha presença, porque estava acompanhada. Só fui introduzido a um novo facto a seu respeito, que é o que dá alento a todas estas páginas.

Estendeu-me a mão, num cumprimento caloroso, pleno de reconhecimento:

— Como tem passado?

— Muito bem, e a Irene?

Apertei-lhe a mão e ela afastou-se para o lado, para que eu pudesse repetir

o gesto para com a mulher de cabelos sedosos que a acompanhava. Vi-a apenas por um instante, mas guardei-lhe os olhos enormes e doces, a figura robusta, feminina, a cintura fina, as ancas generosas, os tornozelos delicados, os lábios em forma de coração, os cabelos claros e encaracolados, o colo leitoso onde reluzia uma medalha de Santo António, semelhante à que tantas vezes vira ao pescoço da Irene.

A seu lado, sem qualquer nesga de embaraço, uma Irene sorridente procedeu às apresentações:

— Esta é a minha amiga, Maria Helena Simões. Talvez a conheça como Lena?...

Epílogo

Lisboa, fevereiro de 1957

Julguei, com toda a franqueza, que a minha visita da primavera anterior a Lisboa seria a última. Estava a pensar em aposentar-me, e foi o que fiz. Mantive o meu apartamento em Londres, porque não consegui convencer-me a regressar a Lisboa. Para quê? Estou habituado a que se circule pela esquerda, e já não possuo qualquer agilidade que me permita desviar-me de um veículo que se avizinha pela direita. Habituei-me a ler em inglês, embora continue sempre a escrever em português. Pertença a um clube de xadrez que se reúne aos sábados de manhã, e parece-me que está tudo encaminhado para uma velhice tranquila, com algum conforto e uma promessa discreta de vida social.

Acontece que foi anunciada uma visita de Estado da rainha Isabel II a Portugal para fevereiro deste ano, e recebi um telefonema do chefe da minha antiga redação. Foi há alguns meses e referia-se ao evento como uma oportunidade única para mim. Iria cobrir o evento e relatá-lo do ponto de vista de um português há muito desabitado de Portugal, com grande admiração pelo zelo inglês. Ofereceu-me uma soma irrecusável, bem com os encargos com alimentação, deslocação, e ainda um fotógrafo com quem colaborei noutras peças como parceiro de viagem. Para me convencer, adiantou-me que a novíssima Rádio e Televisão de Portugal iria enviar uma equipa de repórteres para filmarem e documentarem o evento. Eu não estaria interessado em trocar uma palavra com os colegas? Quem sabe, deixar um testemunho para a câmara sobre o que é ser português e viver em terras de Sua Majestade?

Por essa altura, estava à espera de que a editora portuguesa me respondesse a respeito do romance que escrevera no Estoril em torno da vida da nossa fadista. Ainda estava a ponderar se tinha estofo para embarcar num avião comercial e enfrentar uma vez mais as colinas de Lisboa, quando a resposta da editora chegou: queriam publicar o livro de imediato, e com um mínimo de correções. Demorei a compreender o significado daquele entusiasmo, porque *As Últimas Velas* estava fora de circulação, encerrado em armazéns poeirentos porque não despertara o interesse dos leitores. Queriam lançar o livro para o Natal de 1956, e pareceu-me tudo tão rápido... Sugerí-lhes fevereiro, altura em que teria um outro assunto para resolver em Lisboa. Gostaria de reler uma vez mais o manuscrito, de garantir que aplicara um mínimo de ficção e que, ainda assim, ocultara a identidade das personagens.

Ficou acordado que seria assim. A correspondência andou cá e lá e, por graça, o editor decretou que o livro deveria sair no mesmo dia em que a soberana britânica desembarcasse no Cais das Colunas para cumprimentar o povo português. Iriam vendê-lo como «a novela de um português que vive em terras de Isabel II». Creio que a visão do editor terá contribuído para o sucesso que a obra já está a alcançar. Recebo telefonemas e cartas a pedirem-me informações sobre as personagens do livro, a verdadeira identidade da cantadeira, da amiga vil, do engenheiro garboso. A todos respondi que se tratava de uma obra de ficção, mas não pareceram convencidos.

Fiquei alojado no Hotel Condestável, na Avenida da Liberdade, a partir de onde poderia caminhar até ao Terreiro do Paço para acompanhar a visita da monarca, e também até à livraria mais antiga do mundo, no Chiado, para o lançamento do meu livro, que teria direito a uma tertúlia e a uma apresentação de fado ao fim do dia.

Apesar de o desembarque estar previsto para as 11h00, hora em que os monarcas britânicos seriam recebidos pelo presidente da República e a sua excelentíssima esposa, a senhora Craveiro Lopes, saí do hotel às 10h00. Perguntei na receção se havia recados para mim, e fiquei dececionado quando me disseram que não. Portanto, ou a Irene não estava interessada em contactar-me, ou não se apercebera do lançamento do livro. Em simultâneo, mudara de endereço, e eu não podia começar a perguntar por ela nas casas de fado da cidade, que estavam atentas e se sentiam prestigiadas pelo meu livro em torno da canção de Lisboa. Seria fácil compreender quem era a cantadeira de sobranceiras grossas da minha narrativa.

Espreitei brevemente o Parque Mayer, dei uma olhadela pelos cartazes que anunciavam revistas, concertos, espetáculos. Não encontrei o nome da Irene

em nenhum. Talvez a sua voz se tenha lançado em voos mais altos.

Quando me aproximei do Paço, vi-me no vórtice de uma multidão excitada. No rio, flutuavam centenas de embarcações ao sol de inverno, inclusive barcos de recreio e outros de pesca. Toda a gente quis ter um vislumbre da jovem rainha de Inglaterra, foi uma verdadeira honra receber tão ilustre figura na cidade. O povo, habituado ao preto e branco, à austeridade, estava embriagado com o acontecimento.

Afastei-me da multidão de fraque e chapéus altos, e tirei algumas notas a respeito dos uniformes militares e espadas reluzentes que cobriam o perímetro até às carruagens que seriam utilizadas no cortejo. Os rapazes da tal RTP andavam por lá, vi um no torreão do Cais, a dar corda à sua *Paillard Bolex*.

Quando achei oportuno, comecei a subir em direção ao Chiado. Sabia que o cortejo iria seguir para um almoço íntimo em Queluz, e não tinha mais nada que fazer ali. A multidão também dispersou, ciente de que testemunhara um momento histórico da maior importância.

Já tivera o meu livro nas mãos. Já passara os dedos pelas suas folhas, cheirara a tinta e a capa de couro. Mas era outra coisa vê-lo na montra da livraria, no coração do Chiado quando, dez anos antes, eu nunca teria sonhado com tamanha conquista.

Embora fosse fevereiro, a subida desde o Terreiro do Paço deixou-me sem fôlego e senti a camisa molhada debaixo da casaca. Não me cruzara com nenhum conhecido. A nova Lisboa estava povoada de estranhos. Apesar do cansaço, quando me detive diante do número 73 da Rua Garrett e os meus olhos pousaram no objeto exposto na montra — a capa azul-real, com a silhueta de uma cantadeira de xaile em fio prateado e o meu nome em destaque —, soltei um longo suspiro.

Limpei a testa com o lenço. Quando me recompus, e antes que o livreiro sáísse para me cumprimentar, levei a mão ao bolso, tirei um *Habano* cuja ponta já havia cortado no quarto de hotel, e acendi-o entre o riso e a tosse.

Para mim, Lisboa já não está vazia.

Nota da Autora

Começo por agradecer a inspiração para o título do meu livro à incomparável Amália Rodrigues, cuja data de nascimento parece não ser conhecida com precisão, mas que sempre defendeu ter nascido «no tempo das cerejas». Gostei tanto da expressão e do modo como essa se encadeia com esta Lisboa que quis retratar, que a «roubei» para a história destoutra cantadeira. À semelhança da nossa Amália, de uma tia-avó próxima e da minha própria mãe, que morreu sem saber em que dia nasceu, muitos cidadãos portugueses foram registados em datas que não correspondem ao seu dia de nascimento. Sempre me perguntei que tipo de angústia é que esse desconhecimento terá trazido à minha mãe. Possivelmente, terá destruído parte do seu sentido de identidade.

A jornada da Irene não se assemelha à da nossa querida Amália, que foi, entre outras coisas, vendedeira de laranjas antes de ascender por via da voz, que teve como a um dom. A nossa cantadeira começou o seu percurso uma década antes da nossa querida Amália, nos primeiros anos da Ditadura Militar, numa altura em que o Secretariado da Propaganda ainda não se apercebera do potencial do fado como celebração da cultura nacional.

A Lisboa que retrato neste romance é resultado de muita pesquisa, mas, acima de tudo, é fruto dos relatos do meu avô, que nela nasceu em 1929 e que tinha o maior prazer em descrever as condições de vida miseráveis dos bairros da capital do (então) Império Português. Ali, as crianças morriam, os homens bebiam e as mulheres apanhavam.

Espero que o leitor sinta tanto fascínio pela Lisboa da primeira metade do século XX como também eu senti ao escrever este livro, e por várias vezes me emocionei até às lágrimas com os poemas de Alfredo Marceneiro e com a voz dos nossos fadistas.

Que este livro seja uma ode a Lisboa e à portugalidade.

Nunca me apaixonei, essa é a verdade.

Achava pouco provável que estivesse condenado a passar pela vida sem sentir os ímpetos da paixão, uma condição tão humana que desde o Antigo Egito causa estragos, mas facto é que nunca me vi sem ar por mulher alguma.

Contents

1. [Prólogo](#)
 1. [Estoril, 1956](#)
2. [I](#)
 1. [Lisboa, julho de 1947](#)
3. [II](#)
4. [III](#)
 1. [Lisboa, julho de 1947](#)
5. [IV](#)
6. [V](#)
 1. [Lisboa, 1918](#)
 2. [Lisboa, 1918-1921](#)
7. [VI](#)
 1. [Lisboa, julho de 1947](#)
 2. [Lisboa, 1918-1921](#)
 3. [Lisboa, julho de 1947](#)
8. [VII](#)
 1. [Lisboa, julho de 1947](#)
 2. [Lisboa, 1921](#)
 3. [Lisboa, julho de 1947](#)
9. [VIII](#)
 1. [Lisboa, 1921](#)
 2. [Lisboa, julho de 1947](#)
10. [IX](#)
 1. [Lisboa, 1923](#)
 2. [Lisboa, julho de 1947](#)
11. [X](#)
 1. [Lisboa, julho de 1947](#)
 2. [Lisboa, 1923](#)
 3. [Lisboa, julho de 1947](#)
12. [XI](#)
 1. [Estoril, 1956](#)
 2. [Lisboa, julho de 1947](#)
13. [XII](#)
 1. [Lisboa, 1924](#)
 2. [Lisboa, julho de 1947](#)
14. [XIII](#)
 1. [Lisboa, 1926](#)
 2. [Lisboa, julho de 1947](#)
 3. [Lisboa, 1926](#)

4. Lisboa, julho de 1947
15. XIV
16. XV
 1. Lisboa, julho de 1947
 2. Estoril, 1956
17. XVI
 1. Lisboa, julho de 1947
 2. Lisboa, 1927
 3. Lisboa, julho de 1947
18. XVII
 1. Lisboa, 1929
 2. Lisboa, julho de 1947
 3. Lisboa, 1929
 4. Lisboa, julho de 1947
 5. Lisboa, 1929
19. XVIII
 1. Lisboa, julho de 1947
 2. Lisboa, 1929
 3. Lisboa, julho de 1947
20. XIX
 1. Lisboa, julho de 1947
 2. Lisboa, 1930
 3. Lisboa, julho de 1947
21. XX
 1. Estoril, 1956
 2. Lisboa, julho de 1947
 3. Lisboa, 1930
 4. Lisboa, julho de 1947
22. XXI
 1. Estoril, 1956
 2. Lisboa, julho de 1947
 3. Lisboa, 1928
 4. Lisboa, julho de 1947
23. XXII
 1. Lisboa, 1928
 2. Lisboa, julho de 1947
24. XXIII
25. XXIV
 1. Lisboa, 1930
 2. Lisboa, julho de 1947
26. XXV
 1. Lisboa, 1928
27. XXVI
 1. Lisboa, julho de 1947

28. [XXVII](#)
1. [Lisboa, 1928](#)
2. [Lisboa, julho de 1947](#)
29. [XXVIII](#)
1. [Estoril, 1956](#)
2. [Lisboa, julho de 1947](#)
3. [Lisboa, 1928](#)
4. [Lisboa, julho de 1947](#)
5. [Lisboa, 1929](#)
30. [XXIX](#)
31. [XXX](#)
1. [Lisboa, julho de 1947](#)
2. [Lisboa, 1931](#)
32. [XXXI](#)
1. [Lisboa, julho de 1947](#)
2. [Lisboa, 1931](#)
3. [Lisboa, julho de 1947](#)
33. [XXXII](#)
1. [Lisboa, agosto de 1947](#)
2. [Lisboa, 1931](#)
3. [Lisboa, julho de 1947](#)
4. [Lisboa, 1931](#)
5. [Lisboa, julho de 1947](#)
6. [Lisboa, 1931](#)
7. [Lisboa, julho de 1947](#)
8. [Lisboa, 1931](#)
34. [XXXIII](#)
1. [Lisboa, 1932](#)
2. [Lisboa, agosto de 1947](#)
3. [Lisboa, 1932](#)
4. [Lisboa, agosto de 1947](#)
35. [XXXIV](#)
1. [Lisboa, 1932](#)
2. [Lisboa, agosto de 1947](#)
3. [Lisboa, 1932](#)
36. [XXXV](#)
1. [Lisboa, agosto de 1947](#)
2. [Lisboa, 1932](#)
3. [Lisboa, agosto de 1947](#)
4. [Lisboa, 1932](#)
5. [Lisboa, agosto de 1947](#)
6. [Lisboa, 1932](#)
7. [Lisboa, agosto de 1947](#)
37. [XXXVI](#)

38. [XXXVII](#)
1. Lisboa, agosto de 1947
2. Lisboa, 1933
39. [XXXVIII](#)
1. Lisboa, agosto de 1947
2. Lisboa, 1934
3. Lisboa, agosto de 1947
40. [XXXIX](#)
1. Lisboa, 1933
2. Lisboa, agosto de 1947
41. [XL](#)
1. Lisboa, 1935
2. Lisboa, agosto de 1947
42. [XLI](#)
1. Lisboa, 1935
43. [XLII](#)
1. Lisboa, agosto de 1947
2. Lisboa, 1935
44. [XLIII](#)
45. [XLIV](#)
1. Lisboa, agosto de 1947
2. Lisboa, 1935
46. [XLV](#)
47. [XLVI](#)
1. Lisboa, agosto de 1947
48. [XLVII](#)
1. Lisboa, 1935
2. Lisboa, agosto de 1947
3. Lisboa, 1935
4. Lisboa, agosto de 1947
5. Estoril, 1956
49. [XLVIII](#)
1. Lisboa, agosto de 1947
50. [XLIX](#)
51. [L](#)
1. Lisboa, 1944
2. Lisboa, agosto de 1947
3. Lisboa, 1944
52. [LI](#)
1. Lisboa, agosto de 1947
2. Lisboa, 1945
3. Lisboa, agosto de 1947
4. Lisboa, 1945
5. Lisboa, agosto de 1947

- 53. [LII](#)
 - 1. [Lisboa, 1935](#)
- 54. [LIII](#)
 - 1. [Lisboa, agosto de 1947](#)
 - 2. [Lisboa, verão de 1956](#)
- 55. [Epílogo](#)
 - 1. [Lisboa, fevereiro de 1957](#)
- 56. [Nota da Autora](#)

Landmarks

- 1. [Cover](#)